UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

ELDA DE OLIVEIRA

**COMUNICAÇÃO EM SAÚDE: PESQUISA-AÇÃO PARA
ELABORAÇÃO DE PROGRAMA MIDIÁTICO DE EDUCAÇÃO
SOBRE DROGAS DIRECIONADA A JOVENS**

SÃO PAULO
2015

ELDA DE OLIVEIRA

**COMUNICAÇÃO EM SAÚDE: PESQUISA-AÇÃO PARA
ELABORAÇÃO DE PROGRAMA MIDIÁTICO DE EDUCAÇÃO
SOBRE DROGAS DIRECIONADA A JOVENS**

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Enfermagem
(PPGE) da Escola de Enfermagem da
Universidade de São Paulo

Área de concentração: Cuidados em Saúde

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cassia Baldini Soares

Coorientador: Prof. Dr. Leandro Leonardo Batista

SÃO PAULO
2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____ Data ____/____/____

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Oliveira, Elda de

Comunicação em saúde: pesquisa-ação para elaboração de programa midiático de educação sobre drogas direcionada a jovens / Elda de Oliveira. São Paulo, 2015.

265 p.

Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cássia Baldini Soares

Coorientador: Prof. Dr. Leandro Leonardo Batista

Área de concentração: Cuidados em Saúde

1. Saúde pública. 2. Adolescentes. 3. Drogas de abuso.
4. Comunicação em saúde. 5. Educação em saúde.
6. Classes sociais. I. Título.

Nome: ELDA DE OLIVEIRA

Título: Comunicação em saúde: pesquisa-ação para elaboração de programa midiático de educação sobre drogas direcionada a jovens.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

À Julieta M. N. Oliveira.

Mulher que me abriu a porta ao mundo,

Mulher que me ensinou a gerar possibilidades.

Mulher acolhedora. Mulher sabia.

Mulher forte. Lutadora.

Mulher que partiu me dando boa noite;

Como se tomaríamos no outro dia,

o café da manhã juntas.

A Arthur José de Oliveira.

Que sempre valorizou o conhecimento e apostou nele..

AGRADECIMENTOS

Este é um momento delicado porque podemos deixar escapar algumas pessoas. Destacarei as pessoas que participaram ativamente comigo na elaboração da tese.

Este espaço é pequeno para descrever as participações que à **Prof.^a Cassia Baldini Soares** teve no desenvolver da tese. Assim, destaco a seriedade com que trata o conhecimento. Este tempo juntas me fez crescer em conhecimento e na forma de lidar com a vida e com suas adversidades.

Agradeço ao **Prof. Leandro Leonardo Batista** por ter aceito participar da construção desse conhecimento possibilitando, neste estudo, discutirmos a comunicação em saúde coletiva. Um professor para além de coorientador.

Agradeço ao **Prof. Ismar de Oliveira Soares** e sua equipe que instigaram essa investigação.

Agradeço à **CAPES** pela bolsa de estudo.

Agradeço ao **grupo de pesquisa** que acolheu a mim e ao tema da investigação.

Agradeço ao **José Gallisa** pelas buscas dos artigos da revisão da literatura, leituras que realizadas juntos e pelas muitas traduções de textos

Agradeço aos **diretores da escola pública de Guaianases** e aos **professores** pela compreensão quanto às ausências dos alunos.

Agradeço aos **alunos** que participaram dessa investigação.

Agradeço ao **Prof. Nildo Viana** pelas prontas respostas aos e-mails, procurando aquietar dúvidas que surgiram durante este percurso.

Agradeço à **Carla Andrea Trapé** por ter participado da banca de qualificação e por ter contribuído no desenho do estudo.

Agradeço ao **Prof. Eneus Trindade**, pelas observações realizadas na escrita do referencial teórico referente à midiaticização, e também, por sua disponibilidade em sanar dúvidas.

Agradeço ao **Prof. Luciano Maluly** por ter aceitado participar do exame de qualificação e pela gravação do programa de rádio que foi construído no processo de pesquisa.

Agradeço ao **Prof. Paulo Gallo** pelas orientações a respeito da gravação do programa, produto da tese.

Agradeço à **Prof.^a Celia Maria Sivalli Campos** por oferecer espaços para dialogar sobre o tema da tese.

Agradeço à **Nathalia Ueda** por dar início à busca das referências bibliográficas sobre o tema.

Agradeço à **Thiéri Lopez** pela participação na revisão da literatura, participação e transcrição das oficinas, e organização das referências. Agradeço por ter tomado parte da construção desse conhecimento como algo próprio.

Agradeço à **Julia de Almeida Silva** por ter participado e descrito todas as oficinas realizadas, e por todas as discussões de preparo das oficinas.

Agradeço à **Carla Regina Moreira** por ajudar na fase final referente a discussão com jovens ativistas.

Agradeço à **Geisa Colebrusco de Souza**, pela leitura e redação de parte dos resultados e análise do estilo musical *funk* e rolezinhos.

Agradeço ao **Thomas Moura Kehl**, pela participação na gravação do programa de rádio.

Agradeço ao **Silas Fonseca**, pela participação na gravação do programa de rádio.

Agradeço a todos os *professores das disciplinas cursadas* e *amigos* que contribuíram para ampliar o meu conhecimento e de uma forma ou de outra contribuíram na realização desta tese.

Agradeço aos *diretores da rádio Soul Vida* por aceitar midiaticizar o programa de rádio que os jovens produziram.

Agradeço às *bibliotecárias Juliana e Sônia Gardim* pelas orientações na busca das referências bibliográficas.

Agradeço à *Joyce Camargo* e ao *King* pelas muitas horas gastas comigo, enquanto redigia a tese.

Agradeço à *Ieda Maria de Oliveira* pela escuta das leituras e releituras da redação da tese.

Agradeço à *minha família* pela compreensão quando me ausentei dos encontros.

Agradeço a *Deus* pela vida!

No dia que a paciência
do favelado acabar,
que ele ganhar consciência
para se unir e lutar,
seu filho terá comida
e escola pra estudar.
Terá água, terá roupa
Terá casa pra morar.
No dia em que o favelado
resolver se libertar.

(Ferreira Gullar, trecho do poema
Quem matou Aparecida.)

LISTA DE DESENHOS

Desenho 01 -	Percepção dos jovens sobre a persuasão publicitária; subgrupo 01. São Paulo; 2014.....	139
Desenho 02 -	Participação de celebridade e uso dos sistemas sígnicos para atrair as pessoas na mídia; subgrupo 02. São Paulo; 2014.	141
Desenho 03 -	Comício de políticos nas periferias; subgrupo 03. São Paulo; 2014.....	142

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Problemas enfrentados pelos jovens de Guaianases; subgrupo 01. São Paulo; 2014.....	108
Figura 02 -	Problemas enfrentados pelos jovens de Guaianases; subgrupo 02. São Paulo; 2014.....	110
Figura 03 -	Problemas enfrentados pelos jovens de Guaianases; subgrupo 03. São Paulo; 2014.....	113
Figura 04 -	As necessidades de Guaianases; subgrupo 01. São Paulo; 2014.	120
Figura 05 -	As necessidades de Guaianases; subgrupo 02. São Paulo; 2014.	121
Figura 06 -	As necessidades de Guaianases; subgrupo 03. São Paulo; 2014.	122

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 -	Uso de drogas, pelo menos uma vez na vida, referidas pelos jovens participantes da pesquisa, segundo classificação do IRS. São Paulo; 2014.	105
Gráfico 02 -	Flutuações do Índice de Gini da distribuição do rendimento mensal dos domicílios brasileiros com rendimento, entre 1995 a 2007.	161

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Dados da busca bibliográfica, de acordo com a área de conhecimento. São Paulo; 2013.....	23
Quadro 02 -	Número de artigos provenientes das diferentes fontes de dados. São Paulo; 2013.....	24

Oliveira E. Comunicação em saúde: pesquisa-ação para elaboração de programa midiático de educação sobre drogas direcionada a jovens.

RESUMO

O objeto deste estudo é a educação sobre drogas direcionada a jovens, a ser veiculada no rádio, nas periferias urbanas. A bibliografia mostra que os jovens são tomados como sujeitos influenciáveis pela publicidade, que teria parcela de reponsabilidade pelo consumo de drogas entre jovens. O referencial teórico fundamentou-se no marxismo. O objetivo geral foi desenvolver processo de seleção, criação, organização e midiatização da educação sobre drogas, com a participação dos jovens. Trata-se de pesquisa qualitativa desenvolvida com a metodologia da pesquisa-ação emancipatória (PAE), que se fundamenta no método dialético. Na PAE há participação ativa dos sujeitos de pesquisa, que mantém diálogo e problematização permanente sobre a realidade. Participaram da PAE, jovens interessados na temática, que frequentavam uma escola pública de ensino fundamental e médio, na região de Guaianases, São Paulo (SP). Caracterizou-se o Índice de Reprodução Social (IRS) das famílias dos jovens, a partir de questionário padronizado. Para desenvolver a PAE, realizou-se treze oficinas. A oficina é um método participativo de investigação grupal, um processo educativo de reflexão e de transformação da práxis. Os resultados foram analisados de acordo com a categoria representações cotidianas. As representações cotidianas se manifestam na sociedade de formas distintas, relacionando-se com a base material de trabalho e vida das classes sociais. Em sua constituição apresentam dois elementos: o nuclear, que diz respeito às convicções que frutificam da reflexão e escolhas introjetadas; e o periférico, que se refere às opiniões, decorrentes da aceitação de ideias socialmente divulgadas. Os resultados foram: 13 jovens com idades entre 15 e 17 anos, sendo nove do sexo masculino, participaram das oficinas. Doze famílias foram categorizadas pelo IRS, sendo que sete delas contavam com chefes mulheres e três recebiam apoio do Programa Bolsa Família, dois jovens trabalhavam e estudavam concomitantemente. No processo da PAE, muitas convicções dos jovens vieram à tona, dado que o processo permitiu reflexão e reinterpretação da realidade analisada. As representações cotidianas foram sobre o espaço geossocial periférico em que os jovens vivem, as necessidades sociais e a sociabilidade. As representações da mídia sobre a periferia e sobre suas formas de sociabilidade foram temas problematizados pelos jovens, que criticam o modo como sua realidade é midiatizada. Estão convictos de que os problemas que enfrentam não são veiculados corretamente, de forma que os jovens das periferias são expostos como fora da ordem social, sujeitos perigosos e consumidores de drogas. Os jovens salientaram a presença controladora do Estado na periferia e suas necessidades sociais não respondidas; consideram que a classe dominante busca isolá-los na periferia e que as necessidades sociais não satisfeitas conduzem os jovens ao envolvimento com as drogas; estão convictos de que suas músicas constituem importante meio para desenvolver a educação emancipatória sobre drogas. As pautas da educação sobre drogas foram sendo construídas durante todo o processo da pesquisa, sendo o momento da midiatização do programa para os jovens participantes o ponto de chegada. Para outros será o ponto de partida para que novas discussões possam ser produzidas. A PAE mostrou-se potente para apreender as representações cotidianas de jovens da periferia e para a construção do programa de rádio de educação sobre drogas.

Descritores: Saúde Pública; Adolescente; Drogas ilícitas; Comunicação em Saúde; Educação em Saúde; Classe social.

Oliveira E. Health communication: action research for preparation of a mass media program in drug education targeted at young individuals

ABSTRACT

The object of the present study was drug education to be aired on the radio in urban peripheral areas targeted at young individuals. The scientific literature shows that young individuals are taken as subjects influenced by advertising, which would share the responsibility for the consumption of drugs among young individuals. The theoretical framework was based on Marxism. The overall objective was to develop a selection, creation, organization, and mediatization process for drug education with the participation of young individuals. This is a qualitative research conducted with emancipatory action research methodology (EAR), which is based on a dialectical method. There is active participation of research subjects in the EAR, and they carry out permanent dialogue and problematization of the reality. The participants of the EAR were young individuals interested in the topic, who attended a public elementary and high school in the region of Guaianases, São Paulo, State of São Paulo, Brazil. We characterized the Index of Social Reproduction (ISR) of the young individuals' families using a standardized questionnaire. Thirteen workshops were carried out to develop the EAR. The workshops were characterized by a participatory research group method, an educational process of reflection and praxis transformation. The results were analyzed according to the daily life representations category. These representations manifest themselves through different forms in society, relating to the material basis of work and life of social classes. They include two elements: (a) nuclear, which relates to convictions that arise from the reflection and internalized choices; and (b) peripheral, which refers to opinions arising from the acceptance of ideas socially disseminated. The results were: 13 young people aged between 15 and 17 years attended the workshops, nine of which were male. Twelve families were categorized through the ISR. Seven of them were ruled by women and three received support from the Family Allowance Program. Two young individuals worked and studied at the same time. Many convictions of the young individuals arose in the EAR process, since it enabled reflection and reinterpretation of the reality assessed. The daily life representations were related to the peripheral geo-social space in which the young individuals lived, social needs, and sociability. The media representations of the peripheral area and its forms of sociability were topics problematized by the young individuals, who criticized the way their reality was mediatized. They were convinced that the problems they faced were not conveyed correctly, since the young individuals of the peripheral areas were exposed as being outside the social order, dangerous, and drug users. The young individuals highlighted the controller presence of the State in the peripheral areas and that their social needs were not met. They considered that the ruling class sought to isolate them in the peripheral areas and that the unmet social needs led young individuals to use drugs. They were convinced that their songs were an important means to develop emancipatory education about drugs. The guidelines of education about drugs were built throughout the research process, and the mediatization time of the program was the arrival point for the young participants. For others, it will be the starting point for carrying out further discussions. The EAR proved to be powerful to know the daily life representations of young individuals from the peripheral areas and the construction of a radio program for education about drugs.

Keywords: Public Health, Adolescent, Street Drugs, Health Communication, Health Education, Social Class.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1 INTRODUÇÃO	21
1.1 REVISÃO DA LITERATURA.....	22
1.1.1 A relação mídia e consumo de drogas: como se apresenta na literatura científica?	22
1.1.2 Participação de jovens na construção de programas educativos sobre drogas midiaticizados	43
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	51
2.1. A SAÚDE COLETIVA	51
2.1.1 A educação proposta pela saúde coletiva	52
2.2 COMUNICAÇÃO.....	56
2.2.1 Comunicação emancipatória	59
3 PRESSUPOSTOS, OBJETIVOS E FINALIDADES	73
3.1 PRESSUPOSTOS	73
3.2 OBJETIVO GERAL	74
3.2.1 Objetivos específicos.....	74
3.3 FINALIDADES.....	74
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	79
4.1 TIPO DE PESQUISA	79
4.2 CAMPO DE ESTUDO	80
4.2.1 O local do estudo.....	80
4.2.2 A Escola.....	81
4.2.3 O rádio	82
4.3 PARTICIPANTES da pesquisa	86
4.3.1 Os jovens de Guaianases.....	86
4.4 COLETA DAS INFORMAÇÕES	86
4.4.1 O convite aos jovens para participar da pesquisa.....	86
4.4.2 Fase preliminar da pesquisa	87
4.4.3 Identificação dos jovens e de suas famílias	88
4.4.4 Fases da pesquisa-ação emancipatória.....	90
4.4.5 Apreensão das representações cotidianas	93
4.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	94
4.5.1 Teoria das representações cotidianas.....	94
4.6 ASPECTOS ÉTICOS	97
5 RESULTADOS	101
5.1 GRUPO SOCIAL DAS FAMÍLIAS DOS JOVENS	102
5.2 DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS.....	105

6	ANÁLISE E DISCUSSÃO	159
6.1	REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DOS JOVENS DO ESPAÇO GEOSSOCIAL DE GUAIANASES.....	159
6.1.1	As famílias dos jovens de Guaianases.....	163
6.1.2	Representações cotidianas da juventude sobre ser jovem da periferia.....	165
6.1.3	Representações cotidianas sobre a periferia	167
6.1.4	Representações cotidianas sobre os direitos sociais.....	171
6.2	REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DOS JOVENS DAS NECESSIDADES SOCIAIS	178
6.2.1	Representações cotidianas sobre as necessidades de reprodução social.....	178
6.2.2	Representações cotidianas sobre as necessidades da presença atuante do Estado.....	181
6.3	REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DOS JOVENS SOBRE A SOCIALIZAÇÃO	188
6.3.1	Representações cotidianas da midiaticização da realidade e sua influência na socialização	190
6.3.2	Representações cotidianas sobre a participação social	200
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA FAZER A SÍNTESE	215
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	221
	BIBLIOGRAFIA: REVISÃO DA LITERATURA.....	232
	APÊNDICES	245
	ANEXOS	265

APRESENTAÇÃO

Minhas primeiras experiências na educação advêm da Educação Física em que atuei como professora nessa área. Permaneci dez anos dentro das escolas trabalhando educação e saúde e enfrentando inúmeras divergências. Assim, parti em busca de um novo campo de atuação - a Enfermagem.

Durante o curso de Enfermagem na Universidade de São Paulo realizei uma pesquisa de iniciação científica, orientada pela Professora Doutora Marli Alves Rolim, a fim de identificar as opiniões das enfermeiras acerca dos benefícios dos exercícios físicos, caracterizar as atividades desenvolvidas na unidade psiquiátrica e levantar as dificuldades enfrentadas pelas enfermeiras para promoverem as atividades físicas junto aos usuários do serviço de saúde. Todas as enfermeiras acreditavam nos benefícios da atividade física para os indivíduos com transtornos mentais. A atividade mais frequente era o futebol, e os benefícios destacados foram de caráter físico, psíquico e social. As profissionais apontaram como fatores facilitadores da promoção de atividades físicas a disposição dos usuários, a disponibilidade da equipe multidisciplinar e, no tocante às dificuldades, o número reduzido de funcionários, seguido da falta de espaço físico adequado. Essa pesquisa possibilitou verificar uma estratégia de cuidado que supera o cuidado meramente técnico, e que se amplia para o cuidado na vida cotidiana em diferentes espaços, para além dos espaços hospitalares. Percebi com essa pesquisa que os indivíduos que mais permaneciam nas atividades físicas eram os usuários de álcool e outras drogas.

A pesquisa de iniciação científica me levou aos primeiros contatos com os indivíduos consumidores de drogas. A partir de então procurei me aproximar para saber mais a respeito. Nesse ínterim, ainda na graduação, fui convidada a realizar o curso de Especialização em Álcool e Outras Drogas, na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, com estágio supervisionado em ambulatório específico de álcool, dando início à minha trajetória profissional em relação ao consumo de drogas.

Atuando em diferentes instituições e realizando grupos operativos e motivacionais, sendo a linguagem o recurso mais utilizado, notei que os discursos dos indivíduos em relação ao consumo de drogas eram provenientes dos discursos

ideológicas. A maioria se autodenominava “sem caráter” e “descumpridores das normas sociais”. O meu trabalho era dialogar com os indivíduos buscando outras razões que pudessem estar atreladas aos problemas do consumo de drogas. Nesse sentido, realizávamos oficinas com outros recursos que não somente a palavra.

As oficinas eram realizadas em conjunto com a estagiária de artes plásticas. No decorrer destas oficinas procurávamos fazer com que os indivíduos retratassem suas percepções do corpo, da saúde e educação em relação ao corpo social no qual estavam inseridos e, posteriormente, trabalhávamos as questões mais profundas que levam as pessoas ao consumo de drogas. As oficinas possibilitaram que os indivíduos se manifestassem e refletissem sobre si mesmos, pois foram instigados a pensar sobre qual é o lugar que ocupam na sociedade, destacando sua individualidade. Elas proporcionaram aos indivíduos sair da condição de passivos, que apenas sofrem a história, para a percepção de si mesmos como ativos da história. Este trabalho resultou em um Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Artes Plásticas, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Instituto de Artes/ UNESP, sob a orientação da Professora Doutora Claudete Ribeiro.

As ações desenvolvidas em minha trajetória profissional resultam em acentuadas implicações para a atuação da enfermeira, pois em qualquer momento de sua assistência ela poderá estar se utilizando de vários recursos terapêuticos com os consumidores de drogas, mesmo em locais não especializados.

No mestrado, realizado na Escola Enfermagem da USP, busquei identificar e analisar a concepção do trabalhador sobre um novo serviço, o Centro de Atenção Psicossocial aos Usuários de Álcool e outras Drogas – CAPS ad II, estabelecido pelo Ministério da Saúde para cuidar dos que consomem drogas. Também procurei verificar os conceitos e estratégias estabelecidas pela Política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de drogas incorporados pelos profissionais do serviço em questão. Os resultados dessa pesquisa apontaram que os profissionais consideravam o consumo de drogas como multifatorial; e mesmo assim as questões da macroestrutura social não eram significativamente discutidas; realizavam práticas institucionalizadas, e quase nenhuma ação fora da instituição ou práticas intersetoriais.

A inquietação na busca de outros espaços para dialogar a respeito da educação sobre drogas permaneceu comigo durante o decorrer do tempo. Nesse ínterim, fui convidada para falar sobre a temática - consumo de drogas - em uma rádio comunitária, que acabara de ser instalada na Zona Leste de São Paulo. Aceitei o convite, mas antes fui buscar como dialogar com os indivíduos de uma região específica por meio de uma rádio comunitária as questões concernentes ao do consumo de drogas.

Abordar um tema tão complexo na rádio, do meu ponto de vista, deveria ser de forma que envolvesse todos os indivíduos da região não apenas como receptores da comunicação, mas também como participantes; interagindo comigo a respeito da problemática do consumo de drogas, e a comunicação midiática deveria ser aquela que representasse a reprodução social da comunidade. Assim, parti em busca dos referenciais teóricos para essa proposta

INTRODUÇÃO

*Não há calibre que mate uma ideia
no máximo ela pode ser silenciada.*

O Idiota

Dostoiévski

1 INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo é a educação sobre drogas direcionada a jovens, a ser veiculada nos meios tecnológicos de comunicação e informação. Partiu-se do campo da saúde coletiva que traz para a área da saúde as ciências sociais e apropria-se do materialismo histórico-dialético em suas análises. Nesse referencial, o método dialético guia a exposição das relações entre o tema do estudo e a realidade social mais ampla, recorrendo-se às categorias de análise, capazes de explicar a realidade sob investigação (Soares, et al., 2011). O pesquisador neste referencial não é neutro diante do tema do estudo.

Na sociedade atual, o capital comunicacional põe para circular temas que estão a serviço do ou em concordância com o capital. Os temas que estão em desacordo com os objetivos do capitalismo não estão nos meios tecnológicos de comunicação e informação oligopolistas.

O tema que diz respeito ao consumo de drogas por jovens é destaque nos meios tecnológicos de comunicação e informação oligopolistas. O destaque é dado no sentido de que os jovens estão sendo despertados para consumir drogas cada vez mais cedo, e a incidência e prevalência são maiores nas chamadas “classes sociais baixas” (Oliveira, Soares, 2013). Os processos históricos e sociais envolvidos no consumo de drogas pelos jovens, geralmente, são ignorados (Soares, 2007).

A educação sobre consumo de drogas nos meios tecnológicos de comunicação e informação oligopolistas é afinada com a ideologia da guerra às drogas, que associa a experimentação da droga à escalada, ou seja, de um caminho sem volta, da experimentação à dependência, do consumo de drogas legais às ilegais (Terry-McElrath et al., 2011; Schwinn, Schinke, Noia, 2010; Ribeiro, Pergher, Torossian, 1983). Geralmente, esse consumo, é compreendido na perspectiva médica ou da saúde pública, como doença (Fátima, Coelho, Lindner, 2009; Falcão, Rangel, 2010; Romera, 2009).

Os programas de prevenção e as campanhas midiáticas dirigidas ao consumo de drogas são forjados nos cânones da guerra às drogas (Soares, Jacobi, 2000; Canoletti, Soares, 2005; Falcão, Rangel, 2010) e os jovens não participam na

elaboração dos programas desenvolvidos (Lopez, Soares, Oliveira, 2014). Considera-se que a falta de êxito da educação sobre o consumo de drogas está também associada à ausência de participação dos jovens na definição das pautas que compõem os programas.

A falta de êxito vem sendo atribuída na literatura a várias causas como uso de linguagem inadequada ao público jovem nas campanhas educativas (Gálvez, Casanova, Molina, 2003), comercialização de produtos que veiculam mensagem opostas às campanhas educativas, baixo investimento para manter a campanha na mídia a fim de que se atinja a audiência a que se propõe, normas sociais em relação ao consumo, que legalizam algumas drogas, aprovando seu uso em diversas situações (Wakefield, Loken, Hornik, 2010). Geralmente, não se questiona a origem e os problemas sociais dos jovens ou a sua ausência na elaboração dos programas educativos sobre consumo de drogas.

Nesse caminho, iniciou-se esta tese com duas revisões narrativas da literatura, buscando compreender: 1) como a relação entre mídia e consumo de drogas entre jovens se apresenta na produção científica; e 2) quais são os programas educativos sobre drogas em que os jovens participam de sua elaboração.

Os objetivos desta tese foram elaborados a partir desta problematização.

1.1 REVISÃO DA LITERATURA

1.1.1 A relação mídia e consumo de drogas: como se apresenta na literatura científica?

Procedeu-se à revisão bibliográfica do tipo narrativa que de acordo com o Medical Subject Headings (MeSH) é um tipo de revisão que proporciona análise da literatura atual cobrindo vários níveis de completude e abrangência do assunto. O objetivo da revisão foi compreender: como a relação entre mídia e consumo de drogas entre jovens se apresenta na produção científica.

A busca dos trabalhos foi realizada em dois momentos, em fontes diversas de dados (Quadro 01):

- 1) Julho e agosto de 2011, nas fontes de dados bibliográficos da área da saúde: LILACS, MEDLINE/PubMed, SCIELO e na interdisciplinar ADOLEC.
- 2) Março de 2012, nas fontes de dados interdisciplinares DEDALUS/USP, Banco de dissertação e teses da CAPES e na base de dados da saúde CINAHL. Outra etapa da revisão consistiu em eleger as referências dos estudos selecionados.

Quadro 01 - Dados da busca bibliográfica, de acordo com a área de conhecimento. São Paulo; 2013.

SAÚDE	INTERDISCIPLINAR
CINAHL	Banco de dissertações e teses da CAPES
MEDLINE/PubMed	DEDALUS/USP
LILACS	ADOLEC
SCIELO	

Utilizaram-se os seguintes descritores MESH/Decs: comunicação em saúde, comunicação social, meios de comunicação de massa, promoção da saúde. Tais descritores foram utilizados como palavras-chave ou expressões conforme a nomenclatura aceita pela fonte dos dados. Para refinar a busca utilizaram-se as palavras: drogas, jovem (s), juventude (s) e adolescente (s).

A estratégia de busca resultou em milhares de artigos. Após eliminar os artigos duplicados, iniciou-se a leitura dos títulos e resumos. Selecionaram-se para leitura na íntegra, os artigos que endereçavam temáticas que congregavam drogas, juventude e mídia.

Considerou-se mídia: rádio, televisão, televisão a cabo, *internet*, jornais, livros, videogames, filmes, revistas, músicas, *outdoor*, jornais e *websites*, isto é, mídia de comunicação técnica - aquela que utilizamos para “expandir nossas capacidades de comunicação para além do aqui e agora” (Hepp, 2014, p. 46).

O quadro 02 mostra o número de publicações selecionadas para leitura na íntegra, provenientes de cada fonte de dados.

Quadro 02 - Número de artigos provenientes das diferentes fontes de dados. São Paulo; 2013.

FONTE DE DADOS	ARTIGOS INCLUÍDOS
CINAHL	14
MEDLINE/PubMed	24
LILACS	03
SCIELO	02
Banco de Dissertações e Teses CAPES	01
DEDALUS/USP	01
ADOLEC	30
TOTAL DE ARTIGOS	75

Nessa primeira fase selecionou-se 75 estudos e, na segunda, que selecionou trabalhos entre as referências bibliográficas dos estudos lidos na íntegra, mais 70. Dessa forma, 145 artigos compuseram o *corpus* de análise desta revisão.

A sistematização dos resultados foi realizada em primeiro lugar classificando-se os estudos de acordo com ano, país, instituição de origem (universidade ou fundação governamental ou não governamental) e área do conhecimento. A área do conhecimento foi classificada de acordo com o primeiro autor e quando esse dado não estava claro/disponível no artigo, foi consultado o site *Microsoft Academic Search*¹.

No portal PubMed, dezesseis estudos provinham de universidades e oito estudos, de fundações. Um estudo originário da Austrália e os demais dos EUA. Treze estudos eram da área de concentração da medicina (pediátrica, psiquiátrica, saúde pública, toxicologia, epidemiologia), cinco da psicologia, dois da criminologia, um da educação, dois da área de *marketing* e um da comunicação.

Na base de dados CINAHL, 12 estudos estavam ligados a universidades e dois a fundações. Em relação ao país de origem, dez eram dos EUA, dois do Reino Unido, um da China, e um da Austrália. Sete estudos originavam-se da área de saúde, notadamente da medicina (medicina social, neurociência, pediatria, saúde pública, psiquiatria), sendo que apenas um vinha da enfermagem. Três vinham da comunicação, um da economia, um da psicologia, um da geologia e um da antropologia.

¹ Microsoft Academic Search. [acesso 2012 jun. 06]. Disponível em: <http://academic.research.microsoft.com/>.

O LILACS, o Banco de dissertações e teses da CAPES, DEDALUS, e o SCIELO foram as fontes que congregavam apenas estudos brasileiros, estando todos ligados às universidades. As áreas do conhecimento eram: psicologia, enfermagem, serviço social, educação física e direito.

Na base de dados ADOLEC, 25 estudos eram provenientes de universidades e cinco de fundações. Em relação ao país de origem, 23 eram dos EUA, um da Nigéria, um do Canadá, um da Austrália, um do Reino Unido, um da Alemanha e dois da Holanda. Quanto à área do conhecimento: 20 estudos eram provenientes da saúde (psiquiatria, enfermagem, medicina social, medicina familiar, pediatria e psicologia), três da educação, quatro da comunicação, dois da sociologia e um não foi encontrado.

Dentre as 70 referências selecionadas, 50 eram provenientes de universidades. Em relação ao país de origem, 59 eram dos EUA, três da Austrália, quatro da Alemanha, dois da Nova Zelândia, um do Reino Unido e um da Bélgica. Quanto à área de concentração, 49 estudos eram da medicina (psiquiatria-psicologia, saúde pública, pediatria, educação em saúde, medicina de família, imunologia, neurociência, biologia), dez da comunicação, três da educação, quatro da psicologia social, dois da sociologia, dois da antropologia.

Dentre os 145 estudos analisados, dez apresentaram alguma forma de participação juvenil, sendo um do PubMed, dois da CINAHL, cinco da ADOLEC e dois entre as referências dos estudos selecionados.

Numa segunda fase, os estudos foram classificados em três categorias, conforme a finalidade da mídia, se geral, se cultural ou se educacional.

Mídia-geral: estudos que discutem a mídia e seu papel sobre o consumo de drogas entre os jovens;

Mídia-cultura: estudos que avaliam as produções ligadas à cultura transmitida por diferentes meios, buscando identificar o papel desse tipo de mídia sobre o consumo de drogas pelos jovens;

Mídia-educação: estudos que utilizam estrategicamente a comunicação midiática para formação e recepção crítica dos jovens; e como recursos para programas e campanhas educativas sobre drogas.

Apresenta-se a seguir, a análise dos estudos classificados em cada uma das categorias.

1.1.1.1 Mídia-geral

Nesta categoria entraram os estudos que discutem a influência da mídia em geral, sobre o consumo de drogas entre os jovens.

1.1.1.1.1 Problematização feitas nos estudos mídia-geral

Nesta parte explora-se a introdução dos artigos analisados, quando os autores problematizam o fenômeno de interesse e se debruçam sobre diferentes aspectos da mídia.

É possível perceber preocupação com o contexto informatizado que perfaz o cotidiano das novas gerações e como as convenções internacionais de direitos se portam frente ao direito à informação das crianças e dos adolescentes (Veronese, Silva, 2009).

A questão do tempo de exposição de jovens a diferentes formas de mídia é problematizada por alguns estudos, especialmente americanos, que calculam crescente número de horas que crianças e jovens dispõem com a socialização através da mídia (Nunez-Smith et al., 2010; Scull et al., 2010; Primack et al., 2009, Primack, Douglas, Kraemer, 2009).

Muitos estudos que entraram nesta classificação consideram o consumo de drogas por jovens, especialmente de álcool e tabaco, um problema de saúde pública, já que estaria na base de diversos danos à saúde e mortalidade, consideradas, portanto, como fator de risco e até mesmo causa de diversos problemas de saúde. Dentre eles destacam-se a violência, os acidentes de trânsito, o sexo desprotegido e outros agravos decorrentes do uso de álcool na adolescência, os efeitos carcinogênicos do tabaco, os efeitos sobre o desenvolvimento neurológico e os problemas mentais e psiquiátricos advindos de consumo de drogas. Percebe-se que

os argumentos que problematizam o uso de drogas concentram-se nesta dimensão (Peters et al.,2005; Morgenstern et al., 2011; Nunez-Smith et al.,2010; Chung et al.,2010; Primack, Landc, Fine, 2008; Unger, Chen, 1999; Scull et al.,2010; Collins et al.,2007; Anderson et al.,2009; Jones, Donovan, 2001; Simon, 2008;Snyder et al., 2006; Primack, Douglas, Kraemer, 2009; Jernigan, Ostroff, Ross, 2005; Fleming, Thorson, Atkin, 2004; Robinson, Chen, Killen, 1998; Slater et al.,2007; Schooler, Feighery, Flora, 1996; Unger, Johnson, Rohrbach,1995; Saffer, Dave, 2006; Pasch et al., 2007; Kuo et al., 2003; McClure et al., 2006).

Alguns estudos problematizam a difusão de ideias através de vários tipos de mídia, como a propaganda, mas também os filmes (que serão particularmente tratados no item mídia-cultura), sobre o uso de álcool e tabaco. Nesse contexto há uma denúncia dos artigos relativos à naturalização do uso dessas drogas, que é tratado como parte da sociabilidade, como prazeroso e excitante, aspectos que são considerados nesses estudos, como motivacionais para o consumo dessas substâncias (Wyllie, Zhang, Casswell,1998; Connolly et al.,1994, Edwards, Oakes, Bull; 2007, Pasch et al.,2007; Simon, 2008, Grube, Waiters, 2005; Morrison, Krugman, Park, 2008).

Estudos concernentes à realidade de jovens norte-americanos, principalmente, problematizam a presença de propagandas de álcool em diferentes espaços sociais, perto de escolas, em pequenos supermercados, e mesmo em lojas de venda de bebidas, em espaços que são acessados por crianças e adolescentes. Além de propagandas difundidas em camisetas, revistas e eventos comunitários. Aponta-se ainda que, a propaganda de promoções de bebidas com descontos é indutora ao consumo de álcool e que, locais de vendas com preços mais baixos, próximos a faculdades podem aumentar o consumo de drogas (Hurtz et al., 2007;Simon, 2008; Kuo et al., 2003; Casswell, 2004; Saffer, Dave, 2006; Slater et al.,1996).

Muitos jovens são capazes de lembrar as marcas de bebidas das propagandas (Collins et al., 2003). Da mesma forma, na propaganda de álcool, o cigarro é colocado como um hábito desejável e bem aceito socialmente. Levanta-se o pressuposto, como no caso do álcool, de que o cigarro tenha o uso encorajado também pelas promoções de vendas (Feighery et al.,1998; Hurtz et al., 2007).

Particularmente se observa que a exposição à propaganda ou a cenas de ingestão de bebidas na TV podem exercer influência imediata sobre o consumo de álcool e que, os jovens estão expostos a muitas propagandas de bebidas na TV (Engels et al.,2009; Collins et al.,2007).

Alguns desses estudos problematizam a identidade com ídolos ou modelos, como atores, atrizes, músicos e cantores populares, o que será aprofundado no tópico relativo à mídia-cultura (Primack, Douglas, Kraemer, 2009; Gutschoven, Van den Bulck, 2005). Além disso, as imagens são, de fato, algo bastante explorado nas propagandas de cigarro e álcool, abordando estilos de vida, conforme apontam alguns trabalhos (Saffer, 2002; Morrison, Krugman, Park, 2008; Casswell, 2004; McClure et al., 2006)

Um dos estudos problematiza a intencionalidade de empresas que buscam atrair, principalmente, jovens de minorias étnicas, para comprar seus produtos e marcas com mensagens de que o consumo modifica suas realidades cotidianas, constituindo um convite a participar do *mainstream* (Alaniz, Wilkes, 1998).

Em relação à prevenção do consumo de drogas, um estudo destaca as tentativas da indústria de tabaco de melhorar sua imagem, fazendo publicidade de que os jovens não devem consumir cigarros (Wakefield et al, 2006). Outros três estudos destacam alguns aspectos positivos de campanhas financiadas pelos governos para a prevenção do cigarro entre jovens (Pechmann, Reibling, 2006; Biener et al.,2004; Sly, Trapido, Ray, 2002).

1.1.1.1.2 Resultados dos estudos de mídia-geral

Dois estudos confirmaram que os jovens ficam durante muitas horas expostos à mídia (Primack et al., 2009; Wyllie, Zhang, Casswell, 1998). Primack et al. (2009) destacaram que os jovens que compõem os grupos de maior desvantagem socioeconômica eram os mais expostos à mídia de massa, à exceção da exposição à internet.

Resultados de outros dois estudos mostram associação positiva entre o tempo gasto pelos jovens com a mídia e o uso de álcool (Connolly et al., 1994; Robinson, Chen, Killen, 1998). Outro estudo relativiza o número de horas de exposição à mídia afirmando que a probabilidade do jovem adquirir o hábito de fumar é complexa e depende do meio social em que os jovens acessam a mídia (PrimackLandc, Fine, 2008).

Algumas pesquisas apontaram que a publicidade do álcool encontra-se muito presente nos espaços por onde circulam os jovens, contribuindo para a cultura de normatização do consumo. Resultados mostram ainda que muitas grandes cidades mantêm propaganda de bebidas no sistema de trânsito e que, em torno dos campi universitários, é possível encontrar larga oferta de lugares para beber, o que pode estar correlacionado com altas taxas de *binge-drinking* (Pasch et al., 2007; Simon, 2008; Kuo et al., 2003). Ainda conforme outro resultado, tais publicidades e oferta de bebida alcoólica ocorrem em maior quantidade por onde circulam as minorias étnicas (Alaniz, Wilkes, 1998).

Alguns estudos concluem que a exposição à propaganda de itens promocionais está relacionada ao consumo de álcool e cigarro (Sargent, Dalton, Beach, 2000; McClure et al., 2009; Biener, Siegel, 2000, Feighery et al., 1998; Shadel, Tharp, Fryer, 2009; Morrison, Krugman, Park, 2008; Slater et al., 1996; Pasch et al., 2007; Alaniz, Wilkes, 1998). Dentre eles, um estudo conclui que essa exposição vem antes da adoção do hábito de fumar e que muitos jovens nos Estados Unidos possuem mercadorias com a marca de bebidas, cuja compra foi incentivada pela propaganda do produto (Sargent, Dalton, Beach, 2000).

Verificou-se que obter um item com propaganda de alguma marca de cigarro precede o uso de cigarro. Além disso, correlaciona-se a busca de identidade dos jovens com algumas imagens cuidadosamente desenhadas pela propaganda (Biener, Siegel, 2000). Um estudo indicou que: as campanhas de marketing das empresas de cigarro são efetivas para capturar a atenção dos jovens e aumentar o desejo por itens promocionais; a indústria de tabaco usa promoções de produtos que permitem aos jovens se identificarem como fumantes (Feighery et al., 1998), e os jovens de menor idade se sentem atraídos ao apelo da publicidade de cigarro (Shadel, Tharp, Fryer,

2009), e as revistas direcionadas aos jovens investem em publicidades de cigarro (Morrison, Krugman, Park, 2008).

Salienta-se que os adolescentes brancos do sexo masculino respondem mais positivamente à cerveja apresentada com conteúdos esportivos (Slater et al., 1996). Um estudo confirma que o apelo à sexualidade é atrativo nas propagandas de bebidas (Pasch et al., 2007). Outros resultados encontrados dizem respeito ao teor da publicidade sobre o álcool, que relaciona o uso de drogas a atitudes desejáveis pelos jovens, principalmente nas questões ligadas à masculinidade (Wyllie, Zhang, Casswell, 1998; Collins et al., 2003; Grube, Waiters, 2005).

Em relação aos ídolos, os ídolos históricos e culturais de comunidades étnicas são usados para convencer os jovens dessas comunidades a usar álcool, sendo que a indústria de álcool financia organizações comunitárias em troca da venda de seus produtos (Alaniz, Wilkes, 1998).

Estudos indicam que há um *link* entre adquirir marcas e produtos que estimulam o consumo de drogas, e o consumo propriamente dito. No entanto, indicam também que mais pesquisas devem ser realizadas (McClure et al., 2009; Slater et al., 2007; Schooler, Feighery, Flora, 1996; Hurtz et al., 2007; McClure et al., 2006; Shadel, Tharp, Fryer, 2009; Hurtz et al., 2007).

A suscetibilidade ao uso de álcool foi considerada, assim como algumas características pessoais, como indicativos de maior exposição à mídia e maior risco para experimentação de substâncias psicoativas (McClure et al., 2009). Pesquisas apontam também que jovens não consumidores, ao adquirirem produtos e itens promocionais estimulados pelas publicidades tornam-se suscetíveis ao consumo de drogas (Evans et al., 1995). Esses resultados divergem do estudo de Unger, Johnson e Rohrbach (1995), que ressalta que a susceptibilidade não é diferente entre os que consomem ou não drogas. Salienta-se, ainda, que os jovens que apresentam mais conflitos pessoais e que se identificam com modelos usados na propaganda de cigarro são mais suscetíveis à publicidade (Shadel, Tharp, Fryer, 2009).

Estudos mostram ainda que os jovens que usam drogas têm percepção diferente em relação às publicidades de álcool e tabaco, parecendo que fumantes são mais receptivos à propaganda (Peters et al., 2005; Schooler, Feighery, Flora, 1996;

Pierce et al.,1998; Martin et al., 2002; Ellickson et al.,2005; Slater et al.,2007; Edwards, Oakes, Bull, 2007; Anderson et al.,2009; Morgenstern et al., 2011).

Outros fatores também influenciam a percepção dos jovens para as publicidades de álcool e tabaco na mídia, entre os quais estão as características dos personagens utilizados nas publicidades, e o interesse dos jovens em utilizar principalmente o tabaco e reter as informações a respeito das publicidades (Klitzner, Gruenewald, Bamberger, 1991; Wyllie, Zhang, Casswell,1998; Jones, Donovan, 2001; Fleming, Thorson, Atkin, 2004; Collins et al., 2003).

Em relação à influência da mídia para o consumo de drogas entre os jovens, os resultados sugerem que ela se altera de acordo com a cognição e receptividade dos jovens, mesmo após controlar as características demográficas e sociais. Geralmente, o público que adquire um produto promocional e tem uma marca de preferência, conseguindo nomeá-la - o que representa um indicador para o comportamento de consumo - é mais influenciável, já que adquire um produto promocional e tem uma marca. Além disso, possuem pais e amigos que consomem drogas (Connolly et al.,1994; Evans et al.,1995; Pasch et al., 2007; Gilpin,Pirce,1997; Slater et al.,1996; Feighery et al.,1998;Unger, Chen, 1999; Biener, Siegel, 2000, Sargent, Dalton, Beach, 2000; Austin, Chen,Grube, 2006; Scull et al., 2010).

Estudos sugerem que a influência da mídia para o comportamento de consumo do álcool anual dos jovens tem efeito positivo, mas modesto, e destacam que a influência independe do preço do produto. No entanto, a questão do preço diverge, outro estudo destaca que o preço exerce influência sobre o consumo de drogas pelos jovens (Saffer, Dave, 2006; Kuo et al.,2003).

Para aumentar ainda mais a influência da publicidade, um estudo concluiu que o humor é utilizado na publicidade a fim de que os jovens adquiram os produtos e marcas e, posteriormente, venham a consumir drogas (Chen et al., 2005). Os estudos salientam que os jovens são expostos a diferentes tipos de mídia e podem ser influenciados por elas (Engels et al.,2009; Primack et al., 2009; Ellickson et al.,2005; Connolly et al.,1994; Primack, Douglas, Kraemer, 2009; Schooler, Feighery, Flora, 1996; Robinson, Chen, Killen, 1998; Gutschoven, Van den Bulck, 2005; Schooler, Feighery, Flora, 1996; Wyllie, Zhang, Casswell,1998; Collins et al., 2003).

Alguns estudos afirmam, baseados em resultados categoricamente comprovados, que a mídia influencia o consumo de drogas entre os jovens (Atkin, Hocking, Block, 1984; Peters et al., 2005; Nunez-Smith et al., 2010; Chung et al., 2010; Engels et al., 2009; Collins et al., 2007; Simon, 2008; Smith, Foxcroft, 2009; Veronese, Silva, 2009; Snyder et al., 2006; Sargent, Dalton, Beach, 2000; Martin et al., 2002; Wyllie, Zhang, Casswell, 1998)

1.1.1.1.3 Propostas para educação sobre drogas

Os autores sugerem a utilização do humor na educação sobre drogas, a fim de torná-la mais atrativa aos jovens (Chen et al., 2005; Biener et al., 2004). Ainda na linha da educação sobre drogas, sugere-se a utilização de diferentes tipos de mídia, pois os jovens utilizam diversas mídias (Primack et al., 2009; Veronese, Silva, 2009; Ellickson et al., 2005).

Sugere-se a publicidade anticonsumo na educação sobre drogas, no entanto, sua utilização ainda é controversa, pois geralmente há dificuldades em decidir sobre as mensagens que devem ser utilizadas, e também, supõe-se que essa publicidade anticonsumo influenciaria as intenções futuras dos jovens de consumir drogas. Geralmente, os jovens que adquirem um item da publicidade anticonsumo são menos suscetíveis às mensagens de educação, sugerindo a forte influência das indústrias de tabaco (Reis et al., 1994; Sly, Trapido, Ray, 2002; Saffer, 2002; Pechmann, Reibling, 2006; Saffer, 2002; Wakefield et al., 2006; Edwards, Oakes, Bull, 2007; Biener et al., 2004).

As sugestões dos pesquisadores para realizar publicidades anticonsumo de drogas têm a intenção de provocar empatia nos jovens, mostrar adultos com problemas de saúde devido ao consumo de drogas, destacar as consequências negativas do consumo para a saúde e utilizar o humor nas mensagens transmitidas (Pechmann, Reibling, 2006; Edwards, Oakes, Bull, 2007; Biener et al., 2004).

Salienta-se a importância dos pais evitarem marcas e produtos, principalmente nas roupas dos jovens, que estimulam o consumo de drogas, pois os jovens que são

expostos à educação sobre drogas são menos receptivos à mídia (McClure et al., 2006; Ellickson et al., 2005).

Em relação à publicidade de álcool, tabaco e outras drogas, as propostas destacadas por alguns pesquisadores são: a proibição da publicidade, restrição de pontos de vendas, o envolvimento da comunidade para discutir os problemas relacionados ao consumo de drogas entre os jovens, discutir as leis governamentais, participação dos jovens nas campanhas, instruir os jovens sobre as estratégias do *marketing* a fim de alcançá-los, tornando-os menos receptivos à mídia (Simon, 2008; Smith, Foxcroft, 2009; Veronese, Silva, 2009; White et al., 2011; Jernigan, Ostroff, Ross, 2005; McClure et al., 2009; Slater, Chaloupka, Wakefield, Johnston, O'Malley, 2007; Biener, Siegel, 2000; Schooler, Feighery, Flora, 1996; Feighery et al., 1998; Saffer, Dave, 2006; Pasch et al., 2007; Grube, Waiters, 2005; Alaniz, Wilkes, 1998; Kuo et al., 2003).

Considera-se que a relação entre o consumo de drogas e a publicidade é complexa, levando alguns pesquisadores a questionarem sua proibição, uma vez que o consumo se dá por questões multifatoriais (Hastings et al., 2005; Robinson, Chen, Killen, 1998; Klitzner, Gruenewald, Bamberger, 1991; Saffer, 2002). Ainda em relação aos questionamentos sobre a publicidade, os pesquisadores não desconsideram totalmente o fato de que ela possa influenciar os jovens a consumir drogas, no entanto, muitas outras questões estão inseridas. Além disso, deve ser reconhecido que cada país utiliza diferentes formas de publicidade para atrair os jovens, e, sendo assim, devem pensar, individualmente, em suas propostas para utilização das publicidades (Unger, Johnson, Rohrbach, 1995; Collins et al., 2003).

As principais direções oferecidas aos que procuram trabalhar orientações aos jovens em relação à mídia são: verificar o tipo de mídia consumida; monitorar as publicidades de drogas direcionadas aos jovens; reduzir as imagens dos produtos de drogas na mídia; levar em consideração a cognição dos jovens para elaborar mensagens de educação/prevenção de drogas (Hurtz et al., 2007; Primack, Douglas, Kraemer, 2009; Primack, Landc, Fine, 2008; Engels et al., 2009; Unger, Chen, 1999; Austin, Chen, Grube, 2006; Scull et al., 2010; Robinson, Chen, Killen, 1998; Shadel, Tharp, Fryer, 2009; Collins et al., 2003; Pasch et al., 2007).

Após refletir sobre a influência da mídia e sua exposição sobre os jovens em relação a diferentes produtos e marcas que estimulam o consumo de drogas, um estudo salienta a necessidade da reflexão sobre a saúde global (Casswell, 2004).

1.1.1.2 Mídia-Cultura

Nesta categoria entraram os estudos que avaliam as produções da indústria cultural transmitidas por diferentes canais midiáticos, buscando identificar sua influência no consumo de drogas pelos jovens.

Os principais meios analisados foram o cinema, a televisão, o rádio, as músicas, as revistas e os *websites* visitados pelos jovens. Os estudos buscam identificar a influência das publicidades, marcas, produtos, personagens dos filmes e das celebridades no comportamento de consumo de drogas entre os jovens.

1.1.1.2.1 Problematização feita nos estudos mídia-cultura

O consumo de drogas pelos jovens é considerado um problema de saúde pública, e a apresentação pela mídia, de personagens que consomem drogas é considerada um fator de risco que influencia o comportamento dos jovens, apresentando o consumo como parte da norma social (Stern,2005; Hanewinkel, Tanski, Sargent, 2007; Dal Cin et al.,2008; Aina, Olorunshola, 2007; Hanewinkel, Sargent, 2007; Thrasher et al.,2008; Sargent et al., 2004; Distefan et al.,1999; CDC, 2005; Hanewinkel, Sargent, 2009).

O álcool, o tabaco e a maconha são considerados, em dois estudos, como porta de entrada para que os jovens venham a consumir as demais drogas (Aina, Olorunshola, 2007; Brook, Saar, Brook, 2008). A transmissão de imagens, marcas, produtos, publicidades e mensagens pela mídia que estimulam atitudes para que os jovens adquiram determinados comportamentos de consumo é considerado outro problema pelos autores (Stern,2005; Hanewinkel, Tanski, Sargent, 2007; Dal Cin et al.,2008; Hanewinkel, Sargent, 2008; Hanewinkel, Sargent, 2007; Distefan, Pierce,

Gilpin, 2004; Dalton et al., 2009; Distefan et al., 1999; Wills et al., 2009; Sargent et al., 2006; Long et al., 2002; Suzuki, Itano, Yamamoto, 2008).

Para alguns pesquisadores, os filmes de Hollywood são campeões em distribuir as marcas e produtos que estimulam o consumo de drogas para todo o mundo, e não retratam as consequências negativas do consumo (Hanewinkel, Sargent, 2008; Hanewinkel, Sargent, 2007; Thrasher et al., 2008; Dal Cin et al., 2009; Cortese, Lewis, Ling, 2009).

Em relação às músicas, um estudo traz o recorte histórico dos estilos de músicas, problematizando a identificação dos jovens com determinados estilos musicais e o consumo de drogas (Forsyth, Barnard, McKeganey, 1997). Para alguns pesquisadores, em quase todas as casas há televisão e os jovens gastam muito tempo expostos a comportamentos violentos e de consumo de drogas (Brook, Saar, Brook, 2008).

Os estudos se apoiam em algumas teorias explicativas para justificar a influência da mídia para o consumo de drogas pelos jovens, destacando, principalmente, a teoria do aprendizado social (Stern, 2005; Dal Cin et al., 2008; Hanewinkel, Sargent, 2008; Hanewinkel, Sargent, 2007; Sargent et al., 2005; Sargent et al., 2004; Dal Cin et al., 2009; Wills et al., 2009; Brook, Saar, Brook, 2008).

1.1.1.2.2 Resultados encontrados nos estudos de mídia-cultura

Os personagens nos filmes apresentam o álcool e o tabaco como porta de entrada para as demais drogas (Aina, Olorunshola, 2007). Os resultados encontrados nos estudos confirmam a teoria explicativa do comportamento social aprendido para o consumo de drogas, além disso, os jovens tendem a gastar muito tempo diante das mídias (Stern, 2005; Sargent et al., 2005; Brook, Saar, Brook, 2008; Strasburger, Donnerstein, 1999).

Em relação à influência da mídia, os estudos destacam principalmente: assistir programas violentos na televisão, ouvir música *rave*, afirmando que há uma relação da mídia de entretenimento com o consumo de drogas (Brook, Saar, Brook, 2008;

Forsyth, Barnard, McKeganey, 1997; Sargent, Gibson, Heatherton, 2009), assim como há na mídia exposição de marcas, produtos e publicidades que estimulam o consumo de drogas, e os jovens que consomem drogas tendem a prestar mais atenção nas publicidades de drogas (Distefan, Pierce, Gilpin, 2004; Suzuki, Itano, Yamamoto, 2008; Stoolmiller et al., 2010; Sargent, Gibson, Heatherton, 2009; Cortese, Lewis, Ling, 2009).

Os estudos destacam que os jovens são expostos ao consumo de drogas por diversos tipos de mídia, e que nos filmes os personagens jovens transmitem mensagens sugerindo que o consumo faz parte da norma social e não acarreta nenhum problema aos seus consumidores (Healton et al., 2006; CDC, 2005; Aina, Olorunshola, 2007; Stern, 2005; Aina, Olorunshola, 2007; Hanewinkel, Sargent, 2007; Hanewinkel, Sargent, 2009). Já em relação à atratividade dos personagens nos filmes, não é mostrada diferença entre os consumidores e os não consumidores de drogas, podendo indicar um comportamento normativo aos jovens, uma vez que tal diferença não existe (Stern, 2005; Dal Cin et al., 2008; Tanski et al., 2009).

Os pesquisadores consideram que as mensagens transmitidas pelos personagens dos filmes é um fator de risco, tanto para ter amigos que consomem drogas, como para o consumo de drogas pelos jovens (Aina, Olorunshola, 2007; Hanewinkel, Sargent, 2008; Sargent et al., 2005; Dalton et al., 2009; Wills et al., 2009; Wills et al., 2009; Sargent et al., 2006)

Em relação ao fato de os filmes de Hollywood transmitirem marcas e produtos que estimulam o consumo de drogas aos jovens em todo o mundo, dois estudos negam essa afirmação, considerando que cada país tem seu sistema de classificação de filmes para os jovens (Dal Cin et al., 2008; Thrasher et al., 2008). No entanto, outros pesquisadores afirmam que a internacionalização dos filmes, principalmente os americanos, exerce influência sobre a cultura do consumo de drogas entre os jovens de outros países e tem importante impacto na saúde pública (Hanewinkel, Tanski, Sargent, 2007; Hanewinkel, Sargent, 2008).

Ainda em relação aos filmes, nas fitas violentas há publicidades de marcas e produtos que estimulam o consumo de drogas. Os jovens negros e os porto-riquenhos são os mais expostos a essas mídias. Quando considerados os personagens

masculinos e femininos nos filmes, não há diferença no consumo de drogas, mesmo levando em consideração as características socioeconômicas (Dal Cin et al., 2008; Hanewinkel, Sargent, 2008; Sargent et al., 2005; Stern, 2005; Brook, Saar, Brook, 2008; Ringel, Collins, Ellickson, 2006). Embora não haja diferença entre usuários masculinos e femininos nos filmes, as meninas aparecem utilizando múltiplas substâncias, fazendo crer que na realidade haja maior consumo de drogas pelas meninas. A preocupação é de que tal consumo poderia ser induzido pela mídia, já que os filmes não discutem os possíveis prejuízos do uso de drogas (Stern, 2005).

Considerando a vida real dos jovens, há associação entre a exposição aos filmes, nos quais os personagens aparecem consumindo drogas, e o consumo de drogas, por exemplo, o *binge drinking*, o uso sem o conhecimento dos pais, a busca por sensação e o início do consumo de drogas (Hanewinkel, Tanski, Sargent, 2007; Hanewinkel, Sargent, 2007; Thrasher et al., 2008; Tanski et al., 2009; Sargent et al., 2006; Hanewinkel, Sargent, 2009). Os pesquisadores salientam que, quanto mais precocemente os jovens são expostos aos filmes que os expõem ao consumo, maior será a influência no comportamento de consumo, mesmo considerando outras influências para além da mídia, todavia, a influência dos amigos deve ser considerada (Dalton et al., 2009; Wills et al., 2009).

Após monitorar grupos étnicos, educação dos pais e nível de instrução, foi constatado que não há diferença entre o comportamento para o consumo entre os jovens. Já em relação ao gênero, há uma discordância entre resultados encontrados nos estudos (Sargent et al., 2005; Sargent et al., 2006; Distefan, Pierce, Gilpin, 2004)

Jovens não consumidores de drogas, que têm uma celebridade que consome drogas como ídolo apresentam mais chance de consumir drogas (Distefan et al., 1999). Há indícios de que essa influência ocorra mais entre as meninas; acredita-se que tal influência não ocorra acentuadamente entre os meninos devido à diferença na receptividade da mídia, assim como a diferença no estilo de filmes assistidos (Distefan, Pierce, Gilpin, 2004). No entanto, outro estudo destaca que não há essa diferença de influência entre o gênero (Tanski et al., 2009).

As meninas e os meninos que consomem drogas indicam seu ídolo favorito em filmes em que esses aparecem consumindo drogas. Já os jovens não consumidores

indicam ídolos que aparecem nos filmes não consumindo drogas. Para os pesquisadores, as celebridades têm maior influência para o comportamento do consumo de drogas que os pais e professores, pois transmitem uma norma social que faz com que os jovens passem a ter como ídolos, as celebridades que se aproximam de suas realidades em relação ao consumo de drogas (Distefan et al., 1999).

Comparando os filmes com a vida real, um estudo apresenta o fato de que, na mídia, a presença de consumo de drogas entre os personagens jovens é menor, havendo na opinião dos autores disparidade em relação a sexo, idade e raça, quando comparada com a vida real (Long et al., 2002).

1.1.1.2.3 Propostas para educação sobre drogas

Sugere-se orientar os jovens sobre os efeitos negativos da publicidade em relação ao estímulo ao consumo de drogas e abordar os diretores e atores dos filmes para explicar que a propaganda anticonsumo não produz efeito e portanto usá-la antes dos filmes não faz sentido; seria necessário retirar os personagens jovens que consomem drogas dos filmes (Tanski et al., 2009; Brook, Saar, Brook, 2008).

Para os pesquisadores, se os pais não consumidores de drogas supervisionarem os filmes assistidos pelos jovens haveria menor tentativa de fumar entre os jovens (Sargent et al., 2004). Assim como eliminando-se a exposição aos filmes e publicidades que estimulam o consumo de drogas no início da juventude, haveria menos jovens adultos fumantes (Dalton et al., 2009). Ainda em relação ao estímulo ao consumo, estudo de revisão da literatura evidenciou que jovens e crianças possuem televisão dentro de seus quartos e os pais não monitoram o tempo gasto pelos jovens frente à mídia. Nesse sentido advogam ser essencial que os pais monitorem mais seus filhos (Strasburger, Donnerstein, 1999).

É destacado que a saúde pública deveria exigir da indústria cinematográfica, a eliminação das imagens de drogas nos *trailers* dos filmes e exigir das redes de televisão a recusa da transmissão de *trailers* que incluam imagens de drogas (Healton et al., 2006). Outras recomendações são oferecidas em relação à mídia que divulga personagens consumindo drogas, tais como: maior responsabilidade nas produções

de mensagens sobre consumo de drogas nos filmes; eliminação de personagens consumindo drogas; eliminação de marcas que estimulem o consumo; realização de propagandas anticonsumo de drogas antes dos filmes direcionados aos jovens; supervisão dos pais dos filmes assistidos pelos jovens, inclusão da comunidade nas ações de prevenção para o consumo de drogas entre os jovens (Stern,2005; Distefan, Pierce, Gilpin, 2004; Thrasher et al.,2008; Sargent et al., 2004; Wills et al.,2009; Tanski et al.,2009; Long et al.,2002; Suzuki, Itano, Yamamoto, 2008; Hanewinkel, Sargent, 2009).

1.1.1.3 Mídia-Educação

Estudos que utilizam estrategicamente a comunicação midiática: para formação, para que os jovens recebam criticamente as mensagens, e como recurso para programas e campanhas educativas sobre drogas.

1.1.1.3.1 Problemática feita nos estudos mídia-educação

A transformação da sociedade e o uso de novas tecnologias que expõem os jovens às drogas são considerados fatores que podem influenciar os jovens a consumir drogas (Buchele, Coelho, Lindner, 2009; AAP, 2010a; Boyer, Shannon, Hibberd, 2005; Ribisl, 2003; Jenssen et al., 2009; Max, 2002; Wills et al., 2010; Epstein, Botvin, 2008; Buchele, Coelho, Lindner, 2009; Ribeiro, Pergher, Torossian, 1998).

Como nas categorias anteriores, o consumo de drogas é considerado um problema de saúde pública, que fatalmente ocorre em escalada, e constitui fator de risco para os problemas de saúde e sociais dos jovens (Rossetto, 2002; Glider et al., 2001; Segal et al.,1983; Flynn et al., 2006; Kelder et al.,2000; Orlandi, Dozier Marta,1990; Peters et al.,2005; Carpenter, Pechmann, 2011; Ellickson, Bell, Harrison, 1993; Terry-McElrath et al.,2011; Schwinn, Schinke, Noia, 2010; Schmidt, Kiss, Diluzio, 2009; Primack et al., 2009; Primack et al., 2006; Marsh, Bickel, Grabinski, 2007; Palmgreen et al.,2001).

Em alguns estudos, os jovens são tomados como indivíduos influenciáveis pela família, publicidade e pressão dos amigos, e há entre eles a cultura de que o consumo do álcool faz parte da socialização, principalmente no período universitário (Orlandi, Dozier Marta, 1990; McKenna, Williams, 1993; Ramirez et al., 1999; Silver, 2000; Glider et al., 2001; Flynn et al., 2006; Schwinn, Schinke, Noia, 2010; Scheier, Grenard, 2010; Schmidt, Kiss, Diluzio, 2009). Ainda em relação à influência, considera-se importante o comportamento das celebridades, já que elas são qualificadas como os principais modelos dos jovens, e suas mensagens na mídia são problematizadas como estimulantes para que os jovens venham a consumir drogas (Shaw, Whitehead, Giles, 2010; Shaw, Whitehead, Giles, 2010).

São realizadas diversas campanhas de prevenção sobre drogas com diferentes objetivos, e dentre elas, destacam-se motivar estudantes a se posicionar contra o consumo de drogas, incentivar os jovens a rejeitar as drogas ilegais, perceber a droga como um comportamento inaceitável, incentivar a descontinuação do consumo de drogas de jovens consumidores e mudar a visão dos jovens a respeito da normatização do consumo de drogas (Ellickson, Bell, Harrison, 1993; Kelder et al., 2000; Longshore, Ghosh-Dastidar, Ellickson, 2006; Glider et al., 2001; Yzer et al., 2003, Fishbein et al., 2002).

1.1.1.3.2 Resultados encontrados nos estudos de mídia-educação

Os resultados dos estudos sugerem que os jovens são influenciáveis, pelos amigos e por fatores ambientais e que, caso experimentem drogas, tenderão a permanecer consumidores de drogas (Reinert, Carver, Range, 2004; Prokhorov et al., 2008; Wood et al., 2009).

A internet e o computador através da multimídia aparecem nos estudos como recursos que possibilitam a interação dos jovens com programas educativos (Peters et al., 2005; Prokhorov et al., 2008; Primack et al., 2009; Schwinn, Schinke, Noia, 2010; Orlandi, Dozier, Marta, 1990; Orlandi, Dozier, Marta, 1990). Ao uso da internet são atribuídos elementos positivos e negativos. O positivo é a possibilidade da interação dos jovens, *websites* de educação sobre drogas; e o negativo são os *websites* que estimulam o consumo. Todavia, a internet é indicada como um meio para educação

sobre drogas (Belenko et al., 2009; Ribisl, 2003; Jenssen et al., 2009; Max, 2002; Buchele, Coelho, Lindner, 2009; Romero, 2009). Para alguns pesquisadores, os computadores (sem acesso à internet) podem ser utilizados sozinhos ou como auxiliares na educação sobre drogas tradicionalmente conhecida (Marsh, Bickel, Grabinski, 2007).

As campanhas de prevenção sobre drogas podem ser realizadas sozinhas ou em conjunto com o currículo escolar, e os resultados confirmam que quando realizadas junto com o currículo escolar aumentam a potência da estratégia de intervenção (Flynn et al., 1994; Farrelly, Niederdeppe, Yarsevich, 2003; Pechmann, Reibling, 2000; Reinert, Carver, Range, 2004; Longshore, Ghosh-Dastidar, Ellickson, 2006; Slater et al., 2006; Flynn et al., 2006; Glider et al., 2001; Wood et al., 2009; Wood et al., 2009).

As campanhas anticonsumo de maconha são problematizadas, pois geralmente causam efeitos *boomerang*, ou seja, estimulam o consumo. Mesmo assim se indica fazer campanhas abordando drogas ilícitas, utilizando mensagens de recriminação quanto à busca artificial por sensações e suas consequências (Hornik et al., 2008; Palmgreen et al., 2007; Carpenter, Pechmann, 2011; Yzer et al., 2003; Block, Morwitz, Putsis, 2002; Fishbein et al., 2002; Palmgreen et al., 2001), pois, as campanhas que utilizam mensagens ressaltando os pontos negativos da busca artificial por sensações podem resultar em efeito positivo já que os jovens reconheceriam esse aspecto na sua procura por drogas (Palmgreen et al., 2001).

Em relação às fontes confiáveis, os estudos mais antigos indicam que os jovens tendem a confiar nos pais, professores, médicos, enfermeiros, oficiais da lei, igreja e informações factuais de ex-usuários de drogas e, geralmente, o comunicador possui as características sociodemográficas semelhantes aos jovens (Dembo et al., 1977; Dembo et al., 1979; Mayton, Nagel, Parker, 1990; Mayton, Nagel, Parker, 1990). Ainda em relação à confiança dos jovens nas mensagens, destacam-se os resultados da pesquisa-ação realizada com jovens em diferentes trajetórias de consumo, que produziram mensagens de educação, em vídeos para a televisão. Os achados de Jones (2005) mostram que os jovens tendem a confiar mais em seus pares que nos professores, na polícia ou outros. Os aprendizados destacados no estudo de Jones são de que as mensagens educativas devem incorporar as perspectivas e as vozes

dos jovens que se deseja alcançar, a fim de se encaixar na vida dos jovens, pois estes produzem diferentes conteúdos em suas mensagens variando de acordo com o seu envolvimento com as drogas e com o nível socioeconômico do grupo (Jones, 2005). Em relação às mensagens produzidas para a educação sobre drogas, elas devem possuir similaridades ao contexto social dos jovens que se deseja alcançar (Pinkleton, Austin, Van de Vord, 2010).

Devido ao grande investimento em campanhas públicas, faz-se necessário sua avaliação a fim de manter ou propor mudanças nas estratégias utilizadas (Pechmann, Reibling, 2000; Schmidt, Kiss, Diluzio, 2009; Block, Morwitz, Putsis, 2002; Rossetto, 2002). As campanhas, mesmo que lançadas nacionalmente, são realizadas diferentemente em cada Estado e não atingem todos os jovens, o que significa que o processo de comunicação não se conclui com a sua transmissão, ele está apenas começando, assim, é irreal pensar que campanha com mensagens globais podem prevenir o consumo de drogas entre os jovens (Terry-McElrath et al., 2011; Emery et al., 2005).

1.1.1.3.3 Propostas para educação sobre drogas

Alguns pontos-chaves são citados para a elaboração de campanhas e programas educativos sobre drogas aos jovens: particularizar o tipo de droga, programas específicos para mídias específicas, diferentes tipos de mensagens, se os jovens consomem ou não drogas, levarem em consideração as características socioeconômicas, o gênero, a etnia e a comunidade a qual se deseja alcançar (Pechmann, Reibling, 2000; Prokhorov et al., 2008; Stephens et al., 2009; Peters et al., 2005; Silver, 2000; Carpenter, Pechmann, 2011; Schmidt, Kiss, Diluzio, 2009; Luis, Oliveira, Costa, 2001; Pinkleton, Austin, Van de Vord, 2010). Deve haver diminuição das publicidades, maior investimento dos profissionais, dos pais e da comunidade na educação sobre drogas (AAP, 2010a; Belenko et al., 2009; Buchele, Coelho, Lindner, 2009; Falcão, Rangel-S, 2010; Romero, 2009).

Na realização das campanhas educativas sobre drogas, a heterogeneidade dos jovens deve ser considerada ao se elaborarem as mensagens, pois seus sentidos e significados diferem entre os jovens (Schmidt, Kiss, Diluzio, 2009; Jones, 2005; Flynn

et al.,2006; Scheier, Grenard, 2010; Slater et al., 2006; Slater et al., 2006; Mayton, Nagel, Parker, 1990; Farrelly, Niederdeppe, Yarsevich, 2003; Schmidt, Kiss, Diluzio, 2009; Pinkleton, Austin, Van de Vord, 2010). Além disso, as campanhas educativas devem ser realizadas em todos os tipos de mídia, a fim de alcançar todos os jovens, pois há distinção na confiabilidade da mídia para os jovens (Scheier, Grenard, 2010; Scheier, Grenard, 2010; Scheier, Grenard, 2010; Peters et al.,2005; Reinert, Carver, Range, 2004; Pechmann, Reibling, 2000; Dembo et al., 1977; Borzekowski, 1996). Vários estudos destacam a importância de considerar a comunidade na elaboração dos programas e campanhas educativas (Segal et al.,1983; Flynn et al.,2006; Ramirez et al.,1999; Schmidt, Kiss, Diluzio, 2009; Slater et al., 2006; Mayton, Nagel, Parker, 1990; Dembo et al., 1977; Farrelly, Niederdeppe, Yarsevich, 2003; Luis, Oliveira, Costa, 2001; Slater et al.,2011).

Em relação à publicidade de drogas na mídia, os autores afirmam que se os jovens tiverem bom autocontrole e técnicas de recusa serão capazes de moderar a influência do consumo de drogas pela publicidade. Para tanto, é importante ensiná-los a realizar a leitura crítica da mídia (Wills et al., 2010; Epstein, Botvin, 2008; Buchele, Coelho, Lindner, 2009; AAP, 2010a; Ribeiro, Pergher, Torossian, 1998). Além disso, considerando a educação sobre drogas aos jovens indica-se que os pais devem supervisionar os *websites* visitados pelos jovens, assim como os profissionais devem conhecer os *websites* que estimulam o consumo e divulgam novas drogas a fim de oferecerem educação aos jovens para a leitura crítica da mídia e oferecer tratamento adequado se necessário (Belenko et al., 2009; Max, 2002).

1.1.2 Participação de jovens na construção de programas educativos sobre drogas midiaticizados

Lopez, Soares, Oliveira (2014) realizaram uma revisão narrativa da literatura sobre a participação de jovens na elaboração e desenvolvimento de programas de educação sobre drogas, a partir de um subprojeto de iniciação científica².

² Apoio do CNPq, bolsa PIBIC de Thieri Lopez, de 2012/2013.

Inicialmente pensou-se em realizar uma revisão sistemática sobre o tema, chegando a delinear um PICO (acrônimo para a pergunta de revisão), que seria composto dos seguintes elementos: a) população: jovens; b) fenômeno de interesse: participação na elaboração de mensagens sobre drogas e c) contexto: mídia ou rádio mais especificamente. No entanto, a literatura mostrou-se escassa, complexa e multifacetada, com estudos de natureza qualitativa e quantitativa, demonstrando que a pergunta de revisão não estava suficientemente amadurecida e optou-se por fazer uma revisão narrativa, reunindo os achados mais concernentes à temática.

1.1.2.1 A metodologia da revisão

Para a inclusão dos estudos, estipulou-se a necessidade de presença do resumo na base de dados, podendo estar em inglês ou português. Na ocorrência de o título e o resumo não serem suficientes para a decisão da permanência do estudo na revisão, procurou-se a publicação na íntegra. Não houve restrição quanto ao ano de publicação; foram excluídos estudos relacionados à AIDS/HIV, por trazerem especificidade não desejada nesta investigação. Foram incluídos estudos empíricos qualitativos, textos reflexivos, teóricos ou opinativos.

Procurou-se analisar criticamente os estudos que tomavam como tema a prevenção de drogas, que compõem o chamado nível primário de atuação da saúde em que a mídia estivesse sendo considerada.

Levantou-se publicações em bases de dados da área de ciências humanas (Eric e PsycInfo), multidisciplinar (Scopus), saúde (ADOLEC e CINAHL) e portal Pubmed, e ainda na literatura cinzenta (Google Acadêmico). Utilizou-se palavras-chave específicas para cada fonte de dados.

Na base de dados Eric foi necessário dividir a busca em duas etapas, uma voltada para drogas em geral e álcool, e outra voltada para drogas em geral e tabaco. Na literatura cinzenta, realizou-se pesquisas com palavras-chaves diferentes.

Os estudos foram classificados em três grupos, segundo suas semelhanças quanto à forma de inclusão dos jovens: grupo 01 - jovens participantes da elaboração

e implementação de programas de prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas; grupo 02 - jovens (multiplicadores) em programas de prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas; e grupo 03 - jovens como indivíduos de pesquisa sobre programas de prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas.

1.1.2.2 Resultados da revisão

Foram pré-selecionados 35 estudos e foram lidos na íntegra 23. Essa diferença se deve à existência de referências duplicadas, indisponíveis ou muito antigas. Já na literatura cinzenta, dos 16 estudos pré-selecionados, 10 foram incluídos para leitura na íntegra. No total foram incluídos 33 estudos.

A base mais produtiva foi a base ERIC da área da educação, o que mostra que é a que mais se interessa pelo tema, seguida pela ADOLEC, e logo depois pela base PsycInfo, que contempla textos da área de ciências humanas. As bases voltadas para a área da saúde, Pubmed e CINAHL foram as que menos apresentaram resultados relevantes voltados para esse tema, mostrando que ele não é investigado na área da saúde ou que sua investigação não se encontra na área de interesse de revistas indexadas.

- Grupo 01 – jovens participantes da elaboração e implementação de programas de prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas: quatro estudos foram indexados. Os pesquisadores argumentam que quando o jovem sente que tem parte naquela ação, seu engajamento e, conseqüentemente, sua adesão ao programa cresce consideravelmente.
- Grupo 2 - jovens (multiplicadores) em programas de prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas: quatro estudos foram indexados. Estudos que mostravam que os pesquisadores tinham em mente visualizar os jovens que eram referências na escola, para que um desses jovens se tornasse líder do programa de prevenção, com o objetivo de disseminar as informações que os pesquisadores consideraram apropriadas sobre o assunto. Estes programas eram elaborados pelos pesquisadores.
- Grupo 3 - jovens como indivíduos de pesquisa sobre programas de prevenção ao uso de álcool, tabaco e outras drogas: 25 estudos tinham por

objetivo levantar as opiniões dos jovens a respeito das drogas, sem de fato incluí-los no processo de desenvolvimento do programa.

Os resultados desta revisão salientam a exclusão dos jovens no processo de planejamento e implementação de programas educativos sobre drogas. Os profissionais elaboram os programas educativos ora tendo os jovens como tema de investigação, com o papel de responder aos instrumentos sobre suas opiniões acerca das drogas e de sua oferta, ora como multiplicadores de programas por eles elaborados. Estes resultados demonstram que os programas são elaborados partindo da perspectiva dos pesquisadores, e não da realidade social dos jovens. Nestes estudos a mídia é tomada como um veículo para transmitir os programas de prevenção, e não um meio que proporciona realizar programas com participação dos jovens.

Nenhum dos 33 estudos incluídos origina-se do Brasil, o que indica que no país a participação dos jovens em programas de educação/prevenção sobre drogas na mídia não é explorada.

Após a revisão da literatura, elaborou-se os seguintes questionamentos:

1. Quais são as críticas que os jovens fariam sobre consumo de drogas?
2. Quais são os temas e objetos que os jovens tornariam disponíveis na mídia sobre o consumo, incluindo o consumo de drogas? Ou que discursos comporiam a comunicação midiática?
3. Quais são as características desse discurso que se relacionam com a classe social a que pertencem e ao contexto em que vivem? Ou como os jovens identificam sua problemática social na comunicação midiática?
4. De que maneira a mídia como forma de comunicação atua na percepção e interpretação do jovem sobre o seu espaço geossocial?
5. Como os discursos midiáticos podem ser organizados a fim de que o jovem (produtor/receptor) possa ter uma visão mais próxima de sua realidade?

6. Como possibilitar a participação ativa e crítica dos jovens na construção do conhecimento sobre a realidade e do consumo de drogas?
7. O que a participação/interação dos jovens possibilita na construção do conhecimento sobre produção, distribuição e consumo de drogas?
8. Como a participação dos jovens na produção da comunicação midiáticas poderão ajudar a modificar os discursos hegemônicos produzidos? Por que a plataforma rádio comunitária e *radioweb* se tornam potencialmente interessantes para a educação sobre drogas?

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A união da realidade com o conhecimento científico

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

2.1. A SAÚDE COLETIVA

Partiu-se da epistemologia marxista como base para a produção de conhecimento no campo da saúde coletiva, um campo interdisciplinar que recorre as ciências sociais para compreender e estudar os diferentes perfis epidemiológicos das diferentes classes sociais.

Classe social é:

Um conjunto de indivíduos que compartilham o mesmo modo de vida, interesses e oposição a outras classes sociais, aspectos derivados da atividade fixada pela divisão social do trabalho, que, por sua vez, é determinada pelas relações de produção dominantes. No caso do capitalismo, as diversas classes sociais existentes estão intimamente ligadas ao processo de divisão social do trabalho gerado pelas relações de produção capitalistas (Viana, 2012, p.145).

As diferentes classes sociais se diferenciam em sua reprodução social que é composta por dois momentos: formas de trabalhar - como expressão do momento de produção social, formas de viver - como expressão do momento de consumo (Viana, Soares, Campos, 2013; Trapé, 2011). Nesta perspectiva, a reprodução social diz respeito ao conjunto das relações sociais e condições materiais do modo de produção (Marx, Engels, 2007; Viana, Soares, Campos, 2013).

Na vertente marxista de produção do conhecimento, o quadro teórico geral é composto por conceitos que se estruturam a partir da realidade, e permitem compreender os elementos que sustentam as formações sociais e as dinâmicas que conduzem às transformações sociais (Soares, Campos, Yonekura, 2013).

A partir desse quadro teórico geral, a saúde coletiva concebe que o processo saúde-doença é histórico e determinado socialmente e manifesta-se na reprodução social dos que compõe o mesmo grupo construído em função de suas características sociais, estando subordinados pelas relações das forças dominantes que o determina,

considerando inclusive, a heterogeneidade no interior de um mesmo grupo social, apesar das semelhanças geracionais, porque as desigualdades se manifestam em condições de vida diferentes em cada região (Viana, 2012). O processo saúde-doença advém dos desgastes e fortalecimentos que incidem sobre os indivíduos (Viana, Soares, Campos, 2013).

Para ampliar a compreensão do processo saúde-doença é necessário considerar a totalidade das relações sociais (Viana, Soares, Campos, 2013) e os processos globais da sociedade e as suas contradições (Santos, Soares, Campos, 2010), a fim de trazer à tona os processos de determinação, que dizem respeito a como cada indivíduo se insere na produção e no consumo (Soares et al., 2011).

Para apreender as manifestações desiguais do processo saúde-doença, a saúde coletiva recorre à Epidemiologia Crítica, que utiliza ferramentas capazes de mostrar os diferentes perfis epidemiológicos das famílias, mesmo que elas estejam vivendo no mesmo micro espaço geossocial. Por perfil epidemiológico entende-se o conjunto dos determinantes, e os respectivos desgastes e fortalecimentos a eles associados, que incidem no corpo biopsíquico dos indivíduos que fazem parte de um grupo social, com características semelhantes de trabalho e vida (Trapé, 2011).

Assim sendo, a finalidade de apreender as manifestações desiguais do processo saúde-doença é expandir as práticas de cuidados em saúde para além das necessidades biológicas (Soares, 2007).

Em vista das concepções expostas, a saúde coletiva busca construir um arcabouço teórico-metodológico para a prática educativa em saúde dado que a educação em saúde vigente é baseada nos modelos tradicionais e higienistas e em métodos autoritários (Soares, 2007).

2.1.1 A educação proposta pela saúde coletiva

A classe dominante, aquela que detém os meios de produção, busca criar homens e mulheres “a sua imagem e semelhança” tentando sua perpetuação (Marx, Engels, 2012, p.49). Recorre à educação formal e informal para disseminar seus

ideais, esperando que o proletariado internalize os elementos da sociedade capitalista como inquestionáveis e perpetue a reprodução do sistema capitalista (Mészáros, 2005).

Além da educação, a classe dominante recorre também à comunicação, aos meios tecnológicos de comunicação e informação, entre outros recursos, transmitindo mensagens baseadas em seus ideais (Viana, 2007). No entanto, os indivíduos experimentam as mensagens baseados em suas práticas compartilhadas na cotidianidade de suas relações sociais (Straubhaar, 2013; Lopes, 1996). Geralmente, as mensagens transmitidas não atingem a todos os indivíduos da mesma forma, elas são decodificadas de maneira diferentes pelos indivíduos (Costa, 2012).

A saúde coletiva propõe que o processo educativo tome como tema de partida a realidade de saúde e social (Soares, 2007). Como o processo educativo é o encontro entre vários tipos de conhecimento, os participantes devem ser chamados a trazer suas experiências. Espera-se que o processo educativo leve à crítica e que a politização da realidade conduza ao engajamento na luta contra as contradições sociais.

O desafio que se coloca à educação é o de acionar mecanismos para que os jovens desenvolvam habilidades de percepção e compreensão da realidade que os circunda, e de suas relações com ela, não como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação. Para tanto, é preciso que os jovens sejam chamados a participar (Soares, 2007).

O ponto de partida para a compreensão da realidade é a contextualização da prática social, comum para o educador e para o educando (Freire, 2011; Saviani, 2003). Para contextualizar a realidade se faz necessário abrir espaço de diálogo para que os jovens tomem a palavra e tragam à luz os problemas que os afligem. A oferta desse espaço quebra a cultura do silêncio a que estão constantemente submetidos (Freire, 2011).

Ao contrapor-se à educação bancária e mecanicista no qual o indivíduo é um receptáculo aberto pronto para ser preenchido, com os conteúdos que o educador acha importantes (Freire, 2011; Freire, 2011b) e, abrir espaços para um novo modo de comunicação, discutindo com os jovens de um determinado grupo social o que lhes

é de interesse, inicia-se o processo de rompimento com a educação proposta da classe dominante. Nesse sentido, o aprender deixa de ser extensão do conhecimento para tornar-se construção do conhecimento e, o educador passa a ser educado, assim como, desvelam os antagonismos da sociedade e, propõe práxis criativas e transformadoras (Freire, 2011a).

Cabe ao educador reconhecer e problematizar os discursos dos educandos, a fim de que reflitam as contradições expostas nos discursos e nas práticas sociais, muitas vezes pautadas nos padrões discursivos da classe dominante. Nesse percurso, a historicidade do jovem passa a fazer parte de sua educação. Esse processo só é possível através da educação fundamentada na perspectiva dialética, a qual toma como referência o saber produzido histórico e coletivamente pelos homens (Soares, 2007).

Neste trabalho, tomou-se em consideração ainda os ensinamentos de Edgar Morin, que propõe o exercício do pensamento complexo para dialogar e negociar com o real. Para o autor é importante o conhecimento do todo para chegar às partes, pois um pensamento mutilante conduz a ações mutilantes (Morin, 2011).

Na sociedade capitalista a educação também é uma mercadoria, e como já expresse anteriormente, a classe dominante oferece os elementos da educação (Marx, Engels, 2012; Saviani, 2005), submetendo as demais classes aos valores capitalistas e mercantis, e procurando obscurecer as diferenças entre as classes sociais.

Marx e Engels (2012, p. 55) destacaram que:

A burguesia mesma, portanto, fornece ao proletariado os elementos de sua própria educação, isto é, as armas contra si mesma [...]. Também fornecem ao proletário uma massa de elementos de educação.

No entanto, o modo de produção da vida material das diferentes classes sociais condiciona seu processo social e sua subsistência (Marx, Engels, 2012), trazendo a luz às contradições do capitalismo.

Reconhece-se que as escolhas dos profissionais por suas concepções e análises dependem de suas convicções e, para um problema complexo como o consumo de drogas em uma sociedade de diferentes classes sociais, pesquisadores da saúde coletiva vem escolhendo a Pedagogia-Histórico Crítica (PHC), que está embasada no marxismo e busca romper com a lógica do capital e da internalização dos valores dominantes na educação (Saviani, 2005; Mészáros, 2005, Soares, 2007).

O processo de aprendizado na PHC emerge do saber produzido socialmente e dos elementos culturais que precisam ser socializados, pois a tendência na sociedade capitalista é privatizar o conhecimento, oferecendo o mínimo à classe trabalhadora, especialmente às frações de classe que ficaram encarregadas da parcela manual do trabalho. Cabe à PHC dominar os instrumentos para a elaboração do saber, a fim de instrumentalizar os jovens (Saviani, 2005).

A educação é um trabalho não material, mas que se exerce com base em um suporte material; a ação educativa desenvolve-se a partir de condições materiais que oferece condições para a prática. Portanto, na PHC não se pode limitar a prática a partir, exclusivamente, das teorias (Saviani, 2005). Uma prática pode ser transformada à medida que existe a necessidade de sua transformação e que haja uma teoria “como filosofia a serviço da transformação efetiva, real, do mundo, situando, assim a práxis [...] como finalidade da teoria” (Vásquez, 1977, p.206). Para tanto, se faz necessário prática que dialogue com a teoria unificando-se nas práxis (Saviani, 2005). “Chamamos de práxis a atividade prática material, adequada as finalidades, que transforma o mundo – natural e humano [...]” (Vásquez, 1977, p.204).

O materialismo histórico-dialético como fundamento para a ação educativa impõe que se observem as contradições entre as partes e o todo da sociedade e requer a participação dos indivíduos com a finalidade de transformar as práxis sociais (Almeida, Trapé, Soares, 2013). Além disso, é necessário superar a ideia de que os jovens são indivíduos ameaçadores, perigosos e influenciáveis que precisam ser socializados e integrados à sociedade. Os jovens, como outros indivíduos da sociedade, constituem sujeitos de direitos sociais e devem se envolver em decisões que digam respeito a sua vida e ao seu futuro (Boghossian, Minayo, 2009).

A saúde coletiva propõe neste estudo, a partir dos ensinamentos da educação histórico-crítica, que também os meios tecnológicos de comunicação e informação levem em consideração os contextos sociais e os interesses dos indivíduos com quem se deseja dialogar (Soares, 2007; Oliveira, Soares, 2013). A dimensão comunicacional em saúde deve também proporcionar interação entre produtor/receptor das mensagens a serem transmitidas pela mídia, provocando crítica e politização.

2.2 COMUNICAÇÃO

A comunicação é uma relação social (Viana, 2007) e a linguagem uma instituição (Braga, 2010), considerando que instituição é:

Todo conjunto de regras compartilhadas socialmente (instituídas), mais ou menos estáveis, que organizam os processos sociais (atividades, comportamentos, valores, circulação das ideias, encaminhamentos práticos, etc.) segundo determinadas 'lógicas locais' constituídas no processo mesmo de institucionalização, e que viabilizam interações sociais em seu âmbito (Braga, 2010, p.43).

As instituições são os contextos mais amplos onde ocorre a comunicação, e são elas que acionam a linguagem para a interação social. Assim, “as instituições são já, *per se*, uma espécie de ‘linguagem social’, ao se colocarem como modos de ação na e da sociedade – como âmbitos operadores de interação” (Braga, 2010, p.44). No cotidiano, a linguagem se coloca como um recurso cognitivo para que os homens interajam entre si, e possui regras e normas estabelecidas (Braga, 2010). Dessa forma, a comunicação deve ser analisada a partir de seu contexto de produção.

Braga (2012a) refere que é por meio das informações, sinais, interpretação, entendimento, mensagens e produtos que a comunicação se reproduz nas práticas e interações sociais; e pelo acelerado desenvolvimento da mídia de comunicação técnica – “aquela que usamos para expandir nossas capacidades de comunicação para além do aqui e agora” (Hepp, 2014, p. 46), a comunicação vem assumindo importância crescente na sociedade, adotando o modo de comunicação capitalista, que busca transformar tudo em mercadoria (Viana, 2007). Além disso, tem recorrido

aos “fenômenos comunicacionais enquanto constituidores de regras institucionais através das estratégias que produzem” (Braga, 2010, p. 43). Todavia,

O que é reconhecido como ‘instituição’ é tomado frequentemente por seus aspectos *formalizados* (por codificação ou por longa prática) – âmbito em que as regras são dadas como estabelecidas. [...] a observação desse nível institucional seria pouco promissora – estamos interessados em processos de gênese de sentido, e não nos sentidos já sancionados e longamente estabelecidos (Braga, 2010, p. 49).

Há tempos, os pesquisadores estudam os meios de comunicação e informação e, entre os países da América Latina, a Escola de Frankfurt é tomada comumente como base teórica obrigatória (Martín-Barbero, 2013).

Viana (2007) elaborou críticas à base metodológica e conceitual dos pesquisadores clássicos da Escola de Frankfurt, principalmente Theodor Adorno e Max Horkheimer, que compuseram a primeira geração dessa escola, juntamente com outros pesquisadores. O autor critica a utilização dos termos “indústria cultural”, “meios de comunicação de massa”, “*mass media*” utilizados pelos pesquisadores da Escola de Frankfurt. Para o pesquisador, os *frankfurtianos* da primeira geração, em suas críticas à comunicação, adotaram como foco de atenção em suas análises, os meios tecnológicos de comunicação e informação e não o modo de comunicação do discurso ideológico. Ademais, homogeneizaram os meios tecnológicos de comunicação e informação, a saber: as lógicas dos meios e o modo de comunicação (Viana, 2007).

Os *frankfurtianos* da primeira geração buscaram a abordagem marxista para formularem suas teorias, todavia, em suas análises não utilizaram corretamente o método dialético. Eles preocupavam-se em demasia com a homogeneização da cultura e para a formulação do constructo “massa” não consideraram a heterogeneidade das classes sociais. Nessa lógica, tomaram os indivíduos como uma massa homogênea, vazios e sem crítica, e a comunicação de massa como um meio para homogeneizar o pensamento humano (Viana, 2007).

Viana propõe a superação da ideologia da indústria cultural da Escola de Frankfurt, que expressava uma crítica limitada do capitalismo de sua época; os pontos críticos da análise foram não partir da visão de mundo dos proletariados, a falta da

percepção do potencial revolucionário dos proletariados e a exclusão da totalidade social em suas análises, uma vez que não consideraram a subordinação e exploração dos proletariados dos países capitalistas do terceiro mundo pelos países imperialistas. Viana salienta a inadequação do termo indústria (empresa) cultural e propõe a utilização do termo capital - capital comunicacional (Viana, 2007).

A partir da lógica marxista, Viana (2007) considera a comunicação uma relação social, um processo de interação entre os indivíduos em condições iguais e constituída socialmente. Relembra que, na sociedade capitalista, os setores de comunicação estão sob o controle de conglomerados de comunicações globais (oligopólios) e empresas estatais. Os meios tecnológicos de comunicação e informação reproduzem o modo de comunicação capitalista, que tende a ser autoritário e vertical. Ademais, a regularização da comunicação é realizada pelo Estado (Viana, 2007).

Além de o Estado regularizar a comunicação, ele possui seus próprios meios tecnológicos de comunicação e informação. Estado é o conjunto das instituições políticas onde estão as máximas forças de uma determinada sociedade. O Estado é o Estado da classe dominante (Marx, Engels, 2007).

O Estado realiza a função de controle e manutenção da hegemonia, divulgando as ideologias da classe dominante e recorrendo às legislações para criar obstáculos para o estabelecimento de pequenos setores de comunicação, e priorizando políticas hegemônicas, exercendo influências persuasivas, principalmente em épocas eleitorais. Os objetivos dessa comunicação são: ampliar o mercado consumidor, padronizar os indivíduos e produzir necessidades alienadas; além de produção cultural pautada nos valores dominantes, marginalizando produções fora dos valores hegemônicos (Viana, 2007).

Ainda que o modo de comunicação capitalista almeje homogeneizar as ideias e a cultura, as mensagens transmitidas são compreendidas pelo indivíduo de acordo com a sua percepção. Não há, portanto, determinismo do capital comunicacional, e as mensagens não são estabilizadoras da sociedade, mas são reprodutoras das desigualdades sociais, podendo reproduzir as lutas de classes (Viana, 2007).

Viana (2007) sublinha a necessidade de socialização dos meios tecnológicos de comunicação e informação, a fim de que passem para a autogestão da classe

trabalhadora, abolindo-se o capital comunicacional dominante. Viana advoga que seja estabelecido um novo modo de comunicação, o que fundamenta a proposta desenvolvida nesta investigação.

Cabe lembrar o que Jacob Gorender aponta na introdução do livro *A ideologia Alemã*, de Marx e Engels:

[...] isto significa que o proletariado [é a] classe capaz de se libertar da ilusão ideológica em geral e alcançar a visão objetiva correta da história humana e da sociedade existente (Marx, Engels, p. XXIII).

2.2.1 Comunicação emancipatória

Na América Latina, na década de 1960, a comunidade eclesiástica questionou a dominação dos meios tecnológicos de comunicação pelas empresas hegemônicas. A partir deste questionamento buscou galgar outro modo de comunicação midiática. O núcleo da preocupação da comunidade eclesiástica era desenvolver um modo de comunicação com os indivíduos e não para os indivíduos, buscando veicular comunicação baseada na própria realidade social. O apogeu desse raciocínio ocorreu em 1980 (Aranha, 2010).

O movimento da comunidade eclesiástica buscou criar novas teorias e novas formas de comunicação baseadas na própria realidade social, política e econômica; não importando teorias prontas da Europa e dos Estados Unidos para a realidade da América Latina (Aranha, 2010).

Neste ínterim houve mudança no foco teórico da comunicação - dos meios às mediações (Lopez, 1996).

Os termos advindos do período de 1980 no Brasil e na América Latina referentes à comunicação com os indivíduos e não para os indivíduos são: comunicação popular, comunicação comunitária, comunicação popular e comunitária, comunicação horizontal e comunicação dialógica. Perpassa entre todos os termos o protagonismo social dos trabalhadores por sua emancipação social, o rompimento com a comunicação hegemônica e a justiça social (Aranha, 2010; Peruzzo, 2009). O

contexto da época era de percepção social da exploração capitalista da América Latina nas décadas de 1960 e 1970 e do papel primordial dos movimentos sociais utilizando clandestinamente a comunicação não hegemônica (Aranha, 2010).

Os grupos sociais possuem os próprios meios tecnológicos de comunicação ou aproveitam as brechas da comunicação dominante (Aranha, 2010). Falamos de brechas no sentido alternativo de substituição dos meios oligopolistas e estatais, isto porque a “comunicação para a mudança social” só é possível com a participação social e com os indivíduos definindo as pautas sobre o que querem dialogar, de forma a ter um produto próprio (Parks et al., 2008, p.1161; Viana, 2007).

A linguagem e o pensamento são resultantes das condições históricas e sociais (Zago, 2013), e as instituições estabelecem regras sob as quais as relações sociais acontecem (Braga, 2010). As instituições são criadas pelas ações humanas (Zago, 2013) e não pelo imaginário social e se modificam paulatinamente por meio de negociações, no que lhe traz mais sentido (Braga, 2010).

[...] a linguagem é a consciência real, prática, [...] e, exatamente como a consciência, a linguagem só aparece com a carência, com a necessidade dos intercâmbios com os outros homens. Onde existe uma relação, ela existe [...] a consciência da necessidade de entrar em contato com os indivíduos que o cercam marca, para o homem, o começo da consciência do fato de que, afinal, ele vive em sociedade (Marx, Engels, 2007, p.25).

A linguagem, os signos e os seus significados são essenciais para a comunicação, sendo necessário quebrar as assimetrias simbólicas e sociais. Os signos devem ser comuns ao quadro de referência dos outros indivíduos, os quais devem ligar os mesmos objetos ao mesmo signo ou às mesmas representações (Bodernave, 1994), para que a comunicação seja decodificada e produza sentido à sua realidade (Braga, 2010).

“Se não há este acordo em torno dos signos como expressões do objeto significado, não pode haver compreensão entre os indivíduos, o que impossibilita a comunicação” (Freire, 2011a, p. 89).

Portanto, a comunicação necessita afinar-se com a realidade e conhecer “as condições estruturais em que o pensar e a linguagem [...], dialeticamente, se constituem” (Freire, 2011, p.121).

Para conhecer a realidade é essencial quebrar o silêncio da classe trabalhadora e, no processo comunicativo, ela não deve ser tomada como mero objeto para uma ação, com prescrições prontas da classe dominante, manipulando-a, pois, a manipulação é a negação do homem como indivíduo consciente (Freire, 2011a). As decisões prontas são inoperantes no sentido de transformação se não nasceram da análise crítica da realidade (Freire, 2011b).

No processo comunicativo leva-se em consideração a cultura. O conceito de cultura para o marxismo é histórico e depende das condições materiais de existência dos indivíduos (Chauí, 2006). Cada cultura apresenta a maneira como se definem a propriedade e a divisão social do trabalho, e como as instituições se organizam socialmente e politicamente para garantir a continuidade das divisões sociais e as ideias dominantes, a fim de que cada classe social justifique a si mesma sua reprodução social (Chauí, 2006).

A comunicação como instituição social, em conjunto com as demais instituições, faz parte de todo processo social e viabiliza ajustar ideias ou percepções em princípios diferenciados, a fim de que as transformações possam acontecer (Braga, 2010).

Há um elo entre comunicação e participação. Participantes de um grupo podem perceber os objetivos do grupo como sendo próprios, entretanto, a interação entre os indivíduos só é possível se houver diálogo e interesse entre as partes de igualar-se (Bodernave, 1994).

À medida que o homem amplia sua consciência sobre a realidade, amplia sua possibilidade de participação, amplia a possibilidade de poder de decisão. No entanto, para que isso aconteça é necessário que se disponibilize os verdadeiros espaços de participação (Freire, 2011b).

A participação pode ser tanto face a face, como por meio dos novos meios tecnológicos de comunicação e informação, a fim de produzir e difundir conhecimento

e fortalecer os participantes para se expressarem. Vale destacar que os meios tecnológicos de comunicação interacional foram criados no âmbito das instituições sociais hegemônicas e funcionam segundo sua lógica. Os indivíduos usuários seguem suas normas, códigos e regras preestabelecidas, e como tais, condicionam a interação (Braga, 2010), e como já destacado, na comunicação que emancipa se está interessado em processos de gênese de sentido, e não nos sentidos já sancionados e longamente estabelecidos (Braga, 2010).

Neste trabalho, se está chamando de comunicação emancipatória toda a comunicação que passa por efetiva participação e que se relaciona com resultados de processos educativos.

2.2.1.1 Midiatização das práticas comunicativas emancipatórias

Em vista da expansão dos meios tecnológicos de comunicação e informação, vários estudos vêm sendo realizados a fim de expandir o campo teórico da comunicação, buscando entender sua presença na vida cotidiana (Trindade, Perez, 2014). Os termos mais utilizados no cenário nacional e internacional são: mediação e midiatização.

Neste trabalho, parte-se da concepção de que se o produto da comunicação midiatizada for proveniente de processo educativo e comunicativo emancipatório, a midiatização poderá acarretar novas práticas comunicativas cotidianas e despertar os jovens para a participação social e para práxis transformadoras.

No marxismo mediação refere-se ao estabelecimento de conexões por meio de algum intermediário (Bottomore, 2001). No sentido mais amplo, mediação é um processo em que um elemento (mediador) é intercalado entre os indivíduos e suas ações. Isto é, mediação é sobretudo interacional, comunicacional. Na epistemologia (teoria do conhecimento) mediação é a relação do homem com a sua realidade social. A ideia da mediação é que nossa visão da realidade é sempre intermediada por nossas formas de reprodução social, que são históricas e determinadas (Braga, 2012).

Na mídia de comunicação técnica os produtores das mensagens possuem suas lógicas e, com elas, medeiam a realidade; mas os receptores são dotados de competência para analisar os produtos e apreender aquilo que lhes traz sentido. Perde-se a ideia do receptor como um indivíduo passivo (Braga, 2012; Fausto Neto, 2010). A mediação é realizada a partir da cotidianidade, classe social, entre outros (Lopes, 1996). No processo da recepção, a mediação deve ser apreendida como:

processo estruturante que configura e reconfigura tanto a interação dos membros [...] com os Meios, quanto a criação por parte deles do sentido dessa interação. [...] A recepção é um processo e não um momento, isto é, ela antecede o ato de usar um Meio e prossegue a ele. [...]. Pode-se afirmar que os sentidos e os significados últimos de uma mensagem são produto de diversas mediações. Por um lado, isto significa que o processo de comunicação não se conclui com a sua transmissão, senão que propriamente aí se inicia. Por outro lado, isso não implica a ausência de uma intencionalidade global, política e econômica concreta, que se inscreve no discurso social hegemônico (Lopes, 1996, p. 44).

Assim sendo, midiatização centra-se no uso da mídia nas práticas comunicativas cotidianas e interações pontuais, mas também, concentra-se nas transformações das interações sociais e nas mudanças nos padrões das interações sociais proporcionadas (Hjarvard, 2014).

Hjarvard (2012) chama atenção para não confundirmos o conceito de mediação com o de midiatização. Para isso deu um exemplo de mediação: um político pode decidir utilizar um meio tecnológico de comunicação e informação, que pode ser um blog ou rádio, acarretando mudança na forma e conteúdo da mensagem, de acordo com o meio tecnológico utilizado, mudando também a relação entre o político e o seu eleitorado. Assim, Hjarvard define mediação como o ato da comunicação através de um meio tecnológico em um determinado contexto social.

Entretanto, a escolha do meio tecnológico de comunicação e informação não mudará a política enquanto instituição social. A política pode ser alterada, em longo prazo, devido aos modos de interações que poderão ser alterados pela influência dos meios tecnológicos de comunicação e informação, isto é, midiatização. Logo, as mudanças proporcionadas na comunicação pela influência da mídia na cotidianidade e nos vários fenômenos da vida social trouxeram à luz, o conceito de midiatização. Andreas Hepp (2014, p.47) conclui:

[...] podemos dizer que esses dois conceitos descrevem algo diferente: a *mediação* é o conceito para teorizar o processo de comunicação como um todo; *midiatização*, diferentemente, é um termo mais específico para teorizar a mudança relacionada à mídia.

Hepp (2014) destacou duas tradições de pesquisas e suas formas de teorizar a midiatização: a tradição institucionalista e a tradição socioconstrutivista.

A tradição institucionalista de midiatização está interessada na mídia de massa; concebe a mídia, mais ou menos, como uma instituição independente que possui suas próprias regras, ou seja, a “lógica da mídia” influencia a sociedade. A primeira pergunta realizada sobre os meios tecnológicos de comunicação era “de que maneira a mídia como ‘forma de comunicação’ transforma nossa percepção e interpretação do social” (Hepp, 2014, p.47). Dessa forma se interessava pela mídia como uma instituição sozinha e como uma instituição que influencia as demais.

Hjarvard (2014; 2012) advém da tradição institucionalista de midiatização. Nesta tradição, a mídia assume duas características: a primeira é sua institucionalização dentro de outras instituições sociais; a segunda é o seu papel adquirido como uma instituição social em si mesma. A teorização que se faz sobre midiatização, nessa tradição, é a “influência da mídia em mudanças estruturais na cultura e na sociedade” (Hjarvard, 2014, p. 24). Nesta perspectiva, três dimensões de midiatização são consideradas: a primeira dimensão diz respeito à mudança estrutural em longo prazo da relação da mídia com a sociedade e com a cultura, instaurando novas formas de interação social; a segunda dimensão - a teoria da midiatização é de médio alcance e concentra-se dentro de um contexto institucional específico. Ela oferece suporte para outras teorias de médio alcance; a terceira dimensão - é a interdependência entre mídia, sociedade e cultura (Hjarvard, 2014).

Hjarvard (2012; 2014) concebe que a midiatização possui dois aspectos: um é sua intervenção nas interações sociais nas diferentes instituições sociais. O outro é a sua semi-autonomia enquanto instituição, estabelecendo lógica própria (lógica da mídia). Assim, podemos dizer que a mídia é um meio para a interação social, e pode acarretar mudanças na forma dessa interação devido a sua influência. No entanto, a própria mídia também é alterada pelas interferências das práticas sociais, estando a midiatização, na perspectiva institucional, interessada em descobrir como a mídia altera as interações sociais, e como as interações sociais altera a mídia.

Hjarvard (2014) chama atenção para o fato de as instituições se constituírem por recursos e regras mentais para a interação social e como produtoras de sentido para a interação social. Entende-se por regras os procedimentos que dirigem as práticas sociais, as quais podem ser formais ou informais, e recursos como as infraestruturas para a reprodução social que podem ser materiais ou simbólicas. As regras e os recursos se unem na realidade social (Viana, 2008).

Os recursos e regras não são determinantes para os indivíduos e/ou instituições, podem inclusive servir para a busca de saídas alternativas. Os meios de comunicação podem estar dentro e fora da ação dos indivíduos, em vários momentos de sua reprodução social, influenciando e sendo influenciados, tanto pelos grupos sociais quanto pelas demais instituições sociais (Hjarvard, 2014). Todavia, Hjarvard (2014) não desconsidera que o resultado da influência da mídia advém da intersecção de outras lógicas e instituições, pois a sociedade é regida por várias instituições, com lógicas heterogêneas e, geralmente, contraditórias. Portanto, a influência da mídia dependerá da consciência dos indivíduos sobre sua realidade e de sua reprodução social na sociedade capitalista.

Hjarvard (2012) ressalta duas formas de mediatização – a direta e a indireta. A forma direta refere-se à “transformação da prática cultural”, isto é, uma ação que não utilizava um meio tecnológico de comunicação e informação para ser realizado e passa a utilizar; por exemplo: jogar xadrez passou do tabuleiro para o computador. Antes era necessária a presença física dos jogadores. Hoje, tudo permaneceu igual quanto às aparências dos jogos, mas os jogadores não necessitam estar presentes em volta da mesa. Outro exemplo de mediatização direta foram os rolezinhos organizados pelos jovens, que recorreram à mídia para se organizarem e saírem para as ruas. Antes a organização ocorria nos encontros face a face (Grohmann, Figaro, 2014).

A forma indireta de mediatização refere-se à nossa exposição às práticas comunicativas em diversos ambientes, como por exemplo, quando vamos ao Mc Donalds. Naquele ambiente não seremos expostos apenas aos alimentos, mas submetidos a uma série de práticas comunicacionais adicionais que, poderiam ou não, ser do nosso interesse como, filmes e outros motivos, além de outras pessoas como nós.

A outra tradição, de acordo com a classificação de Hepp (2014), é a tradição socioconstrutivista da midiatização. Ela refere-se a um conjunto de meios tecnológicos de comunicação e informação que integram o processo de construção comunicativa da realidade, e busca compreender como esse processo se manifesta no meio midiático e, quais suas consequências para a vida social (Hepp, 2014). A visão socioconstrutivista está mais voltada para a midiatização da vida cotidiana. Assim, nos diz Hepp (2014, p.47):

Enquanto a tradição institucional tem, até recentemente, estado interessada principalmente na mídia tradicional de massa, cuja influência é descrita como uma lógica de mídia, a tradição socioconstrutivista está mais voltada às práticas de comunicação cotidianas – especialmente aquelas relacionadas à mídia digital e à comunicação pessoal e enfoca a construção comunicativa em transformação da cultura e da sociedade.

A tradição socioconstrutivista traz a utilização cada vez maior da mídia na sociedade, as alterações nas formas comunicativas e as transformações das práticas comunicativas cotidianas. Essa tradição busca compreender como as alterações das práticas comunicativas se relacionam com a constituição da realidade comunicativa em transformação. Hepp (2014) advoga que ao se propor analisar essa mudança na sociedade, não se deve fazer isoladamente, os grupos e contextos sociais devem ser considerados e devem ser descritos de forma concreta.

A tradição socioconstrutivista é a base dos investigadores brasileiros para as pesquisas de midiatização (Trindade, Perez, 2014). Braga advém da tradição socioconstrutivista, e o que lhe chama atenção na midiatização é a possibilidade da midiatização construir realidades. É evidente que as sociedades se constroem diferentes, apostando no que é mais significativo e hegemônico. Além disso, a sociedade produz os próprios meios para que as interações ocorram (Braga, 2006).

O processo de midiatização ainda não se completou, mas caminha para se tornar um processo de interação dominante. Tal processo está incompleto por diversos fatores: falta de conhecimento para a participação na interação em longo prazo, falta de acesso aos meios tecnológicos de comunicação e a potencialidade da midiatização diferir da realidade, uma vez que o processo interacional é limitante para falar da realidade (Braga, 2006).

Para o processo de midiatização se completar, ele deve gerar “modos sustentáveis, relevantes, flexíveis, produtivos e generalizados de socialização” (Braga, 2006, p.13). Conceber a midiatização como um processo de interação em vias de tornar-se dominante, não significa tomar a mídia, enquanto veículo de comunicação, mas significa apreender o que a mídia representa para a sociedade enquanto instituição com suas próprias linguagens (Braga, 2010).

Fausto Neto (2010) é outro representante da midiatização socioconstrutivista no Brasil. Assim como os demais pesquisadores, Fausto Neto faz a crítica à indústria cultural que tomava os receptores como uma massa homogênea e a mídia de comunicação técnica disposta para realizar suas prescrições prontas e acabadas, isto é uma mídia prescritiva. Hoje, o fato das mídias interativas abrirem espaço para interação, unindo produtores e receptores das mensagens, o produto comunicacional circulado é resultado das interações, possibilitando que as mensagens em circulação deem mais sentido aos grupos que estão colocando-as para circular.

Fausto Neto (2010) destaca que os receptores, e as pesquisas a respeito deles, foram considerados de diversas formas pelos produtores midiáticos. A primeira consideração diz respeito ao momento em que a mídia ditava as regras e os indivíduos seguiam suas prescrições. Ao receptor não cabia nenhum questionamento a não ser submeter ao que lhe era prescrito, conforme apresentado anteriormente. A segunda consideração diz respeito ao momento da “sociedade dos meios”, quando se considerava-se que nas mediações, há uma “zona de contato” entre o produtor e o receptor (Fausto Neto, 2010, p.62). O momento da terceira consideração está se iniciando, momento da “sociedade em via de midiatização” em que o produtor e receptor se encontram e colocam para circular o que lhe dá mais sentido. O interesse do pesquisador é conhecer quais dos aspectos das mensagens são colocados para circular (Fausto Neto, 2010, p. 58).

A interação entre produtor/receptor concebe a comunicação como uma questão relacional, “não se trata da supressão dos lugares de produção e da recepção de discursos, mas de sua subordinação à configuração de novos regimes de discursividades nos quais o discurso está preso” (Fausto Neto, 2010, p.60).

Andreas Hepp concluiu que as duas vertentes de midiaticização, a da institucionalização e a socioconstrutivista, se abriram uma à outra. Pesquisadores da vertente “institucionalização” estão repensando o conceito “lógico da mídia” e os da vertente socioconstrutivista, considerando a institucionalização da midiaticização. A convergência é possível, pois:

[...] não há construção social de realidades que não envolvam instituições. Ademais, percebe-se que tais perspectivas vêm sendo amplamente aplicadas aos estudos da circulação da informação [...] e da presença dessa lógica midiática na vida política, econômica, religiosa e nas demais instituições sociais [...] (Trindade, Perez, 2014, p. 3111).

Levando em consideração essa abertura, Hepp definiu midiaticização como:

o conceito usado para analisar a inter-relação (de longo prazo) entre a mudança da mídia e da comunicação, por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade por outro, de uma maneira crítica (Hepp, 2014, p.51).

Com a integração, o termo midiaticização sugere aspectos qualitativos e quantitativos. Os aspectos quantitativos abordam a dependência e utilização cada vez maior dos indivíduos das mídias em seu cotidiano; os qualitativos referem-se à especificidade de cada mídia no processo de mudança sociocultural. Isto significa que, importa o tipo de mídia que utilizaremos em cada tipo de comunicação (Hepp, 2014).

Hepp (2014) atenta para a necessidade de alargar o conceito de midiaticização integrando os dois conceitos e os diversos meios tecnológicos de comunicação e informação. Para unir as duas tradições de midiaticização (institucionalista e socioconstrutivista) recorreu ao termo “*força de moldagem da mídia*”. O termo foi utilizado para salientar que, não se pode presumir um efeito geral da mídia, uma vez que, cada mídia molda a comunicação de maneiras diversas (Hepp, 2014, p. 51). Em vista disso, propõe o conceito “*mundos midiaticizados*” da vida cotidiana. Esses mundos, para o autor, podem ser “pequenos mundos da vida” ou “mundos sociais” que se articulam pela comunicação midiática; e permitem a investigação empírica (Hepp, 2014, p.53).

Para operacionalizar a investigação empírica da midiatização são destacados três aspectos dos mundos midiatizados: o primeiro aspecto diz que os *mundos midiatizados* possibilitam a comunicação para além do território da produção da comunicação, e são articulados e mediados por diversas redes de comunicações, possibilitando sua investigação em várias escalas; o segundo aspecto é a possibilidade que os *mundos midiatizados* oferecem de estudar empiricamente um enquadramento temático; o terceiro aspecto é que os mundos midiatizados são entrelaçados. Para tornar possível a pesquisa empírica dos *mundos midiatizados*, o autor considera que a vida cotidiana é permeada por diversos mundos sociais com homogeneidades e heterogeneidades e, muitas vezes, contraditórios (Hepp, 2014).

O desafio da midiatização é analisar a constituição da comunicação de certos *mundos midiatizados* ao longo de um conjunto de meios tecnológicos de comunicação e informação. Para isso, Hepp recorreu ao termo “configuração” como ferramenta conceitual, a fim de entender as teias de entrelaçamento socioculturais dos indivíduos do micro ao macro-social (Hepp, 2014, p.55). Utilizando o conceito configuração, Hepp cunha o conceito “configurações comunicativas” para destacar a utilização dos vários meios tecnológicos de comunicação em um enquadramento temático, orientando a ação comunicativa. Destaca que, as *configurações* são utilizadas por diversas instituições para diversas finalidades (Hepp, 2014, p. 56).

A fim de operacionalizar as pesquisas empíricas, Hepp dispõe que as *configurações comunicativas* consistem de quatro instâncias: a primeira é a impossibilidade de pesquisar a midiatização da sociedade como um todo, mas apenas parte dela. A segunda é o enquadramento temático; a terceira, as *formas de comunicação*, ou seja, as práticas comunicativas nas diferentes configurações comunicativas, isto é, os vários meios de comunicação e informação que podem incluir diversas formas de comunicação, e a quarta é o conjunto dos meios tecnológicos de comunicação e informação utilizados por cada *configuração comunicativa* e como flui a comunicação (Hepp, 2014), ou seja, a especificidade de cada mídia.

PRESSUPOSTOS, OBJETIVOS E FINALIDADES

Prossígo para o alvo.

Por um caminho que parece direito.

Erradicar o círculo da pobreza e o círculo da violência.

A fim de que o homem seja livre.

3 PRESSUPOSTOS, OBJETIVOS E FINALIDADES

3.1 PRESSUPOSTOS

A educação sobre drogas direcionada aos jovens, geralmente, é elaborada por profissionais, que recortam os jovens segundo gênero, idade, raça e nível de instrução. Raros são os programas educativos que consideram a classe social dos jovens com quem desejam dialogar. Os programas educativos são elaborados considerando os jovens como indivíduos influenciáveis e vulneráveis a situações de riscos e, nessa direção são dispensados de participar na elaboração destes programas.

Analisar o consumo de drogas sob a perspectiva da saúde coletiva significa partir da realidade social dos jovens para compreender as diversas dimensões que estão em jogo no processo do consumo atual de drogas e agir sobre elas através de políticas estatais e de transformações sociais mais amplas.

Para elaborar um programa de educação sobre drogas direcionada aos jovens pela mídia, pressupõe-se que a Pesquisa-ação emancipatória (PAE), desenvolvida através de oficinas que tem por base a pedagogia histórico-crítica, princípios pedagógicos de Paulo Freire e a comunicação emancipatória possibilitaria abrir espaços para a participação dos jovens e apreensão de suas representações cotidianas a respeito do consumo de drogas. O produto resultante desse processo é o ponto de partida para a construção do programa a ser midiaticizado com potencial de trazer à tona as contradições que se encontram na base dos problemas do consumo de drogas pelos jovens, e possibilita que as mensagens elaboradas façam sentido aos jovens do micro espaço geossocial em que suas relações de sociabilidade se estabelecem.

3.2 OBJETIVO GERAL

Desenvolver processo de seleção, organização, criação e midiatização de educação sobre o consumo de drogas, com a participação de jovens de um contexto particular, a partir de sua perspectiva, interesse e capacidade de ação.

3.2.1 Objetivos específicos

- Caracterizar os jovens participantes da pesquisa de acordo com a classe social a que pertencem;
- Compreender as representações cotidianas dos jovens sobre a realidade em que vivem;
- Produzir coletivamente conhecimento, proveniente do processo de reflexão sobre o tema, para subsidiar os conteúdos e estratégias de transmissão midiáticas.
- Observar o processo de participação, construção e divulgação do conhecimento na rádio comunitária e *radioweb*.
- Desenvolver modelo para a produção da comunicação emancipatória a respeito da educação sobre consumo de drogas a ser midiatizada, que contemple as perspectivas locais.

3.3 FINALIDADES

Este estudo tem por finalidade potencializar a midiatização voltada para educação e comunicação emancipatória sobre drogas direcionadas aos jovens; incentivar a análise crítica da realidade, instrumentalizando os jovens a compreendê-la através de ferramentas culturais que os fortaleçam na busca por soluções para os problemas que enfrentam; democratizar o acesso às tecnologias, a partir de usos alternativos, desmitificando-as e colocando-as a serviço dos jovens, e contrapor-se às

mensagens hegemônicas sobre drogas veiculadas pelos meios tecnológicos de comunicação e informação.

E primordialmente, incentivar os jovens a participar dos movimentos sociais e da formulação das políticas estatais e de transformações sociais mais amplas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Se não soubermos aonde queremos chegar,

Nem mesmo o vento pode nos ajudar.

(Autor desconhecido)

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo é uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa desenvolvida com a metodologia da pesquisa-ação (PA).

A saúde coletiva parte da epistemologia marxista, como fundamento para a produção de conhecimento em saúde e utiliza metodologias que possibilitam apreender a complexidade que envolve o fenômeno investigado, recorrendo a categorias de análise e ao método dialético (Soares et al., 2011a).

Dessa dimensão teórica advém a admissão de que não há neutralidade do pesquisador, o que por sua vez abre a possibilidade de escolha de metodologias críticas, com métodos participativos que integram o conhecimento pesquisador-participante da pesquisa (Soares, Cordeiro, Campos, 2013a).

A PA fundamenta-se no método dialético que busca relacionar os problemas cotidianos (micro contextos) com os aspectos da estrutura e dinâmica social mais ampla (macro contextos), o que constitui aspecto fundamental para a compreensão do consumo de drogas. Trata-se de um tipo de pesquisa que não se limita a uma ação, mas que estimula a reflexão a respeito do problema em estudo (Tripp, 2005; Soares, Cordeiro, Campos, 2013a; Cordeiro, Soares, Campos, 2013).

Optou-se pela pesquisa-ação emancipatória (PAE), uma derivação da PA, por ser um procedimento científico capaz de levar a cabo os objetivos da pedagogia histórico-crítica (Soares, Cordeiro, Campos, 2013a), de modo que os participantes da pesquisa fazem uma reflexão crítica-coletiva da realidade, com vistas à emancipação das condições a que são expostos (Saviani, 2003; Soares et al., 2009; Soares et al., 2011a).

A PAE incentiva a participação ativa do pesquisador e dos participantes da pesquisa, que mantém diálogo permanente sobre a realidade a fim de investigar o

tema da pesquisa – denominado de fase exploratória e empírica da pesquisa. Os resultados de cada encontro contribuem para organizar e nortear as discussões que são realizadas nos encontros sequenciais (Soares, Cordeiro, Campos, 2013a).

O pesquisador mantém papel ativo na reflexão sobre os problemas encontrados e na elucidação dos vários aspectos da situação, sem imposição unilateral de suas concepções, e participa da avaliação de todo o processo de investigação na pesquisa (Tripp, 2005; Soares, Cordeiro, Campos, 2013a).

A PAE é uma metodologia de investigação adequada para trabalhar em coletividades, grupos e instituições, de pequeno ou médio porte.

Neste trabalho, optou-se por trabalhar com grupos reduzidos de jovens, de um determinado espaço geossocial, estudantes de uma Escola Estadual de primeiro e segundo grau, a fim de contar com certa homogeneidade.

Considera-se que a ação de pequenos grupos deve permitir ampliar a experiência para além de seus realizadores, como forma de ampliar o debate sobre o consumo de drogas em nossa sociedade e particularmente no contexto estudado.

4.2 CAMPO DE ESTUDO

4.2.1 O local do estudo

A pesquisa foi realizada na cidade de São Paulo, no território de Guaianases. O município de São Paulo é dividido político-administrativamente em 31 subprefeituras. A subprefeitura de Guaianases é composta por dois distritos: Lajeado e Guaianases. Guaianases, território localizado na zona leste de São Paulo – SP, desde 1940 vem recebendo intensas migrações (PMSP, 2012). Trata-se de área densamente povoada.

O distrito de Guaianases apresenta as seguintes características demográficas:

Área geográfica total: 8,70 km²
População total: 103.996 habitantes
População de 0 a 9 anos: 16.384 habitantes
População de 10 a 14 anos: 9.930 habitantes
População de 15 a 19 anos: 9.570 habitantes
População de 20 a 29 anos: 19.510 habitantes
População de 30 a 59 anos: 40.448 habitantes
População com 60 anos ou mais: 8.154 habitantes.
Observatório Cidadão Nossa São Paulo (OCNSP), 2012

A escolha da região de Guaianases foi influenciada pelo fato de se constituir em espaço periférico, constituída de jovens, que percebem o futuro incerto (Moraes, 2009).

Em 2001 foi criado o plano de inclusão digital cuja finalidade é desenvolver habilidades e competências necessárias aos indivíduos para utilizar os computadores e a internet, sendo instaurados os telecentros. Os telecentros possuem aproximadamente 20 computadores, 75% dedicados à formação, diversos tipos de cursos são ministrados, e 25% são reservados para o uso livre dos cidadãos (PMSP, 2013). Atualmente, o município de São Paulo possui 359 (100%) telecentros e Guaianases possui 13 (3,62%) (OCNSP, 2013).

4.2.2 A Escola

Solicitou-se à escola a permissão para realizar a pesquisa e está assinou a Carta de solicitação de autorização para coleta de dados para a pesquisa, disponível no Apêndice A.

A escola está situada no distrito de Guaianases, São Paulo (SP), e iniciou suas atividades em 1977. Atualmente, atende a alunos do ensino fundamental, ensino médio e educação para jovens adultos. Tem como princípios básicos consolidar e aprofundar o conhecimento, em relação ao ensino fundamental e médio, desenvolver as potencialidades dos educandos para autorrealização do trabalho e exercício consciente da cidadania.

A escola tem a seguinte estrutura: é dividida em salas de aula, sala de professores, biblioteca, sala de informática, quadra coberta, refeitório, pátio, anfiteatro e parquinho. Os prédios externamente possuem pintura parcialmente preservada e em algumas paredes há produções dos alunos em grafite; no interior das salas de aula a estrutura e os objetos possuem sinais de desgaste, não há área verde, o parquinho só é acessível aos alunos mais novos, o pátio é amplo e todo coberto, a quadra é utilizada para as aulas de educação física e atividades escolares. No momento da coleta de dados, não havia funcionário responsável pela biblioteca e os alunos não possuíam livre acesso ao espaço. A sala de informática conta com aproximadamente 15 computadores e com uma monitora para auxílio e organização do espaço. Não foi possível obter dados em relação ao número de alunos matriculados.

Há alguns projetos extracurriculares, tais como: aula de violão, projetos com grafite, jornal e um blog. O jornal possui um professor responsável para edição e não há uma periodicidade das edições. Quanto aos conteúdos, estes são selecionados ora pelos professores, ora pelos alunos. O blog foi criado por um professor e é alimentado por ele, a publicação do jornal é a mesma divulgada no blog³. O grafite não foi relatado pelos jovens. O professor mediador escolar e comunitário⁴ faz parte de um grupo de grafite, e por isso às vezes o grafite é incentivado.

4.2.3 O rádio

4.2.3.1 A escolha da rádio comunitária e radioweb

A escolha por realizar a pesquisa no rádio ocorreu devido ao fácil acesso à rádio, assim como por sua potencialidade em oferecer espaço aberto para que a comunidade tenha voz, possibilitando a participação nas programações. Além disso, esse ponto de convergência possibilita que as instituições escolares e de saúde trabalhem questões comuns que atingem a comunidade. Ademais, abre espaços para

³ Jornal da escola. [citado 2014 jun.10]. Disponível em: <http://bloggerjornaldordall.blogspot.com.br>

⁴ Professor Mediador Escolar e Comunitário do Sistema de Proteção Escolar. [citado 2015 jun. 27]. Disponível em: [Resolução SE nº 07, de 19-1-2012](#)

que os jovens realizarem seus programas baseados em suas próprias experiências locais.

A rádio contatada foi a Soul Vida que também assinou carta de autorização para a realização da pesquisa disponível no Apêndice A.

A *radioweb* possibilita que outras comunidades que possuem características semelhantes à região estudada possam produzir programas educativos em saúde semelhantes ao que realizamos na região de Guaianases. Além disso, abre espaço de interação com outros jovens que queiram trazer suas contribuições, pois há espaço aberto nos programas realizados.

4.2.3.2 Caracterização da rádio Soul vida

A diretora* e idealizadora da rádio Soul Vida é pedagoga, especialista em gestão escolar e educação para a diversidade, e trabalha há mais de quinze anos em escolas públicas. Seu prazer em ouvir rádio levou-a a buscar uma rádio que tivesse programas com comunicação horizontal e participação da comunidade. O principal objetivo era, e é, utilizar a comunicação emancipatória, principalmente a rádio, com a finalidade de informar e formar indivíduos críticos capazes de refletir, interagir e transformar a realidade social. Com esses objetivos e finalidades, partiu ela em busca de instaurar uma rádio comunitária na região de Guaianases.

A busca para a liberação da rádio comunitária de Guaianases iniciou-se no ano 2000. Enquanto se aguardava o processo para a liberação de funcionamento da rádio comunitária pelo Ministério Público, foi criada a *radioweb* de Guaianases, que já cunhava os objetivos da rádio comunitária Soul Vida.

Para a liberação de uma rádio comunitária pelo Ministério Público, faz-se necessário pertencer a uma associação, ter um projeto técnico e ter apoio cultural. Logo, foi criada a Associação Cultural Comunitária Princesa Isabel, que recebeu aproximadamente dez mil assinaturas - de Apoio Cultural - para instaurar a rádio

* Entrevista com a diretora da rádio Soul Vida, nov. de 2012.

comunitária em Guaianases. Finalmente, em 28 de junho de 2010, o Ministério Público liberou o funcionamento da rádio Soul Vida. O processo entre a idealização do projeto e a rádio instaurada demorou, portanto, dez anos. Hoje, a rádio funciona na frequência 87,5 FM atingindo um raio de quatro quilômetros e tem habilitação para funcionar durante dez anos, ou seja, até 2020.

A equipe da rádio é composta por um presidente, um vice-presidente, uma secretária, um tesoureiro, uma diretora de marketing, um sonoplasta, um técnico de manutenção e um responsável pela *radioweb*. A pauta e os programas da rádio são realizados pelos diretores e por todos que têm interesse no assunto. Há um profissional radialista voluntário ajudando na formação das vinhetas e realização do site da rádio.

Os trabalhos prestados junto à comunidade são diversos como: músicas, utilidade pública, informativos e notícias. A equipe da rádio busca parcerias com instituições educacionais e de saúde, situadas na área de abrangência da frequência da rádio, a fim de trabalhar seus conteúdos junto à população e utilizar a comunicação radiofônica e outros meios de comunicação social para informar e formar os cidadãos de Guaianases. No entanto, os diretores da rádio têm encontrado resistências e dificuldades em realizar tais parcerias. Por outro lado, a Associação Cultural Comunitária Princesa Isabel tem buscado e realizado parcerias com a PMSP na Inclusão Digital de crianças e jovens de Guaianases; com o Ministério da Cultura - no projeto circo teatro - buscando construir um ambiente de possibilidades e melhores condições de vida para jovens e crianças da comunidade de Guaianases.

Baseados nas ligações telefônicas para a rádio e interações recebidas pela internet, a diretora acredita que muitos jovens ouvem a rádio Soul Vida principalmente no horário da tarde. Há também a possibilidade de que todos interajam na programação, tanto pessoalmente falando diretamente com a equipe da rádio, por meio do telefone, disponível para atender o público, quanto nos espaços disponíveis na internet.

Para a diretora da rádio, há diversas dificuldades em se manter uma rádio comunitária, devido ao baixo investimento do Ministério Público e à falta de Apoio Cultural de empresas.

4.2.3.3 Potencialidades do rádio para a saúde

Data de 1923 a ideia de levar informação e educação em saúde através do rádio, sendo Roquete-Pinto o pioneiro em convencer o governo brasileiro acerca da potencialidade das rádios nas campanhas de saúde, o que se mantém até hoje no Brasil e no mundo (Diógenes, 2010). O que atualiza a discussão é propiciar a participação social para construir conhecimento e socializar informações (Oliveira Neto, Pinheiro, 2013; Gallo, Espírito Santo, 2009) e a produção de práticas comunicativas que faça sentido à população local.

A rádio comunitária e a *radioweb* possibilitam a democratização dos meios de comunicação de massa ao oferecer espaços de diálogo e interação com as pessoas ampliando seus conteúdos através da democratização. Em relação à educação em saúde trazem à luz os problemas sociais que giram em torno do processo saúde-doença superando a dicotomia entre os saberes técnicos e os saberes de senso comum (Coelho, 2012). Tal abertura não ocorre nas rádios convencionais e, quando ocorre, a pessoa participa de forma passiva na condição de não conhecedor do que está sendo discutido pelos profissionais (Capistrano, 2011), ou até mesmo, não participa (Oliveira et al., 2014).

As rádios vêm se adaptando dentro da era da *internet* com as *radioweb* ampliando a expansão do alcance do veículo, podendo ser ouvida por meio de ferramenta *streaming* em qualquer lugar do mundo, para tanto, basta que haja um computador ou qualquer outro componente eletrônico conectado à *internet*. A *radioweb* permite a interatividade com o ouvinte através do uso de chats, e-mail, *facebook*, *twitter* ou outra plataforma digital (Canuto, Gambaro, 2013).

A possibilidade oferecida pela rádio comunitária de ampliar-se utilizando a internet através da *radioweb* dissemina o conhecimento de saúde que será produzido pela voz da juventude. Salientamos que a comunicação em saúde vem ganhando cada vez mais importância e espaços privilegiados nos debates nacionais e internacionais como estratégia de possibilidades de construção de outra cultura de saúde, incluindo discursos que têm sido excluídos e legitimando a comunicação em saúde e a educação como estratégia de desenvolvimento humano (Pitta, 2002; Jones, 2005).

4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

4.3.1 Os jovens de Guaianases

Os participantes da pesquisa foram os jovens moradores da região de Guaianases, que frequentavam a escola pública e que se interessaram pela temática e pelo processo de discussão envolvido na PAE.

4.4 COLETA DAS INFORMAÇÕES

4.4.1 O convite aos jovens para participar da pesquisa

Foram realizados 04 encontros, antes das oficinas propriamente ditas, que compuseram a Fase Preliminar da pesquisa. Nesta fase, apresentou-se o projeto aos responsáveis pelo andamento das atividades na escola: a diretora e o professor de Educação Física, que exerce a função de professor mediador escolar e comunitário do Sistema de Proteção da Escola⁵. Este se responsabilizou por convidar os jovens para o projeto.

Após a Fase Preliminar, 09 jovens solicitaram participar das oficinas. Após a quarta oficina, o grupo já estava completo e não houve novas inclusões. Cerca de 31 jovens passaram pelas oficinas, integral ou parcialmente, sendo cinco do sexo feminino e 26 do sexo masculino.

No total, foram realizadas 13 oficinas, sendo que a média dos participantes foi de **13 jovens, com idades entre 15 e 17 anos**, frequentando o segundo grau. Vale salientar que os 13 participantes foram os jovens assíduos do começo ao fim. Somente quatro participantes eram do sexo feminino.

⁵ Sistema de Proteção da Escola. Resolução SE nº 07, de 19-1-2012. (citado 2015 mai. 05). Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/07_12.HTM?Time=25/06/2014

A estratégia de acolher inicialmente os 31 jovens que se interessaram permitiu que se contasse com um número significativo de jovens nas oficinas, durante todo o processo. Essa estratégia foi pensada porque a escola convive com um número considerável de faltosos. Nossas oficinas foram realizadas no horário das aulas, com permissão da escola, em dias diferentes da semana, a fim de não prejudicar o acompanhamento das aulas pelos jovens.

4.4.2 Fase preliminar da pesquisa

Após contato prévio por telefone, os responsáveis pela escola receberam os pesquisadores no dia 06 de fevereiro de 2014. O projeto foi apresentado à direção e autorizado pela diretora. Na sequência, conheceu-se o espaço físico e as atividades extracurriculares da escola, com destaque para o jornal e o blog, desenvolvidos pelos jovens, sob a supervisão de professores.

Para as oficinas, a direção solicitou que os pesquisadores utilizassem linguagem acessível, pois experiências de projetos anteriormente desenvolvidos na escola não obtiveram sucesso em função da linguagem. O professor de Educação Física se responsabilizou por apresentar o projeto aos professores e aos jovens, convidando-os para o projeto.

No segundo encontro, no dia 08 de fevereiro de 2014, os pesquisadores foram recebidos pelo professor mediador escolar e comunitário fora do horário das aulas. No início da reunião, não havia nenhum jovem, mas depois de uma hora sete jovens compareceram. Eles foram apresentados ao site da rádio Soul Vida, que abrigará a programação decorrente das oficinas.

O responsável explicou que os jovens aprovaram o projeto, no entanto, reprovaram sua realização fora do horário escolar. Propôs então que o projeto fosse realizado durante o período de aulas, com permissão para que os alunos pudessem se ausentar das aulas correspondentes. Em geral os motivos para essa preferência foram: concomitância entre trabalho e estudo; pais que não autorizam a saída dos jovens fora do horário escolar, entre outras. Portanto, combinamos que as oficinas seriam realizadas no período da manhã, com duas horas e dez minutos de duração.

No terceiro encontro, dia 10 de fevereiro de 2014, 24 jovens estiveram presentes e verificou-se que os jovens não compareceram voluntariamente, mas por indicação do professor responsável, que avaliou que alguns jovens precisavam conversar a respeito de educação sobre drogas. Dessa forma, após a apresentação do projeto e a leitura do Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido (TECLE), disponível no Apêndice B, com os 24 jovens presentes, nove demonstraram que não gostariam de participar. Outros jovens foram então convidados. Vinte e três jovens finalmente mostraram-se motivados a participar e levaram o TECLE para discutir com os pais, pois avaliavam que os pais não compareceriam à escola para discutir o projeto. Combinamos que no próximo encontro recolheríamos o TECLE, entregaríamos o Termo de Assentimento e aplicaríamos o questionário de identificação, para os jovens cujos pais tivessem concordado com a participação de seus filhos.

A adesão à pesquisa foi firmada com os responsáveis pela assinatura do TECLE (no caso dos menores de 18 anos e assinatura do Termo de Assentimento pelo menor), disponível no Apêndice C. No Caso dos maiores de 18 anos, o TECLE foi firmado pelos próprios jovens.

No terceiro encontro, no dia 14 de fevereiro de 2014, os jovens foram diretamente ao local designado pela escola ao desenvolvimento das oficinas - o anfiteatro. Compareceram 12 jovens. Discutiu-se uma estratégia para que se mantivesse a comunicação entre os membros do grupo e pesquisadores e indicou-se a criação de um grupo no *Facebook*. Após esta discussão, os participantes responderam ao questionário de identificação dos jovens e de suas famílias.

4.4.3 Identificação dos jovens e de suas famílias

Os participantes da pesquisa foram caracterizados utilizando-se o questionário padronizado de autopreenchimento, disponível no Apêndice D, com questões abertas e fechadas, que buscam levantar o Índice de Reprodução Social (IRS). O questionário foi aplicado em conjunto com os jovens e pesquisadores. O questionário foi lido em voz alta e todos respondiam às questões juntos, porém, de maneira individual. Entre os jovens, 12 responderam ao questionário.

O IRS é composto por variáveis que possibilitam classificar as famílias em quatro grupos sociais (G1, G2, G3 e G4). Essas variáveis dizem respeito ao âmbito da produção (trabalho) e do consumo (modos de vida). As variáveis da dimensão da produção (relacionadas ao chefe da família) são: registro em carteira, escolaridade, qualificação da ocupação, condição de atividade, curso preparatório para o trabalho. As variáveis da dimensão do consumo (relacionadas à família) são: propriedade da residência, número de cômodos para dormir, pagamento de Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), legalidade do acesso à água, luz e esgoto, e frequência a culto religioso como atividade de lazer (Trapé, 2011). Os resultados foram organizados e digitados em tabelas do programa Excel para posterior sistematização e classificação das famílias em grupos sociais, conforme proposto por Trapé (2011).

O G1 é considerado o grupo com maior estabilidade nas formas de trabalhar e de viver, em comparação com os demais grupos. Quanto às formas de trabalhar, é o grupo que apresenta principalmente chefes de família assalariados, com curso preparatório para o trabalho que exercem, com maior domínio do próprio processo de trabalho em relação aos demais grupos. Quanto às formas de viver, esse grupo caracteriza-se pela propriedade da residência e por pagar IPTU. A maior porcentagem das moradias dispunha de 3 ou mais cômodos para dormir. A totalidade dessas residências tinha acesso regular aos serviços de infraestrutura, que são: água, luz e esgoto (Trapé, 2011).

O G2 não tem a mesma estabilidade nas formas de trabalhar e de viver que tem o G1. Os chefes de família deste grupo trabalham em atividades semiqualficadas, com porcentagem menor com curso preparatório para o trabalho. Os chefes apresentam porcentagem de vínculo empregatício (assalariados com carteira de trabalho assinada) semelhante ao do G1. Quanto às formas de viver, a porcentagem de residências alugadas é maior do que no G1, com até dois cômodos para dormir, com acesso aos serviços básicos de infraestrutura. Neste grupo as famílias apresentam menor frequência a cultos religiosos como forma de lazer, se comparadas ao G1.

O G3 apresenta as maiores porcentagens de chefes de família afastados do mercado de trabalho - por estarem desempregados, afastados pelo INSS ou por serem pensionistas. Já quanto às formas de viver, a maior porcentagem das famílias

reside em casa própria, no entanto, aumenta o número de isenção de IPTU em relação à G1 e G2. A maioria das residências deste grupo conta com dois cômodos para dormir, no entanto, tem acesso a serviços básicos de infraestrutura. Aumenta, em relação ao G2, a porcentagem de famílias que frequentam cultos religiosos como forma de lazer.

O G4, de modo geral, apresenta a maior instabilidade nas formas de trabalhar e de viver. Apresenta menor quantidade de assalariados que os G1 e G2, e apresenta porcentagens mais altas de chefes de famílias inseridos em ocupações não qualificadas na execução. Quanto às características das formas de viver, embora as famílias residam em casa própria, a porcentagem dos que não pagam IPTU é bem maior do que entre as residências próprias do G3 e é o grupo com mais residências que contam com apenas um cômodo para dormir. Dentre as residências das famílias deste grupo é maior a porcentagem das que não contam com acesso à água encanada, energia elétrica e esgoto da rede pública. Neste grupo encontra-se, geralmente, a maior frequência de famílias que frequentam cultos como forma de lazer.

Foram realizadas treze oficinas, com duração de duas horas e dez minutos, o que contribuiu para constituir material coletivo sólido, representativo da síntese do grupo sobre a temática abordada. Todas as oficinas foram gravadas e filmadas.

4.4.4 Fases da pesquisa-ação emancipatória

Considerando que a PAE constitui um processo educativo, tomamos as oficinas emancipatórias, uma técnica metodológica grupal, que contempla a instrumentalização de trabalhadores e coleta de dados em investigações participativas (Soares et al., 2009a; Cordeiro, Soares, Campos, 2013), para a apreensão das representações cotidianas, sejam elas as convicções ou as opiniões, devido ao modo como são desenvolvidas.

A operacionalização da PAE ocorre em etapas, iniciando com a identificação do problema, planejamento de uma solução, implementação, monitoramento e avaliação (Tripp, 2005) que coaduna com a operacionalização das oficinas

emancipatórias, que têm por base - a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) (Saviani, 2005) e a pedagogia de Paulo Freire (Freire, 2011; Soares et al., 2009), que, em certa medida, dialoga com os fundamentos teóricos da PHC (Soares, Cordeiro, Campos, 2013a).

Para realizar a PAE consideramos a base das oficinas emancipatórias.

A primeira fase – exploratória é de identificação do problema - é um momento dedicado ao estabelecimento dos primeiros contatos com os participantes da pesquisa, quando os pesquisadores estabelecem um diálogo situacional e de identificação dos problemas específicos. De acordo com Saviani, faz-se a contextualização da prática social. Aqui o educador tem compreensão sintética e precária da realidade e os educandos compreensão confusa e fragmentada de sua realidade – visão sincrética. O que se deseja identificar é o contexto em que o fenômeno de interesse se insere (Saviani, 2003; Soares, Cordeiro, Campos, 2013).

A segunda fase - consiste em concretizar o tema - é o passo da problematização do fenômeno a ser pesquisado, na tese é: educação sobre drogas direcionados aos jovens pela mídia. Nessa etapa, faz-se necessário discutir os conhecimentos de referência dos participantes da pesquisa a respeito dos problemas identificados que cercam o fenômeno de interesse no contexto delimitado. Consiste em especificar os problemas para os quais a investigação será direcionada, significa buscar ferramentas que possibilitem transformar uma situação observada, adotando o referencial teórico que dê sustentação às discussões e interpretações da realidade (Saviani, 2003, Soares, Cordeiro, Campos, 2013a).

Na problematização nos primeiros encontros com o indivíduo participante, é possível apreender as opiniões sobre o fenômeno investigado, com o desenvolver das oficinas, com base no referencial teórico, nas discussões geradas, no vínculo estabelecido no grupo, da realidade apresentada contrastada com a totalidade, é possível apreender as convicções.

Sendo assim, o planejamento para desenvolver a PAE é essencial. Em todo tempo o pesquisador está preocupado com as estratégias para instrumentalizar os participantes, tendo por base o referencial teórico, com a amostra dos participantes da pesquisa e com a coleta de dados. Nas oficinas, o pesquisador sempre alerta aos

participantes sobre os dias e horários específicos das reuniões, para que esses possam participar ativamente dos encontros. Todo o processo deve ser registrado a fim de analisarmos o material coletado. No estudo todas as oficinas foram gravadas e filmadas.

A terceira fase – planejamento de uma solução - é o momento da instrumentalização teórica e prática dos participantes, para que se apropriem de ferramentas culturais necessárias para a luta social, tendo mais elementos para se libertarem de amarras do desconhecimento e da inculcação ideológica. Essa fase ocorre através de várias formas, desde debates em grupos, exposições de mídias, quadrinhos, fotografias, filmes entre outros meios pedagógicos. Cada assunto é registrado, analisado e avaliado para os próximos debates.

A quarta fase - expressão dos novos conhecimentos – na PAE significa fase da implementação. Este é o momento de caminhar da síncrese anteriormente apresentada até uma nova síntese elaborada então com o conhecimento o qual o educador trouxe e com as experiências trazidas pelos participantes da pesquisa, representando todo o processo do aprendizado.

É a percepção da alteração do conhecimento na prática social. É a fusão do saber formal com o informal, todos os envolvidos no processo de aprendizagem apropriam-se do novo saber produzido. Esse é um período de criação, pois que a prática social se transforma, ou seja, se anteriormente ao processo educativo as práticas apenas reproduziam velhos modos de agir, agora novas formas de agir emergem no cotidiano, estabelecendo práxis de natureza criativa (Saviani, 2003; Soares et al., 2011). Finalmente, a quinta fase -, expressão da nova síntese – na PAE significa avaliação. Com vistas ao alcance das metas estabelecidas, pesquisadores e participantes elaboram um plano de ação que, nessa pesquisa, tomará o formato de um método para o desenvolvimento de programas de rádio pautados no consumo de drogas.

Para a elaboração do programa foi elaborado um roteiro levando em consideração um conjunto de experiências anteriores, realizadas pelo grupo de pesquisa ao qual o projeto se filia (Soares et al., 2009). Utilizamos a *expertise* dos

jovens para construir as pautas para o formato rádio, considerando o interesse dos jovens da comunidade, fazendo um contraponto com o discurso hegemônico.

Para melhor visualização das fases das oficinas disponibiliza-se um esboço do processo no Apêndice E.

4.4.5 Apreensão das representações cotidianas

O fenômeno investigado se estabelece de acordo com as representações dos indivíduos sobre a realidade, e se conformam nas características da cotidianidade, nas quais são formados os valores, convicções e opiniões (Viana, 2008). As representações do pesquisador sobre a realidade são diferentes dos participantes da pesquisa, devido aos repertórios internos e externos diferentes, que constituem a totalidade da vida social (Viana, 2008).

O elemento fundamental da investigação das representações cotidianas é distinguir as opiniões das convicções. No início da PAE, quando se faz a problematização, as opiniões são facilmente apreendidas, possibilitando ao pesquisador buscar ferramentas para aprofundar a discussão, recorrendo ao referencial teórico e às interpretações da realidade dos indivíduos confrontando-as com a totalidade da sociedade (Saviani, 2003; Soares, Cordeiro, Campos, 2013a).

No decorrer dos encontros da PAE a gama de informações apreendidas possibilita que os indivíduos reflitam e reelaborem suas colocações acerca da temática investigada contrastando suas ideias com os novos elementos elencados pelo pesquisador, a partir de uma perspectiva mais ampla da realidade.

Os participantes, ao trazerem suas experiências e percepções da realidade, expõem suas representações da realidade, o que propicia, durante os encontros, na própria discussão no grupo, que os participantes da pesquisa desentranhem o que é ilusório e o que é verdadeiro. Os participantes vão elaborando o conhecimento, tomando consciência de mudanças, e ao fazer constante avaliação e reflexão, suas convicções emergem, momento em que a PAE propicia revisão dessas convicções.

4.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Pressupõe-se que conhecer as representações cotidianas dos jovens para elaborar um programa educativo sobre drogas a ser direcionado aos jovens na mídia é a chave para expor as raízes dos problemas do consumo de drogas pelos jovens de Guaianases.

4.5.1 Teoria das representações cotidianas

A base na formação da teoria das representações cotidianas é a teoria da consciência de Marx. Outros autores e a pertinência de suas teorias foram também considerados para a construção da teoria das representações cotidianas (Viana, 2008). Neste espaço se destacará como as representações se apresentam na realidade, para que possa ser compreendido como foi realizada a análise do tema da tese.

De acordo com Viana (2014), representações cotidianas expressa um conceito que é distinto de outras formas de representações. Por definição, o termo representação significa “tornar novamente presente o que está ausente” (Viana, 2014, p.27). A ausência não se restringe aos objetos, inclui as ideias e a consciência de si. A consciência é a totalidade do indivíduo, mas sua representação manifesta-se parcialmente, fragmentada, sempre sobre algo limitado que diz respeito ao dia a dia. Pode-se dizer, grosso modo, que as representações cotidianas constituem recortes simples de como se compreende o mundo (Viana, 2014).

As representações cotidianas são as ideias simples do proletariado, e assim se manifestam porque ele possui acesso limitado ao pensamento complexo. Consequentemente, elabora representações simples para explicar a realidade. Diferentemente da classe dominante, que elabora representações sistematizadas, devido ao acesso aos bens materiais, culturais e tempo disponível para aprofundar as ideias (Viana, 2014). Dessa forma, as representações cotidianas manifestam-se de formas distintas, a depender do contexto social, dos tempos históricos e dos modos de produção (Viana, 2008).

O modo de produção capitalista corresponde basicamente à relação social entre duas classes sociais a burguesia, que tem o monopólio dos meios de produção, e a classe trabalhadora, que vende sua força de trabalho. O objetivo dos que possuem o monopólio dos meios de produção é produzir mais valor em seu próprio benefício não em benefício da sociedade. O modo de produção não representa a totalidade da cotidianidade. Existem as demais relações sociais que regularizam a vida cotidiana, ou seja, a superestrutura (as políticas, as ideologias etc.), que por sua vez é determinada pelo modo de produção. A cotidianidade traz consigo a sociabilidade, que ocorre principalmente através da escola, e que apresenta níveis e gradações diferentes. A sociabilidade comporta os valores, sentimentos, opiniões, representação, etc. (Viana, 2008).

As representações cotidianas manifestam-se de formas distintas e na sociedade classista há heterogeneidades e homogeneidades entre as representações cotidianas das classes sociais, sendo que há elementos comuns nas representações cotidianas da sociedade (Viana, 2014).

As representações cotidianas passam pelos processos de simplificação - não exige reflexões das pessoas para dar respostas aos acontecimentos, as respostas e soluções são imediatas; naturalização - não há questionamentos, toma-se o mundo como natural; e a regularização - ações repetitivas e regulares que acarretam a previsibilidade das práticas cotidianas. O que vai diferenciar as possibilidades do grau de estruturação das representações cotidianas são os processos de socialização (Viana, 2014).

As representações cotidianas podem ser simples, congruentes e complexas. O proletariado condicionado ao trabalho manual tem poucas condições sociais, materiais e culturais para construir ideias sistemáticas da realidade, portanto, produz representações simples, ao passo que o pensamento complexo é produzido pelos intelectuais, que pertencem ou representam as classes privilegiadas. Eles têm condições para formular representações complexas, sistematizadas (Viana, 2014). Porém, a classe privilegiada decodifica os fatos da realidade com as representações de sua classe de pertencimento (Viana, 2014).

As representações congruentes apresentam elementos de coerência (verdades) e elementos de contradição (falsidades) concomitantemente, geralmente, são as representações presentes no imaginário (ilusão). As representações ilusórias não chegam a ser estruturadas de maneira complexa como as ideologias e teorias, devido às lacunas originadas de seus limites no momento de sua formação (Viana, 2014; 2008). O que vai distinguir o pensamento ilusório do ideológico, duas formas de ilusão, é a elaboração de ideias para formar o pensamento. Na ilusão o pensamento é simples e no ideológico é complexo e sistematizado. No entanto, o pensamento ilusório e o ideológico coexistem, influenciando-se reciprocamente (Viana, 2008).

As representações complexas são, em certa medida, atributos da classe intelectual, embora não se anule a possibilidade de que o proletariado possa desenvolver essa representação, ao dedicar-se à formação de ideias e desenvolver formas mais coerentes de pensamento. As representações cotidianas não são atributos de uma classe específica, mas, as congruentes e complexas estarão mais presentes entre os intelectuais.

As representações cotidianas estão relacionadas com o senso comum e com as representações sociais, o que diferencia as representações cotidianas do senso comum e das representações sociais é a base teórica. Os dois primeiros possuem base ideológica e as representações cotidianas base teórica. As representações cotidianas dizem respeito à consciência de classe social, mas nem toda consciência de classe social é representação cotidiana (Viana, 2008, p. 114).

Em sua constituição as representações cotidianas apresentam duas esferas: as convicções de caráter nuclear, que possuem coerência interna, e as opiniões de caráter periférico. As convicções são frutos das reflexões e escolhas introjetadas, são os recursos mentais que funcionam como critério para avaliar tudo o que existe no mundo circundante. As convicções são mais sólidas e estão incorporadas ao caráter do indivíduo, podendo assumir a forma de valores. Nesta esfera as contradições estão ausentes ou existem por um curto período de tempo, pois existe a tendência para a busca de superação da contradição, isto é, para a redução da dissonância (Viana, 2008).

A esfera periférica das representações, as opiniões, são frutos da aceitação das ideias socialmente divulgadas. As opiniões se manifestam claramente, é algo não pensado, de caráter instável e mutável. Geralmente, são as ideias aceitas sem muita reflexão, repercutindo a ideologia dominante (Viana, 2008).

4.6 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP, conforme parecer nº 403.385 (ANEXO I).

Os jovens maiores de 18 anos que se interessaram em participar do processo de PAE assinaram o TECLE; no caso dos menores de 18 anos, esse termo foi assinado pelos responsáveis, com assinatura do Termo de Assentimento pelos participantes disponível no Apêndice C.

RESULTADOS

Há uma pedra de tropeço no caminho

5 RESULTADOS

Pesquisa-ação: espaço aberto de participação.

A participação dos jovens nas oficinas ocorreu voluntariamente durante todo o processo educativo. Somente compuseram o grupo aqueles jovens que se identificaram com a temática, ainda que não tivessem conseguido participar em todas as oficinas.

Na fase preliminar, de identificação dos participantes da pesquisa, iniciou-se o processo a partir de uma pergunta disparadora: Como a mídia relata o tema das drogas quando se refere à zona leste de São Paulo. Um dos participantes respondeu:

Aqui não é mais zona leste, e sim zona drogas, [e continuou] sexta-feira aqui virou sexta cheira, para vocês terem uma ideia.

Os demais jovens riram e muitos concordaram assinalando com a cabeça. Ao perguntarmos a questão de interesse deles, veio à tona o tema do lazer.

Nesse espaço ainda discutiu-se as diferenças nas formas de viver entre jovens que moram em Pinheiros e Guaianases. As diferenças apontadas pelos jovens foram *eles são de outras classes sociais* e apresentam “*diferente qualidade de vida*”. A “diferença de renda” foi a categoria escolhida pelos jovens para definir classes sociais naquele momento. Os jovens concordaram que também havia diferenças sociais no território de Guaianases, e, dessa forma, consideraram válida a proposta da pesquisa de coletar alguns dados sociais sobre as famílias dos participantes.

No questionário apresentado a eles havia algumas questões e algumas alternativas de resposta as questões que causaram uma certa agitação entre eles, por exemplo a opção risco de consumo de drogas, como alternativa para ser assinala na pergunta - sua família sente-se exposta a algum desses riscos? A discussão entre os jovens trouxe afirmações como “o risco está na porta da escola é só entrar no banheiro na hora do intervalo que já corre risco.”

Da mesma forma a questão – você já consumiu algum tipo de drogas? Causou certa preocupação por parte de alguns jovens, que perguntaram se o questionário

seria enviado para os pais. Ao reafirmarmos a confidencialidade dos resultados e da identificação, tranquilizaram-se respondendo à questão e entregando o questionário.

Em função das necessidades, por eles colocadas, de discutir o lazer, solicitou-se que os jovens listassem as suas atividades de lazer preferidas. Os jovens listaram: assistir televisão, filmes, programas específicos da televisão, jornais, músicas, livros e entre outros. Frases como “não assisto tv, pois a mídia nos manipula” foram sendo formuladas pelos jovens. Em relação às preferências, notou-se variedade quanto aos estilos de música, programas de televisão e gêneros de filmes. Os locais que gostavam de frequentar eram: *Shopping Center*, pizzeria, festa, igreja, lanchonete, parque, *shows*, sorveteria, boliche, baile, rua de *funk*, rolezinho, cinema, teatro e museu.

5.1 GRUPO SOCIAL DAS FAMÍLIAS DOS JOVENS⁶

As configurações de reprodução social das famílias.

Caracterização das famílias nos quatro grupos sociais (G1, G2, G3 e G4), descritos nos procedimentos metodológicos.

Três famílias compuseram o G1, indicando que tinham maior estabilidade nas formas de trabalhar e de viver. Nesse grupo, dois chefes de família eram do sexo feminino, sendo um assalariado com carteira assinada, um assalariado sem carteira assinada e um autônomo. Os três fizeram curso de preparação para o trabalho que exerciam e as funções exercidas eram distintas entre si. Duas das três famílias tinham seus chefes inseridos no grupo de ocupação classificado como semiquualificado. Os benefícios oriundos do trabalho formal, recebidos no G1, foram vale-refeição, vale-transporte, assistência médica e assistência odontológica.

As três famílias do G1 residiam em casa própria e todas pagavam IPTU. Estas famílias recebiam contas de água, luz e contavam com esgoto vinculado ao serviço

⁶ Essa parcela da investigação, relativa ao questionário foi objeto do trabalho de Iniciação Científica de Thieri Lopez, e cujos resultados estão relatados também em outro espaço.

público de saneamento. Três destas famílias dispunham de três cômodos para dormir e apenas duas citaram o culto como forma de lazer.

Em relação aos riscos sentidos por eles e por suas famílias, os três jovens do G1 responderam que havia risco de violência e acidentes de trânsito, e dois jovens assinalaram a opção risco de consumo de drogas. Na questão referente ao consumo de drogas, um jovem afirmou ter utilizado álcool pelo menos uma vez na vida. Nenhum dos jovens assinalou estar exercendo algum trabalho, sendo todos, portanto, exclusivamente estudantes.

Três famílias estavam no grupo G2. Neste grupo, dois chefes de família eram do sexo feminino, sendo um assalariado com carteira assinada com ocupação semiquualificada, um assalariado sem carteira assinada com ocupação semiquualificada e um realizava “bico”, com ocupação não qualificada para a execução. Dois jovens residiam em casa própria ou irregular e um residia em casa de aluguel, apenas um pagava IPTU e as três famílias pagavam luz, água e esgoto. O G2 apresentou-se de maneira heterogênea em relação a riscos com a moradia, tais como desmoronamento, violência, contato com vetores, risco de consumo de drogas e envolvimento com problemas de tráfico de drogas.

Na questão dos cômodos para dormir, das três famílias do G2, uma contava com apenas um cômodo, uma, com dois e a outra com três ou mais cômodos. Apenas um jovem desse grupo citou o culto como forma de lazer.

Referente ao consumo de drogas pelos jovens do G2, dois jovens responderam terem consumido álcool pelo menos uma vez, um respondeu ter experimentado cigarro e outro nunca experimentou drogas.

Apenas uma família foi classificada no G3. Nesta família o chefe era do sexo masculino, assalariado com carteira assinada e sem curso de qualificação para o trabalho. A residência era própria, sem isenção do IPTU e as contas de água, luz e esgoto eram vinculadas ao serviço público de saneamento. A moradia dispunha de quatro cômodos para dormir. Em relação aos benefícios que a família recebia, foram citadas a cesta básica, assistência médica e odontológica. O respondente não citou o culto como forma de lazer.

O jovem do G3 listou como riscos as opções violência e consumo de drogas. Quanto ao consumo de droga, respondeu ter usado álcool pelo menos uma vez na vida. O jovem não trabalhava, e não citou culto como forma de lazer.

O G4 concentrou 05 famílias as quais apresentaram formas de trabalhar e de viver instáveis. Em três destas famílias o chefe era do sexo feminino. Três jovens apresentaram os chefes da família na categoria de trabalhadores assalariados com carteira assinada, sendo que, dos cinco chefes, três tinham preparo para o trabalho que realizavam. Em uma das famílias, o chefe encontrava-se desempregado e, em outra família, o chefe fazia bicos. Destacaram-se as funções semiqualficadas para a execução do trabalho, sendo que a profissão de segurança foi a única que se repetiu, aparecendo em duas famílias.

O grupo G4 distingue-se dos outros grupos em relação à moradia. O grupo tinha mais famílias, quando comparado aos demais, sem acesso à luz, água, quanto ao pagamento do IPTU, apenas uma família pagava IPTU.

Todos os jovens do grupo G4 assinalaram o risco de violência, em função do local de moradia. As outras opções, tais como contato com vetores, risco de consumo de drogas e envolvimento com tráfico de drogas foram assinaladas em três dos cinco questionários, e a opção acidente de trânsito foi selecionada por dois jovens. Na questão referente ao consumo de drogas, todos os jovens responderam ter utilizado álcool pelo menos uma vez, três responderam ter utilizado, além do álcool, o cigarro e a maconha, pelo menos uma vez. Dois jovens assinalaram o culto como forma de lazer.

Dois jovens do grupo G4 assinalaram que trabalhavam, um trabalhava como babá em casas do bairro, e outro como empacotador em um supermercado próximo à sua residência. Quanto aos benefícios que as famílias recebiam, três recebiam auxílios do Estado - Programa Bolsa Família (PBF). O PBF é um benefício oferecido pelo Governo Federal às famílias com renda familiar per capita inferior a R\$77 a R\$ 154,00 mensais⁷. Este foi o único grupo, em que uma família recebia pensão alimentícia como benefício. Três famílias que compunham esse grupo citaram a assistência médica como benefício. Em relação ao PBF os jovens comentaram:

⁷ Dados obtidos pelo site da Caixa Econômica Federal. [citado 2015 jan. 05]. Disponível em: [Bolsa Família](#)

Muitas famílias são beneficiadas com bolsa família. A bolsa família é para ser utilizado para a pessoa. Então, não deve dizer que não tem dinheiro para comprar o uniforme. Mas se você olhar para comprar um tênis de mil e pouco todo mundo tem dinheiro, mas esse dinheiro tem que ser utilizado para comprar o uniforme.

O gráfico 01 foi construído com o propósito de sintetizar a presença de consumo de drogas lícitas ou ilícitas pelos jovens, segundo o grupo social a que pertencem.

Gráfico 01 - Uso de drogas, pelo menos uma vez na vida, referidas pelos jovens participantes da pesquisa, segundo classificação do IRS. São Paulo; 2014.

5.2 DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS

Oficinas: espaços abertos para o diálogo.

A segunda fase foi de desenvolvimento das oficinas propriamente dito, com a participação dos jovens interessados no tema e dispostos a participar da pesquisa-ação. A seguir, apresenta-se a descrição das oficinas.

As três primeiras oficinas compuseram a fase exploratória, de contextualização da realidade dos jovens.

Ser jovem é ser um sujeito de direitos e deveres.

A primeira oficina foi realizada em 19 de fevereiro de 2014, com a presença de 26 jovens. O tema da oficina foi “Ser jovem na periferia”. O objetivo foi o de compreender o que encoraja e desencoraja os jovens de um bairro periférico de uma grande metrópole a se envolver com o consumo de droga e/ou com o tráfico. Os questionamentos que buscávamos eram: quais são os problemas que os jovens de Guaianases enfrentam no dia a dia; quais são as críticas que os jovens formulam em relação ao seu espaço geossocial; quais são as críticas que os jovens fazem em relação ao consumo de drogas no seu espaço geossocial.

Para desenvolver a oficina, dividiu-se o espaço de maneira a possibilitar a formação de três grupos. Os jovens escolheram os próprios grupos, dividindo-se por afinidade. A oficina foi gravada e os jovens nos auxiliaram nesse processo. O tema despertou interesse, o que facilitou o andamento da oficina.

A proposta era a de elaborar um cartaz, utilizando alguns materiais, que foram disponibilizados pelos pesquisadores. Os principais destaques para o jornal podem ser vistos nas narrativas abaixo:

Aqui é nossa realidade. Ser jovem aqui não é só as partes negativas como a violência. Todos usam álcool por que quer? Todos são violentos por que quer? Não. Se o jovem tivesse mais oportunidade, local para lazer, apoio, ele não seria drogado. Essa é a nossa realidade: gravidez na adolescência, falta de água, falta de moradias, assaltos, brigas, falta de incentivo à leitura. Aqui tem coisas que levam a gente para lugar errado. [...]. Vamos falar sobre a violência. Isso aqui é o que acontece em Guaianases. Estamos relatando o dia-a-dia. Violência gera violência; não só em Guaianases. Violência é sério. Aqui ninguém gosta da polícia, há trocas de tiros. Os policiais entram dentro das nossas casas invadindo e atirando. Isso é uma covardia. A mídia só fala que em Guaianases tem violência. A mídia não fala, quando fala, fala assim. A mídia só xinga e fala de violência, mas também, não é só violência. Quando a mídia fala, ela fala sobre zona leste, nunca fala sobre Guaianases. A mídia fala que a zona leste é uma zona perigosa, só isso, e, quando fala de Guaianases fala da violência que tem aqui.

Em alguns momentos da oficina, quando havia pontos de discordância sobre o tema, alguns jovens se abriam para a reflexão e outros iniciavam uma pequena discussão. Em outros momentos houve episódios de agressão verbal e os jovens respondiam à nossa crítica, afirmando que tais comportamentos consistiam em “brincadeira”, ou pediam desculpas. Os jovens terminaram a atividade no tempo

solicitado e foram colaborativos na organização dos materiais. Durante a atividade os jovens não necessitaram de outros estímulos.

No primeiro grupo, os jovens destacaram imagens relacionadas às situações de violência; consumo de drogas nas ruas pelos jovens, sem constrangimentos; tatuagens; confronto com a polícia; bailes proibidos; invasão dos policiais nas casas de moradores e policiais atirando para espantar jovens. Discutiram que nos bailes *funk* os policiais invadem o espaço com violência, o que acaba causando resposta violenta dos jovens. Foram comuns as frases como “violência gera violência, os policiais jogam bombas e nós jogamos pedra.” Os jovens afirmaram que não gostavam da polícia por haver falta de respeito destes com os moradores da região.

Para os jovens a polícia não está a serviço de sua proteção, uma vez que a abordagem policial sempre ocorre com violência e desrespeito, logo, as respostas dos jovens eram também de desrespeito e violência.

O painel construído pelos jovens pode ser conferido na Figura 01.

Tem rejeição da sociedade quando vê lá as pessoas no baile *funk* curtindo, e vão dizer, esse é excluído, mas mentira, eles é que são excluídos da sociedade, porque eles não estão curtindo.

Os jovens que frequentam a escola e não frequentam os bailes *funk* são considerados bons. Há reconhecimento de que para frequentar a escola é preciso estímulo, enquanto que, frequentar o baile *funk*, segundo as afirmações, é uma questão de escolha, sem necessidades de estímulos. Para este grupo, são poucos os estudantes da “classe social baixa” que chegarão às universidades, isso ocorrerá “um de um bilhão”, sendo, portanto, privilégio de uns poucos “*nerds*”.

O grupo também destacou as passeatas que ocorreram em São Paulo, para diminuição da tarifa no transporte público e discutiu a violência nesses atos e a abrangência, que abarcou praticamente toda a cidade. Destaca que a mídia tende a noticiar apenas aspectos negativos da região leste, geralmente salientando a violência, e nominando a região como “Zona Perigosa”, mas o grupo fez poucas referências a respeito da violência na região. Os jovens buscaram mostrar que as representações da mídia não trazem toda realidade, mas apenas parte da realidade e com estereótipos preconceituosos. A insatisfação dos jovens com a mídia de massa aparece novamente, dado que a mídia expõe a região, como um lugar habitado por pessoas perigosas.

O painel elaborado por esse grupo pode ser verificado na Figura 02.

Figura 02 - Problemas enfrentados pelos jovens de Guaianases; subgrupo 02. São Paulo; 2014.

A desvalorização do espaço social de Guaianases.

Para o terceiro grupo, ser jovem em Guaianases é estar exposto à falta de recursos no bairro e a morar em condições precárias. Há na região consumo de drogas, brigas entre os jovens aumentando a violência, falta de incentivo à leitura e de espaços de lazer. Ainda que existam algumas quadras de futebol, elas acabam sendo ocupadas por alguns jovens, para consumir drogas e também como moradias. Como no grupo anterior Guaianases é exposta à ocupação desordenada e supressão de serviços públicos.

O grupo julga que os bailes *funk* constituem as únicas oportunidades de lazer no bairro e julgam as meninas frequentadoras de bailes *funk* de maneira machista, pois avaliam que elas usam roupas sedutoras para chamar a atenção dos meninos, fazendo sexo desprotegido, podendo engravidar e, ainda, apresentar doenças sexualmente transmissíveis.

Nesse sentido, consideram a necessidade de que as Unidades Básicas de Saúde (UBS) alcancem os jovens, a fim de incentivar o uso de preservativos. Segundo

os jovens, nas UBS esta era a única prática de cuidado encontrada em relação a saúde do jovem.

Este grupo de jovens mostra-se consciente de que nos bairros nobres os jovens curtem o *funk* em boates fechadas, não nas ruas com som alto, atrapalhando os moradores, como ocorre nas regiões periféricas. Afirmavam que, muitos jovens frequentam os bailes *funk* nas ruas porque é a única forma de lazer disponível:

Todos vão ao *funk* por que quer? Não. Se tivesse outra opção, não iria. Tem jovem que prefere ficar em casa. Tem jovem que prefere fazer outro passeio e não ir para baile funk, mas não tem outro passeio, então vai para o baile funk. No bairro nobre tem funk, mas eles são diferentes. Eles não atrapalham ninguém. Eles vão em uma boate ouvir *funk*. A menina vai ao baile funk, bebe e fica loucona e os meninos não querem nem saber, levam ela. Depois ela fica grávida e não sabe quem é o pai do filho.

Alguns debateram a ideia dizendo que alguns jovens vão ao baile *funk* por escolha e outros não. Outros acreditam que nos bairros nobres não se curte *funk*. Mas lembraram alguns que até a mídia divulga os bailes *funk* dos bairros nobres. Após as discussões realizadas, os jovens entraram em consenso que o *funk* é ouvido por jovens de melhores condições sociais, porém em locais protegidos. Os jovens afirmaram que onde moram, todos os dias, são coagidos a fazerem “coisas erradas”, e que talvez, nas zonas nobres isso não aconteça.

As soluções apontadas pelos jovens para solucionar os problemas destacados foram: mais investimento governamental para melhorar a região de Guaianases, trazendo para a região indústrias e mais oportunidades para os jovens, principalmente em relação ao lazer, por exemplo: construção de cinemas locais, espaços para realizarem os bailes *funk*, evitando as ruas e incomodar os trabalhadores. Lembraram que, em época de eleição, a região recebe muitos políticos, que fazem promessas de melhorias, que acabam em nada, pois assim que termina o período eleitoral, todos desaparecem. Quem são os culpados segundo os jovens:

Eu não culpo a gente. A culpa é de quem está no poder. Chega perto da eleição promete Deus e o mundo. Passou [a eleição] cadê o que prometeu. Então tem que cobrar. No ano passado aquele monte de protestos. A passagem diminuiu vinte centavos, mas continua a mesma porcaria. Alguém abriu a boca para falar alguma coisa. Não. Agora vai ter a copa, todo mundo

esquece o que está acontecendo e fica só na copa. O trem passa lotadão; é as pessoas querendo saber do estádio. Lembra que o professor falou daquela política: pão e circo, aqui está a mesma coisa. A mesma porcária. Antigamente eram os jovens que iam para os protestos. Hoje em dia os jovens não querem fazer isso.

Os jovens citaram as passeatas do movimento passe livre que houve em São Paulo para diminuir as tarifas de ônibus. Afirmaram que os jovens participaram massivamente das passeatas e conseguiram a diminuição da tarifa do ônibus, no entanto, após esta conquista não houve mais reivindicações por parte dos jovens. O grupo destacou que a Copa do Mundo, contra a qual muitos protestaram, iria ocorrer e que iríamos presenciar o esquecimento dos protestos e a comemoração dos jogos, com o esquecimento com relação à miséria em que vivem. Afirmaram que no hospital não há médicos, mas no estádio construído seria possível que já se tivesse médicos, então se precisassem de médico, iriam procurar no estádio de futebol. Citaram que estamos vivendo a época do pão e circo da história do Brasil.

Na região há falta de água, os trens constantemente estão lotados de trabalhadores, no entanto, ninguém reclama, estão todos felizes com a criação do Itaquerão – que é o campo de futebol. Os jovens criticaram o Bolsa Família, mas não aprofundaram a discussão. Para eles, antigamente os jovens protestavam, mas, atualmente, não querem saber de protestos e nem de estudar, querem todos ir aos bailes *funk*.

A produção desse grupo pode ser verificada na Figura 03.

Figura 03 - Problemas enfrentados pelos jovens de Guaianases; subgrupo 03. São Paulo; 2014.

Destaque para a mulher, a gravidez e a violência.

Ser jovem na periferia é ser julgado todos os dias por ser de uma região sem recursos.

No segundo momento da primeira oficina, solicitamos que os jovens mostrassem suas sínteses sobre os temas abordados: o que é ser jovem e morar em Guaianases.

Ser jovem em Guaianases é difícil. É falta de oportunidades. É matar um leão por dia. É não ter cultura. É ser julgado todos os dias por você ser de uma região inferior as outras. A remuneração aqui é baixa. Ser jovem aqui é difícil. Aqui não tem um lugar para você se distrair.

Concluíram que ser jovem em Guaianases é matar um leão por dia, não ter cultura ou oportunidades e ser julgado todos os dias por ser de uma região sem recursos, sem lugar para se distrair, e ainda estar exposto ao consumo de drogas.

Destacaram que muitos jovens praticam o roubo para ter suas necessidades satisfeitas, começando com pequenos roubos, sendo presos e ficando revoltados. Ao retornarem para a sociedade furtam objetos cada vez mais valorizados, aumentando a vontade de obter ainda mais “coisas de valor”.

Um jovem relatou sua experiência. Disse que trabalhava e seu dinheiro era gasto com roupas de marca a fim de ficar na moda entre os amigos, mas ao perceber que nada se alterava, resolveu mudar. No entanto sentiu-se excluído do grupo do qual fazia parte. Na opinião deste jovem, não há possibilidade de ser diferente, pois o grupo a que pertence o excluí, porque não compartilha das ideias do grupo. Pode-se verificar isso no trecho a seguir:

Antes eu estava trabalhando e o dinheiro que eu pegava gastava. Comprava um boné só por causa da marca estampada. Eu percebi que isso não ia me levar a lugar nenhum. Então, comecei a pensar diferente. A melhor maneira de você arrumar um inimigo é se expressar e mostrar o que pensa. O povo começa a zuar. Aquele moleque lá, a besta. Esses negócios assim. É isso, se você faz diferente. O povo que é mais esperto que está tentando fazer alguma coisa, geralmente, é zuado. O cara é excluído. Então, você aqui tem que ser igual a todos. Veja por exemplo, todos com o bonezinho para traz. Todos com as roupinhas de marca. Por quê? Porque a mídia impôs. A mídia impôs para eles estarem assim.

Alguns jovens presentes na oficina não gostaram dessa afirmação dizendo que era preconceito falar dos jovens que consumiam produtos de marca. O jovem que narrou a experiência afirmou que se estava incomodando os demais ao falar sobre o assunto, era porque os demais estavam gastando dinheiro com coisas desnecessárias e estavam insatisfeitos.

No final da oficina, uma participante afirmou que não mais frequentaria as oficinas porque um dos jovens disse que não iria filmá-la por ser ela negra e feia⁸.

As desigualdades sociais são refletidas no espaço geossocial.

⁸Os pesquisadores procuraram discutir com a jovem e com o grupo os preconceitos sociais contra o negro e o sistema de valores contemporâneo, mas ela não retornou ao grupo.

A segunda oficina foi realizada em 26 de fevereiro de 2014, com 16 jovens. Os objetivos da oficina foram diagnosticar a realidade do bairro e discutir as necessidades dos jovens; identificar as críticas dos jovens em relação ao consumo de drogas e relacionar a discussão com o que é apresentado na mídia.

A oficina foi realizada em dois momentos: no primeiro, em roda de conversa, retomando a discussão da primeira oficina; no segundo momento foi solicitado aos jovens que elaborassem um jornal com o tema “As reais necessidades das periferias”.

Na roda de conversa, retomou-se o tema da primeira oficina. Havia-se solicitado aos jovens a tarefa de fotografar a região onde moram e que trouxessem reportagens sobre Guaianases. Apenas um jovem trouxe a tarefa feita. Ele fez fotografias de um movimento de grafite na escola e entrevistou outros jovens do bairro sobre o que é ser jovem em Guaianases.

O jovem relatou sua atividade e afirmou que os entrevistados consideravam que a região não oferece oportunidades aos jovens. O grupo concordou com o diagnóstico. A ideia de entrevistar outros jovens nas ruas foi considerada pelo grupo uma ação criativa.

Outro jovem fotografou a quadra do condomínio onde morava. Ele estava destacando a abertura que os condôminos ofereceram aos jovens da região, próxima de sua residência, para utilizar a quadra. Segundo esse jovem, por não haver espaço de lazer aos jovens, os condôminos abriram essa exceção.

Em relação à primeira oficina, novas questões foram adicionadas, principalmente à questão do trabalho. Os jovens afirmaram que não há trabalho na região, todos se deslocam até o centro da cidade para trabalhar utilizando transportes lotados, todos os dias. Para o grupo, não há interesse do governo em promover melhorias no transporte público, pois é lucrativo mantê-lo como está. Discutem que nos terrenos vazios da região poderiam constituir espaços para polos industriais, mas que as empresas e os governantes não têm interesse. Afirmaram que na região há jovens talentosos, mas que a mídia veicula apenas as favelas, e também, a falta de educação dos moradores, como se toda a região fosse uma grande favela. Os jovens reiteraram a ausência do Estado no local onde moram os de baixa classe social, que não atende à demanda da região principalmente quanto à locomoção já que o

transporte público da região é pouco e de baixa qualidade. Os jovens afirmaram que na mídia a zona leste é representada como “zona perigosa”.

A discussão passa pela constatação de que a falta de transporte público gera maior volume de carros “particulares”, aumentando o trânsito. Porém, o trânsito nos espaços centrais tem a seu favor os faróis funcionando, adequadamente, as ruas mais largas possibilitando maior movimentação, o que não ocorre em Guaianases. Na região não há calçadas, o que obriga os moradores a andarem na rua, na maioria das vezes, junto com os carros colocando a vida em perigo.

Em relação ao trabalho infantil e de jovens junto ao tráfico de drogas, ponderam haver preferência pelos menores de idade, pois os problemas seriam menores quando a polícia prende menores de 18 anos, o que faz com que muitos jovens pratiquem este tipo de ação. Para os jovens, consumidores e traficantes de drogas teriam sensação de poder, o que por sua vez geraria bem-estar. Na opinião dos jovens, o mesmo ocorre no envolvimento com o roubo. O dinheiro recebido com o trabalho no tráfico, por sua vez, possibilita a posse de produtos de marca, o que também dá prazer.

Para o grupo, os verdadeiros traficantes não estão nas “biqueiras” das periferias e nem vão para a cadeia; ressalta que a Polícia Federal sabe que existem nas periferias as “biqueiras”, mas não se importam porque também ganham dinheiro na região. Destaca ainda, que os jovens são chamados para levar droga de um lugar ao outro, ou vender em pontos fixos nas esquinas “aviõezinhos”. Para esses jovens, os moradores não consumidores de drogas não são problema, pois a situação faz parte da realidade social nas ruas de Guaianases. Eles consideram que o pessoal do tráfico vem de fora da região de Guaianases porque sabe que naquela área há muitos jovens que podem entrar para vender e consumir seus produtos. Abaixo as expressões dos jovens:

O traficante vem de fora. Eles ficam lá no bem bom. Quem é traficante não fica em biqueira. Tem gente que está vendendo a droga porque é dinheiro fácil, mas tem gente ganhando dinheiro em cima. Na verdade, a polícia prende, pega a droga e vende de novo. É uma corrupção. A pessoa vai pela primeira vez no fluxo [baile *funk* na rua] e vê, tipo: a moto passar sem placa, carros. Não é nem deles é roubado, mas a pessoa fica só olhando. Ele pensa. Eu também quero isso para mim. Eu quero mostrar para as meninas que eu

tenho uma moto, que eu tenho um carro. Quero mostrar que eu posso, mas como a pessoa vai poder se em Guaianases não tem recursos. Então, você está crescendo vendo aquilo. A pessoa pensa. Ah, eu sou menor, vou ter um carro bom. Outro chega, a pessoa fica curiosa e pergunta: como você tem isso. Ele fala, eu roubo. Esse é o segredo. O pessoal acaba roubando carro, às vezes, para aquele momento, depois dispensa em outro lugar. Só para dizer que ele está com carro. Entendeu? Você acha que a gente, não tem condições de acabar com o tráfico. O Brasil é a quinta economia do mundo.

Muitos amigos destes jovens estão presos, inclusive ex-alunos da escola. A prisão se deu por diversos motivos, entre os quais, foram apontados homicídio, tráfico de drogas e roubo. Para o grupo, se os jovens forem ao baile *funk*, principalmente quando se trata do *funk* ostentação, e não tiverem nada para apresentar às meninas, como roupas de marca, carros de prestígio, elas não se interessarão por eles. Sendo assim, nos bailes é comum os jovens desfilarem com bons carros e roupas de marca. Ao final do baile, os carros são largados em qualquer local, pois foram roubados apenas para ostentar durante o *funk* ostentação. Percebe-se que ter produtos de valor é o que importa, seja qual for o meio utilizado para obter os produtos. Os jovens são estimulados ao consumo, tanto pela mídia publicitária como entre eles. A consequência é a prisão de muitos jovens da periferia envolvidos com roubos e tráfico de drogas a fim de poder adquirir os produtos que desejam. Abaixo as explicações para o consumo de drogas:

Tenho vários amigos de treze e catorze anos. Conversando com eles porque começaram a usar maconha, a usar esse tipo de drogas. Eles disseram que começaram a usar e continuam usando porque sentiam algum tipo de prazer. Eu não trabalhei na biqueira, mas sei como funciona. Não é a questão de quem vende a droga, querendo ou não a gente está ali do lado. A gente sabe como funciona. Morar em Guaianases, também, tem a questão do roubo. Aqui não tem trabalho e você quer um tênis, quer uma roupa, você não tem essa condição então vai trabalhar na biqueira. Ou então nem trabalha, eles vão para o fluxo [vão roubar]. Aqui, tem menor que já matou, tem menor que está preso e tem menor que já está solto. A maioria que está preso era daqui [da escola]. É aquela coisa: a pessoa, a escola tem um estereótipo negativo. É uma escola boa, mas não vê o lado bom da escola, só o negativo, mas é uma escola boa. As vezes, o que estraga são os alunos. O professor explica bem a matéria, mas os alunos não se interessam em saber. Os alunos não se interessam, por isso tem este preconceito.

Em relação aos policiais, os jovens afirmaram que são abordados de forma humilhantes, seja nos bailes ou em qualquer outro local, e têm suas “coisas” levadas. No caso das drogas, elas são colocadas no circuito para serem vendidas novamente. Eles estão se referindo a conhecido sistema de corrupção, em que policiais se

envolvem. Em relação aos roubos dos carros, não aprofundaram o assunto. Para os jovens, o consumo e tráfico de drogas podem deixar de existir se não houver “fabricação” ou “plantações” de drogas e se toda a sociedade se envolver para resolver os problemas que levam os jovens ao consumo e tráfico de drogas. As explicações para o consumo podem ser verificadas no excerto abaixo:

Eu estava descendo a rua da escola com um amigo e com a mochila da escola na frente. A polícia me parou e ficou perguntando: cadê, cadê os cachimbos, cadê o bagulho (risos) [...]. Meu namorado estava fumando vindo da balada. Ele [o policial] pegou e enquadrou os moleques. Começou a perguntar um monte de coisas: você usa, você está fazendo o que, e isso aqui no seu bolso. Ele [o policial] colocou droga no bolso do meu namorado. Se meu namorado não concordasse, ele ia ser levado. Meu namorado teve que concordar. Ele apanhou, o polícia chutou a moto por cima dele e depois foi embora, e ficou por isso mesmo.

Os jovens falaram no sentido de haver “coisas” que protegem e outras que levam ao consumo de drogas e discutiram o envolvimento com o consumo e com o tráfico como uma questão de escolha. Aqueles que não acreditavam que o consumo é uma questão de escolha exclusivamente individual destacaram a influência da família, dos amigos e do espaço social dos jovens. Os que acreditavam que a escolha por consumir drogas, e/ou se envolver com o tráfico, é de natureza individual explicaram que as tentativas de proteção dos pais não são exitosas.

A principal necessidade social é o direito à vida.

No segundo momento da 2ª oficina, os jovens elaboraram um jornal com o tema: As reais necessidades das periferias. Os jovens se dividiram em 03 grupos e foram oferecidos diversos materiais para realizarem o jornal. Após a construção do jornal, os jovens apresentaram o jornal. A atividade foi filmada pelos jovens. A seguir, excerto dos três grupos expondo com as reais necessidades de Guaianases.

As necessidades de Guaianases são Saúde Pública. Temos um hospital em Guaianases e esse hospital não tem médicos e falta aparelhos. Precisa de mais transporte público, [principalmente] dia de sábado e domingo. A falta de lazer, de acesso a arte, a cultura, de valorizar o skate, andar de bicicleta. Aqui só tem uma biblioteca e ela está com problema no sistema operacional. A

gente não pode pegar livro. É necessário a comunicação com o próximo, grupos com a comunidade. **Há necessidades da comunidade se juntar para fazer projetos igual a esse.** Guaianases está precisando de mais manifestações com as pessoas. As pessoas têm que se manifestar para reivindicar nossas necessidades. Nós vimos que somos capazes com a passagem de trem quando aumentou vinte centavos. Fizemos manifestações e conseguimos ganhar. Do mesmo jeito que conseguimos diminuir o valor da passagem podemos fazer com várias outras coisas. O gigante acordou, mas ele voltou a dormir porque ninguém ligou. E sem isso tudo [referindo as necessidades de Guaianases] o final é isso: morte, destruição e a violência.

O primeiro grupo destacou necessidades tais como: falta de hospital, falta de médicos, falta de transporte público e necessidade de melhorar o transporte existente. Para o grupo, é necessário que as pessoas participarem dos protestos e das manifestações a fim de reivindicarem seus direitos sociais. Os jovens lembraram as manifestações que ocorreram em São Paulo quando houve o aumento da tarifa de transporte coletivo, e o sucesso na diminuição dessa tarifa, a partir do movimento social. Afirmaram que da mesma forma que se obteve sucesso com as tarifas, a satisfação de outras necessidades poderia ser alcançada. Para os jovens, se não houver melhorias no bairro, o resultado continuará sendo o que se vê atualmente - morte, violência e destruição. A produção desse grupo pode ser verificada na Figura 04.

Figura 04 - As necessidades de Guaianases; subgrupo 01. São Paulo; 2014.

O segundo grupo afirmou que Guaianases necessitava de mais investimento na Saúde Pública, que há hospitais na região, mas não há profissionais de saúde, principalmente médicos, além da falta de aparelhos hospitalares. Alguns jovens relatam suas experiências quando vão aos hospitais ou a Unidade Básica de Saúde em geral são deixados esperando com os profissionais dando preferências as crianças e idosos.

Há necessidade de investimento em cultura e educação, principalmente incentivo à leitura. Na região há uma única biblioteca, que há tempos está fechada por problemas no sistema operacional, impossibilitando os frequentadores de emprestar livros. Há necessidade de incentivo à música, pois, segundo os jovens, tocar um instrumento é uma ferramenta de conquista, de melhora da coordenação motora e melhora da mente. Há necessidade de incentivo ao lazer, ainda que na região tenha os campos de futebol estes estão sempre vazios devido ao uso inapropriado pelos consumidores de drogas.

Os jovens também citaram que deve haver valorização dos esportes como skate, bicicleta, basquete. Mas, para tanto, faltam os espaços disponíveis para estimular estas atividades. Finalizaram criticando as novas tecnologias onde os jovens ficam na frente do computador e nos *WhatsApps*, não se envolvendo com outros jovens face a face.

Este grupo aborda as novas tecnologias como uma “força” que prende os jovens para que não participem de atividades presenciais, não consideraram neste posicionamento, que as novas tecnologias possibilitam a interação e a superação do virtual com o presencial, como ocorreu nos rolezinhos. A produção desse grupo pode ser verificada na Figura 05.

Figura 05 - As necessidades de Guaianases; subgrupo 02. São Paulo; 2014.

O terceiro grupo destacou a necessidade de incentivo ao lazer. Na região há necessidade de acesso à arte, cultura, espaços para festivais de músicas e teatros.

Não há projetos compartilhados, como o que estávamos realizando. Para o grupo, deve haver mais tolerância com diferenças, principalmente referindo-se aos estilos musicais. Em Guaianases há uma valorização do *funk* em relação aos demais estilos musicais.

Este grupo destacou a necessidade do jovem tomar parte em projetos que façam sentido para eles, onde possam falar, ser ouvidos e ter suas ideias acolhidas. A produção desse grupo pode ser verificada na Figura 06.

Figura 06 - As necessidades de Guaianases; subgrupo 03. São Paulo; 2014.

Destaque para a falta de lazer na região.

A midiaticização da realidade nas páginas de violência.

A terceira oficina foi realizada em 12 de março de 2014 e compareceram 16 jovens. Os objetivos da oficina foram apreender o concreto vivido pelos jovens no espaço da escola e conhecer as propostas dos jovens para os problemas que enfrentam, destacando o potencial da mídia em pautar um tema da realidade.

Buscou-se que os jovens apresentassem seus relatos a respeito do espaço geossocial de Guaianases, particularizando o espaço ocupado pela escola, e

discutirmos as informações veiculadas na mídia, resgatando o potencial da mídia de veicular informações sobre a realidade.

A oficina foi realizada em dois momentos. No primeiro momento, em roda de conversa, fazendo a avaliação do espaço de Guaianases, principalmente o local da escola. No segundo momento, os jovens elaboraram um *sketch* teatral, em que cada grupo escolheu um personagem da mídia para representar como a mídia representa os jovens da periferia. No formato de roda de conversa, os jovens trouxeram as necessidades do bairro. Explicaram que Guaianases é dividida em diversas vilas e que essas vilas contam com organizações e recursos diferentes. As regiões próximas ao centro teriam mais recursos e organização, e, conforme o distanciamento do centro, o acesso aos recursos diminuiria. Abaixo excerto de partes da discussão:

Em Guaianases tem as vilas que se diferenciam. Nós estamos comparando a vila da escola, com toda a Guaianases. Essa vila da escola comparada com outras vilas ao redor é melhor. Agora outros meninos que não estão acostumados com a vila, talvez tenham outro pensamento. Lá perto do hospital geral tem alguns lados pior que o daqui. Eu sou desse lado, se eu sou do outro lado, eu vou julgar de um jeito, e, se a pessoa vim de lá para cá, ela vai julgar de outro jeito. O julgamento tem diferença, cada um tem sua opinião. Eu tenho uma opinião sobre aqui, ela tem opinião sobre lá, só que ela já mora aqui a muito tempo e eu também moro lá a muito tempo, então logicamente, você vai gostar de onde você vive. [...] então eu acho lá mais organizado. Aqui é mais desorganizado [se referindo ao consumo de drogas]. Lá perto de casa tem uma viela que o povo [quem consome drogas] só fica lá. Você passa [na viela] eles [os consumidores] te cumprimentam. Eles fumam na deles e não mexem com ninguém. Minha madrinha mora na Penha, lá é bem mais exposto que aqui. Lá eles não ligam que nem aqui, se está perto de alguma casa, se está passando alguém, eles não ligam, fumam em qualquer lugar. Lá no Centro também, lá na Sé. Aqui [perto da escola] tudo é mais exposto. Lá [perto do hospital] o pessoal [os consumidores de drogas] respeita mais. [A segurança]. Porque onde eu moro, ou mesmo aqui você não é ninguém. Se você estiver saindo e tomar um tiro, você não é ninguém, se eu estiver com uniforme eu sou identificado como estudante. Se eu estou saindo da escola e estou com uniforme e o policial me para; ele sabe que eu sou da escola.

A localização da escola dentro do território de Guaianases possui avaliações diferentes entre os jovens. Os que moram perto da escola avaliaram, numa escala de 0 a 10, em 08 a região da escola. Os que moram no centro de Guaianases avaliaram a região da escola com nota 05. Reconheceram que Guaianases, quando comparado a outros bairros de São Paulo, recebe uma nota menor que as oferecidas por eles dentro desta escala. Os critérios utilizados para oferecerem a nota foram conhecer a

região, a organização do território e o respeito dos traficantes com os moradores do bairro. Os jovens exemplificaram os critérios usando o comportamento/funcionamento do tráfico de drogas em cada vila.

Para os jovens a escola é localizada no meio da favela, mesmo que tenha casas de alvenaria, eles mesmos, são “favelados”. A escola tem um estereótipo negativo, percebido na frase “entra burro e sai animal”, o que na opinião dos alunos é falso já que há alunos talentosos, professores bons, embora haja alguns alunos que não se dedicam ao estudo e que parte desse grupo essa visão estereotipada. O estereótipo é considerado por eles como um reforço para isolar tanto a escola como seus alunos, inclusive dentro do próprio bairro. Os jovens afirmaram que a instituição escola representa seus alunos, e sendo alguns jovens estudantes “fora da ordem”, o estereótipo negativo da escola se sobressai.

Os jovens iniciaram uma discussão sobre a comunicação midiática. Afirmaram que há discrepância entre a realidade midiaticizada e a realidade cotidiana. Afirmaram que as informações veiculadas não são verdadeiras, principalmente sobre a região de Guaianases, lembraram-se dos rolezinhos, que ocorreram em São Paulo e iniciaram uma discussão, o que pode ser constatado abaixo:

O rolezinho é um bando de gente fazendo bagunça. Era para ser uma coisa legal, mas como aconteceu com a solicitação da passagem, muita gente, entrou no tumulto para roubar e lesar as pessoas. Tinha dois tipos de jovens: tinha os que estavam querendo ganhar o seu [se referiam as pessoas que queriam roubar] e tinha outros querendo reivindicar. A mídia divulgou o lado negativo. No rolezinho só tem *funkeiro* você não vê um roqueiro, mas se a pessoa for de má índole, ela pode curtir qualquer música, não é só porque ela curte o *funk* que ela já é bandida. A mídia e o governo formaram essa visão do *funk*. A mídia fala que a menina que vai ao *funk* é vagabunda. [Em relação as redes sociais] aqui você é você, mas quando entra no *Facebook* você é outra pessoa que está se passando, entendeu. O *Facebook* é como se fosse duas pessoas, duas vidas diferentes. [O que é o Facebook], o *Facebook* é um site de relacionamento, tem jogos, tem um monte de coisas. [Para que usam] eu uso para ver as fotos, ver o que as pessoas escrevem, olho para ver se tem alguém online, para falar com meus parentes que moram longe, para ver as fotos de mulheres ... [se referindo à fotos sensuais], para conversar, para falar com amigos da escola. Eu uso para tudo. O pessoal fica mandando solicitação de festas, de shows e de tudo quanto é coisa.

Para o grupo, o movimento rolezinho teve início na rede de mídia social o *Facebook*, no grupo dos funkeiros. Os encontros ocorreram no *Shopping Center* e nos parques. No *Shopping Center* teve muitos jovens participantes, mas no parque não.

Discutimos quais seriam os motivos das diferenças de participação dos jovens. Eles concluíram que no *Shopping Center* é mais atrativo, pois tem produtos para ser consumido, aparecerem na mídia e chamar a atenção e no parque não.

As opiniões sobre o movimento dos rolezinhos se dividiram em duas. Um grupo traz o movimento como “baderna” realizada por funkeiros que queriam fazer tumultos. Ideia bastante difundida na mídia hegemônica. O outro grupo destaca o movimento como solicitação dos jovens por direitos sociais, reivindicação à participação social, embora houvesse entre eles jovens que queriam apenas chamar a atenção. Para este grupo, a mídia veiculou apenas o lado negativo do rolezinho, transmitindo cenas de agressão, comportamentos “fora da ordem”, ou seja, “badernas”. No entanto, salientaram, se houve roubo, o problema ocorreu no próprio grupo, porque os comerciantes fecharam as portas dos comércios uma hora e meia antes do horário marcado do evento, com medo de serem assaltados.

Sobre a intencionalidade da mídia em divulgar somente o lado negativo dos rolezinhos, na visão dos jovens está relacionado à ideia de que o governo não permite que jovens da periferia se sobressaiam e cresçam, e também, porque o rolezinho está atrelado ao movimento do *funk*. Mesmo se não tivessem ocorrido confusões, seria um movimento excluído, porque a mídia discrimina este estilo musical.

Houve uma discussão a respeito da liminar que proíbe a entrada dos jovens da periferia nos *Shoppings Centers em grupo*. Consideraram essa posição por parte das autoridades como rígidas, excludentes e preconceituosas com os grupos sociais empobrecidos. Afirmaram que esse posicionamento não levava em consideração outras situações, como por exemplo, jovens que trabalham, e, após o trabalho encontravam amigos no *Shopping Center*. Com essa medida, jovens trabalhadores estavam proibidos de entrarem em grupo, mesmo que não tiveram participação nos rolezinhos.

Os jovens retornaram a discussão da rede social onde se deu o início da marcação dos rolezinhos). A rede social foi avaliada como uma ferramenta de comunicação que possibilita ao jovem ser outra pessoa. Na semana anterior, havíamos criado um grupo na rede social para os participantes do projeto, no entanto, poucos foram encontrados pelo nome. Relatam que na rede social eles adquirem

outro perfil, não os seus verdadeiros. Em relação a utilizar a na rede social eles utilizam para ver fotografias, falar com amigos, falar com familiares distantes e jogar. Quanto à publicação na rede social, afirmam que replicam o que acha interessante, publicam salmos, leem as conversas alheias e publicam fotografias.

Em relação à segurança dos jovens na região. Na escola a segurança é apontada pela institucionalização do uniforme e das grades que cercam a escola. O uniforme possibilita serem identificados como estudantes, principalmente, quando abordados por policiais que geralmente aproximam-se dos jovens com agressividade, mas se uniformizados sentem-se seguros, referindo-se, inclusive, que há mudança de comportamento dos policiais em relação aos jovens, reconhecendo-os como estudantes. Eles sentem-se inseguros na região, principalmente, os que não fazem parte do “movimento”, ou seja, que não possuem amigos que estão no circuito de compra e venda das drogas, mas, a insegurança é maior, em relação a violência policial.

Não são todos os alunos que usam o uniforme, segundo o grupo, alguns não têm dinheiro para comprar. A discussão em relação à compra do uniforme foi ampliada para além do uniforme. Alguns justificaram que muitos alunos não usam o uniforme devido à falta de dinheiro para comprar. Outros criticavam esta afirmação, pois, os que dizem não poder comprar o uniforme, como todos os jovens da escola, usam tênis de marca que custam mais de mil reais. Alguns defendiam a ideia de que o Estado deveria fornecer os uniformes, outros destacavam que se a família ganha *Bolsa Família* deveria utilizar o dinheiro para comprar uniforme e não gastarem o dinheiro com produtos de marcas.

Em relação as melhorias da escola. Para os jovens, a direção da escola sempre fala em melhorias, em mudanças, tanto no projeto educacional como na parte estrutural da escola, mas as melhorias não acontecem. Há, porém, discrepância de opiniões sobre este assunto. Para alguns, as melhorias foram a institucionalização do uniforme, o horário de entrada e saída na escola, as grades ao redor da escola, a merenda escolar, a estrutura das salas de aula, aquisição de novos equipamentos e sala de informática. Para estes jovens, as mudanças que ocorreram oferecem segurança, conforto, confiança e despreocupação com a violência.

O estereótipo da escola é ruim, isto ocorre na visão dos jovens porque as melhorias não são divulgadas. Refletimos como as melhorias poderiam ser divulgadas, destacaram o jornal de circulação interna da escola. No entanto, há dificuldades para elaboração e execução do jornal por parte da coordenação escolar. Segundo o grupo, há disposição dos jovens e materiais disponíveis, mas não há um profissional representante do jornal frente aos alunos, além disso, as propostas dos alunos não são acatadas, desmotivando-os.

Os jovens acreditam que a coordenação do jornal pelos próprios alunos é problemática, pois os alunos não respeitarão este coordenador. Por outro lado, citam algumas melhorias na escola devido à atuação e envolvimento dos alunos. O jornal seria um espaço para a participação dos jovens, mas esta prática é cerceada aos jovens, desde acatar suas opiniões a ter acesso aos materiais necessários para a elaboração do jornal, desta forma possuem ideia de que não conseguem realizar por eles próprios o jornal.

A escola fala muito de mudança, mas ninguém toma [ação]. Eles prometem e a gente acredita. Chega na hora, tudo é a mesma coisa. [As mudanças que percebiam na escola] na escola mudou a merenda, mudou as salas, antes não tinha ventilador e agora tem, não tinha sala de informática era tudo quebrado e agora tem. Agora tem horário de entrar e sair. Isso é bom. [A midiatização das mudanças] as mudanças não estão sendo divulgadas e se elas estão sendo divulgadas, elas não estão chegando para nós. [A participação no jornal da escola] o jornal é produzido dentro da escola, os alunos não podem tomar [a ação] de produzir o jornal. A gente tem o interesse, mas depois a gente se desinteressa, porque não vai. Eles falam: vocês não têm interesse, mas a gente já se interessou. Depois joga na nossa cara. Não dá para chegar lá e dizer o que a gente quer produzir. [Possibilidade de um aluno ser o coordenador] eu acho que não daria certo, eles [os jovens] não vão entender. Porque você é um aluno, eles não vão te respeitar, vão achar que a gente está querendo mandar. Mas a gente não quer mandar. A gente quer agilizar. Eu sou coordenador da minha sala e ano passado teve uma reunião com os alunos. A lousa era péssima. Então fui buscar o regimento escolar. Eles [os alunos] me deram a parte da obrigação do aluno, não me deram a parte da obrigação da escola. Eu bati de frente com a escola. Eu consegui fazer um abaixo assinado com 30 pais mais os alunos. A gente conseguiu trocar a lousa. Então assim, eu acho que se a gente tomar à iniciativa a gente consegue, mas faltam mais alunos participantes.

*A inversão da realidade
na midiatização da
periferia.*

Segundo momento da terceira oficina. O grupo foi dividido em dois, a fim de elaborar um teatro com cenas em que cada grupo de jovens escolheria uma personalidade midiática, ou programas de televisão com a condição que apresentassem conteúdos que divergissem dos comumente veiculados por essas personalidades e programas. Abaixo as narrativas dos jovens a respeito dos teatros apresentados.

A gente quis mostrar o policial corrupto, o policial que forja. Como vocês viram um dos que estavam aqui era estudante, e os outros que estavam na função [consumindo drogas]. [Na abordagem do policial os jovens que consumiam drogas] não pegaram nada, saíram de boa e ele [o estudante] ficou [o policial implantou drogas]. Isso acontece aqui. Os policiais colocam drogas em nós. Geralmente, os que estão certo vão sair como errado. [Teatro: um entrevistador recebe um entrevistado para falar do funk e depois abre para a participação da plateia] você concorda com os encontros de *funkeiros*, principalmente, nas madrugadas. Eu não concordo porque é sempre na madrugada. Tem muita gente que trabalha [se referindo aos moradores das ruas] eles [os *funkeiros*] não têm dia nem horário para estar lá [...]. O ponto negativo do baile *funk* [é] o som muito alto, as drogas que rolam, [e também] as meninas não se dão os devidos valores nestes encontros [...]. A parte positiva é que todos se divertem. Isso é importante porque os jovens não têm outra opção [de lazer]. [As propostas para superar o problema] a gente pode pensar em abrir oficinas, grupos, abrir um parque, alugar uma casa. Foram abertas umas quadrinhas e fizeram um palco para shows. **É um espaço bom para se divertir, mas os bolivianos tomaram conta de lá** [ocupação pelos bolivianos de um espaço que seria para o lazer dos jovens].

O primeiro grupo apresentou uma cena em que havia um grupo de jovens consumindo drogas. Um estudante chegou na rodinha dos jovens que estavam consumindo drogas, solicitando que saíssem daquela vida. Neste momento, chegou a polícia e enquadrou todos. O estudante foi abordado pelos policiais que implantaram drogas em seu material escolar. Os que estavam consumindo drogas foram dispensados e o estudante ficou para oferecer maiores explicações aos policiais. O grupo finaliza o teatro afirmando que isso ocorre quase todos os dias na região. A intenção foi mostrar a corrupção dos policiais que forjam determinadas cenas cotidianas.

O segundo grupo apresentou uma mídia interativa com os jovens, cujo tema era o *funk* na periferia. Um dos jovens fez o papel de jornalista, entrevistando uma pessoa conhecedora do funk das periferias. As perguntas giraram em torno da liberdade dos bailes funk nas periferias. A entrevistada solicita um espaço para que os bailes sejam realizados. Neste momento, o jornalista abre o microfone para a

plateia, que pergunta se a entrevistada era a favor ou contra os bailes funk. A entrevistada responde que é contra, devido ao volume alto do som nas madrugadas em frente às casas dos trabalhadores, o consumo de drogas e a desvalorização do gênero feminino nestes espaços.

*As representações da realidade
da periferia nas diferentes
mídias.*

A quarta oficina foi realizada em 19 de março de 2014 e compareceram 13 jovens. O tema era “As diferentes mídias e a representação do jovem da periferia”, com destaque para os rolezinhos. O objetivo era conhecer como os jovens selecionam a mídia que utilizam e que critérios utilizam para selecionar as reportagens. Havíamos solicitado que trouxessem de casa esta atividade, no entanto, apenas um jovem realizou a tarefa.

A oficina foi dividida em dois momentos, em contextos diferentes. No primeiro momento, na sala de informática da escola. O espaço conta com aproximadamente 15 computadores e uma monitora. Para utilizarem os computadores, os alunos precisam de cadastro e senha, e acessam a internet com tempo cronometrado pela monitora, de 30 minutos. No dia da oficina, havia 08 máquinas em funcionamento, alguns jovens se dividiram em duplas e outros ficaram sozinhos. O segundo momento foi realizado em roda de conversa no anfiteatro, para debater a busca da informação e discutir as leituras realizadas.

Para fazer a busca das informações sobre os rolezinhos, muitos jovens utilizaram o site de busca *Google* e sites similares, outros iniciaram a busca pelo *Facebook*. Os jovens apresentaram dificuldade em elaborar a busca, em utilizar as palavras-chaves e no conhecimento de qual era a origem das informações a que chegaram. A seguir, os principais sites utilizados para fazer a busca sobre os rolezinhos.

[Sites utilizados para a buscar informações sobre os rolezinhos] O primeiro site para fazer a busca que usei foi o da UOL, o Facebook e o Google [...]. Eu cheguei mais na Globo, foi o que mais achei. Utilizei apenas a palavra

rolezinho o lado bom e o lado mal do rolezinho. Eu cheguei na página [...] do Jornal da Gazeta [...]. Eu procurei no site da revista Veja [se conhecia ou não o site da Veja]. Sim, eu leio em casa [...]. Eu pesquisei em casa, pesquisei em diversos sites e a maioria tinha o lado crítico.

No resultado da busca, os jovens selecionavam as primeiras notícias que apareciam na tela do computador, sem avaliar quem estava oferecendo as informações, faziam leitura superficial do título e do primeiro parágrafo e tentavam reproduzir o que haviam selecionado e lido. Alguns jovens deram preferência a vídeos que exploravam o tema, no entanto, o tempo para carregar a página era longo, e o sistema fechava devido ao tempo de acesso à internet, limitado aos jovens.

Os jovens foram estimulados a anotar e refletir sobre os resultados da pesquisa. Nesse processo, observamos diferentes níveis de participação, dos mais concentrados aos mais dispersos. Poucos se aprofundaram na busca sobre os motivos dos rolezinhos ou refletiram sobre os motivos das distorções realizadas pela mídia hegemônica. No final do primeiro momento, os jovens foram orientados a retornarem para o anfiteatro, para uma roda de conversa. Durante o trajeto, alguns jovens se dispersaram, havendo necessidade de chamá-los para o segundo momento da oficina.

A mediatização dos rolezinhos.

Segundo momento da 4ª oficina em roda de conversa. O jovem que realizou a busca em casa encontrou maior número de notícias negativas, mesmo nos sites que se propunham a contar a história dos rolezinhos. Outros jovens afirmaram que leram notícias de que os rolezinhos existem há tempos na sociedade, nos postos de gasolina e em estacionamento de mercados, e que a mídia não se interessava pelo evento, divulgando agora, somente o lado da violência e da “baderna”, principalmente, dos rolezinhos que aconteceram na zona leste, sem citar em nenhum momento, que o encontro era comum entre os jovens.

Um jovem criticou uma charge que falava do organizador do rolezinho. Segundo a notícia, o encontro foi organizado por jovens funkeiros. Na charge, o organizador do evento falava em gírias e precisava de um intérprete para se

comunicar com a presidenta Dilma, claramente demonstrando que a linguagem dos jovens participantes dos rolezinhos, principalmente os funkeiros, é incompreensível. O jovem também abordou a questão dos comentários que leu na internet em relação aos rolezinhos, que citaram que os seus participantes eram baderneiros, negros e de baixa renda. Segundo o jovem, estes comentários foram criticados por alguns que interagiram na internet, assim como, também foi criticado pelos jovens da oficina que concluíram que essas informações não são corretas e são preconceituosas. A seguir as falas dos jovens sobre o que leram na mídia sobre os rolezinhos.

Eles só criticavam. Alguns deles tinha o título a história do rolezinho que era da folha de São Paulo -, mas não era a história. Eles só falavam a parte negativa. Eu vi uma charge que é um vídeo⁹ da [Presidenta] Dilma com o líder do rolezinho e no meio um intérprete. O interprete fala: eu estou aqui para ajudar. O líder do rolezinho começa a falar na gíria. Ela [a Presidenta Dilma] fica com uma cara de quem não entendeu nada, daí o interprete traduz o que ele falou. [Crítica do jovem] então quer dizer, só porque é funkeiro tem que ter um interprete para falar, então quer dizer que ninguém entende o que os funkeiros falam. Então, achei errado, foi uma coisa negativa também. [...]. [Sobre as notícias lidas] então eles estavam mentindo. Eles não estavam falando todos os fatos. Então eu li, que tipo, tem muita gente falando que foi um encontro de fãs. [...] tinha gente de todos os tipos não só *funkeiros*. Esses negócios do rolezinho não vem acontecendo agora, ele acontecia faz tempo, em postos de gasolina, mercados. Não era exposto o que acontecia antes, não tinha essa baderna, puseram o que aconteceu agora, que teve roubo, esses negócios, atrito, um monte de drogas, só pôs a violência na mídia, não pôs o lado de que já vem de alguns anos atrás. Não era para ser o que aconteceu. Eu achei, assim, errado. Um desses que comentou, disse que: os que participam assim desses rolezinhos são negros e pessoas de baixa renda, então isso teve muita repercursão, porque muita gente comentou, criticou ele.

Discutimos as diferenças entre o evento organizado pelos estudantes da Universidade de São Paulo – USP, que comemoraram a entrada na universidade em um *Shopping Center*, e liminar¹⁰ de proibição dos rolezinhos nos Shoppings Centers. Liminar destinada principalmente aos jovens das periferias. Os jovens concluíram que as proibições propostas são preconceitos, percebendo que, o que está por trás da proibição é a diferença de classe social.

⁹ Charge. Dilma com integrante do rolezinho. (citado 2015 jun. 14). Disponível em: <http://mais.uol.com.br/view/14833202>

¹⁰ Shoppings de SP conseguem liminar na justiça para impedir rolezinho. (citado 2015 mar. 18). Disponível em: [FOLHA DE SÃO PAULO](#); COTIDIANO

Em relação às notícias positivas e negativas sobre os rolezinhos, trouxeram mais os pontos negativos que os positivos. Os pontos positivos citados foram: foi um grito dos jovens por lazer, evento para os jovens se divertirem, maneira de encontrar as pessoas do *Facebook* que não se conheciam, ocupação dos jovens das ruas, os jovens mostrarem sua força, uma maneira dos jovens chamarem atenção sobre si, os jovens se unirem para ajudar as pessoas que estão necessitando de ajuda material. Concluíram, foi uma maneira dos jovens saírem de casa e ocuparem os espaços sociais e descobrirem as “*malandragens*” do mundo. Abaixo jovens se posicionam a respeito dos rolezinhos:

Sobre esse negócio que postaram, veio gente do todas as zonas: zona sul, zona leste. Vieram de vários lugares, não tem essa de só zona leste. Acho que o lado positivo foi o jovem ter mostrado sua força. Tipo, se eles queriam chamar atenção eles conseguiram, então eles mostraram sua força. Estão falando que fizeram uma lei que menores de 16 anos só podem entrar acompanhados com os pais, estava falando no Jornal Nacional. Isso é um preconceito, igual assim, eu tenho meus amigos, um dia eu vou marcar para gente ir ao shopping e eu não vou poder entrar porque outras pessoas fizeram isso, e eu não tenho nada a ver. Eu vim saber que era um encontro de jovens hoje, depois da pesquisa. Porque até então a gente tinha o que a mídia falou, que foi roubo, aquilo e aquilo outro. A gente não chegou a pesquisar, eu pesquisei hoje.

Oferecemos algumas notícias de outras fontes que trouxeram o lado positivo dos rolezinhos. Alguns jovens afirmaram que foi a primeira leitura que haviam realizado a respeito do lado positivo, indicando a dificuldade em buscarem informações que analisam de maneira aprofundada suas realidades sociais. Alguns tinham amigos que participaram dos rolezinhos e seus objetivos não eram fazer badernas, mas sim, encontrar amigos e passear no *Shopping Center* em grupo, inclusive, um dos jovens tinha um amigo que foi exposto no jornal como baderneiro, no entanto, no momento em que a foto foi feita, ele estava apenas querendo sair do meio da multidão.

Os jovens discutiram os estereótipos de um jovem rico e de um jovem pobre ao entrarem nos *Shoppings*. Do ponto de vista destes jovens, os ricos são mais despojados, mais à vontade que os pobres, que vão todos arrumadinhos e que querem parecer ricos, demonstrando a busca dos jovens por assemelhar-se aos jovens das classes dominantes.

Os jovens foram estimulados à leitura crítica das mídias e concretizaram a ideia de que nem todas as informações divulgadas são verdadeiras, devendo ser filtradas. Chegar a essas conclusões demandou muita discussão. Sínteses dos jovens entre as diferenças dos rolezinhos dos estudantes uspianos e eles, e como essas diferenças apareceram:

Porque eles não estavam fazendo a bagunça que as outras pessoas estavam fazendo. [...] estamos falando de diferença de classe social. Quem faz USP é outro nível e quem não faz é ninguém. A maioria das pessoas que vão no Shopping na zona sul não vão de tênis que nem a gente, vão de havaianas, vão mais simples. Não demonstram tanto que tem [dinheiro]. O pobre chega com o pagamento dele [para comprar]. O rico chega lá com cartão, você não vai ver ele tirando a carteira e pegando [com] dinheiro. Ele vai pagar com o cartão de débito. O rico não quer se aparecer, o rico não se mostra com dinheiro, mas olha a roupa, o carro que ele tem. Pobre quando tem quer mostrar que tem. O rico pode ocupar o espaço, o pobre não.

*O Estado e o
“círculo da
pobreza”.*

As próximas cinco oficinas (5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª) correspondem à segunda e à terceira fase da pesquisa-ação, que são planejamento de uma solução e implementação. Na PHC correspondem ao momento da problematização do fenômeno e o momento da instrumentalização teórica dos participantes.

A quinta oficina foi realizada em 24 de março de 2014 e compareceram 17 jovens. O tema da oficina foi a “A exploração da pobreza na periferia” cujo objetivo era compreender as conexões entre a realidade concreta vivida nas periferias e o funcionamento do modo de produção.

A estratégia utilizada foi o filme “*Quanto vale ou é por quilo?*”, uma produção cinematográfica com roteiro de Eduardo Benaim e Newton Canitto, do cineasta e diretor Sérgio Bianchi, lançado em 2005. O filme explora a situação das classes no Brasil colônia, traçando um paralelo com a contemporaneidade, tendo foco as relações de exploração entre escravo/trabalhador e senhor/donos dos meios de produção ou burguesia. É um filme que trata de forma crítica as ONGs (Organização Não Governamental), a relação íntima entre Estado, propriedade privada e

assistencialismo. O tema central é o papel das ONGs no Brasil, seu funcionamento e ligação entre o governo, iniciativas privadas e seus interesses ligados ao funcionamento e formas de reprodução (Mateus, 2013).

Como anfiteatro foi emprestado para outro professor, houve necessidade de improvisar a exibição na biblioteca da escola, que estava desorganizada. Não há funcionário responsável pela biblioteca e os jovens não têm livre acesso ao espaço. Foram gastos, aproximadamente, 30 minutos iniciais para organização e instalação do equipamento. Os jovens ajudaram durante a organização.

Após o início do filme [“Quanto vale ou é por quilo?”](#), os jovens foram, gradativamente, ficando em silêncio e mais atentos. Houve momentos de dispersão, mas sem comprometer o andamento da exibição do filme. Devido aos problemas no começo desta oficina, não foi possível concluir a exibição e iniciar a discussão. Os jovens iriam ver o restante do filme em casa pelo *youtube*, que o disponibiliza na íntegra. No final da oficina, alguns jovens destacaram alguns temas observados na história do filme, percebendo a exploração e a discriminação.

*Educação: espaço para elaborar
práticas comunicativas
emancipatórias.*

Reverendo o processo

No dia 31 de março de 2013, rediscutiu-se o projeto com o professor encarregado e a vice-diretora e a importância de sua inserção transversal no Projeto Escolar. Ofereceu-se nova súmula do projeto para que pudesse chegar a todos os professores.

A conversa foi agendada em função de dificuldades para que alguns professores liberassem os alunos para participar do projeto, já que ele acontecia no horário de aula. Discutiu-se que as discussões do grupo poderiam ser aproveitadas como recurso em sala de aula e que os professores poderiam participar através do grupo na rede social.

O professor, mediador do sistema escolar e comunitário, relatou que alguns jovens estavam comentando que o espaço do projeto era favorável para expressão e participação, o que justificava as saídas das aulas, avaliava o processo de argumentação e crítica dos jovens como aspectos positivos. Ele também afirmou que o projeto estava inserido no projeto pedagógico da escola.

As demais oficinas foram agendadas, a fim de evitar impasses, e o professor ficou com a lista dos jovens participantes para que pudesse oferecer aos professores da sala de aula, e assim, justificar possíveis faltas. Essa reunião com os responsáveis da escola pouco alterou os problemas enfrentados. É digno de nota, no entanto, que o professor representante do projeto junto aos alunos, em todo tempo esteve presente oferecendo apoio nas dificuldades encontradas pelo grupo.

*A comunicação
para além do aqui
e agora.*

A sexta oficina foi realizada em 07 de abril 2014 e compareceram 11 jovens, sendo que 03 deles não haviam participado da oficina anterior, quando houve a exibição do filme a ser discutido nesta oficina. Nenhum dos participantes reviu o filme em casa. O tema da oficina era “O que está por trás das comunicações midiáticas direcionadas aos jovens e ao seu território?” O objetivo era que os jovens problematizassem a comunicação midiática direcionada aos jovens, principalmente, das periferias.

A oficina foi realizada em roda de conversa. Retomou-se o filme “Quanto vale ou é por quilo?”, apoiando as discussões no texto “Para compreender a pobreza no Brasil” de Valla, Stotz e Algebaile (2005). O texto havia sido disponibilizado na rede social, no grupo construído para que os jovens pudessem acessar com antecedência os materiais.

Os jovens retomaram as cenas dos filmes para realizar as discussões e destacaram as cenas: do escravo comprando sua liberdade, do desvio de verba pelas ONGs, da compra de produtos superfaturados e do estereótipo do negro para

demonstrar a pobreza e o suborno das ONGs. Quanto ao Estado, podemos verificar nas falas o seguinte:

Em ano de eleição eles [os políticos] prometem tudo, deus e o mundo. [...]. Depois, cadê o que prometeu [...] O escravo não podia ser livre, mas ele podia comprar a liberdade, coisa que hoje em dia não acontece. Você não pode estar comprando sua liberdade. [...] aqui tem pouco transporte. [...] aqui é onde tem mais habitantes. Eles [referindo aos responsáveis pelos transportes coletivos] tentam isolar. É [por] causa do governo. Quanto eles devem ganhar por dia. Vamos supor 100 pessoas saindo daqui para pegar o trem por três reais por pessoa. Lucrou. O que eles fazem? Eles trazem mais drogas para cá [...].

Os jovens afirmaram que a campanha apresentada no filme de *marketing social*, que procurava melhores condições de vida, era falsa, oferecia o mínimo para a periferia com materiais de má qualidade. Concluíram que os interesses das ONGs eram outros, e não o de mudar a realidade dos pobres. Identificaram a exploração da pobreza, de forma explícita, como o trabalho escravo, e de forma tácita, pela oferta de produtos de baixa qualidade aos pobres.

Destacaram a cena do filme em que a funcionária ao tentar denunciar as fraldes da ONG acaba executada. Afirmaram que, atualmente, há pessoas que são exploradas e não percebem, acreditando que tudo está correto. Traçaram um paralelo com as cenas que retratavam a escravidão, na qual os próprios escravos não reconheciam seu valor com suas realidades nas periferias, onde também são estereotipados e sem reconhecimento de seu valor próprio e pela sociedade.

Em relação à exploração a que são submetidos, destacaram a comunicação midiática dos políticos que divulgam em suas campanhas as crianças pobres, saem nas ruas ajudando os pobres, chamando atenção sobre si, e após a eleição nada mais acontece. Afirmaram que o povo sabe que os políticos não cumprem o que prometem, mas votam neles mesmo assim. Há também os que sabem estarem sendo explorados, mas não conseguem encontrar saídas, voltaram à cena do filme em que a funcionária que denuncia a corrupção se deu mal.

Para os jovens, as publicidades e os programas de televisão são realizados para a juventude, que é o futuro do país. As publicidades são direcionadas para vendas de mercadorias e obtenção de lucros. Exemplificam com a campanha e o

programa “Criança Esperança”, que afirmam ser para cuidar de crianças carentes, mas no fundo estão coletando dinheiro para seus próprios benefícios.

Dessa forma, foram discutidas as campanhas de ajuda a pobres e crianças carentes. Os jovens justificaram as ONGs e suas campanhas afirmando que elas são necessárias devido à corrupção e o desvio de verbas no governo que prejudicam que os recursos cheguem às crianças carentes. Nessa discussão foram abordados os motivos de crianças estarem desamparadas, relacionando-os à inacessibilidade dos pais à educação, ao trabalho e ao desvio dos impostos do Brasil.

Os jovens afirmaram que atualmente há exploração das pessoas, mas muitos não percebem, exemplificaram a exploração pelo preconceito e o racismo em relação aos negros. Voltaram à cena do filme em que as pessoas recebiam produtos de segunda linha; segundo os jovens, aquelas pessoas não percebiam a exploração porque não eram conscientes da situação em que viviam.

Os jovens retomaram a cena do filme em que as crianças brancas foram pintadas de preto para parecerem negras. Afirmaram que se tratava de uma prática midiática para que se reconhecessem na cena. Para eles, nem todo produto/marca midiaticizada pela publicidade tem a qualidade que diz ter, ao mesmo tempo destacaram o lado positivo da publicidade, citaram as publicidades de faculdades e de algumas marcas consideradas boas por eles.

Ao final, os jovens destacaram o fato de as pessoas terem confiança na mídia, o que as influencia no processo de decisões, afirmaram que para muitos a mídia dita a norma de como as “coisas” devem ser. No entanto, salientaram que deve haver crítica na utilização dessas informações, pois nem sempre as publicidades são verdadeiras. Destacaram que há mídia positiva e negativa em relação a diversos assuntos, cabendo aos jovens saber escolher a mídia que irão consumir. Conforme o grupo a mídia mais utilizada é a televisão, e, atualmente, não consideram ser possível viver sem as mídias. Todavia, parece haver receio de inovar as propostas e conteúdos das mídias, não aprofundando a discussão.

Levantou-se nessa oficina a necessidade da leitura crítica da mídia, de investigar as veracidades dos fatos, de ampliar o que foi divulgado traçando um paralelo com a realidade em que vivem e ampliando para a sociedade como um todo

a fim de não serem manipulados. A seguir trechos das narrativas dos jovens trazidas nessa oficina, sobre o filme apresentado e as conexões com a realidade de Guaianases:

Tinha os escravos e todo mundo achava que os escravos não tinham o valor deles, até que uma pessoa viu esses valores e decidiu provar esses seus valores. [Sobre a escravidão] acontecia também escravidão com as pessoas brancas. [Atualmente] as pessoas estão sendo exploradas e nem percebem, acham que aqui está certo. O que estava acontecendo antigamente ainda acontece. A propaganda é isso busca o dinheiro do povo. Às vezes o que está na propaganda não é o que você compra. A exploração gera corrupção. [Os jovens] não fazem besteira para irem à faculdade ou em algum curso. [Na mídia há] dois lados, mas cabe ao jovem perceber qual o lado positivo. O lado bom é que mostra a propaganda das faculdades, alguns não se interessam por isso, mas quase todos, se interessam pela propaganda de um tênis, um boné, e às vezes, fazem até besteira para terem aquilo.

*A relação social
baseada no
consumo.*

A sétima oficina foi realizada em 14 de abril 2014 e compareceram 12 jovens. O tema da oficina era “As ferramentas midiáticas como estratégias para alcançar as pessoas”. O objetivo era que os jovens reconhecessem as estratégias utilizadas pela mídia a fim de alcançar as pessoas às quais se dirigem.

Foram discutidas algumas campanhas e publicidades da mídia para atingir seus objetivos, identificando os discursos utilizados. Foram introduzidos alguns quadrinhos como recurso para que os jovens iniciassem a linguagem midiática. Os jovens foram divididos em 03 grupos. Cada grupo recebeu três “tirinhas” da Mafalda¹¹, e a partir das discussões já ocorridas sobre o filme “Quanto vale ou é por quilo”, se propôs criar quadrinhos com foco nas campanhas solidárias “*marketing social*”. Essa oficina teve continuidade na oitava oficina.

A oitava oficina foi realizada em 07 de maio de 2014 e compareceram 12 jovens. O tema da oficina foi “As ferramentas midiáticas como estratégias para

¹¹ Enciclopédia Livre (Wikipédia). Mafalda. [citado 2014 mai. 27]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mafalda>

alcançar as pessoas”. O objetivo foi finalizar a construção dos quadrinhos iniciados na oficina 07 e se possível trazer novos conteúdos.

A oficina foi realizada na biblioteca, onde ao mesmo tempo ocorria uma aula de alfabetização dos alunos do primeiro grau, assim, o espaço foi dividido com essa atividade, prejudicando a interação do grupo. Inicialmente, os participantes foram divididos conforme a oficina 07, para continuarem as propostas. Durante a execução da atividade, os jovens apresentaram momentos menos participativos e mais dispersos.

Após a finalização das atividades os jovens expuseram o que desenharam.

O primeiro grupo relatou no quadrinho a questão da persuasão publicitária e a ideologia propagada nas publicidades criando expectativas e esperanças falsas no receptor, induzindo-o a desejar e adquirir um produto, para além de suas possibilidades financeiras. Para este grupo, tais publicidades são enganosas, pois a oferta do produto é direcionada a todos, mesmo sabendo que nem todos irão adquirir o produto divulgado na publicidade. O resultado da produção pode ser visto no desenho 01.

Desenho 01 - Percepção dos jovens sobre a persuasão publicitária; subgrupo 01.
São Paulo; 2014.

Destaque para os recursos da televisão para persuadir os jovens

Abaixo explicações dos jovens sobre o quadrinho realizado.

Tudo que aparece nas propagandas parece bom, mas nem sempre é, como fala [a publicidade] Novo Punto, Airbag duplo, banco de couro, por apenas quarenta e seis mil. Às vezes eles falam um preço, mas na verdade você acaba pagando outro. Na verdade, isso vem no carro, mas cobram a mais, tipo, eles cobram o quanto que eles gastaram para fazer o carro, mais duzentos por cento, mais os impostos. Ai um carro que sai por quarenta mil, era para estar sendo vendido por doze mil. Tudo que eles falam que é grátis na verdade você está pagando.

O segundo grupo buscou desvelar o que está por trás dos programas e publicidades veiculados da mídia. No quadrinho trabalharam a questão da linguagem sedutora da publicidade, inclusive o aproveitamento das emissoras de televisão em utilizarem as celebridades e músicas estimulantes para persuadir os receptores, e para persuadi-los recorre às misturas de linguagens, imagens, sons entre outros, para atrair as pessoas. Concluíram que nem o artista, nem os responsáveis pelos programas midiáticos estão preocupados com o que estão transmitindo como verdades, eles querem apenas saber se obterão lucros. Também abordaram a questão do mais valor “lucro” que cada produto obtém ao ser apresentado pelas celebridades.

O resultado da produção pode ser visto no desenho 02.

Desenho 02 - Participação de celebridade e uso dos sistemas sógnicos para atrair as pessoas na mídia; subgrupo 02. São Paulo; 2014.

Destaque para o uso de celebridades e a forma fácil de lucrar com campanhas solidárias

Abaixo algumas explicações oferecidas pelos jovens quanto ao quadrinho apresentado:

Um cantor que está em alta vai lá na Globo apresentar o Criança Esperança. O cantor ganhou o papel e uma quantia em dinheiro. O cantor fala: mais fácil que tirar doce de criança. [Explicação da frase] É mais ou menos isso que acontece, a maioria das pessoas que trabalham nisso [eventos ou publicidades destinadas aos pobres] não fazem pensando nas crianças, vão pensando neles mesmos. Nosso grupo pensou se tudo que acontece na mídia é real ou não. O que tem atrás dos panos, tipo assim, eu vou querer fazer uma apresentação do Criança Esperança porque o dinheiro todo vai para o Criança Esperança ou só uma parte.

O terceiro grupo abordou a corrupção do governo, principalmente no período eleitoral. Questionaram onde é gasto o dinheiro dos impostos, e se são direcionados para a saúde, moradia e educação. Os jovens responderam suas indagações, afirmaram que às verbas governamentais, principalmente os impostos são destinados para políticos se (re) elegerem. Após serem eleitos, não cumprem o que prometeram. No quadrinho, os jovens desenharam a presidenta da república do Brasil Dilma prometendo ao público saúde, educação e moradia.

O grupo abordou a questão da corrupção e desvio de verba do governo que deveriam ser gastos para garantir e promover os direitos sociais básicos. Devido à corrupção do governo os indivíduos são largados à própria sorte na vida, uma vez que, não têm a quem recorrer para ter garantido suas necessidades básicas, pois quase sempre recebem baixos salários. A produção desse grupo pode ser vista no desenho 03.

Desenho 03 - Comício de políticos nas periferias; subgrupo 03. São Paulo; 2014.

Destaque para as promessas não cumpridas dos políticos.

Aqui está o nosso cartaz, começa com um garoto perguntando para aonde vão os impostos pagos pela sociedade, o amigo dele responde que boa parte dos impostos vão para propagandas dos políticos, e pouco para a saúde, para educação. A [Presidenta] Dilma está no Plenário para investir na saúde, educação e moradia. Eles só prometem. Prometem, hospitais, moradias, trem bala. Agora que chegou a época da Copa, os que eles prometeram para Copa eles cumpriram na hora, agora saúde e educação está sendo deixados de lado. [...] Lá na Suíça nos jogos de inverno, antes de reformar [as quadras], teve que cuidar da saúde, coisas mais importantes.

Músicas: mediação para participação social.

A nona oficina foi realizada em 14 de abril 2014, compareceram 07 jovens. O tema da oficina era “Ferramentas midiáticas como estratégias para alcançar as pessoas”. O objetivo era que os jovens reconhecessem as estratégias culturais da comunicação dos jovens da periferia para se comunicarem, e que criassem letras de músicas que representassem a periferia de São Paulo. A oficina foi realizada em roda de conversa, no anfiteatro da escola.

Os jovens discorrem a respeito de alguns temas discutidos nas oficinas. A seguir narrativas dos jovens sobre o consumo de drogas:

Falamos sobre drogas, sobre as músicas, sobre comunidade, necessidade de educação, escola, lazer, hospitais, saneamento básico. Os amigos, as influências, as drogas. Tem uma lista (risos). [Às drogas] ajudam você a relaxar, esquecer as coisas, faz com que a gente saia um pouco da realidade e para esquecer os problemas. Às vezes o menino é chamado para entregar drogas na rua, de um lugar para o outro, mesmo que ele não use, para poder ter um dinheiro. Tem os jovens que tem tudo, os pais dão tudo, mesmo assim vai usar drogas, vai roubar. Diálogo, as vezes os pais querem dar tudo, mas o mais importante eles não dão, que é atenção, carinho, amor. Às vezes eles acham que o dinheiro vai substituir tudo isso, que o presente, um celular de última geração, um teclado, essas coisas, vai substituir tudo o que a pessoa precisa. Um pai que dá de tudo, mostra o carinho para o filho, mesmo assim, às vezes, ele usa drogas. Tipo os crentes, tem carinho, educação, mas se você for na cadeia, a maioria do pessoal que está lá é filho de pastor, filho de gente que vai na igreja. Os pais mostraram para eles o que é certo e o que é errado, mesmo assim, ele foi para o lado errado, por influência dos amigos. Os pais dão tudo para pessoa, mas mesmo assim ela faz o que quer. O pai dá de tudo, mas não dá carinho e amor.

Em relação aos rolezinhos:

O que eu vi, o que eu pesquisei, que eles iam lá para se divertir, que eles não achavam que ia dar essa repercussão toda, de ter tanta gente, eles achavam que iria ser menor, que iria só aquele pessoal. E quando eles viram tinha um monte de gente, então pegaram eles meio que de surpresa. Isso no primeiro, no segundo já foi diferente. O que era mostrado [na mídia] era que as pessoas estavam lá para badernar, mas as pessoas estavam lá para se divertir, curtir. Acontece que tinha um grupinho de pessoas que foram fazer baderna. Por causa deles, todos levaram o nome de baderneiros.

Em relação à necessidade de consumo, incluindo consumo de drogas.

[A droga é um produto]. Lógico. [O que é necessário para ter o produto]. De dinheiro. [Todas as pessoas têm o mesmo acesso ao dinheiro]. Não. [Para

ter acesso o que elas fazem]. Trabalhar [mas para ter acesso aos produtos é fácil]. Não, vai comer pão duro, ralando. [Para que]. Porque quer ser igual aos outros. Para ostentar o que não tem. Porque vê os amigos comprando. É o que meus pais falam, querer é uma coisa, necessidade é outra. Você chega aqui tem umas menininhas que se o cara não está com um tênis bom, um tênis de marca, elas nem quer saber dele. Isso tudo vai entrando na cabeça do moleque. [A culpada é a mulher] tem mulher que é mercenária. Sim, tem mulher mercenária, mas tem moleque que não quer passar de ridículo. [..] Tipo, tem uma amiga minha, ela mesmo contou isso para gente; ela estava voltando do serviço, passou um cara mexeu com ela e ela nem deu atenção. Passou um cara com uma motona o cara pediu o telefone dela, ela nem conhecia o cara, mas deu o telefone. No dia seguinte eles saíram. Ela nem sabia o que o cara era, se era bandido, se não era. [Um jovem acrescenta] olha só, pelo menos ela não ia ficar a pé (risos).

Em relação à educação sobre drogas, o que é necessário tornar público no programa educativo sobre drogas.

[Falamos de] um todo, não só da droga. A mídia ela fala as coisas do jeito que ela quer. O que passa na TV a gente acredita, falo por mim mesmo, não vou atrás para ver se aquilo que passa é verdade ou não. [Temas sugeridos para o programa sobre drogas]. Brasil, polícia, violência, consumo, dinheiro, o funk, bebida, drogas, mídia, população, invasão [se referindo as invasões de terras em Guaianases]. Rota [referindo-se à polícia]. Transporte, lazer e educação necessidade dessas coisas.

Em relação às instituições sociais que reconhecem no espaço de Guaianases.

Prefeitura, aqueles lugares responsáveis pelas coisas. O telecentro. O posto de saúde. Não tem nada naquele posto de saúde, lá só serve para pegar remédio. E quando vai os nenenzinhos tomar vacina. Eles atendem, se for grávida eles atendem. Demora para a gente, mas para grávida e idoso não demora.

No primeiro momento, retomou-se as discussões das oficinas anteriores para que os jovens pudessem trazer os temas que já haviam discutido e quais deles seriam os destacados para construir as letras das músicas. Em quase todas as oficinas, os jovens cantavam durante a sua realização, diziam que a música faz parte de seu cotidiano, motivo que suscitou a criação de uma letra de música, ou seleção de músicas que abordassem a realidade na qual estão inseridos.

Os jovens selecionaram e ouviram duas músicas, uma criada após as passeatas do movimento, chamada “*Isso é Brasil*”¹², de Mc “masters of ceremony” Garden que retrata os problemas sociais do Brasil e “*Até Quando?*”¹³, de Gabriel O Pensador, que incentiva os jovens à ação, frente aos problemas sociais. Os jovens destacaram o fato de as músicas abordarem a ausência do Estado para promover a proteção social. Os jovens citaram as instituições que conheciam na periferia: a subprefeitura, o posto de saúde e o telecentro. Em relação ao posto de saúde destacaram que ele serve para retirar medicamentos, cuidar de grávidas, cuidar de idosos e para crianças serem vacinadas. Os jovens falaram sobre a demora no atendimento.

Entre os temas selecionados para compor o programa de rádio os jovens destacaram a violência a que são submetidos; as ações dos policiais na periferia; a mídia; o consumo exagerado de diversos produtos e de algumas marcas muitas vezes desnecessário; a falta de dinheiro; as ocupações de terra que estão ocorrendo em Guaianases, o consumo de drogas entre os jovens, o transporte e a educação. O grupo concluiu que poderia falar sobre as necessidades na periferia.

Os jovens arrolaram as questões discutidas: a sociedade, a comunidade, a mídia, entre outros. Consideraram que discutiu-se o que estão por trás do consumo de drogas pelos jovens.

Os jovens buscaram falar do consumo de drogas por jovens da classe “rica”. Afirmaram que muitas vezes o consumo de drogas por esses jovens ocorre por falta de atenção dos pais, por acreditar que ter acesso ao consumo e obter o que desejam terão uma vida feliz, é que isso é uma inverdade. Neste momento, discutiu-se o consumo de produtos de marcas pelos jovens da periferia. Segundo os jovens, o comportamento de consumir os produtos de marcas mesmo sem ter condições financeiras para adquirir o produto é para “ganhar as meninas” porque se não tiverem “nada” para mostrar as garotas não querem se relacionar com eles. Os meninos chamaram as meninas de “mercenárias” que desejam apenas consumir e estar ao

¹² Website. Vagalume. *Isso é Brasil*. [citado 2014 abr. 16]. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/mc-garden/isso-e-brasil.htm>.

¹³ Website. Vagalume. *Até quando?* [citado 2014 abr. 16]. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/ate-quando.html>.

lado de meninos que possuem produtos de marca, ou possuem mais dinheiro para gastar com elas. Os meninos culpam as meninas pelo envolvimento de alguns jovens com o consumo de mercadorias, para além de suas condições financeiras. Segundo os jovens “masculinos” se os meninos não têm dinheiro para adquirir “produtos de marcas”, eles passam a realizar práticas ilegais “roubos” a fim de obter os bens materiais que desejam a fim de ser aceitos pelas meninas.

A droga foi discutida como um produto de mercado como qualquer outro produto. Para os participantes, o dinheiro é necessário para ter acesso aos produtos, incluindo o consumo de drogas. Os meios destacados para adquirir o dinheiro foram: o trabalho, o tráfico e o roubo. Segundo os jovens pela via do trabalho assalariado é difícil obter o que desejam. Como soluções para o problema declararam que “muitos comem pão duro”, mas obtém o produto que desejam. Novamente, os jovens trazem os produtos e as marcas como produtoras de sentido em suas vidas e se esforçam para obter aquilo que parece lhes trazer sentido e prazer.

Para alguns jovens a realidade deles pode ser mudada se “ralarem no trabalho” de forma que sozinhos alcançariam o que desejam.

Discutiu-se novamente o espaço geossocial ocupado pela escola, dado que um dos jovens, que havia faltado na oficina sobre o espaço de Guaianases, questionou a designação de favela para a região. Solicitou que não se usasse o termo favela, mas comunidade; os demais concluíram que comunidade é favela, de forma que poderiam chamar de favela.

O uso das palavras comunidade e favelas, para se referir às regiões periféricas, configurando-as como um todo homogeneizado de pessoas das “classes baixas”, foi trazido pelos jovens. Após algumas discussões os jovens afirmaram que eles, os próprios jovens, são considerados favelas, pois são pobres.

Favela. Favela não, comunidade. Não é comunidade não, é favela mesmo [diálogo entre os jovens]. Favela é quem vive. Favela somos nós. Você é uma favela [se referindo a outro jovem] o bairro não. Você não vê barracos, você vê casa normal, mas o pessoal é que são a favela. Favela chique não tem barraco.

Após a discussão os jovens afirmaram que não iriam compor a música, segundo eles os MCs faltaram na oficina. Finalizou-se com o convite para que todos escolhessem músicas para que pudessem servir de fundo musical para o programa de rádio em construção.

*A especificidade
de cada mídia!*

A quarta fase - expressão dos novos conhecimentos - é a fase do monitoramento da pesquisa-ação; e a quinta fase – expressão da nova síntese - corresponde à avaliação. Essas duas fases foram realizadas concomitantemente.

Nestas fases, expressão dos novos conhecimentos e expressão da nova síntese, foram realizadas quatro oficinas (10^a, 11^a, 12^a, 13^a). Este foi o momento em que os jovens reconheceram as mídias que poderiam utilizar para comunicação de conteúdos para a emancipação social.

A décima oficina foi realizada em 19 de maio de 2014 e compareceram 13 jovens. O tema da oficina foi “A apropriação das ferramentas culturais para a luta social”. O objetivo foi: identificar as principais mídias utilizadas pelos jovens e as possibilidades que oferecem de participação. A estratégia foi a de criar músicas sobre a realidade da juventude da periferia e as possibilidades de transformação da realidade.

No início da oficina a escola informou que não seria possível a utilização do anfiteatro, mas da sala de informática. Observou-se que, mesmo com o agendamento prévio do local, houve dificuldade da escola de garantir o espaço para a realização do projeto. A oficina foi realizada na sala de informática, mas no dia não havia acesso à internet.

No início da oficina, retomou-se a proposta da oficina anterior, de construir e/ou selecionar músicas sobre os temas discutidos durante os encontros. A discussão foi estimulada com a seguinte questão: O que vocês colocariam numa letra de música? ou Qual música vocês selecionariam para fundo musical do programa que iremos realizar para a rádio?.

O grupo discutiu a importância da música em um programa de rádio, afirmando que os jovens escutam o rádio para ouvir músicas e que as músicas falam o que os jovens não sabem falar, que as músicas podem ser uma forma de manifestação e protesto, além de uma forma de representação cultural. Afirmaram que utilizam diversas mídias, sendo a principal a televisão e o rádio para ouvir músicas. Abaixo, excertos a respeito:

Então, em qualquer programa de rádio, a pessoa escuta não é nem pelo o que o cara está falando, é pelo o que está tocando, a música que está tocando. As vezes as músicas falam mais do que o que as pessoas querem dizer. Hoje em dia a música, a própria música fala mais do que a pessoa, quer dizer, é como se fosse uma forma de protesto hoje em dia. A gente pode fazer uma música. Tipo ontem, eu estava vendo televisão e tinha uma música falando contra os políticos. A noite no programa estava falando, tipo dos corruptos. Que o país está uma merda porque tem bandido solto de terno e gravata. É muito cacique pra pouco índio. É uma forma de protesto. A música influencia o estilo do jovem, o caráter do jovem ao meu ver. A música é cultura, é arte. A música é praticamente nossa vida.

Os participantes se dividiram entre criar uma música ou selecionar músicas existentes. Uns acharam interessante a elaboração da música, pois possibilitaria a criatividade, outros questionaram os recursos para a construção da música.

Alguns jovens discutiram os rappers e afirmaram que eles retratam os problemas sociais da periferia, principalmente o grupo dos Racionais Mcs. Segundo o grupo, o assunto é desinteressante porque retrata a realidade, o que faz com que muitos jovens não mais ouçam suas músicas; afirmaram que, geralmente, as letras os estimulam a deixar o consumo de drogas, trazendo uma lição de moral e, muitas vezes, narram suas histórias de vida, alertando para os perigos de entrar na vida do consumo de drogas.

O rap é o som da periferia. Hoje em dia o rap é a música que dá para se expressar melhor. Que é mais expressivo. O rap fala mais sobre os problemas sociais, fala da periferia, fala a verdade mesmo do que acontece. O rap é mais realista. O rap fala mesmo as coisas - que nem da polícia, mas do que jeito que acontece mesmo. Às vezes, está na nossa cara e a gente não quer ver. Por isso, que o povo parou de ouvir rap. Rap é a realidade do pobre. A realidade não só do pobre, mas da periferia. Que é do pobre. O rap está dando sempre uma lição para a gente não entrar nessa vida [do consumo de drogas]. O rap querendo ou não sempre dá uma lição de moral na gente. Muitos rappers já se drogaram e sabem das coisas. Então ele fala o que já aconteceu com ele. Muitas vezes ele está contando a vida dele em forma de

música, tentando alertar a gente, mas as vezes a gente escuta, mas não presta atenção. Escuta só por escutar, não presta atenção no que ele quer dizer. [Nas letras das músicas] É raramente um que sai dessa vida por que a maioria sempre morre. No final eles sempre falam isso, que a maioria morre.

Discutiram-se as propostas apresentadas pelos grupos dos rappers para sair da vida do consumo de drogas. Alguns jovens continuaram afirmando que o uso de drogas é uma escolha individual. Discutiu-se o trabalho intitulado “As mensagens sobre drogas no rap: como sobreviver na periferia” (Silva, Soares, 2004), que discute as propostas do rap para o enfrentamento e para a superação dos problemas com o consumo de drogas. A opção individual pelo não consumo é enfatizada nas letras, que propõem o fortalecimento de laços familiares, de amizade e a educação como saídas para os problemas advindos do envolvimento com as drogas.

Os participantes se recordaram de um teatro apresentado por policiais na escola. Nele, o consumidor de drogas evoluiu do consumo esporádico para a dependência, momento em que ele se envolve com o tráfico de drogas e furtos, para obter a droga para consumo. A lembrança do teatro causou agitação nos jovens, alguns relataram que a peça teatral foi forte, ao ponto de causar mal-estar em alguns jovens. Outros relataram ter chorado. Afirmaram que o policial não veio falar sobre drogas e, sim, sobre a vida, e que a peça apresentava julgamento moral marcante. O título era “A cadeia”. O objetivo era o de amedrontar os jovens a fim de prevenir o consumo de drogas.

Houve discussão sobre o caso de um professor que colocou na prova uma pergunta sobre a letra de uma cantora de *funk* do momento; que estava nas mídias sociais, inclusive na mídia hegemônica. Os jovens discutiram a circulação da notícia nas redes sociais afirmando que seria, também, uma saída para que as escolas públicas, principalmente essa escola para que saísse do anonimato. Os jovens afirmaram que o professor colocou a letra da música na prova de propósito a fim de chamar atenção da mídia. Este caso em particular levou à discussão sobre a abertura das redes sociais, para circular notícias de interesse dos jovens da região de Guaianases.

Discutiu-se então: os espaços disponíveis na sociedade para participar e as propostas dos jovens para a transformação da realidade. Alguns jovens destacaram

as ações coletivas e outros permaneceram afirmando que as ações e as escolhas para mudanças são individuais.

Os jovens que destacaram ações coletivas eram os que apostavam nas redes sociais para circular mensagens sobre a realidade da periferia.

O povo que quer alguma coisa, tem que correr atrás, tem que ir todo mundo. As pessoas saem na rua só quando mexem no bolso, foi isso lá no negócio do aumento da passagem. Quando mexem no bolso o povo vai, quando é para falar de saúde o povo não sai nas ruas.

*A cultura como meio de
desmistificar a realidade.*

O grupo trabalhou dividido em dois subgrupos para a elaboração e escolha das músicas. Um grupo usou o violão como recurso para elaborar a letra da música e outro grupo selecionou letras através dos celulares e colocaram para audição “Mano Na Porta do Bar”¹⁴, dos Racionais Mc's.

Após a construção, seleção e audição das letras das músicas, os jovens se reuniram novamente para a apresentação. O primeiro grupo cantou o que produziu,

Na minha quebrada o tráfico e o crime vão crescendo. Usou viciou. O crack é a porra de um veneno. Vai vendo esse é o tal do movimento. Vacilou moscou, só sobrou o esqueleto. Apesar de ser difícil vou vivendo, persistindo, correndo, vou vivendo. Apesar do movimento. Não me envolvendo, solucionando vou vivendo.

O segundo grupo escolheu a música “O Gigante Acordou”¹⁵ de Mc's Daleste, e afirmaram que a letra traz questões gerais sobre a participação dos jovens. A letra retrata a corrupção do governo em arrecadar impostos e não retornar para a sociedade, destaca que os jovens acordaram para as questões sociais e desejam ter

¹⁴ Website Vagalume. Mano na porta do bar. [citado 2014 abr. 15]. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/mano-na-porta-do-bar.html>

¹⁵ Website Vagalume. O gigante acordou. [citado 2014 abr. 16]. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/mc-daleste/o-gigante-acordou.html>.

parte na sociedade e ser ouvidos por suas necessidades, mas desejam ser escutados sem violência.

Após a audição e discussão das músicas e letras, os jovens discutiram o *Facebook* como espaço que pode ser utilizado para expressão de ideias e fonte de informações, e outras fontes como jornais, livros, revistas, filmes de curta metragem, peça de teatro, para tanto, basta usar a criatividade.

O grupo apresentava-se disperso, sendo necessário retomar as atividades, muitas vezes, ao longo da oficina. Havia certa agitação para construir a letra e selecionar as músicas. Um dos jovens relatou estar participando da “invasão de um terreno” com a família. Tratava-se de um escolar com faltas frequentes na escola e nas oficinas, com várias reclamações dirigidas ao seu comportamento em sala de aula, e foi a primeira vez que o jovem relatou problemas em relação à moradia.

Os participantes avaliaram positivamente a proposta de escolherem e construírem as letras de música. Os jovens disseram ter dificuldade em dar continuidade, ou participar de projetos fora do contexto escolar, porque necessitam trabalhar e outros ajudavam a família em casa.

A representação da realidade na mídia.

A décima primeira oficina foi realizada em 25 de maio de 2014 e compareceram 08 jovens. O tema da oficina foi “o que tornar público para educação sobre drogas”. O objetivo foi: selecionar as pautas, a partir das oficinas realizadas a fim de transmitir na rádio comunitária. Sintetizou-se os principais pontos abordados durante as oficinas. Os pontos levantados foram: ser jovem em Guaianases, destacando o lado bom de viver na periferia. As necessidades dos jovens de Guaianases e as formas de superar suas necessidades. A representação dos jovens das periferias na mídia e as estratégias midiáticas para alcançá-los. As buscas dos jovens para sair da margem da sociedade e ter direitos sociais. As inverdades midiáticas a respeito da periferia e dos jovens que vivem nas periferias.

Os jovens destacaram que o programa deve começar com música, pois são as músicas que levam os jovens a escutar rádio. O *funk* deveria ser desmitificado, buscando-se quebrar o estereótipo que a mídia faz sobre o estilo musical, quando o atrela à violência, roubo e consumo de drogas. Salientam que muitos curtem o funk, e concordam que em algumas letras há exposição da mulher, mas não em todas as músicas e letras. Afirmam que o *funk* mostra a realidade da periferia, destacando um trecho da letra de Amilcka e Chocolate, Som de Preto¹⁶ (é som de preto de favelado, mas quando toca ninguém fica parado [...]), a música faz uma exaltação do estilo *funk* e destaca os problemas sociais das periferias. Assim, o *funk* deve ser tratado na mídia de forma positiva, como forma de libertar-se das amarras sociais.

Os jovens relembram que foram os *funkeiros* que possibilitaram os rolezinhos, utilizando as redes sociais para chamar os jovens, e salientando e mostrando aos jovens o direito de ocupar os espaços das ruas; lembram também a forma como a mídia destacou o lado negativo. Os jovens não negam que nos bailes *funk* há consumo de drogas, assim como em outros espaços sociais. Além disso, retomaram que o consumo e tráfico de drogas pelos jovens muitas vezes é devido à busca de bem-estar e meio de trabalhar. Em relação à representação dos jovens da periferia na mídia, compreendem que a midiaticização sempre traz o jovem das periferias como sem futuro e parasita “os jovens esquecidos”.

Em relação à midiaticização dos jovens de Guaianases, afirmaram que são representados, conforme o exposto:

[Sobre o consumo do que é midiaticizado]. Acho que o problema nem é tanto o carro, acho que o que mais pega mesmo é a comida, porque tem gente que quase não tem dinheiro para arroz e feijão; fica passando só propaganda de Mc Donalds e Burger King. Eu mesma fico puta porque não tenho dinheiro para comprar. Eu acho que a comida influencia mais que o carro. Tem um documentário bem legal chamado [Super Size Me](http://www.youtube.com/watch?v=p5VGZVawW0c)¹⁷, onde um cara faz um monte de exames e vê que está tudo bem. Ele passa um mês só comendo Mc Donalds, almoço, café da manhã e janta. Ele sempre tem que pegar o maior. No segundo dia ele já passou mal e foi mudando o metabolismo dele.

¹⁶ Website Vagalume. Som de preto. [citado 2014 abr. 16]. Disponível em: <http://letras.mus.br/amilcar-e-chocolate/162677/>.

¹⁷ Super Size Me. [citado 2015 jun. 27]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p5VGZVawW0c>

Os jovens retomaram como a escola é vista no espaço geossocial e a necessidade de serem reconhecidos como estudantes, como forma de proteção. Afirmaram que no programa que será realizado, os jovens devem ser valorizados, estando uniformizados ou não, e destacar suas criatividade. Salientam que há várias necessidades não respondidas em Guaianases.

Em relação às estratégias midiáticas para alcançar os jovens, destacaram que a mídia não apresenta os talentos dos jovens e explora bastante o lado negativo. Assim, reivindicam uma mídia mais verdadeira, dinâmica e com direito a participação. Segundo eles, a mídia tem ferramentas para alcançar os jovens e destacaram: a persuasão e a sedução. As campanhas políticas para seduzir e agradar as pessoas. Para os jovens, os produtores das publicidades reconhecem que nem todos têm acesso ou podem consumir os produtos veiculados na mídia, principalmente na televisão, e destacaram a alimentação. Segundo um dos jovens, ela passa vontade de experimentar comidas expostas na TV e isto lhe causa frustração.

A proposta dos jovens é: que meios tecnológicos de informação e comunicação tenham pautas que destaquem os dois lados da realidade, não apenas colocando a periferia responsável por ser da forma como ela é. Destacou-se que as mídias alternativas possibilitam destaque a assuntos de interesse comum dos jovens e assuntos próximos às suas realidades. Finalizou-se destacando as músicas que gostariam que fizessem parte do programa: de Mc's Daleste, O Gigante Acordou¹⁸, e de Mc's Guime, País de futebol¹⁹.

Recesso: Copa do Mundo!

Após três meses retomou-se o processo com os participantes na escola. O recesso das oficinas ocorreu devido ao recesso escolar e também devido à Copa do Mundo, que aconteceu no Brasil. Durante este período, o contado do grupo aconteceu

¹⁸ Website Vagalume. O gigante acordou. [citado 2014 abr. 16]. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/mc-daleste/o-gigante-acordou.html>

¹⁹ Website Vagalume. País de futebol. [citado 2014 abr. 16]. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/mc-guime/pais-do-futebol-part-emicida.html>

através da rede social, no entanto, havia pouca interação. Neste período, o grupo de pesquisadores organizou as pautas e o roteiro do programa a partir das sugestões apresentadas durante as oficinas.

*A relação
produtor/receptor das
mensagens.*

A décima segunda oficina foi realizada no dia 28 de agosto de 2014 e a **décima terceira** realizada em 04 de setembro de 2014; compareceram 07 jovens. Os demais jovens não puderam comparecer porque estavam fazendo prova. O objetivo dessas duas oficinas foi o de validar o roteiro junto com os jovens, momento de expressão da nova síntese.

Os jovens leram o roteiro, mudaram palavras, no entanto, não mudaram os conteúdos e, acrescentaram algumas músicas que faltavam para compor o programa. Salientaram que o programa deveria ser transmitido, não ultrapassando dez minutos de duração porque os jovens perdem a atenção, e também que o programa deve ser transmitido uma vez por semana, a fim de não saturar os jovens com o assunto.

Gravação do programa.

Os jovens não participaram da gravação porque na rádio comunitária não havia espaço para recebê-los. O programa foi gravado no estúdio da rádio da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, com o grupo de pesquisadores.

*A construção de
realidades por meio das
mídias.*

Vale destacar que durante a realização da pesquisa, 02 jovens pediram transferência para outra escola, para estudar à noite e trabalhar durante o dia, o que mostra dificuldade para manter apenas a atividade educativa. Um dos jovens que solicitou a transferência continuou participando das atividades do grupo, via rede social, inclusive oferecendo partes das músicas para compor o programa.

No grupo da rede social inscreveram-se mais de 100 pessoas, a maioria jovem da escola e os organizadores do projeto, mas poucos interagiam ou curtiam o que era postado, a interação ocorria com os mesmos jovens que participavam das oficinas, e daqueles que participavam ativamente e tiveram que mudar de escola. Entre os que participavam ativamente, houve a desistência de um que vinha causando problemas na família devido ao envolvimento com consumo drogas.

*Estado: controle da
comunicação
emancipatória.*

Durante a realização das oficinas, manteve-se contato com os representantes da rádio Soul Vida, quando conheceu-se as dificuldades que se vinha enfrentando para manter funcionando a rádio e o telecentro. Nas últimas oficinas, os participantes haviam trazido a notícia de que a rádio e o telecentro haviam fechado. Em contato com a diretora, ficou claro que o telecentro havia sido fechado e a rádio transferida para outro local, dentro do perímetro permitido. Segundo a diretora da rádio, foram várias as dificuldades encontradas para manter a rádio e o telecentro em funcionamento. Um dos problemas citados foi que a antena está situada em um local baixo da região de Guaianases. Em vista disso, os programas não atingiam toda Guaianases, o que dificultava encontrar apoio cultural na região. O apoio cultural, uma forma de patrocínio, pode ser realizado por entidades de direito privado e de direito público. A diretora afirmou que realizou vários projetos para serem desenvolvidos na rádio visando à melhoria da região em relação ao espaço e à saúde dos moradores, no entanto, nenhum projeto recebeu apoio cultural de instituição privada ou pública.

Para alterar a rádio do local de instalação e a antena para outro lugar que atinja toda região de Guaianases é necessário a expedição da autorização da ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações), que outorga o serviço de radiodifusão comunitária para renovação da aprovação de funcionamento, estabelecida pelo Ministério das Comunicações. Para mudar o estúdio, a antena deve ficar distante apenas dois metros o que dificulta a mudança.

Quanto ao telecentro, o contrato para o funcionamento foi obtido junto à PMSP, que oferecia equipamentos e funcionários. O espaço físico e demais necessidades do

projeto eram pagos pela Associação Princesa Isabel. Para diminuir os custos com imóvel, o telecentro funcionava no mesmo espaço físico da rádio. De um lado era positivo porque diminuía custos com aluguel. Por outro lado, a rádio ficou confinada em espaço físico menor.

Segundo a diretora da rádio Soul Vida, foram muitas as dificuldades em manter funcionando o telecentro e a rádio; durante um período, ela arcou com a despesa do aluguel. No período em que pagava as despesas, da rádio e do telecentro, juntamente com a representante da Associação de Guaianases, buscavam apoio cultural. Chegou a ter contato com vários representantes do governo na região, que prometiam patrocínio, mas nada fizeram.

A responsabilidade por administrar os telecentros era de empresa privada e não do Estado. Houve vários impasses entre a Prefeitura e a empresa privada responsável pelos telecentros, resultando na quebra do contrato. Em visto disso, a Prefeitura propôs que a Associação Princesa Isabel se responsabilizasse pelos encargos sociais dos funcionários, manutenção dos equipamentos e pagamento do aluguel. Essa oferta em nada facilitaria as dificuldades apresentadas. Logo, a proposta não foi aceita. O telecentro foi desativado e o estúdio da rádio mudou.

O estúdio da rádio passou a funcionar na casa de um morador da região, mantendo os mesmos problemas, o estúdio não pode ficar longe da antena. Entretanto, não há como mudar por dois motivos – as restrições das Portarias para funcionamento das rádios comunitárias e a dificuldade financeira por falta de apoio cultural. Assim, a rádio está funcionando no automático, pois se não for para o ar, os responsáveis pagarão multa diária por não funcionamento.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Lançaram a rede.

Pegaram os peixes.

Repartiram por todos.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO

6.1 REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DOS JOVENS DO ESPAÇO GEOSSOCIAL DE GUAIANASES

O solo urbano ocupado pelas famílias não constitui apenas um espaço geográfico, mas também social, no qual se projetam as relações sociais vividas, onde trabalham e vivem os indivíduos de um determinado grupo social. Nesse espaço há os bens naturais, os bens produzidos socialmente e um conjunto de instituições sociais. Este espaço coletivo solicita processos de natureza política e técnico-administrativa e em tais processos estão o conjunto das instituições estatais e das organizações populares (Queiroz, Salum, 1996).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) estimou que a população brasileira estava em 2013 em torno de 201,5 milhões de pessoas, sendo 51,5% mulheres (PNAD, 2014). Crianças, adolescentes e jovens de até 29 anos correspondiam a 46,6% do total da população brasileira (IBGE, 2014).

Desde 1850, através da Lei nº 601, conhecida como Lei de Terras, as terras do Brasil passaram a ser adquiridas por meio da compra. Essa foi a primeira iniciativa de organizar a propriedade privada no Brasil. Antes da Lei de Terras foram legalizadas as concessões de terras ofertadas no Período Colonial. Em outras palavras, foram oferecidas terras a quem era de interesse, excluindo os que não podiam pagar por elas. Todavia, essa mesma lei reconhecia a posse de terra adquirida de forma mansa e pacífica para várias finalidades (Maciel, 2012).

O direito a propriedade se mantém por meio de compra e venda, separando os que podem pagar e os que não podem pagar, sendo de responsabilidade do Estado resolver a situação de moradia. Assim as cidades foram formadas tendo em vista o capital.

Nos países subdesenvolvidos a industrialização trouxe a urbanização e, com ela, um quadro de contradições sociais na ocupação dos espaços urbanos. Conforme Santos (2012, p. 109):

Enquanto a cidade dos países industrializados é parte integrante de um território que mais ou menos a gerou e com o qual viveu, em constantes inter-relações, a mesma aventura histórica e econômica, a cidade dos países subdesenvolvidos aparece muitas vezes como um corpo estranho, alógeno, inserido em um meio com o qual estabelece relações descontínuas no espaço e no tempo.

Santos (2012), comparando o início da urbanização dos países industrializados com os países subdesenvolvidos em relação ao fator demográfico e o crescimento das cidades, assinala algumas diferenças; descritas a seguir.

Quanto à taxa de mortalidade urbana geral e infantil: nos países industrializados a taxa é contínua e elevada, mesmo comparando-a com a rural; nos países subdesenvolvidos é pequena e menor, mesmo se comparada à rural. Quanto a taxa de natalidade na região urbana: nos países industrializados a taxa é menor comparada à rural; nos países subdesenvolvidos a taxa é elevada e, às vezes, maior que a rural. Quanto à evolução demográfica na região urbana: nos países industrializados ela é lenta, o que levou ao êxodo rural; nos países subdesenvolvidos é grande e com apelo ao êxodo rural (Santos, 2012).

A diferença da urbanização, entre países subdesenvolvidos com os países industrializados, em relação aos benefícios existentes nas cidades: os países subdesenvolvidos contaram a seu favor, maior concentração de médicos nas cidades, utilização do conhecimento médico em relação à atenção as epidemias ou as fomes em benefício da cidade, a ampla utilização da higiene, a utilização dos meios tecnológicos de comunicação e informação e a utilização dos transportes para combater as catastrofes urbanas. Já os países industrializados, em sua urbanização, não contavam com esses recursos (Santos, 2012). A utilização desses recursos, nos países subdesenvolvidos, não tinha como objetivo a reprodução social das famílias e o seu bem estar. A utilização desses benefícios era para obtenção de lucro e o mercado, principalmente, o mercado externo.

O índice de Gini é um número que varia entre 0 e 1; sendo que 0 corresponde à completa igualdade de renda “onde todos têm a mesma renda” e 1 corresponde à completa desigualdade “onde uma pessoa tem toda a renda, e as demais nada têm”. Assim, quanto mais o coeficiente se afasta do zero maior a desigualdade. Abaixo o gráfico 02 mostra as flutuações do índice de Gini, segundo os resultados coletados pelo IBGE de 1995 a 2007, para o Brasil (IBGE, 2015).

Gráfico 02 - Flutuações do Índice de Gini da distribuição do rendimento mensal dos domicílios brasileiros com rendimento, entre 1995 a 2007.

Fonte: IBGE: Séries Históricas e Estatísticas (IBGE, 2015).

A distribuição da renda reflete o acesso ao solo e a pobreza na sociedade. Os espaços destinados à moradia dos que têm baixa renda e não podem pagar são os aglomerados subnormais:

Um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas, etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa (Brasil, 2010, p. 18).

As cinco regiões do Brasil possuem aglomerados subnormais, os quais são compostos por um ou vários setores censitários: recortes das áreas para organizar a coleta das informações do IBGE (Brasil, 2010).

Geralmente, os aglomerados subnormais ficam nas regiões das periferias, e o critério utilizado para tratá-los é a distância centro/periferia. Gamalho e Heidrich

(2008), apoiando-se em outros pesquisadores, compreendem que a palavra periferia, como ocupação do solo, não se sustenta a partir do critério distância centro/periferia, pois o solo é uma mercadoria e o seu valor de troca predomina sobre o valor de uso. Assim, periferia é uma ocupação do solo na cidade que possui “baixa renda diferencial”. A renda diferencial corresponde às diferenças de localização, condições físicas do local onde está o terreno, e aos investimentos aplicados tanto no terreno, como na região, isso significa que, próximo ao centro da cidade, existem locais que possuem baixa renda diferencial.

A região Sudeste “cobre apenas 11% do território brasileiro, mas representa 43% da população e 56% do produto interno bruto” (Paim et al., 2011, p.12), e a população de crianças, adolescentes e jovens de até 29 anos de idade correspondiam em 2013 a 43,6%. A Região Sudeste apresentou a maioria dos setores censitários (55,5%), e também o maior número de domicílios nos aglomerados subnormais (49,8%) (Brasil, 2010).

A cidade de São Paulo é formada por 39 municípios e se destaca por apresentar a maioria dos aglomerados subnormais. Estes estão situados em áreas de aclave/declives e padrão de construção de dois pavimentos, sem espaçamento entre os domicílios. Esses domicílios estão às margens de córregos e lagos, aterros sanitários, lixos e outras áreas contaminadas, gasodutos e oleodutos e áreas de preservação ambiental (Brasil, 2010).

Embora a Região Sudeste seja marcada por aglomerados subnormais, o índice de Gini está aumentando na renda per capita domiciliar, no município de São Paulo: em 1991 era de (0,5706), em 2010 foi para (0,6453) (Brasil, 2015a). Pode-se dizer que há de um lado aumento da concentração de renda, e do outro, grande concentração de aglomerados subnormais, isto é aumento da pobreza.

O *Movimento Nossa São Paulo* em 2009, que estabeleceu metas para 2009 à 2012, escolheu trinta e três indicadores, de um total de cento e quarenta disponíveis no Observatório Cidadão, como áreas prioritárias para o investimento da Prefeitura Municipal de São Paulo. O objetivo era melhorar os indicadores sociais, econômicos, ambientais e culturais, em uma gestão de quatro anos (MNSP, 2009; 2010). Os indicadores mostram as desigualdades nas ofertas de serviços e equipamentos

públicos nas subprefeituras e nos distritos. De um lado, as regiões onde concentram-se os indivíduos que possuem melhores condições de trabalho e vida; supridas por serviços e equipamentos. Do outro lado, as regiões que concentram os indivíduos que possuem piores condições de trabalho e vida; com falhas, ausências e precariedades de serviços e equipamentos.

Em relação à propriedade do solo, compreende-se desde a Lei de Terras (1850) até o presente momento que, para as ocupações do solo no Brasil há dois subsistemas de habitação: a de interesse da reprodução do capital, isto é, o mercado especulação imobiliária e a habitação de interesse social (Maciel, 2012). Não é de surpreender que a habitação de interesse social, que não é de interesse do capital, se refere ao espaço geossocial onde transcorre a vida da classe trabalhadora.

6.1.1 As famílias dos jovens de Guaianases

Em sete das 12 famílias dos jovens que participaram da PAE o chefe da família era do sexo feminino; em quatro os chefes das famílias não possuíam preparo para o trabalho, sendo que um estava desempregado e um fazia bicos; algumas famílias recebiam auxílio do PBF e dois jovens trabalhavam sem preparo para o trabalho.

A mulher ser a chefe da família salienta mudança na estrutura da família nos dias atuais, e representa uma carga de trabalho extra às mulheres, pois sabidamente, elas são as responsáveis pelo lar. Além disso, as famílias chefiadas por mulheres são mais vulneráveis a pobreza, devido à dificuldade de inserção no mercado de trabalho, baixo salário e falta de proteção pública (Pereira, 2006); e segundo o IBGE as famílias que possuem crianças, adolescentes e jovens na faixa de 0 a 29 anos possuem rendimento mensal per capita menor, quando comparados àqueles que não possuem (IBGE, 2014).

Segundo os resultados da PNAD (2013), as mulheres representam 51,5% do total da população do Brasil e no PBF são elas as principais representantes das famílias (Ferrario, 2014), podendo ao menos em parte, justificar sua maior presença como chefes de família.

Os indicadores do *Movimento Nossa São Paulo*, em 2007, mostram que Guaianases apresentava o maior número de agressão a mulheres (MNSP, 2009); o que pode resultar na naturalização das violências e simplificação do comportamento agressivo dos jovens, principalmente, no momento de resolução de problemas conflituosos (Cara, Gauto, 2007).

Havia neste grupo famílias recebendo PBF. O PBF²⁰ criado em 2003 procura melhorar a condição de vida das famílias que vivem na pobreza e na extrema pobreza, investindo no capital humano (Castiñeira, Nunes, Rungo, 2009). Trata-se de um programa de transferência condicionada - o Estado oferece o benefício e, em contrapartida, exige mudanças de comportamento dos beneficiados. Para entrar no PBF há alguns critérios pré-estabelecidos; uma vez nele, as famílias devem cumprir as condições que reforçam o acesso aos direitos sociais básicos nas áreas da saúde, educação e alimentação. Os valores recebidos variam, mas há um teto. Destacamos que, conforme o número de filhos é o valor recebido, havendo também um teto (Ferrario, 2014; Castiñeira, Nunes, Rungo, 2009).

Os resultados salientaram que os dois jovens das famílias mais vulneráveis apresentaram maior desgaste na vida cotidiana, por terem começado a trabalhar mais cedo e a realizar trabalhos que não requerem formação específica. Os achados desse estudo corroboram com os resultados de Coffani (2012), jovens mais vulneráveis socialmente entram mais cedo para o trabalho.

Além disso, dois jovens saíram da escola para trabalhar. Este resultado coaduna com o estudo de Lachtim, Soares (2011), em que jovens que pertencem às famílias da classe trabalhadora cujas famílias estão inseridas no grupo G4, grupo com maior instabilidade de trabalho e de vida, tem o trabalho como necessidade para sua reprodução social, uma vez que suas famílias não conseguem satisfazer suas necessidades somente com a renda dos adultos responsáveis. Os jovens cujas famílias estão em melhores condições de trabalho e vida atribuem ao trabalho status social. Já, os jovens cujas famílias possuem piores condições de trabalho e vida têm o trabalho como forma de evitar o roubo e a rua (Lachtim, Soares, 2011).

²⁰ Programa Bolsa Família. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. [citado 2015 mar. 07]. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>

Pode-se dizer que o consumo de drogas é comum entre os jovens que participaram, principalmente o consumo de álcool.

6.1.2 Representações cotidianas da juventude sobre ser jovem da periferia

Para a Saúde Coletiva, juventude pode ser conceituada como uma categoria social, construída historicamente a partir das contradições inerentes à organização e ao funcionamento do modo de produção, tornando-se socialmente visível por ameaçar a ordem social por meio de diferentes formas de expressão e de manifestação (Soares, 2009, p. 19).

O alicerce da categoria social juventude sucede dos conceitos de classe social e conflito geracional (Soares, 2009). Classe social resulta do processo da divisão técnica e social do trabalho inerente às relações do modo de produção capitalista; dentre as classes, duas se destacam - a classe dominante: domina os meios de produção e a classe trabalhadora: vende sua força de trabalho. Os indivíduos que pertencem à mesma classe social compartilham o mesmo modo de vida, uma vez que dependem das condições materiais para a sua subsistência (Viana, 2012).

Os jovens deste estudo fazem parte da classe trabalhadora, e são estigmatizados, violentados e com medo da violência, e procuram colocar em ação exaustivas investidas de ser responsáveis por mudarem suas realidades. Para eles, buscar respostas para as suas necessidades imediatas faz mais sentido do que seu futuro (incerto); o processo de sobrevivência traz consigo atos de naturalizar, simplificar e regularizar contradições e conflitos entre a realidade concreta e a ideologia dominante; diante de um espaço de escassez.

Os jovens têm questionado o governo, a polícia, a escola e o próprio Estado, pela ausência ou escassez de direitos sociais. Os conflitos, geracional e de classe, são os que se destacam dentre os questionamentos. Tais questionamentos desestabilizam as regras e as normas institucionais das gerações anteriores, confrontando-as e salientando suas contradições dentro da sociedade, advertindo a ordem já estabelecida (Pedrosa, 2008; Soares, 2009). Os jovens vêm buscando formas de reivindicar seus direitos para que suas necessidades sociais sejam

atendidas; mas ao se organizarem são fortemente reprimidos, como ocorreu no fenômeno do rolezinho.

Assim, a juventude é um sujeito histórico e social capaz de oferecer respostas diferentes das já instituídas socialmente. Dada a heterogeneidade da juventude, ainda que vivendo o mesmo período geracional, tem-se diversas juventudes. Todavia, a sociedade busca institucionalizar as juventudes forçando-as à socialização em suas instâncias sociais, o que provocou nos jovens a busca por alternativas de socialização, a fim de alcançar autonomia (Groppo, 2004; 2010). A institucionalização pode ser constatada ao tratar os jovens e os demais indivíduos pelos anos de vida; e com esse critério estabelecer normas, regras, e políticas na sociedade. Em suma, o mundo adulto busca formatar os jovens a partir de um padrão, para reproduzir o sistema capitalista (Viana, 2009).

Aos poucos, a institucionalização do fluxo da vida “categorias etárias” vem se perdendo, principalmente nas instituições estatais. Como resultado da “desinstitucionalização” do fluxo da vida tem-se sua “reprivatização”; isto é, a juventude passa a ser “juvenilização” (um estilo de vida) e a terceira idade (a melhor idade) (Groppo, 2004).

O Estado não assume um conjunto de encargos sociais ou serviços públicos necessários à reprodução da vida social, como por exemplo: a saúde, a educação, a moradia, transportes públicos, salário-desemprego, etc. (Chaui, 2006). Concorde-se com Groppo (2004, p. 19), que se trata de “uma regressão dos direitos sociais relativos à infância, juventude e velhice”. Nesse raciocínio, o Estado assume apenas os programas focalizados, por meio de políticas compensatórias aos que não podem pagar, os que podem pagar ficam à disposição do mercado (Castiñeira, Nunes, Rungo, 2009; Ferrario, 2014).

Para os jovens e diante dessa realidade, ser jovem é pertencer a “classe social baixa”; é não ter nenhum direito garantido, e ter que viver cada dia como se o outro dia não houvesse. São representações simples, mas coerentes, dado à desproteção social desses jovens da periferia.

6.1.3 Representações cotidianas sobre a periferia

Os jovens são convictos de que os problemas do espaço geossocial onde vivem, como moradia, transportes, falta de energia elétrica, falta de água, falta de coleta de lixo e etc. não são devidos a morarem em uma megalópole, mas se devem a ocuparem o solo urbano destinados aos indivíduos pobres. Nas representações dos jovens a cidade e suas divisões espaciais são realizadas de acordo com a classe social a que pertence o morador. Trata-se de representações simples e coerentes, essas representações vão de encontro com a ideologia do urbano, onde todos os problemas das cidades são atribuídos como algo natural da urbanização; ocultando que os verdadeiros problemas são provenientes da divisão da cidade em classes sociais (Paulino, 2007).

Em Guaianases a desigualdade pode ser rapidamente percebida pelos simples caminhar por suas ruas, comparando-as com regiões não destinadas à classe trabalhadora. Todavia, essas diferenças são silenciadas pela ideologia de que você ocupa o lugar para o qual se esforçou (Paulino, 2007).

O ponto de partida dos jovens para enunciar as representações sobre o espaço geossocial de Guaianases foi o espaço ocupado pela escola. Os jovens questionaram se este espaço geossocial de Guaianases é favela ou comunidade.

Favela pressupõe ocupação ou invasão do espaço urbano alheio, em vista disso, vem atribuído ao conceito uma natureza simbólica de ser a representante dos assentamentos da cidade trazendo com ela o mito da marginalidade (Paulino, 2007). Já comunidade é uma estrutura que dá uma categoria social que diz respeito à integração. Ela pode ser representada por um grupo de indivíduos que pertencem à mesma classe social, um grupo de indivíduos que possuem valores semelhantes ou outro elemento de comunalidade. Geralmente, as comunidades ocupam um espaço geossocial e se unem para cumprir alguns objetivos mais amplos e genéricos. Elas não são criadas tendo em vista a reprodução material da sociedade, mas não são alheias a elas (Heller, 1987).

Após as instrumentalizações dos jovens, eles revelaram suas convicções sobre o espaço geossocial de Guaianases. Para os jovens comunidade ou favela são

designações que a sociedade utiliza para se referir ao solo urbano onde transcorre a vida do pobre, sendo que, a palavra comunidade diminui o estereótipo social. Portanto, a mudança da palavra favela para comunidade não mudou e nem atenuou o estereotipo social para estes jovens.

Em suas convicções trata-se de uma favela não porque as construções das casas são toscas e ocupam os aglomerados subnormais; mas eles, os jovens e suas famílias, que ao ocupar o solo urbano torna-o favelas pela sua condição de pobreza. Em vista disso, são estereotipados e marginalizados.

Em suas representações trata-se de uma favela porque é uma parte do espaço geossocial onde transcorre a vida dos indivíduos pobres. Local de ocupação desordenada, marcado por ausências, falhas e precarização dos serviços públicos; habitado por indivíduos pobres e de maioria negra. As representações dos jovens coadunam com Santos (2012a) ao dizer que as habitações destinadas à classe trabalhadora são habitações que já nasceram subnormais porque são destinadas aos pobres.

O consumo de drogas é regular no cotidiano desses jovens. Em suas representações o distribuidor e o consumidor de drogas são aceitos (ou não aceitos), se houver ou não houver - espaços territoriais, específicos e livres para o consumo de drogas.

Se não houver espaços territoriais, específicos e livres para o consumo de drogas; trata-se de desorganização - uso inapropriado do espaço público e desrespeito para com o não consumidor. Logo, rejeita-se o distribuidor e o consumidor. São representações ideológicas, isto é, guerra às drogas. Com estas representações os jovens buscam se afastar da droga (inimiga), a responsável pelas mazelas sociais, pela violência, desrespeito e exclusão do consumidor de drogas. Percebe-se que estes jovens consideram que a proibição de drogas iria solucionar os problemas sociais que os envolvem. Mas, percebe-se também, que o grupo suspeita que existam muitas coisas por trás dos problemas relacionados ao consumo e tráfico de drogas, porém não consegue explicitá-las.

Se houver espaços territoriais, específicos e livres para o consumo de drogas, ainda que em partes do espaço urbano, então haverá organização e respeito ao não

consumidor. Logo, acolhe-se o distribuidor e o consumidor de drogas. São representações congruentes, com leves influências ideológicas. Parte da perspectiva antiproibicionista, concepção pouco mediatizada nos meios oligopolistas de comunicação e informação.

As representações dos jovens em relação às estratégias de organização (consumo e distribuição) de drogas demonstra que há uma forma de organização bem típica do espaço urbano de Guaianases para o circuito das drogas. Todavia, os espaços territoriais, específicos e livres para o consumo de drogas podem significar, também, segregação social. Porém, nas representações dos jovens, os espaços territoriais, específicos e livres para o consumo são de proteção ao distribuidor/consumidor e aos moradores das prováveis violências. Em suas representações, as violências podem ocorrer entre policiais, distribuidores, consumidores e moradores. Segundo eles as violências mais frequentes ocorrem devido aos policiais.

Violência nas representações dos jovens são atitudes desrespeitosas de uma pessoa (ou um grupo de pessoas) direcionada a outra (ou a outro grupo) podendo gerar comportamentos agressivos. Para os jovens as atitudes desrespeitosas são desde palavras (grossas), invadir o espaço privado, entre outras atitudes desencadeando comportamento de xingamentos a agressão física. São representações coerentes com forte influência ideológica visto que a mídia tem disseminado a violência, coadunando com as representações a respeito da violência, elaborada pelos jovens.

No Brasil, não há espaços públicos para o livre consumo de drogas, então os espaços territoriais, específicos e livres para o consumo de drogas seriam uma contravenção à Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, atualizada em 2012, que proíbe e impõe penas a quem “adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, para consumo pessoal, drogas sem autorização [...]”. Além disso, é na presença do juiz que irá determinar se a droga é para o consumo pessoal ou não (Brasil, 2012, p.15).

Os dois posicionamentos dos jovens em relação ao consumo de drogas, se guerra às drogas ou antiproibicionismo, não foram feitos propriamente pensando na

saúde do consumidor de drogas ou na saúde pública do Brasil. Esse critério foi pensando para a proteção, das prováveis violências que giram em torno da distribuição e consumo de drogas, principalmente em relação as drogas ilícitas.

O Brasil é signatário de todas as estratégias punitivas em relação à produção/distribuição/consumo de drogas internacionais. Ainda que os dados estatísticos salientem que o consumo de drogas não diminuiu, mesmo com as duras leis penais, o Brasil segue na linha proibicionista. Essa posição do Estado brasileiro tem levado jovens pobres, negros e mulatos em grande quantidade para a prisão (Boiteux, 2015).

O álcool foi a droga mais visada na instauração do proibicionismo. A Lei Seca de 1919 inventou um crime, novos criminosos e novo mercado. Grandes quantidades de verbas estatais eram destinadas para combater o consumo do álcool. Essa estrutura criada em torno do álcool pode ser deslocada para as demais drogas proibidas; quem consumir as drogas ilegais é punido e afastado do convívio social (Rodrigues, 2008).

As representações dos jovens são de que as penalidades e as criminalidades incidem sobre o pequeno traficante. Representações congruentes visto que é essa a realidade com a qual convivem. Os pequenos traficantes são aliciados nas periferias para atender o mercado consumidor local, e esses jovens quando abordados pela polícia são enviados para a prisão (Boiteux, 2015).

Ao se ampliar a discussão sobre o consumo de drogas, aparecem representações contraditórias, pois a droga é deslocada do centro das mazelas sociais aparecendo ao centro as necessidades de reprodução social dos jovens das “classes sociais baixas”. Assim, a droga – inimiga - deixa de ser a responsável pelos problemas sociais dos jovens, aparecendo as contradições do sistema capitalista.

A via de acesso para satisfazer as necessidades sociais dos jovens que se desvela naturalmente é o trabalho. Todavia, o trabalho para a população jovem é um problema local e global, não há trabalho para todos e muitos dos que trabalham não possuem seus direitos trabalhistas garantidos (IBGE, 2014). A inacessibilidade ao trabalho leva os jovens ao tráfico e ao roubo, para acesso a mercadorias. Suas

representações são de que não há escapatória para essa situação e, portanto, são escravos e sem possibilidades de comprar a liberdade.

O tráfico de drogas como uma das únicas opções de trabalho constitui representação simples e coerente. A literatura destaca que os traficantes de drogas estão indo para as periferias. Assim, são recrutados jovens da periferia que ao não ter trabalho formal, trabalham na informalidade e na ilegalidade. Além disso, estão expostos à violência policial e à prisão caso forem pegos trabalhando. Estes jovens que estão chegando às cadeias estão morrendo prematuramente (Boiteux, 2015).

6.1.4 Representações cotidianas sobre os direitos sociais

O principal tema discutido pelos jovens foi o dos direitos sociais.

6.1.4.1 Representações cotidianas sobre os transportes no espaço geossocial de Guaianases

O G4 (05 famílias) não foi o único a sentir-se exposto às precariedades dos transportes. As famílias dos jovens estão submetidas à realidade dos transportes coletivos da região.

Os jovens mostram saber que cotidianamente os trabalhadores gastam horas dentro dos transportes coletivos, para se deslocar ao trabalho e, os veículos coletivos transportam um grande volume de indivíduos para além de sua capacidade aumentando os lucros dos donos das empresas. Nem os donos do capital colocam para circular mais veículos, nem o Estado exige das empresas mais veículos circulando. Assim, os trabalhadores que necessitam de transporte coletivo são submetidos aos desgastes diários.

Ademais, as ruas e os faróis da região de Guaianases estão sempre quebrados ou funcionando inadequadamente, colocando a vida dos jovens em perigo. Acima disso, são raras as calçadas nas ruas de Guaianases. Dessa forma, os moradores são expostos a riscos de atropelamentos.

Os jovens não simplificam e não naturalizam as ausências e precariedades dos transportes coletivos e expõem as condições precárias dos trabalhadores, que continuam respondendo as necessidades de seus empregadores à custa de desgastes do cotidiano. Enquanto isso, o governo não faz nada. Assim, nas convicções dos jovens os problemas dos transportes públicos coletivos em Guaianases constituem descaso e omissão do Estado para com a classe trabalhadora.

Os jovens constroem representações de que o Estado almeja confiná-los, e de que não possuem o direito de circular pela cidade, principalmente, nos finais de semana, ocasião em que piora a situação dos transportes coletivos. São representações simples, todavia coerentes, uma vez que o governo é o mediador entre a realidade e a Política Nacional de Transportes. As políticas estatais não são criadas a partir das necessidades da classe trabalhadora, mas de interesses do capital (Viana, 2006).

Santos (2012) analisando como se deu a instalação dos transportes coletivos nos países subdesenvolvidos diz que eles não foram criados pensando no deslocamento dentro da cidade e não tomaram o espaço público como um lugar para a produção de vida. Eles foram criados tendo em mente a industrialização e o escoamento das mercadorias voltadas ao mercado externo.

Outras representações que os jovens desvelam sobre os transportes coletivos para a classe trabalhadora são de que cabe a esses indivíduos apenas os deslocamentos ao trabalho. Fora isso, os deslocamentos não se fazem necessário.

6.1.4.2 Representações cotidianas sobre a escola pública

Nas opiniões dos jovens a escola é marginalizada e possui estereótipo negativo. Para os jovens, esse estereótipo advém dos antigos alunos que praticavam delitos. Além disso, em suas opiniões a escola é aceita e considerada boa por ter professores comprometidos com o ensino. Em suas representações a escola circula entre a marginalização e a inclusão. São representações ilusórias; a ilusão se deve ao fato de que caso não houvesse antigos alunos que tivessem praticado delitos, a

escola não teria estereótipo negativo. Frequentar a escola uniformizado e ter (alguns) professores comprometidos retira o estereótipo negativo da escola.

A culpabilização pelo estereótipo negativo da escola para os antigos alunos estereotipando-os advém da influência do neoliberalismo. Pereira (2006) afirmou que há uma tendência da culpabilização das pessoas dos indivíduos que pertencem a baixa classe social. Averiguamos que os jovens participantes do grupo estão no mesmo caminho culpando os antigos frequentadores da escola pelo fato desta escola ser marginalizada. O fato de culparem os antigos frequentadores da escola demandou novos questionamentos e novas arguições sobre essa opinião. Reconhecemos que, nesse momento das arguições, os jovens estavam opinando a respeito da escola.

Já em relação ao ensino público oferecido nesta escola, os jovens afirmaram que são de má qualidade, pois o ensino é destinado aos jovens da “classe social baixa”. Outras representações em relação ao ensino público emergiram – o ensino público é de má qualidade, pois os alunos que frequentam são ruins, uma vez que os profissionais são qualificados e possuem recursos (equipamentos) para o ensino. São representações contraditórias com forte influência ideológica nas quais os jovens são culpados por suas pobreza.

Nas representações dos jovens, a sociedade lhes repele, dado que a escola é precária, e os escolares e suas preferências musicais são desconsideradas e marginalizadas. O que poderia trazer esperança aos jovens seria estudar, todavia, em suas representações, “um de um milhão” entrará na universidade e poderá mudar sua realidade. Portanto, estudar deixa de ter significado, o mais importante é buscar modos de satisfazer suas necessidades sociais mais imediatas.

A ideologia neoliberal culpa os indivíduos por seus problemas sociais (Pereira, 2006), apreendemos que os jovens estão se culpando pelo fato do ensino ser de má qualidade; opinando que os jovens são problemáticos e não querem aprender etc. No decorrer da PAE houve mudança de opinião dos jovens e apareceram suas convicções - os problemas que enfrentam são devido ao lugar que ocupam na sociedade e não ao fato de serem problemáticos.

Além disso, a escola pública é uma instituição do Estado a serviço do capitalismo. Mészáros (2005, p. 35) sublinha:

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão no sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade [...].

Os jovens atribuíam a responsabilidade por transformar a realidade à própria região e ao próprio grupo, excluindo a responsabilidade do Estado. O pensamento de responsabilizar-se pela transformação social sem acionar o Estado vai ao encontro da proposta neoliberal. Há forte contradição nessa representação dos jovens eles vêm questionando a ausência do Estado chamando o Estado a agir no espaço geossocial de Guaianases; mas no momento da ação e participação responsabilizam os próprios indivíduos.

Por meio da PAE emergiram as convicções – as escolas públicas são marginalizadas por estarem inseridas nos espaços geossociais onde transcorre a vida do proletariado. Uma parte dos jovens é fortemente convicta de que as escolas públicas são marginalizadas e estereotipadas; pelo fato das ausências, falhas e precarização dos serviços públicos que são de responsabilidade do Estado.

6.1.4.3 As representações cotidianas sobre a atenção à saúde

O direito à saúde no Brasil está garantido pela Constituição de 1988 (artigo 96), a qual embasou a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) (Brasil, 1988). O SUS garante proteção social e a universalização de atenção à saúde pública. Existem duas forças atuantes no SUS desde sua formação: a pública e a privada (Paim et al., 2011; Mendes, 2013). De um lado, o SUS representado pela instituição pública que considera a saúde um direito de cidadania e de responsabilidade do Estado (Paim et al., 2011), do outro lado, o sistema privado (serviços contratados ou conveniados) que considera a saúde uma mercadoria (Victora et al., 2011).

A dualidade e as forças atuantes sobre o SUS advêm do fato de ele ter sido instaurado no momento em que o capital financeiro determinava as relações econômicas e sociais do capitalismo contemporâneo; determinando, inclusive as relações econômicas do governo, solicitando cortes nas áreas sociais. Assim sendo, foi diante de um ambiente de pressão macroeconômico e predominância de políticas

neoliberais que se deu o percurso histórico do SUS (Mendes, 2013). Em vista disso, a atenção à saúde no Brasil é dual (público e privado), e os serviços públicos ficam em segundo plano, assim como a oferta de cuidados a saúde (Victoria et al., 2011).

Os conflitos e as contradições se encontram, também, nas representações que os jovens têm em relação à inclusão das instituições privadas (ONGs e OS). Ideologicamente eles naturalizavam e simplificavam as parcerias do Estado com instituições privadas, devido às precariedades dos serviços administrados pelo Estado, comparado com as melhorias visíveis (desconsideravam as precariedades invisíveis) adquiridas nas administrações privadas. Todavia, públicos ou privados os jovens possuem dificuldades de acesso aos serviços de saúde (principalmente hospitalares).

A dificuldade de acesso dos jovens aos serviços de saúde privados é por não terem dinheiro para pagar e, nos serviços públicos (estatais, conveniados, filantrópicos e contratados), por diversas causas: os hospitais não conseguem atender a demanda da região, não possuem médicos para atendê-los, oferece serviços de baixa qualidade, falta de equipamentos médicos, demora no atendimento nas UBS ao público jovem e Victoria et al., (2011) complementa: alta rotatividade dos profissionais de saúde que atuam na Estratégia de Saúde da Família e dificuldades em atrair médicos qualificados, apesar dos altos salários.

Mendes (2013) destaca dois pontos para a dificuldade de acesso a atenção à saúde para as grandes metrópoles. Primeiro a desigualdade na distribuição dos serviços entre as cinco Regiões, Estados e Municípios. A segunda dificuldade é consequência da primeira – os usuários não encontram próximos a sua moradia os serviços de saúde de sua necessidade e são transportados para centros maiores; enfrentando demora na marcação de consultas e exames, data marcada de consultas e exames distantes do momento e falta de vagas nos hospitais.

Sobre os jovens de Guaianases recaem os problemas estruturais do SUS. Outros problemas que incidem na questão estrutural do SUS dizem respeito ao seu financiamento, o incentivo à saúde privada reduzindo os impostos sobre as pessoas físicas e jurídicas, aplicadas sobre as despesas médicas e planos de saúde, isenção de impostos às entidades sem fins lucrativos (Mendes, 2013).

Os jovens consideram que os serviços de saúde (contratados ou conveniados pelo Estado) atendem mal a classe trabalhadora, mas são fortemente influenciados pela ideologia de que esses serviços são melhores que os estatais.

Baseados na realidade cotidiana de buscar cuidados de saúde nas instituições públicas de saúde, os jovens elaboram suas representações de atenção à saúde. Em suas representações a atenção à saúde aos jovens em Guaianases é baseada na queixa e conduta, vigilância das doenças infectocontagiosas e distribuição de preservativos. Ampliando para todos os indivíduos há atendimento prioritário para as gestantes, idosos e crianças e distribuição de medicamentos. Para as crianças a prioridade são as vacinas. Portanto, os jovens estavam nos revelando o modelo de atenção à saúde.

Modelos de atenção à saúde são combinações tecnológicas estruturadas para a resolução de problemas e para o atendimento das necessidades de saúde da população, sejam elas individuais ou coletivas (Gil, Maeda, 2013, p.328).

Assim, o modelo de atenção à saúde da juventude que coaduna com as representações dos jovens é o modelo da Moderna Saúde Pública. Nesta perspectiva os jovens são responsabilizados por assumir comportamentos saudáveis, desconsiderando as condições de trabalho e conseqüentemente o modo de viver (Soares, 2011b).

6.1.4.4 As representações cotidianas sobre as instituições de proteção social

Os jovens representam a polícia como violenta e desrespeitosa; uma instituição não confiável que invade espaços públicos e privados em nome da ordem e da defesa pública. Existem múltiplas formas de violência, cada uma com explicações no processo de sua constituição (Viana, 2004).

A abordagem policial foi a forma de violência mais citada pelos jovens. Em suas representações os policiais querem incriminá-los. São representações que coadunam

com a literatura em relação às abordagens policiais de forma violentas e desrespeitosas para com os jovens (Cara, Gauto, 2007).

Nas opiniões dos jovens, os problemas dos jovens traficantes advêm do fato da não penalização dos menores de dezoito anos garantido na Constituição de 1988, no Código Penal e no Estatuto da Criança e do Adolescente. São representações contraditórias com forte influência ideológica, presentes no imaginário social.

Todos os dias, os jovens lutam por sua sobrevivência como se não houvesse nenhum direito garantido, mesmo os adquiridos nas letras da lei. Considerando os policiais como os representantes do Estado; o Estado é representado como punitivo, violento e contraditório; um Estado que não assegura os direitos sociais; sentem-se submetidos ao Estado e restringidos à periferia.

6.1.4.5 Representações cotidianas sobre o acesso a comunicação e informação

No espaço geossocial de Guaianases, o acesso a informação não é facilitado pelos agentes da comunicação. Santos (2012a) afirma que quanto mais isolados os territórios mais difíceis aos indivíduos acessar a informação, ouvir a própria voz e acessar os agentes do poder. Além disso, as informações podem chegar deformadas nesses espaços.

Os jovens são convictos de que é impossível viver sem os meios tecnológicos de comunicação e informação e que as mídias fazem parte do cotidiano. Todavia eles encontram barreiras para acessar as informações que dizem respeito às suas realidades, e também de acessar as informações fora dos meios oligopolistas.

Na escola, embora acompanhados por professores, havia restrições impostas aos jovens para utilizar a sala de informática; o tempo limitado para uso restringia o acesso à informação e dificultava a manutenção de leitura contínua da *web*. Os jovens naturalizam e simplificam a restrição do acesso à sala de computadores.

Outro meio de obter o acesso à informação é o telecentro. Todavia, o telecentro de Guaianases foi fechado, conforme exposto anteriormente. O fechamento do telecentro, assim como a dificuldade de acesso à sala de informática da escola e as

dificuldades dos jovens de buscar informações na *internet* os isola, dado que a linguagem midiática caminha para se tornar um padrão de referência para a comunicação (Braga, 2006, 2010). Fato que remete ao momento histórico em que a linguagem oral passou para a linguagem escrita e tornou-se padrão de referência para diversas ações sociais, sendo amplamente dominada pela classe hegemônica e deixando às margens o proletariado (Braga, 2006).

A rádio comunitária seria outra forma de comunicação em Guaianases, mas conforme vimos anteriormente também, frente à burocratização do Estado, a rádio comunitária se paralisou.

6.2 REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DOS JOVENS DAS NECESSIDADES SOCIAIS

De acordo com Campos (2004) as necessidades sociais podem ser reconhecidas como: necessidades de reprodução social; necessidades de presença do Estado no bairro; necessidades de participação social. Neste estudo procurou-se verificar as representações cotidianas dos jovens sobre essas necessidades.

6.2.1 Representações cotidianas sobre as necessidades de reprodução social

A reprodução social das classes sociais se concretiza em dois momentos: o momento da produção (o trabalho) e o do consumo (vida). Estes dois momentos apresentam relações contraditórias (Viana, Soares, Campos, 2013; Trapé, 2011).

O trabalho não foi o tema que atraiu a atenção dos jovens, o que pode estar relacionado ao fato de apenas dois jovens trabalharem; os jovens se prenderam a discutir o consumo e trouxeram as ausências, falhas e precarização dos serviços públicos no espaço onde vivem e as dificuldades encontradas para a reprodução social.

Quanto ao trabalho, os jovens consideram haver quatro maneiras de ter satisfeitas suas necessidades: o emprego propriamente dito, o emprego mais o suporte do Estado para suas famílias, o tráfico de drogas e o roubo.

Esses jovens dificilmente ingressam no mercado de trabalho formal e submetem-se a empregos precários e com baixos salários, principalmente quando se trata do primeiro emprêgo. Os jovens que já entraram para o mercado de trabalho, muitas vezes, apresentam um período grande de desemprego e elevada rotatividade ocasionando elevada taxa de desemprego (Reis, 2014).

Já o suporte do Estado às famílias é focalizado e se dirige a alguns grupos em particular (Castiñeira, Nunes, Rungo, 2009; Ferrario, 2014).

Em suas convicções são as necessidades sociais não satisfeitas pela via do trabalho, a exploração do trabalho legalizado e a falta do trabalho que conduzem os jovens ao tráfico de drogas ou ao roubo.

O trabalho existiria para eles para responder as necessidades de consumo. Todavia, pra os jovens o trabalho dos chefes da família seria para responder as necessidades de sobrevivência e seria caracterizado por desgastes, como os referentes aos deslocamentos diários.

Para os jovens, o Estado deve investir para aumentar o trabalho local evitando os deslocamentos dos moradores cotidianamente, uma vez que há mão de obra e espaço disponíveis. Embora oferecessem soluções para os problemas em relação ao trabalho e aos deslocamentos dos trabalhadores, sublinhavam que com os deslocamentos os capitalistas possuem lucros diários certos.

São representações ilusórias em relação a investir na região, uma vez que as parcelas do solo urbano onde não há investimento nas condições físicas do terreno e nas áreas ao redor são solos urbanos que não são interessantes para o mercado imobiliário. Os solos urbanos são vinculados objetivamente à estratificação social (Gamalho, Heidrich, 2008).

Os resultados quanto à reprodução social dos jovens são coerentes com as propostas levadas à cabo pelo Estado neoliberal em que desaparece o sistema de proteção social público. Se o indivíduo quiser lazer, cultura, saúde e educação deve

acessar o mercado e comprar. O neoliberalismo se ancora nas privatizações do ciclo da vida, isto é:

as intervenções institucionais baseadas na cronologização do curso da vida, como aquelas feitas pelo Estado, tenham seu peso cada vez menor, obrigando indivíduos e grupos sociais a procurar soluções particulares para as dificuldades inerentes ao ritmo biológico da vida [...] (Groppo, 2004 p.18).

No capitalismo há mecanismos para criar necessidades e os jovens reconhecem que deve ser realizada uma leitura crítica da mídia, que veicula produtos e seduz para a compra. Porém consideram que nem todos farão essa leitura crítica.

Parece haver uma certa consciência sobre o capital comunicacional e as múltiplas linguagens utilizadas pela mídia, coadunando com Viana (2007), que argumenta que não há como homogeneizar as ideias e a cultura, e que as mensagens midiáticas não são estabilizadoras da sociedade, podendo, inclusive, reproduzir lutas de classes. Os jovens, porém, mesmo conscientes do capital comunicacional, ao buscarem informações não atentam para selecionar um meio tecnológico de comunicação e informação que dialogue com sua realidade.

Por outro lado, a falta do acesso dos jovens aos produtos veiculados na mídia pode gerar frustrações para muitos, que acabam por se envolver em roubos ou tráfico de drogas. Na opinião dos jovens, o grupo que não faz a crítica em relação ao estímulo ao consumo pela mídia é composto de jovens que se envolverão com roubo e tráfico de drogas. Em suas representações, esses jovens são influenciáveis pela mídia.

Ainda em relação ao estímulo ao consumo pela mídia, os jovens afirmaram não haver como obter produtos de marcas visto que moram na periferia e contam com renda familiar baixa, o que condiz com uma leitura crítica da mídia, que divulga mensagens enganosas para os jovens da periferia, mesmo ciente da precariedade do trabalho e vida dos jovens das periferias.

6.2.2 Representações cotidianas sobre as necessidades da presença atuante do Estado

Os jovens esperam que o Estado garanta os direitos sociais dos indivíduos e promova a proteção social. Em suas representações, se o Estado intervir na realidade social de Guaianases oferecendo serviços públicos de qualidade, melhorando as estruturas físicas (da escola e do hospital), comprando aparelhos e materiais necessários para os trabalhadores, os trabalhadores serão atraídos para a região.

Os jovens simplificam a complexidade dos motivos das recusas dos profissionais em trabalhar nas regiões periféricas; das ausências e desestímulo dos educadores em trabalhar nas escolas públicas periféricas e da ausência do investimento do Estado nas regiões periféricas.

Rulloda (2011) destaca que os professores estão desmotivados para trabalhar com a educação, dada a quantidade de violência que sofrem nas salas de aula.

Nesta escola necessita-se de um profissional mediador escolar e comunitário, professor designado para atuar em escolas com alto índice de violência. A violência e a presença de profissional designado para mediar os conflitos dos estudantes na escola são simplificadas e naturalizadas pelos jovens. Em suas representações, se o Estado investir na região em atividades culturais e de lazer que façam sentido aos jovens haverá menos violência.

A ausência de Estado na periferia é representada pelos jovens pela falta de investimento, por exemplo, no lazer. Para os jovens, lazer são atividades prazerosas que podem ser realizadas dentro e fora de casa; atividades escolhidas por eles. Portanto, não faz parte do lazer atividades que são obrigações ou atividades impostas por outros. As atividades citadas foram assistir televisão, ouvir músicas e ler. Fora de casa seriam atividades culturais, como ir ao cinema, teatro, concertos, ao lado de atividades esportivas. Integrar atividades culturais a atividades esportivas, como lazer, permite que os jovens possam escolher se querem ou não participar e interagir.

Embora o tempo livre não tenha sido correlacionado ao lazer, em suas representações é nos tempos livres que os jovens buscam as drogas, e nesses momentos salientaram a inexistência de espaços disponíveis para o lazer.

Relacionar a falta (de espaços) de lazer ao consumo de drogas é representação ideológica que coaduna com as orientações que os jovens vêm recebendo na escola.

As orientações recebidas são comportamentais e seguem a linha proibicionista, em que o lazer, geralmente, está incluído como forma de proteção do consumo de drogas.

Nas representações dos jovens, o Estado busca amedrontá-los em relação ao consumo de drogas - se consumir irão para cadeia e sofrerão penalidades. O amedrontamento é realizado expondo situações de sofrimentos dos detentos e de suas famílias.

São representações congruentes em relação à educação sobre drogas oferecida nas escolas públicas, uma vez que o Estado segue a linha proibicionista e repressora do consumo de drogas. Nos pressupostos educativos oferecidos pelo Estado; os jovens não participam da elaboração dos programas de educação sobre drogas os quais são elaborados por profissionais especializados, com convicções teóricas, desconectadas da realidade dos jovens (Lopez, Soares, Oliveira, 2014).

Considerando que o lazer para os jovens são atividades escolhidas por eles e que lhes trazem sentido, oferecer atividades programadas por instituições partindo dos objetivos dos idealizadores dos projetos não alcançará os jovens. Esse foi o objetivo da pesquisa de Martins (2014) em instituições destinadas a oferecer lazer e atividades culturais aos jovens de Lajeado (que pertence à mesma subprefeitura de Guaianases).

Martins (2014) buscou conhecer os motivos da não participação dos jovens em três espaços destinados a eles, para lazer e cultura. Dois espaços na região do Lajeado e um espaço em Guaianases. Embora os jovens frequentassem os espaços, não participavam das atividades propostas pelos profissionais, o que gerava constantes conflitos entre os gestores e os jovens; levando ao esvaziamento dos locais. Destaca a autora, que as atividades de sociabilidade de preferência dos jovens, como o *funk*, eram negligenciadas nas atividades propostas pelos profissionais, o que levava os jovens a não participarem de atividades impostas e de preferência dos profissionais (adultos).

Segundo Martins ainda havia dois objetivos na instituição: um dos gestores e um dos jovens. Os gestores queriam retirar os jovens das ruas a fim de gastarem seu tempo livre na instituição e realizarem as atividades criadas e impostas pelos profissionais, e os jovens buscavam a socialização e, principalmente, a acolhida do *funk*. Martins considera que deve haver treinamento dos gestores para lidar com os jovens (Martins, 2014) e reforça a necessidade de acolher os jovens para que tragam assuntos que dizem respeito às suas realidades.

Nesta pesquisa, os jovens não identificaram a instituição de lazer na região de Guaianases. A instituição pesquisada por Martins foi desconsiderada pelos jovens a ponto de não serem citadas reforçando os achados de Martins de que os jovens se afastam da instituição de que suas vozes não são ouvidas.

Os jovens solicitaram espaços para o lazer e atividades culturais, coadunando com as solicitações de jovens de outras regiões periféricas (Brasil, 2006). Em suas representações, o confinamento no espaço geossocial traz um sentimento de abandono e inferioridade.

São representações congruentes com a realidade em que vivem uma vez que para ter acesso ao lazer e à cultura é necessário pagar,

As soluções encontradas pelos jovens são os bailes *funks* nas ruas. O baile nas ruas acolhe todos os jovens sem necessidade de pagar. Se de um lado encontraram uma solução para o seu divertimento, de outro encontraram a violência dos policiais. A violência policial nos bailes *funks* representa, na opinião dos jovens, uma aversão dos policiais para com essa prática cultural dos jovens da periferia.

Os jovens são convictos de que o *funk* e os rappers são estilos musicais da “classe social baixa”.

Para participar de atividades de lazer distantes, os jovens necessitam de transporte público coletivo. Todavia, esbarram em outro problema da região de Guaianases: os transportes públicos coletivos são precários e quase ausentes nos finais de semana.

Os jovens estão convictos de que as regiões periféricas são empregadas como manobra dos políticos para obtenção de votos, e que há desvios de verbas públicas em benefícios de usos particulares. Em relação aos votos, suas convicções são de que há manipulação e exploração da pobreza pelo Estado, uma vez que as respostas às necessidades sociais nunca são efetuadas, e são retomadas a cada eleição. Os moradores se esquecem de que não obtiveram respostas para as necessidades sociais e votam (novamente) em prol da solução da pobreza, e assim consecutivamente. Portanto, em suas representações trata-se de um círculo, “o círculo da pobreza”.

Em relação as famílias que recebem auxílio do governo, como o PBF, houve opinião de que se trata de um investimento sem necessidade, pois essas famílias estariam investindo as verbas recebidas de forma equivocada e extravagante; uma

vez que comprem as mesmas mercadorias que os jovens não beneficiados. Segundo eles, o Estado deveria investir em todo cidadão e não ser seletivo, pois as famílias não gastam o benefício com educação, saúde e alimentação.

Nas representações dos jovens o Estado oferece auxílio as famílias sem solicitar nada em troca. Eles partem do pressuposto de que as famílias beneficiadas não prestam contas ao Estado. Portanto, são representações ilusórias sobre o auxílio do Estado para as famílias. Entre as três famílias que referiram receber do PBF, em uma dessas famílias o jovem estava trabalhando. Além disso, as famílias beneficiadas pelo PBF estão investindo em material escolar aos filhos e estão comprando mais alimentos (Ferrario, 2014). Consideramos que os jovens estavam dando suas opiniões a respeito do PBF porque durante o processo educativo os jovens trouxeram suas convicções. O Estado deveria investir em todas as famílias é não oferecer auxílio a quem ele (o Estado) julgue necessitar.

Para os jovens, o “círculo da pobreza” garantiria os que supostamente vão representar seus interesses. É com base no “círculo da pobreza” que os jovens vão construindo suas representações de que o Estado não é confiável; embora eles não naturalizem e não simplifiquem que o Estado deva ser uma instituição não confiável. Essas representações são simples e coerentes, uma vez que o Estado vem transferindo suas responsabilidades para o mercado; tornando um órgão que não responderá as necessidades sociais dos jovens. Uma dessas transferências do Estado é para as ONGs, instituição do terceiro setor.

As ONGs apareceram ao lado da implantação do neoliberalismo; momento da ascensão dos movimentos sociais (posteriores a segunda guerra mundial), principalmente nos países imperialistas do capital (Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos). As ONGs são legitimadas pelo Estado através de suas legislações. Logo, há uma contradição em sua formação: de um lado critica o Estado e as ações neoliberalistas, de outro lado apoia as iniciativas privadas. Por conseguinte, as ONGs não realizam o papel contra hegemônico, pelo contrário, disseminam a ideia de que é possível “uma sociedade justa dentro do sistema capitalista” (Mateus, 2013, p.56).

Os jovens possuem representações contraditórias em relação à transferência do Estado da proteção social para as ONGs: ora as ONGs são necessárias porque respondem às necessidades sociais, ora são exploradoras e servem para regularizar o “círculo da pobreza”.

Os jovens são fortemente influenciados pela ideologia de que os serviços particulares são melhores que os serviços públicos. As representações dos jovens sobre o Estado se assemelham as suas representações sobre as ONGs. Ora o Estado deve ser o responsável por garantir os direitos sociais, ora o Estado é um órgão não confiável e suas responsabilidades devem ser transferidas para empresas privadas.

Em relação à atenção à saúde os jovens procuraram traçar uma crítica. Eles expressaram, com exemplos, a hegemonia da classe médica sobre os demais profissionais da saúde, e para exemplificar citaram a enfermagem. Em suas representações, os enfermeiros são os que representam o cuidado na atenção primária e hospitalar; todavia, são limitados em suas ações. Eles exemplificaram: no hospital, por não poderem agir, os enfermeiros se dispõem a escutá-los enquanto aguardam a chegada dos médicos, isto é, quando se tem médicos. Eles buscavam traçar uma crítica do modelo de atenção à saúde, mas não possuíam profundidade (conhecimento) para desenvolver a discussão. São representações simples, todavia, coerentes.

A forma de proteção social reconhecida pelos jovens é a segurança pública e o tráfico.

Os policiais são os representantes do Estado, mas nas representações dos jovens, eles são violentos, perigosos e corruptos, logo, não se deve confiar.

Os traficantes possuem poder de tomar decisões para a resolução de conflitos no espaço geossocial, mas abusam do poder, impondo (não raramente) toque de recolher na região. Parte dos jovens fica sem proteção, uma vez que não faz parte do movimento (forma a que se referem à produção, distribuição e consumo de drogas) e não confiam na polícia. Os jovens têm opiniões contraditórias a respeito dos traficantes. Eles são confiáveis, mas abusam do poder. Exploram a pobreza aliciando jovens para o trabalho no tráfico.

No decorrer da PAE, os jovens trouxeram suas convicções de que se sentem desprotegidos; e recorrerem ao uniforme escolar como símbolo de ser jovens da paz; o que evita (ou poderia evitar) que sejam confundidos com traficantes ou ladrões; tanto pelos traficantes como pelos policiais.

Nas representações dos jovens, os policiais são indivíduos que não diferenciam espaço público, do espaço privado. Caso julguem e concluam que o jovem transporta drogas ou é envolvido com roubo, suas casas são invadidas e são levados à delegacia de polícia, seguindo um fluxo para a resolução do problema. Muitas vezes, o resultado é a prisão dos jovens por trazerem consigo uma quantidade razoável de drogas ilícitas (mercadorias que circulam de forma ilegal). Além disso, são os policiais os únicos que podem testemunhar (a favor ou contra) aos jovens na frente do juiz (Boiteux, 2015).

Segundo Rulloda (2011) a violência para a Centers for Disease Control and Prevention (CDC) é tomada como um comportamento aprendido, principalmente nos jovens de famílias em desvantagem social em que um dos pais está desempregado ou consome drogas; pais que possuem limitações no estudo e não podem ajudar os filhos nas tarefas escolares. Para enfrentar o problema é indicado o treinamento de habilidades sociais. Percebe-se que há o relacionamento da violência com as condições socioeconômicas, mas as propostas para o enfrentamento da violência são individualizadas e comportamentais.

Os jovens afirmaram que agem com violência, uma vez que são tratados com violência, assim temos outro círculo – “o círculo da violência”. Evidencia-se a negação dos jovens em submeter à autoridade policial, uma vez que agem com violência. Ademais, há negação dessa geração em aceitar a instituição Polícia Militar para proteção social (segurança pública), dado que essa instituição vem sendo considerada corrupta.

Na pesquisa de Soares, Avila, Salvetti (2000), os adolescentes excluídos socialmente pontuavam como aspecto negativo da família as brigas familiares, e, também, as resoluções de conflitos com os adolescentes serem resolvidas com a punição corporal; esses autores provenientes da Saúde Coletiva tomam a violência como resultado da reprodução social. Portanto, soluções de ordem comportamentais terão pouco resultados.

Ainda em relação à violência, tem-se a violência simbólica, dos meios oligopolistas de comunicação, direcionadas aos jovens da “classe social baixa”. Esse tipo de violência foi amplamente discutido pelos jovens. A mídia toma os jovens filhos dos proletariados como um grupo homogêneo, e não raramente, apresentados como

marginais. Os jovens declararam ter uma sensação de rejeição pelo Estado, pelas instituições públicas e pelos meios oligopolistas de comunicação e informação.

As mídias oligopolistas vêm retratando a violência acentuando que o jovem infrator advém da baixa classe social criando uma referência para a violência, mas outras questões devem ser levadas em consideração na sociedade, tais como: o estímulo ao consumo e a exclusão dos jovens da baixa classe social ao consumo (Pedrosa, 2008).

Há também a violência sofrida pelos jovens tanto no espaço público, como no espaço privado. Uma alternativa indicada na literatura para não naturalizar a regularidade da violência (sofrida pelo jovem) é a notificação e o aumento da visibilidade da violência (Guessner, Fonseca, Oliveira, 2014).

A midiáticação do tema violência, partindo das redes sociais, é uma das maneiras de agendar o tema, uma vez que, “para um fato ser conhecido pela sociedade, especialmente nos grandes centros urbanos, é vital que ele transite nos meios de comunicação” (Collins, 2001, p.92; Batista, 2005).

A solicitação de proteção social dos jovens pode ser entendida como a necessidade do direito à vida. Eles são conscientes de que nas periferias os jovens morrem por roubos e tráfico de drogas: ora defendendo seu território do tráfico, ora enfrentando a polícia e ora confundidos por ladrões ou traficantes, coadunando com o estudo de Boiteux (2015) e Cara, Gauto (2007).

O proibicionismo das drogas consideradas ilegais é a principal causa da violência nos espaços periféricos, e a principal causa do confinamento dos jovens e da perda da juventude (ou morrem ou são presos). Geralmente, são jovens pobres, negros e mulatos, e os menores na produção e distribuição das drogas. Os responsáveis pela larga escala estão usufruindo do dinheiro, proveniente do consumo dos jovens das periferias e de juventudes perdidas (Boiteux, 2015).

Embora conscientes da ação policial frente ao tráfico de drogas e dos problemas que poderão cair sobre si (principalmente as violências), o tráfico é simplificado e naturalizado. Em suas representações, o tráfico de drogas e o roubo são trabalhos que abrem as portas para o mundo do consumo. Todavia, em suas

opiniões, entram para o tráfico de drogas e o roubo apenas os jovens influenciáveis. Os jovens ora tomam os jovens consumidores de drogas como sujeitos influenciáveis, ora consideram a reprodução social. São representações contraditórias e representa a forte influencia da perspectiva de guerra as drogas. Todavia, é sabido que:

Em los grandes centros urbanos, el negocio más lucrativo es la distribución de drogas a los consumidores, actividad que absorbe a gran parte de los excluidos del sistema económico, o sea, trabajadores informales al margen de la actividad lícita. [...] Los jóvenes pertenecientes a las clases bajas [...] sonho y la mano de obra más utilizada por el tráfico para hacer llegar al consumidor mercadería y, [...] son ellos los que están llenando las penitenciarías. El salario pagado a los «soldados del tráfico», que ejercen funciones que van desde ser «lanzadores de cohetes» a gerentes de la «boca», pasando por las «mulas», son los más altos del mercado para quienes no tienen estudio o profesión, a pesar de los riesgos inherentes a la actividad ilícita y la violencia (Boiteux, 2015, p. 138).

Vale salientar que o aumento da criminalidade e os homicídios (e o trabalho no tráfico) crescem, paralelamente, à diminuição do investimento estatal em infraestrutura e políticas estatais de assistência social, em favor da manutenção das políticas neoliberais que valorizam o mercado financeiro (Cara, Gauto, 2007).

Mesmo diante desse quadro de violências e encarceramento dos jovens, o Brasil segue na linha proibicionista do consumo de drogas investindo nos mínimos sociais, deixando grande parcela da juventude sem proteção social (Boiteaux, 2015, Cara, Gauto, 2007). “O Estado neoliberal realiza uma expansão de políticas paliativas visando conter os conflitos sociais e se legitimar [...] e alia a este processo uma forte política repressiva [...] (Viana, 2006, p.16)”.

6.3 REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS DOS JOVENS SOBRE A SOCIALIZAÇÃO

Nesta categoria, as representações serão discutidas em relação à socialização, a mediatização da realidade e sua influência na socialização.

A socialização é iniciada ao nascimento sendo a família a primeira instituição que acolhe a criança, responde suas necessidades e oferece os primeiros

aprendizados para a socialização. A escola, a religião, as comunidades, as mídias, geralmente, possuem maior força quando criança. A partir dessas primeiras agências de socialização o processo continua e torna-se mais complexo. Na juventude há um processo de ressocialização e os espaços de socialização são ampliados. Esse processo é diferente para cada classe social, cultura e etc. (Viana, 2009).

As agências de socialização são grupos ou instituições em que os processos de socialização se efetivam, sendo as mais expressivas: a família, a escola, o grupo de pares ou grupo de iguais e o trabalho (Soares, 2009, p.63).

Os jovens trouxeram à discussão os vários espaços por onde circulam: a família, a escola, a rua, a igreja, o grupo de pares e as redes sociais. Eles discutiram as relações com cada um desses espaços. Estes espaços não são isolados. São interligados formando a rede social dos jovens.

Conforme já exposto, entre as doze famílias representadas, em sete a mulher (mãe) é a chefe da família; o que significa que ela realiza outros papéis sociais, além da função educativa. Pelo fato da família historicamente estar perdendo a possibilidade de responder pela reprodução social, ela vem perdendo suas funções como instituição social. A função de reprodução social, principalmente, o preparo para o trabalho tem sido distribuído entre outras agências de socialização (Soares, 2009).

No estudo, às vezes, a família era lembrada, no sentido de exemplificar o distanciamento dos jovens em relação a ideia de seguir os caminhos que os pais ensinaram. Nas representações dos jovens os pais buscam protegê-los até ao momento em que não saem para as ruas sozinhos. No momento em que passam a sair sozinhos; tomarão suas decisões.

São representações simples e coerentes a respeito da proteção dos pais aos filhos.

A escola é uma instituição formal responsável por ministrar a educação às crianças, adolescentes e jovens para que venham a assumir seus futuros papéis sociais. A escola como agência de socialização, responsável por transmitir os valores sociais e preparar os jovens para o trabalho, vem sofrendo modificações. Os anos escolares tem-se ampliado, a educação deixou de ser um direito social e tornou-se

uma mercadoria, nas escolas públicas o ensino é precário e os espaços físicos estão sucateados. Para os jovens as escolas passaram a ser um ponto de encontro entre amigos (Soares, 2009). Ademais, vem se questionando o formato das escolas em transmitir o conhecimento.

Os jovens eram conscientes de que ir à escola não alteraria sua reprodução social presente ou futura. Todavia, na escola mantinham o papel social de ser estudante. Em suas representações ser estudante diferencia-os de consumidores de drogas. Para os jovens da periferia é importante exercer funções que os diferencie do estereótipo de marginais, tais como o trabalho (Hirao, 2008) e o estudo. Como estes jovens não trabalhavam era importante serem reconhecidos como estudantes.

Em relação à confiança nos professores, os jovens são convictos que os professores que se destacam na escola são aqueles que se dispõem a ouvi-los e entender seus problemas cotidianos. Não raramente era citado o professor escolar e comunitário, que buscava ouvir os jovens e travar um diálogo procurando resolver os conflitos de forma pacífica.

6.3.1 Representações cotidianas da midiaticização da realidade e sua influência na socialização

No Brasil, tem-se associado os termos uso dos equipamentos midiáticos com consumo midiático. Na lógica do consumo midiático tem-se buscado outro significado aos estudos de recepção, porque percebeu-se que,

a investigação dos públicos sobre meios isolados passa a fazer menos sentido na atualidade, já que o conjunto de usos de dispositivos midiáticos passa a ter uma dimensão de maior relevância social (Trindade, Perez, 2014, p.3111).

Outra perspectiva e estudos sobre midiaticização são os provenientes da linha publicitária, os quais estudam o consumo do que é midiaticizado. Esses estudos “buscam compreender as formas de presença e consequências das atuações do

sistema publicitário (via marcas de empresas, produtos e serviços) na vida cotidiana” (Trindade, Perez, 2014, p.3111).

Devido ao aumento do consumo midiático e do consumo do que é midiaticizado e as interações que as diferentes mídias possibilitam, as mídias deixaram de ser instrumentais e passaram a ser estruturais na educação, na comunicação e na interação entre os jovens. Portanto, é essencial entender a presença da mídia nos campos sociais e na socialização dos jovens.

Um campo social é formado por instituições que são reconhecidas e respeitadas dentro de um domínio específico de competência, que dita seus próprios modos de operar, tanto para o próprio campo, quanto para os membros que o compõem. Essa especificidade é marcada pelos atos de linguagem, discursos e práticas. (Sanchotene, 2009, p. 251)

Reconhece-se que os vários discursos sobre saúde, consumo, drogas, juventude são midiaticizados em diferentes mídias, e também, que os vários discursos midiaticizados buscam convencer os indivíduos sobre determinados temas e objetos, a fim de que simplifiquem e naturalizem as ideologias dominantes. Busca-se elucidar as representações dos jovens sobre a midiaticização da realidade, e averiguar junto aos jovens se as práticas comunicativas midiaticizadas, sobre sua realidade social, possibilitam o aumento de sua socialização.

É característico dos meios tecnológicos de comunicação e informação possuírem duas funções: 1) mostrar a realidade como a dos faróis quebrados de Guaianases; e 2) construir a realidade social, com a descrição da realidade a partir da consciência de quem está midiaticizando a realidade. Por exemplo, a mídia oligopolista considerou e veiculou o fenômeno rolezinho como baderna, desconsiderando outras opiniões.

É sabido que não há consenso sobre a realidade social veiculada, mas há consenso em torno dos objetos e temas, onde serão construídas as opiniões e as convicções dos indivíduos. Portanto, é em torno dos objetos e temas que a realidade pode ser construída (Serra, 2007). Todavia, a realidade social, construída ou não, é amplamente difundida na mídia.

Os jovens afirmaram que são representados na mídia com estereótipos negativos, e que as práticas comunicativas midiáticas sobre sua realidade, não condizem com sua realidade concreta.

A violência urbana e sua mediação também foi um tema discutido pelos jovens. Em suas convicções há um excesso da representação da violência mediada principalmente dos espaços onde transcorre a vida dos jovens pobres. As violências realizadas pelos jovens são mediadas, mas não as sofridas pelos jovens. Para Pedrosa (2008) essa representação mediada da violência é reflexo dos sentimentos da sociedade, o que justifica a linguagem midiática.

Pedrosa (2008) analisando a violência mediada afirma que as narrativas (no jornal escrito) não permitem ao leitor refletir sobre as causas que motivaram os fatos, onde muitas vezes, a marginalidade é fruto de um problema histórico e complexo da reprodução social. O autor destacou a necessidade da formação de uma capacidade crítica do que é mediado pelos leitores. Portanto, se considerarmos como os jovens da periferia são mediados concluiremos que esse processo em nada acrescenta para sua sociabilidade. Ao invés disso desperta medo dos jovens pobres.

Para os jovens, os objetivos dessas representações mediadas são isolar e excluir os jovens pobres. De acordo com essas circunstâncias, os jovens desconfiam da mídia hegemônica. Em suas convicções, a mídia hegemônica está sempre ocultando a verdade sobre a realidade social. Já em relação aos temas e objetos mediados, os jovens são convictos de que o conteúdo não representa o interesse da juventude de Guaianases. Para eles, os responsáveis por selecionar partes da realidade da zona leste, para tornar público na mídia, omitem a criatividade e cultura dos jovens. Eles consideraram que as mídias possuem forças para pautar um tema na sociedade, e, que os indivíduos constroem suas opiniões tendo como referência o que é mediado.

Nas representações dos jovens, a omissão na mídia da criatividade e cultura da periferia se dá pelo medo da classe dominante de que os jovens pobres venham ocupar os espaços públicos da sociedade. Figaro e Grohmann (2014, p.5) afirmaram que a mídia oligopolista busca omitir as diferenças entre as classes sociais, e que,

essa postura se trata de um ato político dos que querem deter o poder e impor as preferências da classe hegemônica.

Não haver consenso entre a realidade social e a realidade representada na mídia é comum na comunicação. As “dissensões e recusas da comunicação” e a ausência de consenso sobre os temas e objetos midiáticos ocorrem devido às complexidades da sociedade (Serra, 2007, p. 163; Colling, 2001), e às diferenças da reprodução social.

Nos espaços públicos oligopolistas:

só podem tornar-se visíveis e ouvidos – ser sujeitos e/ou objetos dos ‘temas’ [...] os indivíduos que se enquadram em figuras ou categorias muito específicas (Serra, 2007, p. 166).

O espaço público midiático oligopolista é construído com base no setor privado e são os interesses desse setor que importam.

Os jovens confirmaram que circulam pelos diversos meios midiáticos, admitindo o aumento do consumo midiático. O aumento do consumo midiático pelos jovens corrobora com os resultados encontrados na revisão de literatura. Assim, ao se propor quaisquer atividades com os jovens, todas as mídias podem e devem ser utilizadas (Primack, Kraemer, Fine, Dalton, 2009; Ellickson, Collins, Hambarsoomians, McCaffrey, 2005; Connolly, Casswell, Zhang, Silva, 1994; Primack, Douglas, Kraemer, 2009).

Os jovens afirmaram que gastam horas frente a televisão e indicaram-na inclusive como lazer. Os pesquisadores salientaram que jovens da “classe social baixa” tendem a aumentar as horas frente as mídias, com exceção da internet (Wyllie, Zhang, Casswell, 1998; Primack et al., 2009). Assistir televisão cria uma espécie de monotonia. As mensagens televisivas entram “pelos olhos, bem como ouvidos, imobiliza mesmo os usuários moderadamente atentos, paralisando-os em cadeiras e poltronas, como um prerequisite de consumo” (Shirky, 2011, p.10). A televisão tem ocupado o mesmo significado que o gin ocupou na transição da vida rural para a vida urbana, e tem tomado o lugar de outras atividades como, por exemplo, a participação

social, dado que assistir televisão propõe a troca das atividades grupais (sociais) pelas individuais (solitárias) (Shirky, 2011).

No Brasil a televisão possui ampla penetração, incluindo vários interesses e várias formas de transmitir a comunicação. As linguagens utilizadas na televisão são variadas, tais como: filmes, publicidades, programas esportivos, documentários, telenovelas e assim sucessivamente. As telenovelas são amplamente veiculadas na televisão brasileira e há um ritual diário em assistí-las. Os temas e os objetos das novelas são escolhidos na realidade social, para construir a representação midiática sobre a realidade. Portanto, as telenovelas são capazes de agendar os temas na sociedade, suas narrativas têm por base a família e o seu cotidiano. Logo, reproduzem a vida privada (Lopes, 2009).

Mauro (2014) analisou as telenovelas: *Avenida Brasil* e *Cheias de Charme* transmitidas, em 2012, em horário nobre da televisão. Na telenovela *Avenida Brasil* as desigualdades sociais são simplificadas e normatizadas. A telenovela *Avenida Brasil* representou que ser pobre é bom e pode significar ser mais feliz que a classe dominante. Houve um sentido cômico e irônico dos personagens em relação as diferenças de classe social e seus hábitos e valores culturais. A mudança de classe social só foi possível por meio do esforço pessoal, ou como todos os sonhos dos jovens masculinos, a saber: ser jogador de futebol. Em *Cheias de Charme*, a desigualdade social, também, foi simplificada e naturalizada. Os possíveis conflitos entre as classes sociais foram solucionados com a sociabilidade entre elas. Assim como em *Avenida Brasil*, a mudança de classe social em *Cheias de Charme*, ocorreu por meio do esforço individual.

A fragmentação do sentido de classes sociais e a naturalização das desigualdades sociais podem ser certificados nas telenovelas. É midiático que para vencer na vida deve haver esforço individual, o que reforça a ideologia neoliberal. A individualização do homem (centrado em si mesmo) na sociedade é uma invenção do capitalismo, pois cada indivíduo (sempre) faz parte de um grupo social (Tonet, 2005). Portanto, as práticas comunicativas das duas telenovelas reforçaram a individualidade e a conformação com a realidade social.

Os jovens não discutiram as telenovelas, contudo discutiram as possibilidades de mudança da realidade social - se por meio individual ou coletivo, e também, da influência dos conteúdos midiáticos na televisão alcançarem os jovens. Na opinião dos jovens os conteúdos da televisão alcançam os jovens desatentos e influenciáveis. As telenovelas agendam o tema na realidade e transmitem ideologias e valores dominantes. Nas duas telenovelas citadas há a mediação dos pressupostos do neoliberalismo (Moura, 2014).

Os jovens são convictos de que as diferentes mídias são utilizadas pela publicidade buscando atrair os jovens. Portanto, são representações complexas uma vez que se utiliza o “sistema publicitário na promoção e institucionalização simbólicas das marcas, produtos e serviços na vida material/cultural cotidiana” (Trindade, Perez, 2014, p. 3110). Em suas representações as publicidades buscam criar vínculos com as juventudes porque serão o futuro da nação. Ademais, as mediações de produtos/marcas provocam necessidades, isto é, as necessidades do capital. Em relação a mídia criar necessidades são representações congruentes com forte influência ideológica.

As necessidades do capital são os lucros e para satisfazê-los são impostos um novo cenário e uma nova ordem política e social; a saber: a supremacia do privado ao público, a fragmentação do sentido de classes sociais e a naturalização da pobreza. O meio para a superação da desigualdade social é o esforço individual, as buscas por igualdade não são dos direitos sociais, mas na identidade do consumo e, finalmente, a criação das “necessidades mutantes” (que requer substituição rápida pelo mercado) (Gomes, Pereira, 2013).

As telenovelas, também, são utilizadas para mediação de produtos/marcas tendo a seu favor o maior tempo para a enunciação do produto. Nelas são lançados novos produtos e novas marcas consumidos, facilmente, pelos personagens das telenovelas. Além disso, nas telenovelas não há dificuldades para a ascensão de classe social, isso pode ser resolvido com o casamento (entre as diferentes classes sociais); e, como já citamos, através da ascensão de um personagem como jogador de futebol (Mauro, 2014).

Os jovens citaram as várias linguagens utilizadas nas diferentes mídias para a midiatização dos produtos/marcas. Afirmaram que a mídia busca atrair e ampliar os vínculos dos jovens, com os produtos e as marcas, empregando as celebridades para representá-las. Em suas opiniões o consumo de determinados produtos/marcas pode trazer sentimentos de pertencimento ao grupo. Os jovens criam vínculos com os produtos e as marcas que consomem. Em suas opiniões se deixarem de consumir o produto e a marca que o identifica com o grupo serão excluídos do grupo. Portanto, o consumo do que é midiatizado, ora oferece construção de identidade do jovem, ora fortalece exclusão e a tirania dos pares. Assim sendo, trata-se da ideologia da relação social localizada no consumo.

Nas representações dos jovens, consumir determinados produtos/marcas consumidas pela classe hegemônica assemelha-os e aproxima-os dessa classe social. Portanto, para os jovens o consumo de determinados produtos e marcas traz status social e indica a que grupo social querem pertencer. Os jovens almejavam e almejam o direito de ocupar os mesmos espaços sociais, e utilizar os mesmos produtos/marcas dos ricos.

São representações congruentes com forte influência ideológica.

McCracken investigou a abordagem histórico cultural sobre o consumo. O autor recorrendo a vários pesquisadores demonstrou que em cada época o proletariado busca igualar-se a classe dominante a fim de obter status social. “Essa conexão entre consumo e individualismo – em grande medida forjada [...] é uma das grandes fusões culturais do mundo moderno. Cada uma das ideologias [...] mecanismo poderoso para seu próprio avanço” (McCracken, 2003, p. 41), isto é, avanço do consumo.

Os jovens buscam construir identidades e interações sociais alicerçadas em marcas, produtos, lugares, modas e assim por diante. Identidade é o processo de construção de significados culturais, a maneira como um grupo é representado culturalmente. A identidade é relacionada às características individuais, e não só, reflete ao mesmo tempo o indivíduo em cada contexto social e na interação com os outros da sociedade (Abdalla, 2014). As identidades não se desenvolvem e fluem livremente. Elas são híbridas e, geralmente, estão amarradas a outras fontes como,

por exemplo, a classe social. “A hibridização é um processo de longo prazo no qual todas as identidades estão em constante mudança” (Straubhaar, 2013, p.66).

O consumo dos produtos/marcas e a permanência da realidade social, isto é, da pobreza foram temas discutidos pelos jovens. No decorrer da PAE, emergiram as convicções de alguns jovens - o consumo dos produtos/marcas não altera o estereótipo negativo dos jovens da “classe social baixa” na sociedade. Os jovens deixavam para segundo plano o ponto principal, isto é, os meios para que os produtos/marcas fossem consumidos - o trabalho. Esse resultado coaduna com a afirmação de Gomes, Pereira (2013) no neoliberalismo incentiva-se a busca da igualdade de identidade, mas não a igualdade dos direitos sociais.

No neoliberalismo há confusão entre o direito do cidadão e o direito do consumidor. Se de um lado não há garantia dos direitos sociais, do outro lado há garantia do direito do consumidor (Gomes, Pereira, 2013).

Assim sendo, os jovens encontram obstáculos para ter acesso aos direitos oferecidos nesta sociedade. Santos (2012 a, p.48) afirmou:

[...] o consumo é verdadeiro ópio, cujos templos modernos são os *shopping centers* e os supermercados, aliás construídos à feição das catedrais. O poder do consumo é contagiante, e sua capacidade de alienação é tão forte que a sua exclusão atribui às pessoas a condição de alienados.

A internet possibilita a mediatização de tudo, inclusive da própria vida. Nas representações dos jovens, a internet (referiam-se as redes sociais) possibilita a interação, ampliação da comunicação, a mediatização da realidade e a criação de nova realidade e outras identidades. “O ciberespaço é classificado, entre muitas outras coisas, como um ‘mundo diferente’, em que [...] tudo o que é criado ‘pode ser reproduzido e distribuído infinitamente, sem qualquer custo’ (Serra, 2007, p. 172). Segundo Serra, John Perry Barlow defensor da internet livre, ofereceu a seguinte resposta as tentativas do controle da internet²¹:

²¹ A Declaration of the Independence of Cyberspace: [acesso 2015 mai. 06]. Disponível em: <https://projects.eff.org/~barlow/Declaration-Final.html> em português: <http://www.dhnet.org.br/ciber/textos/barlow.htm>

O ciberespaço é classificado, entre muitas outras coisas, como um 'mundo diferente' em que 'todos podem entrar sem privilégio ou preconceito concedido pela raça, pelo poder econômico, pela força militar ou pelo lugar de nascimento', em que existe total liberdade de expressão e em que tudo o que é criado 'pode ser reproduzido e distribuído infinitamente, sem qualquer custo (Serra, 2007, p. 172).

A invenção de uma nova realidade no ciberespaço pode justificar a não utilização pelos jovens das redes sociais para circular os problemas da realidade concreta, e a solicitação por espaços abertos face a face para a participação. As representações dos jovens sobre a internet e as possibilidades que ela apresenta; são representações contraditórias, pois nem todos os jovens possuem acesso fácil a internet, e em suas redes sociais há pessoas de sua rede social face a face. Esse resultado confirma que a visão de ciberespaço separado da vida real está se perdendo; dado que a mídia e as redes sociais não são uma opção para a vida real e parte dela (Shirky, 2011).

O ciberespaço ganha especial destaque pelo poder de interação que oferece, além da circulação e devolução das mensagens. Embora, os demais meios ofereçam as mesmas possibilidades da internet, na rede tais recursos são de maior grau. A interatividade é:

"Uma variável característica de sequências comunicativas' que pode ser definida como 'a expressão da extensão em que, numa dada série de trocas comunicativas, uma terceira (ou ulterior) transmissão (ou mensagem) está relacionada com o grau segundo o qual trocas prévias se referiam a transmissões efetuadas anteriormente" (Serra, 2007, p.112).

Quando se coloca a rádio comunitária ao lado do ciberespaço parece que ela se anula. Todavia, a rádio comunitária vem se adaptando à era da *internet* com as *radiowebs*, ampliando a expansão do alcance do veículo, podendo ser ouvida por meio de ferramenta *streaming* em qualquer lugar do mundo, para tanto, basta que haja um computador ou qualquer outro componente eletrônico conectado à *internet*. A *radioweb* permite a interatividade com o ouvinte através do uso de chats, e-mail, *facebook*, *twitter* ou outra plataforma digital (Canuto, Gambaro, 2013).

As rádios comunitárias necessitam ser potencializadas nos bairros. Elas são capazes de atingir a todos independentemente da idade, do acesso ou não à internet,

de liberar ou não das tarefas que estão realizando. Possibilitam a midiatização da saúde e da educação abrindo espaço de diálogo com os indivíduos sobre diversas questões da realidade concreta.

Machado (2006) apresenta a rádio como um meio para a midiatização de práticas comunicativas de educação em saúde, sobre o processo saúde-doença mental. De acordo com a pesquisadora, com essa prática, os que possuem dificuldade de acesso a informação sobre o processo saúde-doença mental, principalmente, os indivíduos da baixa classe social, poderão receber informações. Acrescenta-se ao pensamento da autora, que a midiatização do processo saúde-doença mental, com a participação dos indivíduos em sofrimento psíquico dialogando sobre seu cotidiano possibilita que novas práticas comunicativas circulem pelo espaço social, podendo quebrar preconceitos que, conforme a pesquisadora, ainda circulam no campo social. Ademais, aumenta a possibilidade de socialização dos que estão em sofrimento psíquico.

A rádio comunitária pode desempenhar outras finalidades nas questões concernentes a saúde. Todavia, a menos que se tenha uma decisão política para que as rádios comunitárias possam se sustentar (financeiramente), elas não exercerão tais finalidades. Como visto, a rádio Soul Vida, em vista de problemas para se manter perdeu o espaço físico onde estava alocada. Atualmente vem ocupando espaço doado por um morador da região. Transferir a rádio comunitária para um espaço privado impossibilita o acesso dos indivíduos à rádio.

Os jovens solicitaram mídias com microfones abertos para que eles possam participar e trazer os temas e os objetos de seu interesse. Para tanto, é preciso a interação entre o produtor/receptor para que os temas e os objetos midiatizados estejam de acordo com o espaço geossocial. Nessa direção, as práticas comunicativas midiatizadas em circulação poderão alcançar a sociedade e impulsionar os jovens para a participação e ação. Dessa forma, o que será midiatizado é um ponto de chegada e não um ponto de partida, pois os jovens participarão do processo de elaboração da comunicação. Além disso, a midiatização das práticas comunicativas poderá despertar os jovens para que venham participar e lutar para a emancipação humana.

6.3.2 Representações cotidianas sobre a participação social

Participar significa agir de forma que sua presença e resposta sejam consideradas como parte integrante do grupo (Shirky, 2011); ter parte de forma mais permanente, como um direito conquistado, um compromisso constante e firme (Bodernave, 1994). É ser capaz de influenciar opiniões e propor (pautas) para a discussão quando na formação de políticas públicas. Portanto, participar requer comunicação, requer diálogo e interação.

Na saúde a participação social se institucionalizou quando na criação do SUS (Coelho, 2012). Institucionalizar a participação não significa que os indivíduos estejam sendo escutados. Não obstante, a cultura participativa vem em um crescente, principalmente, com as mídias e as redes sociais, lugar em que os indivíduos estão produzindo e compartilhando suas ideias (Shirky, 2011).

Os jovens expuseram dois exemplos sobre suas participações em projetos na escola. Um foi a criação do jornal e outro a mobilização dos estudantes para as melhorias estruturais da escola. As diferenças entre os dois grupos eram o líder, as escolhas dos temas e objetivos do grupo. Quando o líder era externo ao grupo (um profissional) os temas e objetivos partiam do líder, as sugestões dos jovens não eram acatadas, os recursos para realizar os objetivos do grupo não eram disponibilizados, eram responsabilizados em caso de perda, quebra ou desaparecimento dos equipamentos utilizados para realizar as tarefas. Nem sempre os jovens finalizavam o projeto com o profissional. Quando o líder era do grupo dos jovens - os temas e objetivos partiam do grupo, havia interação entre os jovens e os objetivos eram alcançados. Baseado nesses dois exemplos, os jovens elaboram suas representações sobre participação.

As representações dos jovens sobre participação são os diálogos entre os integrantes do grupo e a escuta de suas colocações e o acolhimento de suas ideias. Nas opiniões dos jovens, para que eles participem é necessário ter relação de confiança e harmonia entre os participantes, os temas e os objetivos devem partir do grupo a fim de que todos se envolvam com os objetivos do grupo, e os objetivos devem ser alcançados.

Os jovens possuem duas opiniões em relação à liderança. Se o líder é externo não há abertura para participação, se o líder é interno haverá atrito por insubmissão. Em vista dessas contradições, os jovens optam pela imobilidade. Averiguamos que os jovens têm pouca experiência em projetos que requeiram a participação ativa. Após as instrumentalizações por parte do pesquisador com o grupo, os jovens desvelaram suas convicções - para que participem devem ser respeitados como sujeitos de direitos e deveres e não apenas como sujeitos de deveres.

Em suas representações, a participação e a interação devem partir de seu interesse e não dos interesses impostos (pelos adultos), corroborando com Boghossian e Minayo (2009); e também com Jones (2005), que demonstraram que em cada grupo de jovens, dependendo do consumo que faz das drogas e de sua sociabilidade desenvolvem diferentes mensagens educativas sobre drogas.

A partir das convicções dos jovens sobre participação elaborou-se algumas considerações a respeito do grupo criado no *Facebook*. Seria possível que a falta de acesso à internet impossibilitasse os jovens de interagir com o grupo. Todavia, essa possibilidade foi descartada porque verificou-se haver movimento na página *web* dos jovens. O fato de o grupo ter sido criado pelos pesquisadores e não pelos jovens poderia justificar a baixa participação, mas os jovens que participaram no grupo presencial estavam interagindo no *facebook*.

O tema consumo de drogas é um tema que pode gerar conflitos entre os jovens. Ainda que faça parte da realidade social, não é um tema aberto à discussão. No grupo *face a face* houve algumas discrepâncias em relação ao tema, o que foi se ajustando durante o processo da PAE; o que pode justificar a dificuldade dos jovens se colocarem na rede social. Ademais, o grupo era aberto para outros jovens que não participavam do grupo *face a face*.

Para manter uma discussão virtual ampla sobre um tema é necessário conhecimento do tema e sobre a totalidade da sociedade. A proposta era poder falar a respeito do que estava sendo discutido nas oficinas *face a face*. Portanto, não haveria necessidade de conhecimento profundo do tema para interagir. Os jovens afirmaram que se os temas e objetivos não partirem deles há baixa participação, mas

os temas surgiam durante a realização das oficinas, portanto os temas partiam dos jovens.

No processo da PAE, os jovens trouxeram suas convicções de que o ciberespaço possibilita que os problemas da realidade sejam midiaticizados a fim de buscarem soluções em conjunto. A falta de postagens que estimulasse os jovens por parte dos pesquisadores pode ser, também, um dos motivos da baixa participação. Todavia, esperava-se que os jovens trouxessem elementos de sua realidade social para que o diálogo fosse possível.

A não participação dos jovens deve ser investigada. Hirao (2008) estudando a participação dos jovens da Cidade de Tiradentes verificou que os jovens não participam de projetos sociais. Segundo a autora, os jovens se envolvem em projetos em que são tomados como beneficiários, limitando-se aí a compreensão sobre participação. Além disso, os jovens que referiram participar tinham as maiores participações ligadas a grupos de expressão artística e cultural. Nos resultados da autora, as meninas não participam coadunando com outros resultados de estudos relatados pela pesquisadora.

O Estado foi instaurado no momento histórico em que houve aumento da produtividade, da divisão social do trabalho, da apropriação da força de trabalho pelos capitalistas e da propriedade privada. Isso quer dizer que o Estado está a serviço da classe dominante. A política é a força social que se dispõe para garantir a reprodução social da classe dominante. Contudo, a política pode trazer benefícios para todas as classes sociais. Ela eliminaria a arbitrariedade no poder e frearia os homens de se chocarem entre si por causa do capital (Tonet, 2005).

O Estado democrático abre espaço para a participação popular no sistema político. Porém, os representantes da democracia são as elites que se expõe para serem votados e os indivíduos escolhem entre aqueles, os que supostamente representarão seus interesses no governo (Pompeu, 2011).

Nas representações dos jovens, a pobreza é perpetuada pelo Estado.

No capitalismo nasceu a invenção do individualismo (o homem centrado em si mesmo) porque para a produção e reprodução do capitalismo o melhor é que os homens não estejam inseridos em grupos sociais (Tonet, 2005).

A participação social foi uma categoria esvaziada no grupo dos jovens. Em conformidade com os pressupostos neoliberais esses jovens pouco participam das atividades sociais.

Daí porque a sociedade é vista como sendo, e realmente é, composta por indivíduos competitivos, opostos entre si, cada um procurando satisfazer os seus interesses e tendo os outros como inimigos e não como companheiros. Daí porque a solidariedade tem que se apresentar e só pode apresentar-se, nesta forma de sociabilidade, necessariamente, como caridade, como boa vontade, como assistência ou, então, como união na luta por uma nova forma de sociabilidade (Tonet, 2005, p. 69).

A ideologia da relação social localizada no consumo (exposta na mediatização da realidade social e do consumo) é a forma das relações sociais apregoadas na sociedade capitalista, assim o capital é fundante da sociabilidade no capitalismo (Tonet, 2005). É com base na relação social localizada no consumo, que a cidadania no capitalismo está fundada, ainda que tenha sido instaurada com a luta dos trabalhadores. O solo social da cidadania “[...] se encontra exatamente naquele ato fundante da sociabilidade capitalista, que é o ato de compra-e-venda de força de trabalho e que resulta na produção de mercadorias (Tonet, 2005, p.70).

Assim, a emancipação política não significou a anulação das desigualdades sociais, portanto, “o Estado não só não anula e não pode anular a desigualdade social, mas ele é uma expressão desta e uma condição indispensável de sua reprodução”(Tonet, 2005, p.73).

Em conformidade com o exposto, ser cidadão é aceitar as regras do jogo, aceitar o estabelecido, principalmente, quando as regras advêm do Estado capitalista. Nesta pesquisa, os jovens mostram interesse em utilizar o espaço público para sua socialização. Todavia, eles são repreendidos com violência pelos representantes do Estado. As limitações de proibição aos jovens em frequentar os *shoppings centers* devido aos rolezinhos reflete que participar da comunidade social está condicionado, também, ao Estado, e quando se faz necessário se lança mão da forma do poder de

cerceamento legal e policial. Os ensaios dos jovens para participarem da sociedade foram coibidos. Logo, os jovens são convictos de que o Estado quer isolá-los a fim de que não venham perturbar a ordem social estabelecida.

A cidadania é um dos caminhos para a emancipação humana, mas para que isso ocorra os jovens necessitam participar.

Em nenhum outro país foram [...] a expansão do consumo de massa, o crescimento econômico delirante, a concentração da mídia escrita, falada e televisionada, a degradação das escolas, a instalação de um regime repressivo, com supressão dos direitos elementares dos indivíduos, a substituição rápida e brutal, o triunfo, ainda que superficial, de uma filosofia de vida que privilegia os meios materiais e se despreocupa com os aspectos finalistas da existência e entroniza o egoísmo com lei superior, porque é o instrumento da buscada ascensão social. **Em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário** (Santos, 2012a, p. 25, grifo nosso).

Os jovens têm feito alguns movimentos para ampliarem suas participações, quase todas, rapidamente reprimidas e abafadas. Os jovens afirmaram que as resistências que encontram os paralisam. Todavia, não se pode desconsiderar as linguagens trazidas pelos jovens para reivindicarem seus direitos e sua participação. Em suas representações a cultura do proletariado, principalmente o funk, reflete a indignação com a sociedade. São representações congruentes; com forte elemento ideológico; uma vez que os jovens buscam reproduzir a sociabilidade baseada no consumo.

A PAE utilizou vários recursos de linguagens para ampliar a interação com os jovens. Tais como: as redes sociais, os encontros face a face, elaboração de teatro durante os encontros, elaboração de jornais, filmagens (os próprios jovens filmavam as oficinas), gravadores, audições de músicas selecionadas por eles e filmes. As várias práticas comunicativas com os jovens possibilitavam suas expressões. Na comunicação oral os jovens recorriam às cenas dos filmes, aos desenhos elaborados e ao teatro para se expressarem.

6.3.2.1 As representações cotidianas do *funk* como mediador para participação e socialização

O *funk* é a prática comunicativa cotidiana dos jovens em Guaianases. Ele possibilita a socialização, quer nos encontros pontuais, quer na interação midiática. Há outras preferências musicais dos jovens da “classe social baixa”, por exemplo: rappers, rock, gospel e clássicos, o que impossibilita homogeneizar os gostos musicais, as preferências temáticas em relação ao cinema e assim, sucessivamente. Entretanto, associar os gostos musicais do funk e do gospel é ignorar tensões e contradições. Contudo o *funk* e o rap são associados aos jovens da baixa classe social (que inclui a todos abarcando inclusive os evangélicos) atribuindo-lhes estereótipos e modos de vida específicos (Trotta, Roxo, 2014, p.04).

Os jovens são convictos de que as músicas dizem o que eles não sabem dizer. Portanto, é o estilo musical *funk* que retrata a realidade social desses jovens das periferias.

Esse processo de produção de sentidos extrapola o exercício de decodificação da mensagem recebida; ele se dá a partir das apropriações feitas pelos receptores [...] O sentido não está, portanto, nos limites do composto meio-mensagem; mas, presente nas dinâmicas que envolvem os sujeitos do processo comunicacional: emissor e receptor, seres sociais, em interação com outros indivíduos, instituições e movimentos sociais (Barros, 2012, p. 90).

O *funk* nacional surgiu no subúrbio do Rio de Janeiro. Ele é proveniente do *funk* americano, um estilo musical ligado ao movimento negro dos Estados Unidos. Há diferentes ritmos de *funk*: o *funk* carioca com características de apelo a sexualidade; *funk* (proibidão) com temas relacionados ao narcotráfico, violência e conflitos com a polícia; e o *funk* ostentação surgido na baixada santista e cujas temáticas são as aspirações de consumo dos jovens das periferias. Vale salientar que há outros estilos musicais na periferia. Logo, os jovens dessas localidades não devem ser tomados como uma massa homogênea quanto aos gostos e estilos musicais (Abdalla, 2014).

Nas representações dos jovens, a sociedade considera os que possuem o *funk* como preferência musical como maloqueiros, mal-educados, consumidores de drogas; jovens que atrapalham a vida em sociedade. São representações congruentes

visto que, com trinta anos de vida, ainda gira em torno desse gênero musical, o estigma e o preconceito de ser música de jovens em sua maioria negros e pobres (Trotta, Roxo, 2014).

Trotta (2014) refletindo sobre o incômodo causado pelo *funk*, recorrendo aos estudos de Martín-Barbero afirmou que no plano cultural no período Iluminismo, tudo o que era popular deveria ser superado. Já no período do Romantismo, o popular passa a ser valorizado, enaltecendo a criatividade e a cultura. Nas representações dos jovens, os *funkeiros* são criativos e, por esse motivo, não são midiaticizados na mídia hegemônica. Logo, não é midiaticizado por medo da classe dominante de que esse estilo musical se alastre nos espaços sociais. São representações ilusórias, pois, o *funk* é cultura que advém da periferia e para diferenciar das artes eruditas não tem espaços na mídia hegemônica. Ademais, não é acolhido inclusive por profissionais que se propõe a trabalhar com jovens da periferia, como demonstrou Martins (2014).

Se para a classe hegemônica o *funk* é excluído, para os jovens é uma das mediações para suas relações sociais e sociabilidade. A sonoridade dos bailes *funks* invade o espaço urbano causando, não raramente, incômodo. Devido ao volume do som e dos estilos (proibido e estímulo a sexualidade) na representação dos jovens trata-se de bailes proibidos. A falta de acolhimento ao *funk* não impede que os jovens busquem alternativas para ouvir suas músicas. Assim, os jovens recorrem à rua como espaço para a socialização.

Circular no espaço público da cidade é uma prática comum desde a antiguidade, mas uma ação privilegiada da classe hegemônica e regulada as mulheres, aos pobres, aos negros e aos jovens. Aos últimos, circular pela cidade é sinal de perigo, necessitando de vigilância (Caldeira, 2014). Portanto, não é de se estranhar as agressões sofridas pelos jovens ao realizar os bailes *funks* nas ruas. Nas convicções dos jovens a rua possui um espaço ambíguo: ora é um espaço acolhedor, ora é um espaço perigoso. A rua não é um espaço homogêneo, mas ela é um verdadeiro espaço de socialização aos jovens (Hirao, 2008).

Recentemente, a classe dominante tem se fechado atrás dos muros, e os jovens das periferias têm ocupado as ruas com suas produções culturais e intervenções no espaço urbano. As várias formas de produções (o rap, o grafite, a

pichação, o *break*, o *funk*, o *hip-hop*, literatura marginal, saraus, vídeos e pichações) compõem os espaços públicos das periferias de São Paulo (Caldeira, 2014). Os jovens buscam aceitação social, principalmente, dos ricos quanto à sua produção cultural. Essa afirmação pode ser confirmada com a solicitação dos jovens que o programa educativo na rádio comunitária trouxesse à luz – a valorização de suas criatividades e produções culturais. Portanto, os jovens querem democratizar a mídia, o espaço público, as produções culturais para que todos tenham acesso aos bens produzidos socialmente.

Os jovens da periferia querem ampliar seus espaços de circulação pela cidade. Em 2013, o aumento da tarifa do transporte coletivo mobilizou o “Movimento Passe Livre²²” para passeatas, que são realizadas de forma independente, isto é, são apartidárias. O “Movimento Passe Livre” mobilizou a participação massiva da população, resultando na diminuição da tarifa do transporte público (Viana, 2014a). Após as passeatas, os *Mcs do funk* ostentação que possuem popularidade midiaticando videocliques no site do *YouTube*, chamaram os jovens para dar um passeio pela cidade (dar um rolê). Estes *Mcs* têm muitos seguidores nas redes sociais, o que possibilitou reunir milhares de jovens (Abdalla, 2014). Os rolezinhos chamou atenção da mídia de massa por acionar milhares de jovens.

O rolezinho foi considerado um fenômeno social, que despertou a atenção da sociedade. Para a mídia hegemônica o rolezinho foi um fato inusitado, para a polícia desordem social e ameaça à sociedade, para os comerciantes, risco de roubo, para os estudiosos das mídias força das redes sociais de intervir na realidade social, e várias arguições seguiram sobre o rolezinho. Para os jovens o rolezinho significou lazer, momento para conhecer pessoas com quem interagem nas redes sociais e não conheciam face a face, encontrar amigos, namorar e passear em grupo. Todavia, a circulação do fenômeno nas redes sociais fez dele palco da “luta de classes” (Fígaro, Grohmann, 2014).

Segundo Viana (2014a), um movimento espontâneo, sem um líder e acionado pela internet é tomado como perigo para uma parte da sociedade; podendo o perigo ser verdadeiro ou falso. Verdadeiro quando se trata de um movimento politizado com

²² Movimento Passe Livre. (acesso 2015 mai. 25). Disponível em: <http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>

clareza nos objetivos a ser conquistados. Falso quando os objetivos do movimento não são subversivos e não há maior politização, como foi o caso dos rolezinhos, nos quais o perigo seria repressão e confronto com o movimento, exatamente o que ocorreu. Os jovens foram unânimes em afirmar que os participantes dos rolezinhos estavam quietos, sem praticar nenhuma violência, mas com a chegada truculenta da polícia, todos reagiram com violência.

Os jovens discutiram as posições da mídia sobre os rolezinhos e dividiram-se em duas posições. O primeiro grupo era composto por jovens que conceberam o rolezinho como baderna, tumultos e quebra-quebra realizado por funkeiros. As análises desses jovens advinham das análises midiáticas realizadas (pelos representantes da mídia de massa) acerca dos rolezinhos, que partiram dos valores dominantes (Viana, 2014a). Para esses jovens, os rolezinhos nos *Shoppings Centers* tiveram muitos participantes, diferente dos rolezinhos nos parques. Justificaram a diferença pela possibilidade que o *Shopping Center* oferece de consumir, aparecer na mídia e de fazer badernas. De acordo com as ideias defendidas pelo grupo, a mídia de massa se interessou pelos rolezinhos devido as badernas causadas na sociedade, coadunando com as representações midiáticas a respeito do movimento.

O segundo grupo incluiu jovens que realizaram uma leitura crítica da mídia, desconsiderando a representação do rolezinho como desvio de conduta ou baderna. Eles estavam conscientes das contradições entre as representações midiáticas (trazida pelos representantes da mídia) acerca dos rolezinhos e a realidade concreta do movimento. O grupo estava convicto de que a mídia veicularia apenas o lado negativo dos rolezinhos, citando a veiculação de cenas de agressão entre os jovens e os comerciantes, roubos e comportamentos fora da ordem, ou seja, inverdades. Segundo eles, essas inverdades sempre eram atreladas, principalmente, aos jovens que participaram dos rolezinhos no *Shopping Center* Itaquera. Para este grupo, se houve roubo, os jovens roubaram uns aos outros, já que os comerciantes do *Shopping Center* fecharam as lojas durante o evento.

No processo da PAE, no ajustamento das discussões e com os diálogos realizados sobre os rolezinhos emergiram as convicções acerca das representações dos rolezinhos midiáticos. Em suas convicções, o rolezinho sofre processo duplo de exclusão por ser um movimento proveniente dos jovens da periferia e ser

conectado a produção cultural do *funk* ostentação. Nas convicções dos jovens, a ação dos policiais nos rolezinhos é repressão ao movimento de ação dos jovens de baixa classe social. Em suas representações os jovens demonstraram e descobriram a força que possuem ao se unirem e sair em grupo pela cidade.

Nas convicções dos jovens as repressões e os argumentos negativos nas redes sociais sobre os rolezinhos refletiram o medo da classe hegemônica em relação ao povo. Em relação ao medo, as liminares de proibição de realizar o movimento nos *Shoppings Centers* reforçam essas representações dos jovens. Em suas representações essas proibições são os meios possíveis da classe hegemônica isolar os jovens da periferia. Todavia, nas representações dos jovens, o rolezinho foi um grito por lazer dos jovens da periferia. São representações simples e coerentes de pedidos de lazer, um direito que apesar de pertencer a todos os jovens, é negado àqueles que vivem nas regiões periféricas.

Embora o rolezinho tenha sido para os jovens um momento de lazer, ele não está vinculado apenas a esta questão. Circular pelos espaços sociais também está associado ao consumo. O *funk* ostentação valoriza o consumo de determinados produtos/marcas. Ele advoga que jovens da periferia possuem o direito de consumir como todos os demais. Nas representações midiáticas dos *funkeiros* há associação do consumo com a felicidade e como forma de compensação da exclusão social (Abdalla, 2014). Nos vídeos do *funk* ostentação os carros e as motos são utilizados para atrair mulheres, o que, segundo os jovens, é o mesmo que acontece nos bailes funks das ruas.

As mulheres no cenário do funk são subestimadas. Elas estão entre os objetos de consumo dos homens e são exibidas como produtos de valor. Nos vídeos do *funk* ostentação as mulheres namoram/ficam com os homens que possuem carros e motos de melhores marcas (Abdalla, 2014). Nas opiniões dos jovens do sexo masculino as mulheres são culpadas pela prática de roubo dos jovens do sexo masculino da periferia, pois se eles não possuírem produtos de valor se tornam desinteressantes. No processo da PAE, no ajustamento das discussões e com os diálogos realizados, os jovens foram refazendo suas colocações a respeito do roubo, do consumo, das drogas, das mulheres e foram compreendendo os elementos de veracidade e inverdades nas ideologias midiáticas.

Nos videocliques do *funk* ostentação Abdalla (2014) verificou que as bebidas são evidenciadas para a socialização. Os jovens entrevistados por Abdalla afirmaram que as bebidas são comuns nos bailes *funk*. Na revisão de literatura verificamos que o incentivo ao consumo do álcool pelas celebridades foram problematizadas pelos pesquisadores (Primack, Douglas, Kraemer, 2009; Gutschoven, Van den Bulck, 2005; Saffer, 2002; Morrison, Krugman, Park, 2008; Casswell, 2004; McClure et al., 2006), e também pelos jovens, quando discutiram o consumo. Como dito anteriormente, os jovens são convictos de que as celebridades são utilizadas para representar determinados produtos a fim de que os jovens possam criar vínculos com essas marcas.

Na revisão de literatura, os autores chamaram atenção para o fato dos ídolos históricos e culturais de comunidades étnicas serem usados para convencer os jovens dessas comunidades a usar álcool, e a indústria de álcool financiar organizações comunitárias em troca da venda de seus produtos (Sargent, Dalton, Beach, 2000; McClure et al., 2009; Biener, Siegel, 2000, Feighery et al., 1998; Shadel, Tharp, Fryer, 2009; Slater et al., 1996; Pasch et al., 2007; Morrison, Krugman, Park, 2008; Alaniz, Wilkes, 1998). A bebida *Red Bull* é midiaticizada nos videocliques do *funk* ostentação. A empresa aproveitando a popularidade do estilo musical *funk* passou a patrocinar os videocliques de um influente Mc do *funk* ostentação (Abdalla, 2014). O aproveitamento das empresas por grupos de jovens busca relacionar suas marcas a esse público consumidor de seus produtos/marcas (Marín, 2010). Esta relação pode desencadear maior desigualdade, pois nem todos os jovens poderão obter determinados produtos/marcas.

Embora o *funk* ostentação concentre-se no consumo, ele incentiva a socialização como, por exemplo, os rolezinhos. Os rolezinhos demonstram a busca dos jovens das periferias em ampliar sua socialização, ocupando um espaço pouco explorado por eles. O *funk* ostentação e os rolezinhos nos *Shopping Centers* evidenciam o desejo dos jovens pelo consumo. Os jovens se uniram tendo como elo a interação social baseada no consumo de produtos/marcas. Percebe-se que os jovens buscam o alargamento de sua sociabilidade, mas no grupo dos participantes da pesquisa, esse alargamento ocorre, mas entre o mesmo grupo social a que pertence.

Os jovens almejam a superação de suas realidades e, considerando os participantes deste estudo, ficaram em torno da denúncia da ausência do Estado, e da forma como sua classe social é midiaticizada. Os jovens afirmaram suas produções culturais falam por si só, e este estudo deixou claro que, principalmente, as músicas falam por eles através de letras que indicam a busca desses jovens por liberdade. Nas representações dos jovens o gigante acordou (se referido às passeatas) e voltou a dormir. O gigante voltou a dormir devido as repressões e violências sofridas. Vimos que, os jovens fizeram um esforço para nos dizer de sua realidade social. Não foi preciso muito esforço para compreendermos que os vários temas e necessidades sociais apresentadas pelos jovens estão localizadas na classe social a que pertencem. Assim, os jovens solicitam liberdade; a liberdade que a condição de cidadão não lhe oferece, uma vez que suas necessidades sociais não são satisfeitas e a pobreza se mantém.

O caminho para a liberdade é a retirada da influência do capital na sociabilidade. Assim, a perspectiva que se abre é a educação para além do capital. Para tanto, não basta o imediatismo educacional (Tonet, 2005).

“ O [...] processo histórico deixa claro que quanto mais complexos se tornaram o ser social e/ou os problemas, tanto maior foi o espaço que teve que ser destinado à elaboração teórica. [...] E, para nós, teoria iluminadora é aquela que captura a trama do processo real e permite buscar as mediações adequadas para atingir determinado fim. [...] Se, então, o fim a ser atingido é a emancipação humana, a importância da teoria iluminadora aumenta de modo extraordinário.” (Tonet, 132).

O estudo teve limitações como, por exemplo, recursos materiais para realizarmos as oficinas, espaço físico adequado para desenvolver as oficinas, participação dos professores da escola acompanhando o caminhar das oficinas, inclusão das oficinas no programa escolar e abertura da rádio comunitária para que os jovens pudessem gravar o programa e a falta de financiamento do projeto.

Por tratar-se de um estudo interdisciplinar entre a saúde e a comunicação, a participação de profissionais da comunicação facilitaria a midiaticização do resultado da investigação. Para os jovens, gravar as oficinas e participar era motivo de entusiasmo. Assim sendo, a participação de um profissional da comunicação auxiliaria os jovens nas gravações e na midiaticização dos resultados dessa investigação. Os jovens se

interessam em mediatizar suas imagens. Assim sendo, se tivéssemos solicitado a liberação das imagens para serem transmitidas na escola, os jovens aumentariam, ainda mais, seu interesse em participar.

Concorda-se com os autores da revisão da literatura. Na educação sobre drogas aos jovens, várias mídias devem ser utilizadas, pois os jovens consomem diferentes mídias. Na rádio comunitária, os jovens solicitaram que as mensagens fossem curtas, intercaladas, e as músicas tocadas durante a mediação do programa educativo fossem músicas com temas chamando os jovens para a participação.

Após a mediação do programa aqui proposto, futuros estudos devem ter como objetivo identificar se as mensagens mediadas alcançaram os jovens que não participaram da elaboração das mensagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Com suas músicas e danças e teatros,
Anunciam os círculos que os prendem
e a pedra de tropeça.
É propõe a superação.*

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA FAZER A SÍNTESE

Na introdução desta tese, observou-se que abordar o tema complexo da educação sobre drogas direcionado aos jovens pela mídia não seria tarefa simples. Apostou-se na participação dos jovens para a construção do programa educativo sobre drogas a ser midiaticizado.

Buscou-se primeiramente conhecer como se apresentava na literatura científica a relação mídia e consumo de drogas, especificamente, aquela direcionada a jovens. Realizou-se busca em várias fontes de dados, selecionando-se 145 estudos, que foram separados em três categorias: mídia-geral, mídia-cultura e mídia-educação. Na maioria dos estudos, os jovens foram tomados como sujeitos influenciáveis e o consumo de drogas, como problema de saúde pública. Os autores consideram que o consumo de drogas obedece à escalada, sendo o álcool a porta de entrada para as demais drogas. Entre as teorias explicativas para o consumo de drogas sobressaiu a teoria do aprendizado social e comportamental.

Nos estudos a publicidade é responsabilizada pelo consumo de drogas entre os jovens, seguido do tempo gasto pelos jovens frente às mídias, que estimulam o consumo. Nesses estudos, a mídia, ora é um meio para promover educação, ora é responsável por estimular o consumo. Todavia, os autores apostam na leitura crítica da mídia pelos jovens, nas ações educativas a respeito do consumo de droga, na comunidade controlando as publicidades que estimulam o consumo, e nos pais monitorando os filhos.

Em nova revisão da literatura, procurou-se verificar se e como os jovens participavam na elaboração dos programas sobre drogas. Selecionou-se 33 estudos. Os resultados da investigação salientaram a exclusão dos jovens no processo de planejamento e implementação de programas educativos a serem midiaticizados, porém nenhum estudo era brasileiro.

A pesquisa teve como referencial teórico nuclear os fundamentos da saúde coletiva, que adota o materialismo histórico e dialético. Assim, através do método dialético procurou-se integrar a realidade social de Guaianases, o Índice de

Reprodução Social das famílias dos jovens a conceitos explicativos sobre a formação social dos jovens, e as forças antagônicas que atuam sobre eles, ora estimulando-os, ora paralisando-os.

Selecionou-se autores que propõem modos de comunicação midiática contra-hegemônicos. Esses autores ofereceram sustentação para a formulação da comunicação emancipatória, que abre espaço para a participação e estabelece relação de diálogo com os indivíduos, respeitando-os como sujeitos de direitos sociais. A proposta de comunicação emancipatória concretizou-se através do processo educativo desenvolvido na pesquisa-ação emancipatória.

Para apreender o conjunto de ideias dos jovens sobre o tema investigado recorreu-se às representações cotidianas. Neste processo, apostou-se que as práticas comunicativas a serem midiaticizadas seriam emancipatórias porque são provenientes das novas sínteses elaboradas pelos jovens sobre o fenômeno investigado, sínteses provenientes do processo educativo que a PAE fomentou.

Para empreender as novas sínteses, foram realizadas 13 oficinas. Nessas oficinas utilizou-se vários recursos para dialogar com os participantes como fotografias, filmes, quadrinhos, teatros, jornais e assim sucessivamente. Estes recursos possibilitaram apreender as opiniões, convicções e representações dos jovens sobre o consumo de drogas, e suas solicitações em relação ao que desejam que seja midiaticizado sobre a educação do consumo de drogas aos jovens de Guaianases.

Nas representações cotidianas dos jovens, o consumo de drogas advém da reprodução social dos grupos a que pertencem. Eles estressam suas necessidades de consumo. As necessidades sociais que identificam são: postos de trabalho, espaços para lazer e culturais. Não há para os jovens da “classe social baixa” ensino de qualidade, que possa lhes assegurar um futuro melhor. Em suas representações, o Estado produz o “círculo da pobreza” e o “círculo da violência”, que poderiam ser interrompidos com políticas sociais não focalizadas, levadas a cabo por representantes do Estado na periferia que realmente estejam interessados em transformar a realidade social.

Os jovens criticam o modo como sua realidade é midiaticizada. Em suas convicções os problemas que enfrentam não são veiculados corretamente, de forma que os jovens das periferias são expostos como fora da ordem social; sujeitos perigosos e consumidores de drogas.

Os temas que deveriam ser midiaticizados deveriam denunciar as abordagens dos policiais aos jovens das periferias e a precarização das instituições estatais que oferecem educação, saúde, e espaços destinados ao lazer.

O consumo de drogas e a violência são os temas preferidos pela mídia hegemônica. A periferia e os seus jovens estão sempre nas notícias sobre violência. O espaço da periferia é veiculado como um todo homogêneo. Em suas representações cotidianas, são midiaticizadas as violências praticadas pelos jovens e não as sofridas por eles. Em suas representações, os temas e os objetos midiaticizados sobre suas realidades sociais estereotipam os jovens da “classe social baixa” como marginais.

Os jovens consideram que a mídia hegemônica está sempre ocultando a verdade sobre a realidade em que vivem. Em suas convicções, o objetivo da midiaticização da realidade é isolar e excluir os jovens das periferias dos espaços públicos coletivos.

Os jovens solicitam que a mídia deixe de veicular a violência como advinda das periferias e passe a veicular suas criatividade e cultura, de forma que os jovens das periferias sejam valorizados.

Os jovens estão convictos de que suas músicas constituem importante meio de dizer o que eles não sabem dizer, e dessa forma poderiam ser veículo para a educação sobre drogas.

Pode-se concluir que a comunicação mais eficaz para alcançar os jovens da periferia é efetivada por meio das suas práticas culturais, que podem fornecer meios para fundamentar a discussão, para além da esfera do Estado e dos direitos sociais, e fomentar a participação efetiva nos movimentos sociais que incidem sobre as contradições capitalistas estruturais e não apenas superestruturais.

A PEA, realizada na escola e no horário das aulas, superou possíveis dificuldades de participação dos jovens. O diálogo, as ferramentas culturais e a compreensão sobre o contexto de sociabilidade dos jovens foram as bases para que as representações cotidianas dos jovens emergissem.

A PEA possibilitou articular teoria e prática e a instauração de práxis criativas entre os participantes.

A participação dos jovens na construção do conhecimento sobre produção, distribuição e consumo de drogas mostrou que as teorias explicativas assumidas neste trabalho sobre o consumo de drogas estão corretas: que a cidadania nos espaços periféricos é negada e que as contradições do capitalismo estão na base do consumo de drogas por jovens da periferia.

A rádio comunitária é uma possibilidade que os jovens têm para discutir a realidade, todavia para que isso aconteça faz-se necessário que as rádios comunitárias se transformem em espaços abertos.

As pautas da educação sobre drogas foram sendo construídas durante todo o processo da pesquisa, sendo o momento da midiaticização do programa para os jovens participantes o ponto de chegada. Para outros será o ponto de partida para que novas discussões possam ser produzidas e circuladas.

A PEA demonstrou ser uma metodologia capaz de apreender as representações cotidianas dos jovens. Nas primeiras oficinas, os jovens traziam opiniões; no decorrer das oficinas, mesmo diante dos receios advindos da condição de marginalidade dos jovens, emergiram suas convicções.

REFERÊNCIAS

Não somos Adão e nem Eva.

Assim sendo, segue os autores

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Abdalla CC. Rolezinho pelo funk ostentação: um retrato da identidade do jovem da periferia paulistana [dissertação]. São Paulo: Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas; 2014.
2. Almeida AV, Trapé CA, Soares CB. Educação em saúde no trabalho de enfermagem. In: Soares CB, Campos CMS, organizadores. Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013.
3. Aranha T. Comunicação Popular, Comunitária, Horizontal ou Dialógica? Articulações e Diferenças entre os Conceitos Teóricos. In: 5ª Conferência Brasileira de Mídia Cidadã. I Conferência Brasileira Sul-Americana de Mídia Cidadã. Pato Branco - PR, Brasil; 2010.
4. Barros LM. Recepção, mediação e midiaticização conexões entre teorias europeias e latino-americanas. In: Mattos MA, Janotti MJ, Jacks JN, organizadores. Mediação e Midiaticização. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compôs, 2012. p. 79-106.
5. Batista LL. Efeitos da teoria do agenda-setting na percepção do público de atributos típicos e não-típicos de uma categoria de produtos. Rev ALAIC. 2005; jul. dez. (3): 64-71.
6. Bodernave JED. O que é participação. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense; 1994.
7. Boghossian CO, Minayo MCS. Revisão Sistemática Sobre Juventude e Participação nos Últimos 10 anos. Saúde Soc. São Paulo. 2009; 18(3): 411-423.
8. Boiteux L. El antimodelo brasileño: prohibicionismo, encarcelamiento y selectividad penal frente al tráfico de droga. Nueva Sociedad. 2015; ene./feb. (255):132-144.
9. Bonett Neto J. Planejamento urbano e formas ideológicas no Brasil [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo; 2014. [citado 2015 jun. 02]. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-08072014-103552/pt-br.php>
10. Bottomore T, editor. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.
11. Braga JL. Circuitos *versus* campos sociais. In: Mattos MA, Janotti MJ, Jacks JN, organizadores. Mediação e Midiaticização. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compôs, 2012. p. 31 – 52.
12. Braga JL. Comunicação é aquilo que transforma linguagens. Alceu. 2010; 10 (20): 41- 54.

13. Braga JL. Constituição do Campo da Comunicação. *Rev Verso e Reverso*. 2011; 25 (58): 62-77.
14. Braga JL. Interação como contexto da Comunicação. *Matrizes*. 2012a;(1):25-41.
15. Braga JL. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. In: XV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação; 2006 jul. 6-9; Bauru, São Paulo: Compós; 2006. p.1-16.
16. Brasil. [Lei antidrogas (2006)]. Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad: Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, e legislação correlata. 2. ed. Edições Câmara dos Deputados. Brasília; 2012. 43p.
17. Brasil. Ministério da Saúde [Internet]. Índice de Gini da renda domiciliar per capita segundo Município. Tecnologia da Informação a Serviço do SUS. [atualizado 2015a; citado 2015a fev. 26]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibge/censo/cnv/ginisp.def>.
18. Brasil. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo 2010. Aglomerados Subnormais; 2010.
19. Brasil. Política Nacional da Juventude: diretrizes e perspectivas. Conselho Nacional da Juventude. Fundação Friedrich Ebert. São Paulo; 2006.
20. Braz N. Necessidades humano-sociais: ensaio sobre a atualização das necessidades radicais. *Argumentum*, Vitória (ES). 2013; 5(2): 123-138.
21. Caldeira TPR. Qual a novidade dos rolezinhos? Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. *Rev Novos Estudos*. 2014; mar.(98):13-20.
22. Campos SMS. Necessidades de saúde pela voz da sociedade civil (os moradores) e do Estado (os trabalhadores de saúde) [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2004.
23. Canoletti B, Soares CB. Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001. *Interface (Botucatu)*. 2005; 9(16):115-29.
24. Canuto CLB, Gambaro D. Rádio e Internet: a relação entre os meios a partir da análise dos programas Chupim e Band Coruja. *Rev Anagrama*. 2013; 7(2):1-16.
25. Capistrano ABP. Promoção da Saúde no rádio: a notícia mais fácil. *Rev Alterjor*. 2011;2(4):1-15.
26. Cara D, Gauto M. Juventude: percepções e exposição à violência. In: Abramovay M, Andrade ER, Esteves LCG, (organizadores). Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Unesco 2007. p.79 – 116.
27. Cardoso JM. Comunicação e saúde desafios para fortalecer o SUS, ampliar a participação e o controle social. In: Brasil. Ministério da Saúde. Conselho

- Nacional de Saúde. Coletânea de comunicação e informação em saúde para o exercício do controle social. Brasília: Ed. Ministério da Saúde, 2006. p.45-55.
28. Castells M. Tecnologias de la información, globalización y desarrollo social. In. Dagon AG, Tufte T, organizadores. Antología de Comunicacion para el cambio social. Lecturas históricas y contemporâneas. La Paz, Bolivia; 2008.
29. Castiñeira BR, Nunes LC, Rungo P. Impacto de los programas de transferência condicionada de renta sobre el Estado de São Paulo: el programa bolsa família de Brasil. *Rev Esp Salud Pública*. 2009;83(1):85-97.
30. Chauí M. Convite a Filosofia. 13ª ed. São Paulo: Ática; 2006.
31. Coelho JS. Construindo a participação social no SUS: um constante repensar em busca de equidade e transformação. *Saúde Soc*. 2012;21(supl. 1):138-51.
32. Coffani A. Juventude e consumo de álcool entre jovens de distintos grupos sociais [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2012. [citado 2015 jun. 02]. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7141/tde-11062012-153606/pt-br.php>
33. Colling L. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. *Rev FAMECOS*. 2001; abr.(14):88-101.
34. Cordeiro L, Soares CB, Campos CMS. Pesquisa ação na perspectiva da Saúde Coletiva: relato de experiência da formação de agentes comunitários da saúde para o enfrentamento do consumo prejudicial de drogas. *Sau. & Transf. Soc. Florianópolis (SC)* 2013; 4 (2): 106-116.
35. Costa JH. Stuart Hall e o modelo “encoding and decoding”: por uma compreensão plural da recepção. *Rev Espaço Acadêmico*. 2012; ano XII (136): 11-121.
36. Costa N, Soares CB, Campos CMS. Reprodução social e processo saúde doença: para compreender o objeto da saúde coletiva. In: Soares CB, Campos CMS, organizadores. Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013.
37. Diógenes KCB. Crítica Cultural das campanhas de comunicação social em saúde no contexto da pobreza [dissertação]. Fortaleza: Fundação Edson Queiroz; Universidade de Fortaleza; 2010.
38. Fátima B, Coelho EBS, Lindner SR. A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso das drogas. *Ciênc. saúde colet*. 2009; 14(1): 267-73.
39. Fausto Neto A. As bordas da circulação. *Alceu*. 2010;10(20):55-69.
40. Ferrario MN. Los efectos del programa Bolsa Família en el consumo familiar. *Rev CEPAL*. 2014; abr.(112):151 – 167.

41. Figaro R, Grohmann R. O conceito de classe social nos estudos de recepção brasileiros. In: XXII Encontro Anual da Compós. Universidade Federal da Bahia; 2013. p. 1-17.
42. Fiore M. Prazer e risco: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre uso de “drogas”. In: In: Labate BC et.al.(orgs). Droga e cultura: novas perspectivas. Salvador:EDUBRA; 2008.p.141-153.
43. Freire P. Educação como prática da liberdade. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011b. 189p.
44. Freire P. Extensão ou comunicação? 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2011a.
45. Freire P. Pedagogia do oprimido. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011. 253p.
46. Gallo PR, Espírito Santo SKAM. A percepção de gestores de saúde sobre o rádio comunitário como instância mediadora para o exercício do controle social do SUS. Saúde Debate. 2009;33(82):240-51.
47. Gálvez RO, Casanova MJV, Molina AL. Medios y salud pública: la voz de los adolescentes. Invest Desarro 2003; 11(2): 210-237.
48. Gamalho NP, Heidrich AL. Periferia: a produção do espaço e representações sociais no/do bairro Restinga – Porto Alegre/RS. Rev PARAONDE!?. 2008; 2(2): sem paginação. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/22077/12840>.
49. Gessner R, Fonseca RMG, Oliveira RNG. Violência contra adolescentes: uma análise à luz das categorias gênero e geração. Rev Esc Enferm USP. 2014; 48(Esp):104-10.
50. Gil CRR, Maeda ST. Modelos de atenção à saúde no Brasil. In: In: Soares CB, Campos CMS, (organizadores). Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013.
51. Gomes Junior N, Pereira PAP. Necessidades do capital versus necessidades humanas no capitalismo contemporâneo: uma competição desigual. Argumentum, Vitória (ES). 2013; 5 (1): p.50- 65.
52. Grohmann R, Figaro R. Lutas de classes e os ‘rolezinhos’: uma abordagem na perspectiva os estudos de recepção. In: XXIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Pará; 2014. mai. 27-30; Pará, Belém: Compós; 2014. p.1-16.
53. Groppo LA. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. Última Década. 2010; dezembro (33):11-26.
54. Groppo LA. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. Rev Educação do Cogeime. 2004;(25):9-22.
55. Heller A. Sociología de la vida cotidiana. 2ª ed. Barcelona: Hurope;1987.

56. Hepp A. As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa da midiaticização na era da “mediação de tudo”. *Matrizes*. 2014;8(1): 45-64.
57. Hirao SE. Ser jovem na cidade Tiradentes: um estudo exploratório [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo; 2008.
58. Hjarvard S. Midiaticização: conceituando a mudança social e cultural. *Matrizes*. 2014; 8(1):21-44.
59. Hjarvard S. Midiaticização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *Matrizes*. 2012; jan/jun. (2):53-91.
60. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) [Internet]. Séries Históricas e Estatísticas. Índice de Gini da distribuição do rendimento mensal dos domicílios com rendimento. [atualizado 2015; citado 2015 fev. 28.] Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=fed103>
61. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Síntese de indicadores Sociais. Uma análise das condições de vida da população Brasileira. Brasil; 2014.
62. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [Internet]. Cidades. São Paulo. [atualizado 2013; citado 2013 out. 13]. Disponível em: [http://ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355030&search=sao-paulo\[s%E3o-paulo](http://ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355030&search=sao-paulo[s%E3o-paulo)
63. Jones RH. Mediated addiction: the drug discourses of Hong Kong youth. *Health, Risk & Society*. 2005;7(1):25-45.
64. Lachtim SAF, Soares CB. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? *Trab.Educ.Saúde*. 2011; 9(2):277-293.
65. Lopes MIV. Tendências da pesquisa de recepção na América Latina representam contribuição efetiva para a formulação de propostas de estudos vinculados à Educação para os Meios. *Rev Comunicação e Educação*. 1996; mai. /ago. (06): 41-46.
66. Lopez T, Soares CB, Oliveira E. Participação de jovens em educação sobre drogas na mídia. In: Martins ML, Oliveira M. (ed.). *Comunicação ibero-americana: os desafios da Internacionalização*. II Congresso Mundial de Comunicação Ibero Americana; 13 – 16 abr. 2014; Braga, Portugal. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho; 2014. p. 859 - 68. [atualizado 2014; citado 2014 jan. 05]. Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/154/showToC.
67. Machado AL. Movimentos de saberes e cuidados em saúde mental: a religiosidade pela via da subjetividade [tese livre docência]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2006.

68. Maciel BO. Habitação de Interesse Social e Regularização Fundiária: possibilidades e convergências dentro do atual marco institucional brasileiro. *Rev de Direito ADVOCEF*. 2012; 08(16):69-89.
69. Marín OC. Juventude y consumo: bases analíticas para uma problematización. *Rev Última Década*. 2010; jul.(32): 137-58.
70. Martín-Barbero J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; 2013.
71. Martins TB. Tempo livre e lazer: usos e opiniões da juventude local sobre equipamentos públicos de Lajeado [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo; 2014.
72. Marx K, Engels F. A ideologia alemã. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo; 2007.
73. Marx K, Engels F. Manifesto do Partido Comunista. 11ª ed. Texto Integral. São Paulo: Martin, Claret; 2012.
74. Mateus JGF. Universo valorativo e crítica às ONGs em “Quanto Vale ou É por Quilo?”. *Rev Espaço Livre*. 2013; 8(15):1-12.
75. Mathis AA, Nascimento MAC, Gomes VLB. Programa de renda mínima e o debate sobre necessidades na tradição marxista. *Rev SER Social*, Brasília. 2010; 12(27): 8-32.
76. Mauro R. Aspectos da mediatização do consumo e do sentido de classe social na telenovela: a representação da “nova classe C” [dissertação]. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo; 2014.
77. McCracken G. Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 208p.
78. Mendes A. Direito como instrumento de efetivação (ou não) do direito à saúde no Brasil - cenário dos desafios ao direito à saúde universal brasileira. *Rev direito sanit*. 2013;14(2):113-118.
79. Mendes-Gonçalves RB. Práticas de saúde: processos de trabalho e necessidades. São Paulo: Centro de Formação dos Trabalhadores em Saúde da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo; 1992. (Cadernos CEFOR Série Textos, 1).
80. Mészáros I. A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo; 2005. 78p.
81. Moraes TCLD. Seguindo as orientações “politicamente corretas” do desejo: o ser e o ter que... a participação da subjetividade dos jovens no exercício de sua sexualidade e em sua atuação como agente de prevenção [tese]. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo; 2009.
82. Morin E. Introdução ao pensamento complexo. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina; 2011. 120p.

83. Movimento Nossa São Paulo - MNSP. Indicadores básicos da Cidade de São Paulo. São Paulo. 2009 jan. 1-36.
84. Movimento Nossa São Paulo – MNSP. São Paulo em Indicadores e Metas. São Paulo. 2010 mar. 1-135.
85. Observatório Cidadão Nossa São Paulo [Internet]. Distrito Guaianases São Paulo. [atualizado 2012; citado 2012 dez. 20]. Disponível em: <http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/regioes.php?regiao=17&distrito=31>.
86. Observatório Cidadão Nossa São Paulo [Internet]. Sub Prefeitura de Guaianases. Inclusão Digital. [atualizado 2013; citado 2013 dez. 13] Disponível em: <http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/regioes.php?regiao=17&distrito=0&tema=15>.
87. Oliveira E, Batista LL, Soares CB, Bérghamo LR. A construção discursiva sobre saúde-doença na mídia o caso de uma instituição de saúde de caráter religioso. Rev enferm UFPE on line. 2014; 8(11): 3862-7.
88. Oliveira E, Soares CB. Educação Sobre Drogas na Perspectiva da Saúde Coletiva. Sau & Transf. Soc. Florianópolis; 2013; 4(2):32-37.
89. Oliveira Neto A, Pinheiro R. O que a saúde tem a ver com rádio comunitária? Uma análise de uma experiência em Nova Friburgo – RJ. Ciênc. saúde colet. 2013;18(2):527-36.
90. Paim J, Travassos C, Almeida C, Bahia L, Macinko J. O sistema de saúde brasileiro: história, avanços e desafios. Saúde no Brasil. 2011; 6736(11):60054-8.
91. Parks W, Felder-Gray D, Hunt J, Byrne A. Quién mide el cambio? In: Dagon AG, Tufte T, organizadores. Antología de Comunicacion para el cambio social. Lecturas históricas y contemporâneas. La Paz, Bolivia; 2008. 1413p.
92. Paulino J. O pensamento sobre a favela em São Paulo: uma história concisa das favelas paulistanas [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo; 2007.
93. Pedrosa J M. Violência, mídia e juventude análise sobre o discurso adotado pelo jornalismo impresso sobre a realidade violenta de jovens da periferia da cidade de Natal [dissertação]. Natal: Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2008.
94. Pereira PAP. Políticas Públicas e Necessidades Humanas com Enfoque no Gênero. Sociedade em Debate. 2006; 12(1): 67-86.
95. Peruzzo CMK. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. ECO-Pós. 2009;12(2): 46-61.

96. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Brasil e síntese de indicadores 2013. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Rio de Janeiro; 2014.
97. Pitta AR. Por uma política pública de comunicação em saúde. *Saúde Soc.* 2002; 11(1):85-93.
98. Pompeu JCB. O problema da pobreza [tese]. Brasília: Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília; 2011.
99. Prefeitura Municipal de São Paulo [Internet]. Inclusão Digital em São Paulo. [atualizado 2013; citado 2013 out. 13]. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/inclusao_digital/index.php?p=143743.
100. Prefeitura Municipal de São Paulo [Internet]. Sub Prefeitura Guaianases. Histórico de Guaianases. [atualizado 2012; citado 2012 ago. 16]. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/guaianases/historico/index.php?p=151>.
101. Queiroz VM, Salum MJL. Reconstruindo a intervenção de Enfermagem em Saúde Coletiva. In: 48º Congresso Brasileiro de Enfermagem; 1996 (mimeografado); São Paulo, SP.
102. Reis MC. Uma análise das características do primeiro emprego nas regiões metropolitanas brasileiras. In: Corseuil CH, Botelho RU. organizadores. Desafios à trajetória profissional dos jovens. Rio de Janeiro: Ipea; 2014.
103. Rodrigues T. Tráfico, guerlar, proibição. In: Labate BC et.al.(orgs). Droga e cultura: novas perspectivas. Salvador:EDUBRA; 2008. p.91-103.
104. Rulloda R B. Preventing School Violence. NorthCentral University. 2011; may (25):1-21. Disponível em: <http://eric.ed.gov/PDFS/ED519995.pdf>.
105. Sanchotene CRS. A midiatização como processo de reconhecimento, legitimidade e prática social. *Rev Emancipação.* 2009; 9(2): 249-258.
106. Santos N. A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2012. 144 p.
107. Santos N. O espaço do cidadão. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2012a. 176 p.
108. Santos VE, Soares CB, Campos CMS. Redução de danos: análise das concepções que orientam as práticas no Brasil. *Physis.* 2010; 20(3): 995-1015.
109. Saviani D. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. Campinas: Autores associados; 2003.
110. Saviani D. Pedagogia histórico-crítica. 9ed. Campinas: Autores Associados. 2005.

111. Serra JP. Manual de teoria da comunicação. Universidade da Beira Interior: LabCom; 2007.
112. Shirky C. A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar; 2011. p.1-61.
113. Silva VGB, Soares CB. As mensagens sobre drogas no rap: como sobreviver na periferia. Ciênc. saúde colet. 2004; 9(4):975 -85.
114. Soares CB, Ávila LK, Salvetti MG. Necessidades (de saúde) de adolescentes do D.A. Raposo Tavares, SP, referidas à família, escola e bairro. Rev Bras. Cresc. Des. Hum. S. Paulo. 2000; 10(2):26-38.
115. Soares CB, Campos CMS, Berta JS, Pereira EG. Avaliação de ações educativas sobre consumo de drogas e juventude: a práxis no trabalho e na vida. Trab. Educ. Saúde. 2011;9(1):41-60.
116. Soares CB, Campos CMS, Leite AS, Souza CLL. Juventude e consumo de drogas: oficinas de instrumentalização de trabalhadores de instituições sociais, na perspectiva da saúde coletiva. Interface (Botucatu). 2009;13(28):189-99.
117. Soares CB, Campos CMS, Yonekura T. Marxismo como referencial teórico-metodológico em saúde coletiva: implicações para a revisão sistemática e síntese de evidências. Rev Esc Enferm USP. 2013; 47(6):1403-9.
118. Soares CB, Jacobi PR. Adolescentes, drogas e AIDS: avaliação de um programa de prevenção escolar. Cad Pesqui. 2000; mar. (109): 213-37.
119. Soares CB, Santos VE, Campos CMS, Lachtim, Campos FC. Representações cotidianas: uma proposta de apreensão de valores sociais na vertente marxista de produção do conhecimento. Rev Esc Enferm USP. 2011a; 45(n. esp. 2):1753-7.
120. Soares CB. Agências de socialização e valores sociais: a família, a família, a escola, os pares e o trabalho. In: In: Borges ALV, Fujimori E, organizadores. Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. São Paulo: Manole; 2009a. p.61-81.
121. Soares CB. Consumo Contemporâneo de drogas e juventude: a construção na perspectiva da saúde coletiva [tese livre-docência]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2007.
122. Soares CB. Juventude e saúde: concepções e políticas públicas. In: Dayrell J, Moreira MIC, Stengel M (organizadores). Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. Puc Minas; 2011b. p.361-378.
123. Soares CB. Mais que uma etapa do ciclo vital: a adolescência com um construto social. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadores. Enfermagem e a saúde do adolescente na Atenção Básica. São Paulo: Manole; 2009. p.3-22.
124. Soares CB, Cordeiro L, Campos CMS. Pesquisa-ação emancipatória: uma proposta metodológica essencial para a enfermagem. In. Seminário Nacional de

- Pesquisa em Enfermagem. 2013; 17 jun 3-5. Anais. Natal: Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Rio Grande do Norte, 2013a. p.A171-78.
125. Straubhaar J. S. Sedimentada, híbrida e múltipla? A nova geografia cultural das identidades. *Matrizes*. 2013; 7(1): 59-93.
126. Tonet I. Educação, cidadania e emancipação humana. Ijuí, Unijuí; 2005.
127. Trapé CA. A operacionalização do conceito de classes sociais em epidemiologia crítica: uma proposta a partir da categoria reprodução social [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2011.
128. Trindade E, Perez C. Dimensões do consumo midiático. In: Martins ML, Oliveira M. (ed.). Comunicação ibero-americana: os desafios da Internacionalização Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Universidade do Minho; 2014. p. 3109-3117.
129. Tripp D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educ. Pesqui.* 2005; 31(3): 443-66.
130. Trotta F, Roxo M. O gosto musical do Neymar: pagode, funk, sertanejo e o imaginário do popular bem sucedido. *Rev ECOPÓS*. 2014; 17 (3): 1-12.
131. Trotta FC. A música que incomoda: o funk e o rolezinho. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação; 2014; mai. 27-30; Pará, Belém: Compôs; 2014. p.1-17.
132. Valla W, Stotz EM, Algebaile EB. Para compreender a pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: ENSP; 2005.
133. Vázquez AS. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1977.
134. Viana N, Soares CB, Campos CMS. Reprodução social e processo saúde doença: para compreender o objeto da saúde coletiva. In: Soares CB; Campos CMS, organizadores. Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013.
135. Viana N. A constituição das políticas públicas. *Revistas Plurais*. Universidade Estadual de Goiânia [Internet]. 2006. (atualizado 2015; citado 2015 fev. 28). Disponível em: <http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/revistaplurais/search/authors/view?firstName=Nildo&middleName=&lastName=Viana&affiliation=UEG%2FUnB>.
136. Viana N. A dinâmica da violência juvenil. Rio de Janeiro: Booklink; 2004.
137. Viana N. A pesquisa em representações cotidianas. Chiado; 2015.
138. Viana N. Classes Sociais, condições de vida e processo saúde-doença. *Revista da Faculdade Estácio de Sá. SESES-GO*. 2012; 2(7): 139-151.
139. Viana N. Juventude e identidade. *Estudos*, Goiânia. 2009; 36 (1/2): 145-154.

-
140. Viana N. O significado dos rolezinhos. *Rev Posição*. 2014a;1(1):4-8.
 141. Viana N. Os valores na sociedade moderna. Brasília: Thesaurus; 2007a.
 142. Viana N. Para além das críticas dos meios de comunicação. In: Marques E, Souza E, Santos JI, Viana N. *Indústria cultural e cultura mercantil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Corifeu; 2007. 66p.
 143. Viana N. *Senso comum, representações sociais e representações cotidianas*. Bauru: Edusc; 2008.
 144. Victora C G, Barreto ML, Leal MC et al. Condições de saúde e inovações nas políticas de saúde no Brasil: o caminho a percorrer. *Saúde no Brasil*. 2011 mai. 90-102.
 145. Zago LH. O método dialético e a análise do real. *Kriterion*, Belo Horizonte. 2013; jun.(127): 109-124.

BIBLIOGRAFIA: REVISÃO DA LITERATURA

1. Aina OF, Olorunshola DA. Alcohol and substance use portrayals in Nigerian video tapes: an analysis of 479 films and implications for public drug education. *Int Q Community Health Educ*. 2007;28(1):63-71.
2. Alaniz ML, Wilkes C. Pro-drinking messages and message environments for young adults: the case of alcohol industry advertising in African American, Latino, and Native American communities. *J Public Health Policy*. 1998;19(4):447-72.
3. American Academy of Pediatrics (AAP). Alcohol use by youth and adolescents: a pediatric concern. *Pediatrics*. 2010;125(5):1078-87
4. American Academy of Pediatrics (AAP). Policy statement-children, adolescents, substance abuse, and the media. *Pediatrics*. 2010a;126(4):791-9.
5. Anderson P, de Bruijn A, Angus K, Gordon R, Hastings G. Impact of alcohol advertising and media exposure on adolescent alcohol use: a systematic review of longitudinal studies. *Alcohol Alcohol*. 2009;44(3):229-43.
6. Atkin CK, Hocking J, Block M. Teenage drinking: does advertising make a difference? *J Commun*. 1984; 34(2):157-67.
7. Austin EW, Chen MJ, Grube JW. How does alcohol advertising influence underage drinking? The role of desirability, identification and skepticism. *J Adolesc Health*. 2006;38:376-84.
8. Belenko S, Dugosh KL, Lynch K, Mericle AA, Pich M, Forman RF. Online illegal drug use information: an exploratory analysis of drug-related website viewing by adolescents. *J Health Commun*. 2009;14(7):612-30.
9. Biener L, Ji M, Gilpin EA, Albers AB. The impact of emotional tone, message, and broadcast parameters in youth anti-smoking advertisements. *J Health Commun*. 2004 May-Jun; 9(3):259-74.
10. Biener L, Siegel M. Tobacco marketing and adolescent smoking: more support for a causal inference. *Am J Public Health*. 2000 Mar; 90(3):407-11.
11. Block LG, Morwitz VG, Putsis WP, Sen SK. Assessing the impact of antidrug advertising on adolescent drug consumption: results from a behavioral economic model. *Am J Public Health*. 2002;92(8):1346-51.
12. Borzekowski DL. Embedded anti-alcohol messages on commercial television: what teenagers perceive. *J Adolesc Health*. 1996;19(5):345-52.
13. Boyer EW, Shannon M, Hibberd PL. The Internet and psychoactive use among innovative drug users. *Pediatrics*. 2005;115(1):302-5.

14. Brook DW, Saar NS, Brook JS. Earlier violent television exposure and later drug dependence. *Am J Addict.* 2008;17(4):271-7.
15. Buchele F, Coelho EBS, Lindner SR. A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção do uso das drogas. *Cien Saude Colet.* 2009;14(1): 267-73.
16. Carpenter CS, Pechmann C. Exposure to the Above the Influence antidrug advertisements and adolescent marijuana use in the United States, 2006-2008. *Am J Public Health.* 2011;101(5):948-54.
17. Casswell S. Alcohol brands in young peoples' everyday lives: new developments in marketing. *Alcohol Alcohol.* 2004; 39(6):471-6.
18. Center for Disease Control and Prevention (CDC). Youth exposure to alcohol advertising on radio--United States, June-August 2004. [MMWR Morb Mortal Wkly Rep.](#) 2006 Sep 1;55(34):937-40.
19. Chen MJ, Grube JW, Bersamin M, Waiters E, Keefe DB. Alcohol advertising: what makes it attractive to youth? *J Health Commun.* 2005;10(6):553-65.
20. Chung PJ, Garfield CF, Elliott MN, Ostroff J, Ross C, Jernigan DH, Vestal KD, Schuster MA. Association Between Adolescent Viewership and Alcohol Advertising on Cable Television. *Am J Public Health.* 2010; 100(3): 555 – 562.
21. Collins RL, Ellickson PL, McCaffrey D, Hambarsoomians K. Early adolescent exposure to alcohol advertising and its relationship to underage drinking. *Journal of Adolescent Health.* 2007;40(6):527-34.
22. Collins RL, Schell T, Ellickson PL, McCaffrey D. Predictors of beer advertising awareness among eighth graders. *Addiction.* 2003 Sep;98(9):1297-306.
23. Connolly GM, Casswell S, Zhang JF, Silva PA. Alcohol in the mass media and drinking by adolescents: a longitudinal study. *Addiction.* 1994;89(10):1255-63.
24. Cortese DK, Lewis MJ, Ling PM. Tobacco industry lifestyle magazines targeted to young adults. *J Adolesc Health.* 2009 Sep;45(3):268-80.
25. Dal Cin S, Worth KA, Dalton MA, Sargent JD. Youth exposure to alcohol use and brand appearances in popular contemporary movies. *Addiction.* 2008;103(12):1925-32.
26. Dal Cin S, Worth KA, Gerrard M, Stoolmiller M, Sargent JD, Wills TA, et al. Watching and drinking: expectancies, prototypes, and friends' alcohol use mediate the effect of exposure to alcohol use in movies on adolescent drinking. *Health Psychol.* 2009 Jul;28(4):473-83.
27. Dalton MA, Beach ML, Adachi-Mejia AM, Longacre MR, Matzkin AL, Sargent JD, et al. Early exposure to movie smoking predicts established smoking by older teens and young adults. *Pediatrics.* 2009 Apr;123(4):e551-8.

28. Dembo R, Horowitz S, Schmeidler J, Morrison C, Miran M. The influence of perceived speaker characteristics on student assessments of a drug education talk. *Int J Addict*. 1979;14(1):147-54.
29. Dembo R, Schmeidler J, Babst DV, Lipton DS. Drug information source credibility among junior and senior high school youths. *Am J Drug Alcohol Abuse*. 1977;4(1):43-54.
30. Distefan JM, Gilpin EA, Sargent JD, Pierce JP. Do movie stars encourage adolescents to start smoking? Evidence from California. *Prev Med*. 1999 Jan;28(1):1-11.
31. Distefan JM, Pierce JP, Gilpin EA. Do favorite movie stars influence adolescent smoking initiation? *Am J Public Health*. 2004;94(7):1239-44.
32. Edwards C, Oakes W, Bull D. Out of the smokescreen II: will an advertisement targeting the tobacco industry affect young people's perception of smoking in movies and their intention to smoke? *Tob Control*. 2007 Jun;16(3):177-81.
33. Ellickson PL, Bell RM, Harrison ER. Changing adolescent propensities to use drugs: results from Project ALERT. *Health Educ Q*. 1993;20(2):227-42.
34. Ellickson PL, Collins RL, Hambarsoomians K, McCaffrey DF. Does alcohol advertising promote adolescent drinking? Results from a longitudinal assessment. *Addiction*. 2005;100(2):235-46.
35. Emery S, Wakefield MA, Terry-McElrath Y, Saffer H, Szczypka G, O'Malley PM, et al. Televised state-sponsored antitobacco advertising and youth smoking beliefs and behavior in the United States, 1999-2000. *Arch Pediatr Adolesc Med*. 2005;159(7):639-45.
36. Engels RCME, Hermans R, Baaren RB, Hollenstein T, Bot SM. Alcohol Portrayal on Television Affects Actual Drinking Behaviour. *Alcohol Alcoholism*. 2009;44(3):244-249.
37. Epstein JA, Botvin GJ. Media resistance skills and drug skill refusal techniques: What is their relationship with alcohol use among inner-city adolescents? *Addict Behav*. 2008;33(4):528-37.
38. Evans N, Farkas A, Gilpin E, Berry C, Pierce JP. Influence of tobacco marketing and exposure to smokers on adolescent susceptibility to smoking. *J Natl Cancer Inst*. 1995 oct;87(20):1538-45.
39. Falcão ICL, Rangel-S ML. Controle sanitário da propaganda de bebidas alcoólicas no Brasil: estudo dos projetos de lei de 1988 a 2004. *Ciênc. saúde colet*. 2010; 15(Supl 3): 3433-42.
40. Farrelly MC, Niederdeppe J, Yarsevich J. Youth tobacco prevention mass media campaigns: past, present, and future directions. *Tob Control*. 2003;12:i35-47.

41. Feighery E, Borzekowski DL, Schooler C, Flora J. Seeing, wanting, owning: the relationship between receptivity to tobacco marketing and smoking susceptibility in young people. *Tob Control*. 1998;7(2):123-8.
42. Fishbein M, Hall-Jamieson K, Zimmer E, von Haefen I, Nabi R. Avoiding the boomerang: testing the relative effectiveness of antidrug public service announcements before a national campaign. *Am J Public Health*. 2002;92(2):238-45.
43. Fleming K, Thorson E, Atkin CK. Alcohol advertising exposure and perceptions: links with alcohol expectancies and intentions to drink or drinking in underaged youth and young adults. *J Health Commun*. 2004;9(1):3-29.
44. Flynn BS, Worden JK, Bunn JY, Dorwaldt AL, Dana GS, Callas PW. Mass media and community interventions to reduce alcohol use by early adolescents. *J Stud Alcohol Drugs*. 2006;67(1):66-74.
45. Flynn BS, Worden JK, Secker-Walker RH, Pirie PL, Badger GJ, Carpenter JH, et al. Mass media and school interventions for cigarette smoking prevention: effects 2 years after completion. *Am J Public Health*. 1994;84(7):1148-50.
46. Forsyth AJ, Barnard M, McKeganey NP. Musical preference as an indicator of adolescent drug use. *Addiction*. 1997;92(10):1317-25.
47. Gilpin EA, Pierce JP. Trends in adolescent smoking initiation in the United States: is tobacco marketing an influence? *Tob Control*. 1997;6(2):122-7.
48. Glider P, Midyett SJ, Mills-Novoa B, Johannessen K, Collins C. Challenging the collegiate rite of passage: a campus-wide social marketing media campaign to reduce binge drinking. *J Drug Educ*. 2001;31(2):207-20.
49. Grube JW, Waiters E. Alcohol in the media: content and effects on drinking beliefs and behaviors among youth. *Adolesc Med Clin*. 2005;16(2):327-43.
50. Gutschoven K, Van den Bulck J. Television viewing and age at smoking initiation: does a relationship exist between higher levels of television viewing and earlier onset of smoking? *Nicotine Tob Res*. 2005;7(3):381-5.
51. Hanewinkel R, Sargent JD. Exposure to smoking in internationally distributed American movies and youth smoking in Germany: a cross-cultural cohort study. *Pediatrics*. 2008;121(1):e108-17.
52. Hanewinkel R, Sargent JD. Exposure to smoking in popular contemporary movies and youth smoking in Germany. *Am J Prev Med*. 2007;32(6):466-73.
53. Hanewinkel R, Sargent JD. Longitudinal study of exposure to entertainment media and alcohol use among german adolescents. *Pediatrics*. 2009;123(3):989-95.
54. Hanewinkel R, Tanski SE, Sargent JD. Exposure to alcohol use in motion pictures and teen drinking in Germany. *Int J Epidemiol*. 2007;36(5):1068-77.

55. Hastings G, Anderson S, Cooke E, Gordon R. Alcohol marketing and young people's drinking: a review of the research. *J Public Health Policy*. 2005;26(3):296-311.
56. Heaton CG, Watson-Stryker ES, Allen JA, Vallone DM, Messeri PA, Graham PR, et al. Televised movie trailers: undermining restrictions on advertising tobacco to youth. *Arch Pediatr Adolesc Med*. 2006;160(9):885-8.
57. Hornik R, Jacobsohn L, Orwin R, Piesse A, Kalton G. Effects of the National Youth Anti-Drug Media Campaign on youths. *Am J Public Health*. 2008 Dec;98(12):2229-36.
58. Hurtz SQ, Henriksen L, Wang Y, Feighery EC, Fortmann SP. The relationship between exposure to alcohol advertising in stores, owning alcohol promotional items, and adolescent alcohol use. *Alcohol Alcohol*. 2007 Mar-Apr;42(2):143-9.
59. Jenssen BP, Klein JD, Salazar LF, Daluga NA, DiClemente RJ. Exposure to tobacco on the internet: content analysis of adolescents' internet use. *Pediatrics*. 2009 Aug;124(2):e180-6.
60. Jernigan DH, Ostroff J, Ross C. Alcohol advertising and youth: a measured approach. *J Public Health Policy*. 2005;26(3):312-25.
61. Jones RH. Mediated addiction: the drug discourses of Hong Kong youth. *Health, risk & society*. 2005;7(1):25-45.
62. Jones SC, Donovan R J. Messages in alcohol advertising targeted to youth. *Aust N Z J Public Health*. 2001; 25(2): 126 -31.
63. Kelder SH, Maibach E, Worden JK, Biglan A, Levitt A. Planning and initiation of the ONDCP National Youth Anti-Drug Media Campaign. *J Public Health Manag Pract*. 2000;6(3):14-26.
64. Klitzner M, Gruenewald PJ, Bamberger E. Cigarette advertising and adolescent experimentation with smoking. *Br J Addict*. 1991 Mar;86(3):287-98.
65. Kuo M, Wechsler H, Greenberg P, Lee H. RR The marketing of alcohol to college students: the role of low prices and special promotions. *Am J Prev Med*. 2003 Oct;25(3):204-11.
66. Long JA, O'Connor PG, Gerbner G, Concato J. Use of alcohol, illicit drugs, and tobacco among characters on prime-time television. *Substance Abuse*. 2002 Jun;23(2):95-103.
67. Longshore D, Ghosh-Dastidar B, Ellickson PL. National Youth Anti-Drug Media Campaign and school-based drug prevention: Evidence for a synergistic effect in ALERT Plus. *Addict Behav*. 2006;31(3):496-508.
68. Luis MAV, Oliveira PP, Costa LA. Opinião de estudantes universitários sobre a propaganda preventiva do uso e abuso de drogas divulgada nos meios de comunicação: projeto piloto. *Rev. saúde Dist. Fed*. 2001;12(3): 31-38.

69. Marsch LA, Bickel WK, Grabinski MJ. Application of interactive, computer technology to adolescent substance abuse prevention and treatment. *Adolesc Med State Art Rev.* 2007; 18(2):342-356.
70. Martin SE, Snyder LB, Hamilton M, Fleming-Milici F, Slater MD, Stacy A, et al. Alcohol advertising and youth. *Alcohol Clin Exp Res.* 2002;26(6):900-6.
71. Max PM. Just a Click Away: Recreational Drug Web Sites on the Internet. *Pediatrics.* 2002;109(6):e96-e100.
72. Mayton DM, Nagel EA, Parker R. The perceived effects of drug messages on use patterns in adolescents. *J Drug Educ.* 1990;20(4):305-18.
73. McClure AC, Dal Cin S, Gibson J, Sargent JD. Ownership of alcohol-branded merchandise and initiation of teen drinking. *Am J Prev Med.* 2006; 30(4):277-83.
74. McClure AC, Stoolmiller M, Tanski SE, Worth KA, Sargent JD. Alcohol-branded merchandise and its association with drinking attitudes and outcomes in US adolescents. *Arch Pediatr Adolesc Med.* 2009; 163(3):211-7.
75. McKenna JW, Williams KN. Crafting effective tobacco counteradvertisements: lessons from a failed campaign directed at teenagers. *Public Health Rep.* 1993;108 (Suppl 1):85-9.
76. Morgenstern M, Isensee B, Sargent JD, Hanewinkel R. Exposure to alcohol advertising and teen drinking. *Prev Med.* 2011;52(2):146-51.
77. Morrison MA, Krugman DM, Park P. Under the radar: smokeless tobacco advertising in magazines with substantial youth readership. *Am J Public Health.* 2008;98(3):543-8.
78. Nunez-Smith M, Wolf E, Huang HM, Chen PG, Lee L, Emanuel EJ, et al. Media exposure and tobacco, illicit drugs, and alcohol use among children and adolescents: a systematic review. *Substance Abuse.* 2010 Jul;31(3):174-92.
79. Orlandi MA, Dozier CE, Marta MA. Computer-assisted strategies for substance abuse prevention: opportunities and barriers. *J Consult Clin Psychol.* 1990;58(4):425-31.
80. Palmgreen P, Donohew L, Lorch EP, Hoyle RH, Stephenson MT. Television campaigns and adolescent marijuana use: tests of sensation seeking targeting. *Am J Public Health.* 2001;91(2):292-6.
81. Palmgreen P, Lorch EP, Stephenson MT, Hoyle RH, Donohew L. Effects of the Office of National Drug Control Policy's Marijuana Initiative Campaign on high-sensation-seeking adolescents. *Am J Public Health.* 2007;97(9):1644-9.
82. Pasch KE, Komro KA, Perry CL, Hearst MO, Farbakhsh K. Outdoor alcohol advertising near schools: what does it advertise and how is it related to intentions and use of alcohol among young adolescents?. *J Stud Alcohol Drugs.* 2007 Jul;68(4):587-96.

83. Pechmann C, Reibling ET. Antismoking advertisements for youths: an independent evaluation of health, counter-industry, and industry approaches. *Am J Public Health*. 2006;96(5):906-13.
84. Pechmann C, Reibling ET. Planning an effective anti-smoking mass media campaign targeting adolescents. *J Public Health Manag Pract*. 2000;6(3):80-94.
85. Peters RJ, Jr., Kelder SH, Prokhorov A, Amos C, Yacoubian GS, Jr., Agurcia CA, et al. The relationship between perceived youth exposure to anti-smoking advertisements: how perceptions differ by race. *J Drug Educ*. 2005;35(1):47-58.
86. Peters RJ, Kelder SH, Prokhorov A, Springer AE, Yacoubian GS, Agurcia CA, et al. The relationship between perceived exposure to promotional smoking messages and smoking status among high school students. *Am J Addict*. 2006 Sep-Oct;15(5):387-91.
87. Pierce JP, Choi WS, Gilpin EA, Farkas AJ, Berry CC. Tobacco industry promotion of cigarettes and adolescent smoking. *JAMA*. 1998;279(7):511-5.
88. Pinkleton BE, Austin EW, Van de Vord R. The role of realism, similarity, and expectancies in adolescents' interpretation of abuse-prevention messages. *Health Commun*. 2010;25(3):258-65.
89. Primack BA, Douglas EL, Kraemer KL. Exposure to cannabis in popular music and cannabis use among adolescents. [Addiction](#). 2010 Mar;105(3):515-23.
90. Primack BA, Fine D, Yang CK, Wickett D, Zickmund S. Adolescents' impressions of antismoking media literacy education: qualitative results from a randomized controlled trial. *Health Educ Res*. 2009;24(4):608-21.
91. Primack BA, Gold MA, Land SR, Fine MJ. Association of cigarette smoking and media literacy about smoking among adolescents. *J Adolesc Health*. 2006;39(4):465-72.
92. Primack BA, Kraemer KL, Fine MJ, Dalton MA. Media exposure and marijuana and alcohol use among adolescents. *Subst Use Misuse*. 2009;44(5):722-39.
93. Primack BA, Land SR, Fine MJ. Adolescent smoking and volume of exposure to various forms of media. *Public Health*. 2008;122(4):379-389.
94. Prokhorov AV, Kelder SH, Shegog R, Murray N, Peters R, Agurcia-Parker C, et al. Impact of a Smoking Prevention Interactive Experience (ASPIRE), an interactive, multimedia smoking prevention and cessation curriculum for culturally diverse high-school students. *Nicotine Tob. Res*. 2008;10(9):1477-85.
95. Ramirez AG, Gallion KJ, Espinoza R, Chalela P. Developing a media- and school-based program for substance abuse prevention among Hispanic youth: a case study of Mirame!/Look at Me! *Nicotine Tob. Res*. 1999;1 (Suppl 1): S99-S104.

96. Reinert B, Carver V, Range LM. Anti-tobacco messages from different sources make a difference with secondary school students. *J Public Health Manag Pract.* 2004;10(6):518-23.
97. Reis EC, Duggan AK, Adger H, DeAngelis C. The impact of anti-drug advertising. Perceptions of middle and high school students. *Arch Pediatr Adolesc Med.* 1994;148(12):1262-8.
98. [Ribeiro TW](#), Pergher NK, Torossian SD. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1998;11(3):421-430.
99. Ribisl KM. The potential of the internet as a medium to encourage and discourage youth tobacco use. *Tob Control.* 2003;12(Suppl 1):i48-59.
100. Ringel JS, Collins RL, Ellickson PL. Time trends and demographic differences in youth exposure to alcohol advertising on television. *J Adolesc Health.* 2006 Oct;39(4):473-80.
101. Robinson TN, Chen HL, Killen JD. Television and music video exposure and risk of adolescent alcohol use. *Pediatrics.* 1998;102(5):E54.
102. Romera L. Drogas e mídia: influências no lazer da juventude. *Licere.* 2009;12(3):1-18.
103. Rossetto MAC. O impacto das campanhas aversivas em maços de cigarros sobre o jovem fumante. *Psikhê.* 2002.; 7(1):58-61.
104. Saffer H, Dave D. Alcohol advertising and alcohol consumption by adolescents. *Health Econ.* 2006 Jun;15(6):617-37.
105. Saffer H. *Alcohol advertising and youth.* *J Stud Alcohol Suppl.* 2002 Mar(14):173-81.
106. Sargent JD, Beach ML, Adachi-Mejia AM, Gibson JJ, Titus-Ernstoff LT, Carusi CP, et al. Exposure to movie smoking: its relation to smoking initiation among US adolescents. *Pediatrics.* 2005;116(5):1183-91.
107. Sargent JD, Beach ML, Dalton MA, Ernstoff LT, Gibson JJ, Tickle JJ, et al. Effect of parental R-rated movie restriction on adolescent smoking initiation: a prospective study. *Pediatrics.* 2004 Jul;114(1):149-56.
108. Sargent JD, Dalton M, Beach M. Exposure to cigarette promotions and smoking uptake in adolescents: evidence of a dose-response relation. *Tob Control.* 2000;9(2):163-8.
109. Sargent JD, Gibson J, Heatherton TF. Comparing the effects of entertainment media and tobacco marketing on youth smoking. *Tob Control.* 2009 Feb;18(1):47-53.
110. Sargent JD, Wills TA, Stoolmiller M, Gibson J, Gibbons FX. Alcohol use in motion pictures and its relation with early-onset teen drinking. *J Stud Alcohol.* 2006 Jan;67(1):54-65.

111. Scheier LM, Grenard JL. Influence of a nationwide social marketing campaign on adolescent drug use. *J Health Commun.* 2010;15(3):240-71.
112. Schmidt E, Kiss SM, Lokanc-Diluzio W. Changing social norms: a mass media campaign for youth ages 12-18. *Can J Public Health.* 2009;100(1):41-5.
113. Schooler C, Feighery E, Flora JA. Seventh graders' self-reported exposure to cigarette marketing and its relationship to their smoking behavior. *Am J Public Health.* 1996 Sep;86(9):1216-21.
114. Schwinn TM, Schinke SP, Di Noia J. Preventing drug abuse among adolescent girls: outcome data from an internet-based intervention. *Prev Sci.* 2010;11(1):24-32.
115. Scull TM, Kupersmidt JB, Parker AE, Elmore KC, Benson JW. Adolescents' media-related cognitions and substance use in the context of parental and peer influences. *J Youth Adolesc.* 2010;39(9):981-98.
116. Segal M, Palsgrove G, Sevy TD, Collins TE. The 1990 prevention objectives for alcohol and drug misuse: progress report. *Public Health Rep.* 1983;98(5):426-35.
117. Shadel WG, Tharp-Taylor S, Fryer CS. How does exposure to cigarette advertising contribute to smoking in adolescents? The role of the developing self-concept and identification with advertising models. *Addict Behav.* 2009 Nov;34(11):932-7.
118. Shaw RL, Whitehead C, Giles DC. Crack down on the celebrity junkies': does media coverage of celebrity drug use pose a risk to young people? *Health, risk & society.* 2010;12(6):575-89.
119. Silver MZ. Efficacy of anti-tobacco mass media campaigns on adolescent tobacco use. *Pediatr Nurs.* 2001;27(3):293-6.
120. Simon M. Reducing youth exposure to alcohol ads: targeting public transit. *J Urban Health.* 2008;85(4):506-16.
121. Slater MD, Kelly KJ, Edwards RW, Thurman PJ, Plested BA, Keefe TJ, et al. Combining in-school and community-based media efforts: reducing marijuana and alcohol uptake among younger adolescents. *Health Educ Res.* 2006;21(1):157-67.
122. Slater MD, Kelly KJ, Lawrence FR, Stanley LR, Comello ML. Assessing media campaigns linking marijuana non-use with autonomy and aspirations: "Be Under Your Own Influence" and ONDCP's "Above the Influence". *Prev Sci.* 2011;12(1):12-22.
123. Slater MD, Rouner D, Murphy K, Beauvais F, Van Leuven J, Rodríguez MD. Male adolescents' reactions to TV beer advertisements: the effects of sports content and programming context. *J Stud Alcohol.* 1996 Jul;57(4):425-33.

124. Slater SJ, Chaloupka FJ, Wakefield M, Johnston LD, O'Malley PM. The impact of retail cigarette marketing practices on youth smoking uptake. *Arch Pediatr Adolesc Med.* 2007;161(5):440-5.
125. Sly DF, Trapido E, Ray S. Evidence of the dose effects of an antitobacco counteradvertising campaign. *Prev Med.* 2002 Nov;35(5):511-8.
126. Smith LA, Foxcroft DR. The effect of alcohol advertising, marketing and portrayal on drinking behaviour in young people: systematic review of prospective cohort studies. [BMC Public Health.](#) 2009 Feb 6;9:51.
127. Snyder LB, Milici FF, Slater M, Sun H, Strizhakova Y. Effects of alcohol advertising exposure on drinking among youth. *Arch Pediatr Adolesc Med.* 2006;160(1):18-24.
128. Stephens PC, Sloboda Z, Stephens RC, Teasdale B, Grey SF, Hawthorne RD, et al. Universal school-based substance abuse prevention programs: Modeling targeted mediators and outcomes for adolescent cigarette, alcohol and marijuana use. *Drug Alcohol Depend.* 2009;102(1-3):19-29.
129. Stern SR. Messages from teens on the big screen: smoking, drinking, and drug use in teen-centered films. *J Health Commun.* 2005;10(4):331-46.
130. Stoolmiller M, Gerrard M, Sargent JD, Worth KA, Gibbons FX. R-rated Movie Viewing, Growth in Sensation Seeking and Alcohol Initiation: Reciprocal and Moderation Effects. *Prev Sci.* 2010 March; 11(1): 1–13.
131. Strasburger VC, Donnerstein E. Children, adolescents, and the media: issues and solutions. *Pediatrics.* 1999 Jan;103(1):129-39.
132. Suzuki S, Itano D, Yamamoto LG. Prime-time television exposure to high priority school-aged social-developmental issues. [Hawaii Med J.](#) 2008 Mar;67(3):74-5, 83.
133. Tanski SE, Stoolmiller M, Dal Cin S, Worth K, Gibson J, Sargent JD. Movie character smoking and adolescent smoking: who matters more, good guys or bad guys? *Pediatrics.* 2009 Jul;124(1):135-43.
134. Terry-McElrath YM, Emery S, Szczypka G, Johnston LD. Potential exposure to anti-drug advertising and drug-related attitudes, beliefs, and behaviors among United States youth, 1995-2006. *Addict Behav.* 2011;36(1-2):116-24.
135. Thrasher JF, Jackson C, Arillo-Santillán E, Sargent JD. Exposure to smoking imagery in popular films and adolescent smoking in Mexico. *Am J Prev Med.* 2008 Aug;35(2):95-102.
136. Unger JB, Chen X. The role of social networks and media receptivity in predicting age of smoking initiation: a proportional hazards model of risk and protective factors. *Addictive Behavior.* 1999;24(3):371-81.

137. Unger JB, Johnson CA, Rohrbach LA. Recognition and liking of tobacco and alcohol advertisements among adolescents: relationships with susceptibility to substance use. *Prev Med.* 1995 Sep;24(5):461-6.
138. Veronese JRP, Silva RL. O acesso à cultura, informação e entretenimento e as medidas de prevenção previstas no estatuto da criança e do adolescente. *Rev Seqüência.* 2009; 59:299-326.
139. Wakefield M, Terry-McElrath Y, Emery S, Saffer H, Chaloupka FJ, Szczypka G, et al. Effect of televised, tobacco company-funded smoking prevention advertising on youth smoking-related beliefs, intentions, and behavior. [Am J Public Health.](#) 2006 Dec;96(12):2154-60.
140. White VM, Warne CD, Spittal MJ, Durkin S, Purcell K, Wakefield MA. What impact have tobacco control policies, cigarette price and tobacco control programme funding had on Australian adolescents' smoking? Findings over a 15-year period. *Addiction.* 2011;106(8):1493-502; discussion 503-4.
141. Wills TA, Gibbons FX, Sargent JD, Gerrard M, Lee HR, Dal Cin S. Good self-control moderates the effect of mass media on adolescent tobacco and alcohol use: tests with studies of children and adolescents. *Health Psychol.* 2010;29(5):539-49.
142. Wills TA, Sargent JD, Gibbons FX, Gerrard M, Stoolmiller M. Movie exposure to alcohol cues and adolescent alcohol problems: a longitudinal analysis in a national sample. *Psychol Addict Behav.* 2009 Mar;23(1):23-35.
143. Wood LJ, Rosenberg M, Clarkson J, Phillips F, Donovan RJ, Shilton T. Encouraging young Western Australians to be smarter than smoking. *Am J Health Promot.* 2009;23(6):403-11.
144. Wyllie A, Zhang JF, Casswell S. Positive responses to televised beer advertisements associated with drinking and problems reported by 18 to 29-year-olds. *Addiction.* 1998 May; 93(5):749-60.
145. Yzer MC, Cappella JN, Fishbein M, Hornik R, Ahern RK. The effectiveness of gateway communications in anti-marijuana campaigns. *J Health Commun.* 2003;8(2):129-43.

APÊNDICES

Complementos das argumentações

APÊNDICES

Apêndice A - CARTA DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA

São Paulo, _____ de _____ de 2014.

A Instituição: _____

Eu, Elda de Oliveira, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), e tendo como orientadora a Professora Cassia Baldini Soares, venho por meio desta, solicitar autorização para a realização de pesquisa com jovens desta instituição.

A pesquisa intitulada “Educação sobre drogas: pesquisa-ação para construção de programação midiática voltada a jovens” objetiva desenvolver processo de seleção, criação, organização e difusão midiática, em radioweb e rádio comunitária, de conhecimento sobre o consumo de drogas, com a participação de jovens, a partir de sua perspectiva, interesse e capacidade de ação.

Informamos que a captação de dados ocorrerá por meio de oficinas a serem desenvolvidas com os jovens dessa instituição, que estiverem cursando preferencialmente o segundo ano do ensino médio. Os indivíduos que comporão a pesquisa serão convidados a participar de cerca 20 encontros de aproximadamente 90 minutos de duração.

O trabalho será realizado por meio de oficinas que é um recurso de coleta de dados em grupo, que estabelece um processo de diálogo entre os pesquisadores e os participantes, a fim de realizar o diagnóstico de situações vivenciadas pelos participantes e propor os elementos necessários ao programa que será construído conjuntamente. Assim, o desenvolvimento da discussão em grupo deve permitir a reflexão e o aprofundamento de questões que conformam o conhecimento dos jovens sobre o desencadeamento do consumo de drogas e eventualmente do consumo prejudicial de drogas.

O grupo será composto por no mínimo 10 e no máximo 20 jovens. A coleta de dados se dará por meio de gravação das oficinas, e observação participante. No início do processo haverá o preenchimento de um questionário de identificação social dos jovens, sem identificação pessoal.

Os participantes serão esclarecidos sobre a pesquisa por meio de Termo de Consentimento livre e Esclarecido, que garante a participação voluntária, livre de ônus e que garantirá seu anonimato e sigilo das informações. Os jovens que tiverem 18 anos completos podem assinar o termo de consentimento e os que tiverem menos deverão obter a assinatura de seus pais.

Prevê-se que os grupos tenham duração média de 1 hora e 30 minutos, sendo necessários: uma sala em ambiente silencioso, com cadeiras e uma mesa de trabalho (pode ser biblioteca, sala de aula ou outra). Os pesquisadores poderão, a critério da instituição, fazer reuniões de esclarecimento sobre a pesquisa com os professores e pais.

A pesquisa em questão foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, processo nº 403.385.

Comprometemo-nos ao uso das informações obtidas somente para fins de pesquisa e à devolução dos resultados em reunião a ser definida segundo os interesses desta Instituição.

Contamos com sua compreensão e agradecemos sua atenção.

Atenciosamente,

Elda de Oliveira
Pesquisadora responsável
E-mail: eldadeoliveira@gmail.com
Telefone (11) 98977.8998

Diretor da Instituição: _____

Assinatura: _____

Acaso você tenha alguma dúvida, acesse o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP é (11) 3061-7548
E-mail do CEP - edipesq@usp.br

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3066-7652 - FAX (011) 3066-7662
C.P. 41633- CEP 05422-970

Apêndice B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Meu nome é Elda de Oliveira. Sou estudante do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, na área de concentração de Cuidado em Saúde, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Estou desenvolvendo a pesquisa “Educação sobre drogas: pesquisa-ação para construção de programação midiática voltada a jovens”. O objetivo dessa pesquisa é desenvolver um programa de rádio com a participação de jovens desta escola que discuta o tema das drogas.

Assim, solicito por meio deste documento o seu consentimento para participar do estudo. Pedirei que preencha um formulário com os seus dados e participe de cerca de 15 oficinas de aproximadamente 90 minutos de duração a cada vez, que serão gravadas e filmadas para posterior transcrição das falas e construção do programa. A oficina é um recurso utilizado na pesquisa-ação para discussão dos temas que vão sendo trazidos pelos participantes. Assim, a cada encontro, em diálogo entre os pesquisadores e os jovens que participam da pesquisa, se estabelecem as etapas seguintes.

Gostaria de esclarecer que sua participação é voluntária e que não será cobrado nada por ela, assim como não haverá remuneração financeira caso você participe. Esclareço ainda que você poderá me pedir mais informações a respeito do estudo a qualquer momento e que tem todo o direito de se recusar a participar da pesquisa inclusive podendo abandoná-la quando desejar sem que isso lhe traga prejuízos de qualquer espécie. O anonimato e o sigilo dos dados confidenciais serão mantidos por ocasião da divulgação dos resultados da pesquisa em eventos e periódicos e você receberá uma cópia assinada deste termo, na íntegra.

Esclareço ainda que a atividade na escola não será prejudicada, pois entraremos em acordo com a coordenação pedagógica e nesse sentido procuraremos não retirá-lo de atividades importantes da escola. Você concorda em participar?

Em se tratando de jovens menores de 18 anos o responsável legal autoriza o menor a participar assinando Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do(a) entrevistado (a)
(se for maior de 18 anos) ou
Assinatura do(a) responsável
(caso for menor do que 18 anos)

Nome do filho menor:

Desde já agradeço a sua colaboração.

São Paulo, _____ de _____ de 2014

Elda de Oliveira
Telefone: 989.778 998, email: eldadeoliveira@gmail.com

Caso você tenha alguma dúvida, o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP é (11) 3061-7548

E-mail do CEP - edipesq@usp.br

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3066-7652 - FAX (011) 3066-7662
C.P. 41633- CEP 05422-970

Apêndice C - TERMO DE ASSENTIMENTO

Meu nome é Elda de Oliveira. Sou estudante do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, na área de concentração de Cuidado em Saúde, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Estou desenvolvendo a pesquisa “Educação sobre drogas: pesquisa-ação para construção de programação midiática voltada a jovens”. O objetivo dessa pesquisa é desenvolver um programa de rádio com a participação de jovens desta escola que discuta o tema das drogas.

Assim, solicito por meio deste documento a sua **anuência (concordância)** para participar do estudo. Pedirei que preencha um formulário com os seus dados e participe de cerca de 15 oficinas de aproximadamente 90 minutos de duração a cada vez, que serão gravadas e filmadas como material para a construção do programa de rádio. A oficina é espaço de discussão dos temas que vão sendo trazidos pelos participantes. Assim, a cada encontro, você poderá participar da definição do que será discutido na próxima oficina.

Gostaria de esclarecer que sua participação é voluntária e que não será cobrado nada por ela, assim como não haverá remuneração financeira caso você participe. Esclareço ainda que você poderá me pedir mais informações a respeito do estudo a qualquer momento e que tem todo o direito de se recusar a participar da pesquisa inclusive podendo abandoná-la quando desejar sem que isso lhe traga prejuízos de qualquer espécie. Os participantes não serão identificados pelo nome se assim o desejarem de forma que a identificação será mantida confidencial por ocasião da divulgação dos resultados da pesquisa em eventos e periódicos e você receberá uma cópia assinada deste termo, na íntegra.

Esclareço ainda que a atividade na escola não será prejudicada, pois entraremos em acordo com a coordenação pedagógica e nesse sentido procuraremos não retirá-lo de atividades importantes da escola. Você concorda em participar?

Assinatura do(a) entrevistado (a)
menor de 18 anos

Desde já agradeço a sua colaboração.

São Paulo, _____ de _____ de 2013.

Elda de Oliveira
Telefone: 989.778 998
E-mail: eldadeoliveira@gmail.com

Caso você tenha alguma dúvida, acesse o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP é (11) 3061-7548

E-mail do CEP - edipesq@usp.br

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000

Tel.: (011) 3066-7652 - FAX (011) 3066-7662

C.P. 41633- CEP 05422-970

Apêndice D - QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Pesquisa: Educação sobre drogas: pesquisa-ação para construção de programação midiática voltada a jovens

Data: ____/____/____ Local: _____

Nome: _____

Data de nascimento: _____ Fone: _____

Sexo: ☐ Masc. ☐ Fem. Cor da pele: ☐ Branco ☐ Pardo ☐ Preta ☐ Amarelo ☐ Indígena

☐ Outros _____

Local de Nascimento: _____ Religião: _____

Escolaridade: _____ Outro cursos: _____

Tempo que gasta para ir a escola _____ min.

Usa qual tipo de condução para ir a escola? _____

Residência: ☐ Própria regular ☐ Própria irregular ☐ Alugada ☐ Cedida ☐ Financiada

☐ Outros _____

Casa: tipo de construção: ☐ Madeira ☐ Alvenaria c/ acabamento ☐ Alvenaria s/ acabamento

☐ Outros _____

Tipo de casa: ☐ Casa/Apto ☐ Conj. Popular ☐ Quintal comum ☐ Cortiço ☐ Comunidade (favela)

☐ Pensão ☐ Albergue ☐ Situação de rua

Quantos membros na residência: _____

A família paga? IPTU ☐ Sim ☐ Não Água ☐ Sim ☐ Não Luz ☐ Sim ☐ Não Esgoto ☐ Sim ☐ Não

Qual desses itens você usa mesmo sem receber a conta? ☐ Água ☐ Luz ☐ Esgoto ☐ Coleta de lixo ☐ Outros _____

Tem internet? ☐ Sim ☐ Não

Tempo que mora na atual residência: _____

Quantos quartos são usados para dormir? ____ Quantos banheiros? _____

Se mora há menos de 5 anos motivo da mudança: _____

Sua família sente-se exposta a alguns desses riscos? ☐ Desmoronamento ☐ Enchente ☐ Violência
☐ Acidentes de trânsito ☐ Contaminação (lixo, água, esgoto) ☐ Contato com vetores (rato e inseto)
☐ Risco de consumo de drogas ☐ Envolvimento com problemas de tráfico de drogas ☐ _____

Quantos bens você tem? ☐ Rádio/som ☐ TV ☐ Aspirador pó ☐ Maq. Lavar ☐ DVD ☐ Geladeira simpl. ☐ Geladeira duplex ☐ Freezer ☐ Computador ☐ Carro ☐ Moto ☐ Empregados mensalistas

Você trabalha? ☐ Registrado ☐ Autônomo ☐ Bico ☐ Contrato temporário

☐ Desempregado ☐ Pensionista ☐ Aposentado ☐ Estagiário

☐ Outros _____

Trabalho atual há quanto tempo _____ Fora do mercado há quanto tempo _____

Qual sua profissão? _____

Qual o local que você trabalha? _____

Fazendo o que? _____

Quantas horas semanais? _____ Setor de trabalho: ☐ Público ☐ Privado ☐ Misto ☐ Nenhum
Tempo que gasta para ir ao trabalho _____ min.

Usa qual tipo de condução para ir ao trabalho? _____

Chefe de Família: Quem é o chefe de família? _____

Qual a ocupação do chefe de família? _____

☐ Registrado ☐ Autônomo ☐ Bico ☐ Contrato temporário ☐ Desempregado ☐ Pensionista
☐ Aposentado ☐ Estagiário ☐ Outros _____

O chefe de família fez algum tipo de curso para o trabalho? ☐ Sim ☐ Não

Na sua família há alguém desempregado? ☐ Sim ☐ Não

Quanto tempo: _____

Você recebe? ☐ Vale refeição ☐ Vale transporte Cesta básica ☐ Vale mercado ☐ Aux. Creche
☐ Ass. Médica ☐ Ass. Odontológica ☐ Bolsa Família

☐ Outro benefício _____

A renda da família arca com todos os gastos? ☐ Sim ☐ Não

Dá para guardar dinheiro? ☐ Sim ☐ Não

Tem empréstimos/ crediários? ☐ Sim ☐ Não

Tem nome no SPC/SERASA? ☐ Sim ☐ Não

Você/família faz atividades de lazer: ☐ Ativ. Física ☐ Leitura ☐ TV-DVD ☐ Cinema ☐ Teatro
Viagem ☐ Parques Visitas ☐ Festas ☐ Internet ☐ Culto Joga bola ☐ Bar ☐ Balada ☐ Nenhum

Você/família utiliza alguma instituição pública: ☐ Saúde ☐ Escola ☐ Creche ☐ Centro de recreação
☐ Grupos de apoio ☐ Grupos em igrejas ☐ Outro _____

Você participa de: ☐ Associação de bairro ☐ Conselho de saúde ☐ Sindicato ☐ Partido
político ☐ ONG ☐ Voluntariado ☐ Nenhum ☐ Outro _____

Você já consumiu algum tipo de drogas?

☐ Álcool ☐ Cigarro ☐ Maconha ☐ Nenhum ☐ Outros _____

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3066-7652 - FAX (011) 3066-7662
C.P. 41633- CEP 05422-970

Apêndice E - FASES DAS OFICINAS

A metodologia das oficinas se organiza a partir das situações relevantes que emergem do processo. Abaixo um esboço do que ocorre no processo.

Fase 1 – Fase exploratória

Estabelecimento dos primeiros contatos onde há apresentação dos participantes e de suas expectativas em relação à pesquisa. O objetivo é propor a pesquisa, conhecer os participantes, elaborar um “contrato para os encontros a serem realizados” e dialogar sobre os problemas específicos da pesquisa a fim de identificar o contexto onde o fenômeno de interesse se insere.

Fase 2 – Concretizando o tema da pesquisa

Identificação e problematização, do pesquisador e dos pesquisados, da prática social acerca do fenômeno de interesse. Especificando os problemas aos quais a investigação será direcionada, buscando ferramentas que possibilitem transformar uma situação observada, adotando o referencial teórico que dê sustentação às discussões e interpretações da realidade.

Fase 3 – Instrumentação teórica e prática dos educandos

Ocorre através de várias formas, desde debates em grupos, às exposições de mídias, entre outros meios pedagógicos. Cada assunto é registrado e analisado para os próximos debates.

Fase 4 – Expressão dos novos conhecimentos adquiridos

Momento que ocorre a fusão do saber formal com o informal, todos os envolvidos no processo de aprendizagem apropriam-se do novo saber produzido. De posse do novo conhecimento, pesquisadores e participantes elaboram um plano de ação que nessa pesquisa, tomará o formato de um método para o desenvolvimento de programas midiáticos pautados no consumo de drogas.

Fase 5 – Elaboração do roteiro e apresentação na rádio

Utilizaremos a expertise dos jovens para construir as pautas para o formato rádio considerando o interesse dos jovens da instituição convidada.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM
Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3066-7652 - FAX (011) 3066-7662
C.P. 41633- CEP 05422-970

Apêndice F- ROTEIRO DO PROGRAMA

EDUCAÇÃO SOBRE DROGAS

O programa é composto por programações de cinco programas menores, que podem ser veiculados de uma única vez ou separadas. O roteiro foi construído a partir das pautas discutidas em oficinas realizadas com jovens escolares da região de Guaianases, periferia da zona leste de São Paulo, durante o ano de 2014.

1. PRIMEIRO PROGRAMA

Vinheta de abertura e encerramento.

Bloco 01. Abertura do programa.

Olá ouvinte, este programa foi criado com jovens de Guaianases, juntamente com pesquisadores da Universidade de São Paulo, das áreas da saúde e comunicação. O programa chama-se Vamos falar a verdade? Abriremos o programa com as matérias: 1) Ser jovem na periferia; 2) Transformar a periferia e expandir os horizontes dos jovens.

Apresentador

Neste momento, um jovem da periferia nos apresenta o que é - Ser jovem da periferia.

Jovem

Para nós, que crescemos em Guaianases, ser jovem na periferia é quase não ter nenhum direito garantido, com diversas necessidades não atendidas e limitações para exercer a criatividade e a liberdade. Somos expostos a vários tipos de violência, nossas preferências musicais são marginalizadas, nossos espaços de lazer são confinados à rua, somos expostos ao narcotráfico e ao consumo prejudicial de drogas. Ainda que existam quadras de futebol, elas são descuidadas e utilizadas para outras finalidades, inclusive utilizadas como moradias, devido às condições precárias das moradias em nossa região. Não temos transportes públicos, principalmente, nos finais de semana, e dessa forma ficamos contidos no espaço periférico. O que existe, portanto, é um espaço social abandonado e marginalizado, a partir do qual se criam preconceitos e julgamentos sobre os jovens da periferia. Somos chamados de maloqueiros, sem que venham nos conhecer de perto. Temos a fama de incapazes! Porém, no meio de tanta falta de recursos materiais, de formação e de proteção social, somos na verdade muito criativos!

Apresentador

Vamos então falar sobre como transformar a periferia e expandir os horizontes dos jovens.

Jovem

Apresentador

De que isso depende?

Nós, jovens da periferia, somos maioria entre os jovens e somos o futuro da nação. Desde sempre na história do Brasil e recentemente, muitos jovens brasileiros participaram de movimentos sociais, foram para as ruas, mostraram suas reivindicações e ideias sobre igualdade e política.

Precisamos nos unir e lutar pela liberação dos jovens da exploração do trabalho informal e de postos de trabalho que indignam e que constituem trabalho escravo. Precisamos nos unir e lutar pela liberação das prisões que cerceiam da vida os que se envolvem com o narcotráfico e outras atividades para os quais são requeridos como únicas escolhas de sociabilidade nos espaços da periferia.

Apresentador

Isso é possível?

Jovem

Sim, isso é possível resgatando a verdade sobre a sociedade, sobre o nosso valor social, mostrando nossa criatividade, criando cultura que fale a verdade sobre nossa condição e cantando nossas músicas. Criando projetos a partir do que gostamos de fazer e gostamos de fazer parte, fazer parte do movimento das coisas, da sociedade. Temos que discutir as diferenças sociais e buscar denunciar, perturbar o que está estabelecido.

Jovem

Em primeiro lugar depende de um espaço que respeite os estudantes como cidadãos. É necessário que boas instituições sociais estejam presentes na periferia de forma plena. A nossa escola precisa nos trazer o que há de bom na sociedade! E não apenas o quintal dos recursos que já não são úteis aos ricos, não apenas o cansaço dos que educam sem bons salários.

Há pessoas que não nos marginalizam e podem ser nossos aliados. É o caso de alguns desses professores. Podemos convidá-los para participar das nossas causas sociais. Podemos, também, eleger políticos autênticos e cobrar o que prometeram.

Podemos também usar outros espaços do bairro para aprender, para elaborar projetos que favoreçam o desenvolvimento da criatividade. Não para nos confinarmos, prendermos aqui, mas para expandir nossos horizontes. Precisamos sair, para passear juntos por São Paulo.

Se os jovens se inserirem nos movimentos visando à utilização dos espaços vazios das periferias, poderíamos conquistar o que queremos.

Em segundo lugar, é preciso conhecer o resto da cidade, é preciso organizar-se para buscar o saber e outros bens que não estão nos espaços da periferia, é preciso denunciar a pobreza e a apartação social. Para isso não dá para ficar contido na periferia, é preciso ocupar outros espaços, outras instituições.

Mas as instituições são confiáveis? Por que elas viriam para a periferia?

Vinheta de abertura e encerramento.

2. SEGUNDO PROGRAMA

Vinheta de abertura e encerramento.

Bloco 01. Abertura do programa.

Apresentador.

Estamos iniciando o segundo programa - Vamos falar a verdade? Os jovens falam 1) sobre a importância da mídia na vida dos jovens 2) das propagandas eleitorais e das estratégias dos políticos para obterem votos.

Apresentador

Que importância tem a mídia para os jovens?

Jovem

Hoje não vivemos sem a mídia. Ela é uma das maneiras que a sociedade dispõe para promover a socialização. Os jovens buscam informações em diversos meios midiáticos como o rádio, as redes sociais, a TV, entre tantos. A mídia acaba tendo o poder de influenciar os jovens a tomarem decisões, por exemplo, naquilo que vão ou não comprar. Influencia também na opinião a respeito de um assunto, como a política e os políticos. Mas nem tudo o que a mídia transmite constitui verdade.

Apresentador

Pode explicar melhor como a mídia influencia os jovens?

Jovem

A mídia, inclusive as publicidades, estimulam os jovens a comprar os produtos que são anunciados. A mídia cria uma ilusão de que podemos comprar todos os produtos anunciados pelas publicidades e muitos jovens querem comprar os produtos, embora não tenham como. Isso é ainda mais forte na televisão, pois influencia, com imagens e sons convincentes e que encantam. Para jovens com pouco ou nenhum dinheiro, trata-se de propaganda enganosa.

Apresentador

Você poderia explicar melhor como a propaganda se torna enganosa para os jovens da periferia?

Jovem

Recebemos o estímulo da mídia, principalmente pela televisão para ostentar uma roupa ou um tênis de marca ou para consumir uma comida. Mas não temos condições de comprar estes produtos anunciados. Até chegamos a acreditar que um dia compraremos, mas este dia nunca chega, não temos o dinheiro para comprar o que é anunciado na televisão. Por isso, o estímulo que recebemos é enganoso, ilusório. O produto parece estar disponível para qualquer um, mas na verdade ele está disponível apenas para quem tem poder de compra.

O mesmo acontece com as propagandas políticas, pois assim como há influências para comprar, há também influências convincentes para votar.

Apresentador

Neste momento, os jovens falam das propagandas eleitorais e as estratégias dos políticos para obterem seus votos.

Jovem

Nas propagandas eleitorais, os políticos mostram a pobreza nos bairros das periferias e contratam artistas famosos para falar sobre os problemas que enfrentamos no dia-a-dia, o que acaba sendo um atrativo para as pessoas, que se identificam com alguns ídolos. São feitas diversas promessas de melhorias para a região, mas a verdade é que a periferia está apenas sendo usada para fazer propaganda eleitoral. Talvez seja um dos poucos momentos em que a periferia aparece na mídia de forma menos negativa, mas ainda assim, de forma estratégica, pois ela aparece como sendo um grande mar homogêneo de pobreza e marginalidade.

Apresentador

Você falou em promessas de campanha. O que acontece depois do período eleitoral? Essas promessas são cumpridas?

Jovem

Não. Em geral pode-se dizer que muita gente da periferia vota no candidato que soube seduzir porque falou dos problemas ou porque o candidato foi até a periferia. No entanto, passado o período eleitoral, nem a periferia nem seus problemas são lembrados. Nada acontece. Sentimos que somos explorados, temos um sentimento de abandono, isso nos faz desacreditar naquelas pessoas que podiam nos representar que são os políticos.

Vinheta de abertura e encerramento.**3. TERCEIRO PROGRAMA.**

Vinheta de abertura e encerramento.

Bloco 01. Abertura do programa.

Apresentador

Estamos iniciando o terceiro programa - Vamos falar a verdade? Os jovens falam das 1) inverdades divulgadas nas mídias sobre as periferias e 2) buscam desmistificar, falar a verdade sobre o consumo de drogas e 3) propõem uma mídia interativa com conteúdos verdadeiros sobre as periferias e falam das estratégias que utilizam para falar de suas necessidades e desejos nos espaços midiáticos.

Apresentador

Do ponto de vista dos jovens, quais são as inverdades que a mídia divulga sobre as periferias?

Jovem

A periferia na mídia é mostrada como Zona Perigosa – destacam sempre o lado negativo. Buscam isolar os jovens que vivem na periferia, quase sempre comentam que nossas escolas são ruins, que somos maus educados, desrespeitosos, violentos, e que nossas garotas exploram seus corpos, principalmente, nos bailes funks. A gente viu isso, quando houve os rolezinhos. A mídia transmitiu apenas o lado negativo. Mas nem todas essas informações são verdadeiras.

Apresentador

E qual foi a verdade sobre o rolezinho?

Jovem

Nos rolezinhos queríamos o direito de ter voz, de ser ouvidos e ocupar os espaços da cidade, esses foram os nossos objetivos, aquilo que pretendíamos. O que fizemos foi organizar jovem através das redes sociais, como o Facebook, para ocupar espaços legítimos, como os shoppings centers. Isso causou impacto porque as pessoas temiam que de fato ocupássemos um espaço que é dos ricos. Acho que ficaram com medo!

Apresentador

Além do rolezinho, você pode dar outros exemplos de organização dos jovens?

Jovem

Outro exemplo é o de organização dos colegas na escola. Eu estou representando um grupo de jovens de minha escola, nós nos unimos e buscamos melhorias para nossa escola. Mas, as mudanças são lentas e ficamos desanimados. Uma das dificuldades mais comuns é a de que não somos ouvidos.

Apresentador

Do ponto de vista dos jovens há outras inverdades na mídia?

Jovem

Sim, o que aprendemos sobre o consumo de drogas.

Apresentador

Os jovens procuram desmistificar o consumo de drogas, principalmente, nas periferias.

Jovem

Sempre aprendemos assim:

O crack é um veneno, usou viciou, só sobra o esqueleto. Quem experimenta vai em seguida para a dependência e daí para o roubo a fim de obter as drogas, na sequência vem a cadeia.

Essas informações são passadas inclusive em algumas músicas que pretendem nos dar lição de moral. Mas há mentiras nessa frase e há outras questões que cercam o crack e que são omitidas.

Apresentador

Que questões são omitidas?

Jovem

Muitos jovens das periferias buscam o tráfico de drogas para trabalhar. Com este trabalho compram produtos de marcas que parecem trazer prazer e a sensação de pertencimento. E muitas vezes até de poder. Tudo com o objetivo de esconder a realidade.

De fato, não há emprego nas periferias. As empresas não são atraídas para cá e não há planejamento urbano para favorecer que venham.

Apresentador

Os jovens propõem uma mídia interativa, com conteúdos verdadeiros sobre as periferias. Os jovens também falam sobre as estratégias que utilizam para enfocar suas necessidades e desejos nos espaços midiáticos.

Jovem

É muito comum percebemos que a mídia pouco entende da nossa linguagem, como se não tivéssemos mesmo importância. Um dia, navegando na internet li uma charge que mostrava que um jovem funkeiro precisava de um tradutor para se comunicar com a presidente.

Apresentador

Qual a sugestão dos jovens para que suas criatividade e necessidades sejam conhecidas?

Jovem

Queremos que a mídia nos represente de maneira diferente, que destaque nossa criatividade. Buscamos mídia com microfones abertos para que os jovens falem suas opiniões, que mostrem as verdades sobre as periferias, que toquem nossas preferências musicais, porque muitas músicas falam o que não sabemos falar.

Verdades como as causas da situação dos jovens na periferia precisam aparecer e não somente os efeitos da vida na periferia. É preciso mostrar como estão nossas escolas, como a violência policial age junto aos jovens da periferia, porque os jovens são recrutados para o tráfico e assim por diante.

Apresentador

Agora, os jovens falam das estratégias que utilizam para falar de suas necessidades e vontades nos espaços midiáticos.

Jovem

Recorremos aos diferentes estilos musicais, principalmente o rap e o funk. Em Guaianases o funk é o mais ouvido, muitas letras do funk falam sobre nossas necessidades, sobre a exploração da periferia e declaram nossa frustração com a sociedade. As nossas músicas falam de maneira simples e comunicativa sobre conteúdos difíceis de serem representados de outra forma. Usamos também as redes sociais, por exemplo, o *Facebook*. Já falamos sobre os rolezinhos, eles foram organizados no *Facebook*. No entanto, reconhecemos e sabemos que utilizamos pouco os espaços da mídia, e reconhecemos que poucos protestos têm sido organizados para denunciar a situação dos jovens da periferia. Na verdade, precisaríamos muito mais para chamar a atenção da sociedade em geral e das instituições sociais que estão encarregadas de promover a proteção social para as crianças e os jovens.

Vinheta de abertura e encerramento.**4. QUARTO PROGRAMA**

Vinheta de abertura e encerramento

Bloco 01. Abertura do programa.

Apresentador

Estamos iniciando o quarto programa - Vamos falar a verdade? Os jovens falam de outras instituições de socialização, para além da mídia: 1) falam da família; 2) falam da escola e 3) falam do trabalho.

Apresentador

A família mudou muito e vem mudando ainda. Também nas periferias encontramos vários tipos de composição familiar: há de fato muitas famílias que só contam apenas com a mãe, que precisa trabalhar para sustentar todos os membros.

Jovem

Penso que as famílias querem nos proteger dos perigos das ruas das periferias e encontram na escola e muitas vezes no emprego uma forma de proteção para os filhos. Sair para a rua para encontrar os amigos e fazer outras atividades é praticamente proibido, dado o medo que se tem de que as ruas vão influenciar para a entrada do tráfico ou trazer outros perigos.

Apresentador

A escola pública da periferia é hoje uma figura bem conhecida, pois a sociedade conhece bem a situação. Sabe que os professores ganham mal. Sabem que os recursos da escola são poucos e ruins. Sabem que a motivação dos jovens para estudar é pequena. E mesmo assim não se faz nada.

Jovem

Ao contrário, a fala mais geral que existe é de que nós somos os culpados. Somos chamados de maloqueiros, sem que venham nos conhecer de perto. A escola deveria ser capaz de despertar e aproveitar nossa criatividade. Na verdade, só podemos contar com alguns professores que ainda preservam sua humanidade.

Apresentador

E qual a reação da escola em relação à violência?

Jovem

As escolas buscam nos proteger das violências cercando os muros, instituindo uniformes, colocando pessoas para nos vigiar. Mas queremos segurança dentro e fora da escola, com ou sem uniformes. Não basta cercar os muros da escola se fora dela somos violentados. Não basta ter mediadores para os nossos conflitos internos, pois eles são muito insignificantes face ao que acontece fora da escola.

Uma das formas de violência no bairro é a violência policial. Muitas vezes somos abordados pela polícia, que nos interrompe o caminho de forma brusca para procurar drogas em nossas mochilas com a intenção de nos incriminar.

Apresentador

Muitas vezes os jovens precisam trabalhar para ajudar na renda da casa. Mas o trabalho não está disponível nos espaços periféricos e tem que se aceitar empregos muito ruins ou usar muito tempo e dinheiro para ter um emprego fora do bairro em que se vive. Dessa forma, muitos jovens convivem com trabalho e estudo ao mesmo tempo. Sabe-se que muitos jovens continuam na escola por conta das amizades e porque qualquer emprego, mesmo ruim, exige o segundo grau. Você concorda com isso?

Jovem

Verdade. Muitos jovens trabalham logo cedo. Na periferia, trabalham como empacotadores, babás, motoboys e outros tipos de emprego informal, provisório, sem qualquer proteção trabalhista e segurança. Trabalham-se muitas horas e esse tempo é disputado com o tempo da escolar para se formar. Mas formar-se para quê? Se o emprego que temos aqui será o mesmo que temos sem estudo?

5. QUINTO PROGRAMA

Vinheta de abertura e encerramento.

Bloco 01. Abertura do programa.

Apresentador

Estamos iniciando o quinto programa - Vamos falar a verdade? Os jovens falam sobre as propostas para transformar a situação das marginalidades das periferias. Falamos de vários problemas que afetam os jovens moradores dos espaços periféricos da cidade, como o espaço de Guaianases. Falamos do abandono e da ausência de Estado na forma de instituições sociais de proteção, de como a escola está abandonada e como as ruas são perigosas. Mas e aí? O que fazer?

Jovem

De fato, há muitos problemas e as soluções dependem bastante das instituições. Se não há interesse em melhorar por parte dos governantes, não sobram muitas alternativas, a não ser chamar a atenção dos governantes e da sociedade em geral, saindo dos nossos espaços e ocupando outros espaços da cidade, sabendo que seremos reprimidos ou voltar-se para si

mesmo e individualmente cuidarmos de nossos umbigos, nos iludindo de que com esforço individual conseguiremos ultrapassar barreiras, etc.

Apresentador

Como poderia ser chamada a atenção dos governantes e da sociedade em geral?

Jovem

Temos feito várias coisas nessa direção mesmo de maneira desorganizada e quase sem ter consciência de que é uma resposta inesperada, diferente, que não está no script de quem está no comando. O funk está fora do script, como o rap já esteve muito mais fora do script e ainda resiste como música de denúncia das condições de vida na periferia, os rolezinhos não foram previstos também. Mas rapidamente foram sendo reprimidos.

Será que o rolezinho é um caminho para um caminho mais autêntico, menos tutelado?

Apresentador

Funk ou rap? O que representa a periferia?

Jovem

Muitas vezes compramos a ideia de que o funk é do mal, pois ele tem uma linguagem que é mais agressiva, que ofende especialmente as mulheres. Mas há diferentes funks, há os que falam em ostentação e poder, há o *funk* baixaria, há o funk feminista e o funk de denúncia. O rap é anterior e também nasceu na periferia e fez o trabalho de denunciar as condições de vida. Ele conseguiu algum espaço na mídia. Todos os dois são originais, mas tanto um como outro podem expressar objetivos diferentes. Depende do grupo que o elabora. Não dá para colocar tudo num mesmo saco de farinha, como também não é possível massificar, juntar outros tipos de música. Queremos ter acesso a outros tipos de músicas para que possamos ampliar nosso horizonte musical também.

Apresentador

Que outras formas de expressão e manifestação vocês sugerem?

Jovem

É difícil falar, pois os horizontes de leitura, formação e discussão que os jovens têm nas periferias são muito limitados. Até para ter proposta é preciso ter exemplos, ter uma base de onde se possa partir e não temos. O espaço de discutir sobre a vida e sobre os problemas que enfrentamos possibilitaria ter mais elementos para pensar e para propor. No entanto necessitamos desse bem também, o bem da reflexão coletiva, que faz a ideia de um ser somada a ideia do outro. Começaria por brigar por espaços de discussão, por acessar a informação mais aprofundada e não apenas o que consegue chegar até nós. A escola verdadeira, as rádios comunitárias, as redes sociais, poderiam cumprir com esse papel!

Vinheta de abertura e encerramento.

ANEXOS

Nada fizemos como por força, mas, voluntário

ANEXOS

Anexo I - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa:	Educação sobre drogas: pesquisa-ação para construção de programação midiática voltada a jovens
Pesquisador:	Elda de Oliveira
Área Temática:	
Versão:	2
CAAE:	19334113.8.0000.5392
Instituição Proponente:	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - EEUSP
Patrocinador Principal:	Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer:	403.385
Data da Relatoria:	17/09/2013
Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações:	nada consta
Situação do Parecer:	Aprovado